

Da autora dos best-sellers *Easy* e *Breakable*

TAMMARA WEBBER

Um livro da série
*Contornos
do Coração*

Sweet

Ele é o amor da vida dela, mas não sabe disso.
Ela é a única pessoa por quem ele faria um sacrifício.
Os dois só precisam se dar uma segunda chance.



VERUS
EDITORA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

TAMMARA WEBBER

Sweet

Um livro da série
Contornos do Coração

Tradução

Débora Isidoro



VERUS
EDITORIA

Editora: Raïssa Castro
Coordenadora editorial: Ana Paula Gomes
Copidesque: Cleide Salme
Revisão: Raquel de Sena Rodrigues Tersi
Capa: Adaptação da original (© Damonza)
Foto da capa: Coka/Shutterstock
Projeto gráfico: André S. Tavares da Silva

Título original: *Sweet*

ISBN: 978-85-7686-497-4

Copyright © Tammara Webber, 2015

Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2015

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W381s

Webber, Tammara

Sweet [recurso eletrônico] / Tammara Webber; tradução Débora Isidoro. - 1. ed. - Campinas, SP: Verus, 2015.

recurso digital (Contornos do coração; 3)

Tradução de: Sweet

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7686-497-4 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Isidoro, Débora. II. Título. III. Série.
15-28301

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Para Hannah,
uma menina esperta, obstinada, racional e com o coração mole

1

BOYCE

Bud Wynn faleceu esta manhã. De acordo com o médico do plantão, a hora da morte foi às 5h23. Morreu de doença hepática, de cirrose, de complicações da ascite que provocaram parada cardíaca — qualquer uma e todas essas opções seriam verdadeiras, creio eu.

Digo que ele morreu de beber, porque isso é mais verdade do que todo o resto.

Sob as luzes fluorescentes do corredor, todo mundo naquele hospital parecia um passo mais próximo da morte do que provavelmente estava. Tenho certeza de que eu não era exceção, mas não pretendia morrer tão cedo. Isso podia fazer de mim um canalha sem coração, mas a razão pela qual não pretendia morrer era que eu estava livre, finalmente. Livre daquele velho cruel sem coração. Livre do babaca que perseguira minha mãe e meu irmão — ela acabara desaparecida na escuridão como uma sombra leve, ele em um túmulo no Cemitério Nacional de Arlington. Livre do fardo que carreguei em seus últimos dias, porque ninguém mais queria saber dele.

Dois minutos depois de o médico ter me deixado sozinho com o corpo para me despedir, saí de lá com os olhos secos e assinei a papelada autorizando o crematório a cuidar de tudo. Eles o enfiariam em um compartimento refrigerado na parede, e lá ele esperaria as quarenta e oito horas necessárias para poder retornar ao pó. Era o que ele queria.

— Sem a porra do funeral — ele chiou de sua poltrona quando me viu entrar uma noite, seis meses atrás, como se estivéssemos no meio de uma conversa. Parei sob o batente, mas não respondi. — Sem porcarias de caixão. E, pelo amor de Deus, sem a merda da cerimônia religiosa. Joga minhas cinzas no golfo e pronto. — Algo em minha expressão deve ter denunciado que eu não jogaria os restos mortais dele na água ao pôr do sol em uma falsa homenagem. — Ou na privada. Não me importo.

Essa foi a única conversa que tivemos sobre sua morte iminente.

Quando o sol nasceu sobre o golfo, voltei para casa, um lugar que agora era de algum modo diferente da porcarias apertada de onde eu saíra horas antes, porque dessa vez ele não ia voltar. Eu me

apoderava da casa aos poucos havia alguns anos, território conquistado com esforço, cada centímetro, o trailer e a pequena construção de tijolos ao lado: a Oficina Wynn's. Mas nenhum dos dois me pertencia. Não até hoje.

Deixando a porta da frente aberta, segui direto até a poltrona suja, a mesma que fora azul em um passado distante, mas que agora era desbotada e só se sustentava graças à fita adesiva segurando os parafusos soltos. Arrastei-a do canto e a puxei pelo carpete sujo até a porta, pela escada de degraus de concreto rachado e até o quintal. Fiquei olhando para ela, feia e inofensiva sobre a grama morta.

Puxei-a novamente para o meio da entrada de asfalto que o trailer dividia com a oficina. Tirei o isqueiro e os cigarros do bolso da minha camisa, olhei para a poltrona e fui invadido por uma enxurrada de lembranças do meu pai, memórias que se sucediam até se juntarem em uma só, aquela em que eu entrava em casa e ele dizia, sem sair daquela poltrona: "Pega uma cerveja antes de passar por aquela porta, seu babaca imprestável". Eu pegava uma cerveja do fardo de vinte e quatro unidades dentro da geladeira e levava para ele, esticando todo o braço para diminuir a probabilidade de ele agarrar meu pulso e torcê-lo, ou me puxar e dar um soco no ombro, nas costelas, no estômago.

Na maioria das vezes, ele só pegava a cerveja, com os olhos grudados na tela iluminada. Uma vez em cinco ele tentava me segurar. Meu coração disparou com a lembrança. Eu nunca sabia quando ele ia atacar ou quando ia só arrancar a lata da minha mão e me ignorar.

Acendi uma bituca de Camel Crush e traguei calmamente a nicotina em forma de fumaça.

Uma vez, quando eu tinha dezessete anos, ele me deu um soco tão forte que não consegui respirar por quase um minuto. Pensei que eu ia morrer. Cambaleei e derrubei a mesinha de canto quando caí, o que o enfureceu ainda mais. Ele riu e atacou de novo, mas consegui me esquivar e ele errou. Foi a primeira vez. Isso alimentou sua fúria, então ele atacou justamente quando bati no chão e meus pulmões decidiram destravar e me deixar respirar. Ele ainda me

chutou uma vez antes de eu ficar em pé e perceber que tinha crescido, que nos últimos meses havia alcançado a altura dele. Ainda era mais magro, mas nem pensei nisso. Estava desesperado, furioso e apavorado.

Dei um soco na cara dele, e seu nariz quebrou, como teria acontecido com qualquer pessoa. Não sei por que aquilo me surpreendeu. Mas, naquele momento, chegava ao fim seu reinado supremo sobre mim. Vi essa realidade nos olhos dele quando me atacou e errou o soco de novo. Pela primeira vez, dei um passo à frente em vez de recuar. Ataquei em vez de me encolher. Bati em vez de apanhar.

Ele estava cheio de sangue e ofegante quando voltei à porta respirando com esforço, inspirando e exalando o ar, *vivo*, sem nenhum machucado além do sangue nas mãos. E soltei com uma frieza sombria:

— Nunca. Mais. Levante. A. Porra. Da. Mão. Pra. Mim.

— Sai da porra da minha casa! — ele berrou com a voz rouca de um velho.

— Você não vai viver pra sempre — respondi, mas ele não ouviu.

Joguei a ponta ainda acesa do cigarro no assento da poltrona, o que abriu um buraco e fez a bituca afundar como um caranguejo se escondendo na areia, deixando apenas um furo de contorno preto à vista. Eu estava levando a mão ao bolso para pegar o isqueiro novamente quando um *vuush* agradável e repentino marcou o momento em que a poltrona foi tomada pelo fogo.

Dei um passo para trás e peguei outro cigarro, acendi e fiquei ali fumando, vendo aquele móvel se transformar em uma fogueira que logo seria reduzida a cinzas.

— Adeus, pai — falei.

PEARL

Minhas mãos estavam agarradas ao volante, e eu respirava lenta e profundamente, como se me preparasse para levantar um peso enorme ou mergulhar em um precipício. A 181 para o sul ainda era uma confusão conhecida de arbustos, árvores retorcidas e quilômetros e quilômetros de cercas de estacas e arame envelhecido. A paisagem monótona costumava me confortar, cada sinal de trecho percorrido me levando mais para perto de casa. Hoje, quanto mais eu me aproximava, mais tinha ciência do confronto que evitava havia meses e da impossibilidade de continuar fugindo.

Uma vida inteira de camuflagem estava desmoronando, e me restavam apenas a verdade de quem eu era e a certeza de que em breve todo mundo saberia disso. Engoli com esforço, a realidade apertando suas garras ao redor do meu pescoço.

— Mãe, não vou para a faculdade de medicina — forcei as palavras para fora, testando seu impacto em meus ouvidos.

Eu conhecia bem a minha mãe, e, apesar de ter certeza de que já a decepcionara antes, por exemplo com minhas abordagens tímidas em situações sociais, manifestando minha evidente carência de qualidades de liderança, essa decepção alcançaria um patamar sem precedentes. A faculdade de medicina fora o objetivo dela para mim durante toda minha vida. *Nosso* objetivo. Até eu perceber com uma clareza esmagadora, no meio de uma entrevista em Harvard no último outono, que ser médica não era o que eu queria fazer pelo resto da vida.

Acabei indo parar na lista de espera de lá. Minha nota alta nas provas gerais e o resultado acima da média na prova específica para admissão não foram os motivos pelos quais não consegui a aceitação imediata. Os cursos preparatórios para a escola de

medicina que frequentei, os estágios, a fraternidade e as cartas de referência impecáveis, nada disso me prejudicou.

O fator determinante foi eu ficar abrindo e fechando a boca como um peixe idiota, em vez de dar uma resposta coerente para uma pergunta padrão feita pela representante da faculdade na entrevista.

— Srta. Frank — ela começou, erguendo os olhos da papelada sobre a mesa e me encarando com um sorriso direto —, por favor, diga que reservas poderia ter sobre o exercício da medicina?

Não havia nada de acusador na voz dela. Sem dúvida, ela havia formulado a pergunta esperando uma resposta adequada, ponderada. Aquela era minha chance de reafirmar minha vontade de estudar medicina em uma universidade que formava profissionais altamente qualificados (“como Harvard”). Um candidato ansioso poderia fazer um comentário engraçadinho sobre pagar as mensalidades colossais do curso. Um seguro de si, como meu namorado, Mitchell, poderia declarar: “Não tenho reservas, sempre quis ser médico”.

Em vez disso, tudo que consegui pensar foi: *Não quero*. Minha boca se movia em desespero, tentando encontrar outra coisa, palavras mais apropriadas, para dizer, mas elas não apareciam.

Acabei resmungando alguma coisa idiota, e, depois de uma pausa constrangedora, a entrevista seguiu com outras perguntas. Não cometi nenhuma outra gafe enquanto discutíamos a respeito dos preparativos para começar o curso, os métodos para enfrentar desafios pessoais e educacionais e como eu imaginava que a profissão poderia mudar no futuro próximo.

Porém, no táxi que me levou de volta ao hotel, tudo que eu conseguia ouvir era a pergunta e a coleção de respostas adequadas que *não* dei. Quando já estava no quarto, liguei para Mitchell e respondi seu questionário sobre a entrevista com um breve: “Foi legal. Só estou meio desanimada”. Não consegui expressar em palavras e por telefone a minha recente autodescoberta. Ele não insistiu em saber os detalhes do meu desempenho, então fiquei sem entender se ele acreditava que eu estava cansada demais para explicar ou se estava preocupado com o próprio processo de

seleção. Mitchell havia acabado de voltar de Durham e estaria em Cambridge em duas semanas. E ia querer dissecar cada aspecto do processo seletivo de Harvard antes de chegar.

Fui dormir torcendo para que tudo aquilo fosse apenas uma insanidade passageira, mas, quando Mitchell me pegou no aeroporto na tarde seguinte, eu só estava ainda mais certa a respeito do que queria. E não era a faculdade de medicina. Havíamos planejado nosso futuro comum da mesma maneira com que cada um de nós planejava tudo o mais na vida: cada detalhe estrategicamente premeditado, cada probabilidade considerada. Exceto por um detalhe: ele iria para a faculdade de medicina e eu... não.

Naquela noite, enquanto comíamos costelinhas no Péché, eu lhe confidenciei a verdade.

Com uma ruga na testa, ele terminou de mastigar, limpou os dedos e bebeu seu pisco sour antes de responder:

— Como assim, não se imagina mais estudando medicina? Parece que você dançou nessa entrevista, justamente em *Harvard*, caramba, mas você tem outras marcas. Vai entrar em algum lugar. Duke. Vanderbilt. Universidade do Texas, em Dallas, se for o caso. Pare de ser tão derrotista.

Eu namorava Mitchell havia mais de um ano, mas nunca consegui me acostumar com sua insistência em me pedir uma “atitude positiva” sempre que eu mencionava uma preocupação ou queria discutir alguma apreensão. Otimismo é muito bom, mas não tem nada a ver com resolver problemas. Como futuro médico, ele devia saber disso. Mas às vezes também parecia que a necessidade de entusiasmo compulsório só se aplicava a *mim*.

— Não estou sendo derrotista, Mitchell. Estou tentando explicar que não quero ser médica. Não faz diferença se vou conseguir entrar na faculdade, ou em qual delas. — Eu sabia que ele estava decepcionado, provavelmente chocado, por isso lhe dei um tempo para assimilar o golpe que eu havia acabado de dar em nosso futuro juntos.

Mitchell ficou quieto por quase dois minutos, depois disse:

— Você está de brincadeira, porra?

O queixo firme e o olhar direto eram bem conhecidos. Meses antes, quando estávamos sozinhos no quarto do alojamento, estudando para uma prova de química orgânica, recebi uma mensagem de um cara da turma de redação técnica.

— Por que ele está mandando mensagens pra você? — ele perguntou.

— Somos amigos. E ele está me perguntando sobre uma tarefa, Mitchell.

— Tenho cara de idiota? — Seu rosto ficou vermelho, havia saliva nos cantos da boca e seus dedos apertavam meus braços, me imobilizando. Ele olhou para o celular na minha mão. — Por que não fala de uma vez que merda está acontecendo?

Engoli em seco, perplexa.

— Não é *nada*. — Puxei o braço para me soltar e levantei, me afastando, mas acabei tropeçando nos sapatos do colega de quarto dele, caí para trás e bati na cadeira da escrivaninha.

Minutos mais tarde, enquanto segurava uma bolsa de gelo sobre o galo que se formou na parte de trás da minha cabeça, Mitchell se desculpava muitas vezes.

— Eu sinto muito, por favor, desculpa, é claro que eu confio em você. É só insegurança, reflexo do que a Darla fez comigo, sabe? — Darla, a namorada dele no primeiro ano. Ela traiu Mitchell com o melhor amigo dele e o fez sofrer muito. — Por favor, Pearl. Eu não queria que você se machucasse. Nunca mais vou falar com você daquele jeito, prometo. — Seus olhos azuis brilhavam por causa das lágrimas.

Eu o perdoei e acreditei em seu juramento.

— Você. Está. De. Brincadeira. Porra? — ele disparou do outro lado da mesa, quebrando a velha promessa como se ela nunca houvesse existido.

Apesar da música alta no lugar e das pessoas conversando à nossa volta, as duas mulheres na mesa vizinha ouviram o que ele disse. Elas ficaram em silêncio, trocando olhares e encarando a cena que se desenrolava em nossa mesa. Envergonhada, senti que elas estavam tentando decidir se deviam interferir ou não. Eu odiava esse

tipo de show quase tanto quanto odiava o que ele dissera, e Mitchell sabia disso.

Eu me debrucei sobre a mesa e, com o rosto queimando e a voz baixa, falei:

— Mitchell, aqui não.

— *Aqui não?* — Ele inclinou a cabeça para o lado como se estivesse ofendido. — Você decidiu despejar isso sobre mim aqui. Você devia ter levado em conta onde queria ter essa conversa absurda antes de tentar me dizer como devo reagir ao fato da minha namorada estar jogando fora o futuro dela, e o *meu*, aliás, como se isso não tivesse a menor importância.

As palavras de Mitchell derrubaram meus argumentos e me fizeram sentir culpada por estar assumindo o risco de alterar o futuro dele, e não só o meu.

— Não estou dizendo o que você deve fazer. Achei que a gente podia discutir esse...

— Sim, sim, vamos discutir o assunto. O que pretende fazer sem o diploma de medicina? Dar aulas no ensino médio? Passar o resto da vida trabalhando em um laboratório sem precisar pensar? Ah, espera... já sei. — Ele se recostou na cadeira, os lábios formando uma expressão hostil. — Vai voltar para a vidinha protegida da cidade pequena, longe do mundo grande e mau, e vai catar conchinhas ou diagnosticar alergia de peixe, ou sei lá que porcaria de coisa você fez no verão passado. É esse o seu plano brilhante?

Indignada, também apoiei as costas na cadeira e cruzei os braços, me negando a responder. Odiava quando ele ridicularizava minha cidade, um hábito que piorara, em vez de melhorar, depois da semana que passou lá comigo no último verão. Apesar de ter se mostrado impressionado com a casa de frente para o mar e de ter passado tanto tempo discutindo suas aspirações como cirurgião e opiniões sobre a profissão com meu padrasto quanto passava comigo, ainda insistia em dizer que a saudade que eu sentia de casa era infantil. Uma emoção que eu devia superar quando amadurecesse.

Ele abaixou a cabeça para que seu rosto ficasse em meu campo de visão e me encarou.

— Caramba... *Sério?* Você ficou maluca, Pearl? Você só pode ter pirado, porque ninguém sensato sacrificaria a chance de estudar em uma das melhores faculdades de medicina do mundo para trabalhar com *peixe*.

Naquela noite nós quase terminamos, mas, quando voltamos para o meu quarto, ele me convenceu de que só estava preocupado, com medo de eu estar me precipitando.

E me implorou para reconsiderar.

— É só nervosismo. Você vai ver.

Concordei em prosseguir com as entrevistas nas faculdades de medicina, considerar as ofertas de admissão, e até aceitei uma delas. Vanderbilt, no Tennessee, uma das duas que também aceitaram Mitchell.

Enquanto isso, peguei meu histórico escolar e, no último dia de prazo para a inscrição, me candidatei ao curso de biologia marinha, que, como Mitchell previra para meu futuro, era oferecido em minha cidade natal. Disse a mim mesma que, se não conseguisse entrar, faria a faculdade de medicina como todo mundo queria e esperava, e ninguém jamais saberia que eu havia me inscrito.

Em dezembro, recebi o e-mail de admissão. As bolsas haviam sido distribuídas alguns meses antes, mas eu teria uma pequena ajuda de custo, o suficiente para pagar a mensalidade, as taxas e o equipamento em troca de trabalhar no laboratório e coletar amostras de vida marinha no golfo. Poderia começar o curso no verão, mas os alojamentos de alunos, dilapidados pelo tempo, mas de frente para o mar, estavam lotados. Meus pais tinham uma casa de trezentos e setenta metros quadrados a poucos minutos do campus. Eu não precisava me preocupar com moradia.

Não haveria um cargo com salário alto me esperando quando eu me formasse, e a maioria das pessoas não entenderia qual era o meu trabalho ou por que eu fazia aquilo. Uma vida inteira dedicada a estudar o oceano e a vida contida nele não é uma escolha que as pessoas fazem por dinheiro ou prestígio social. É uma coisa para a qual são atraídas, como são atraídas pelo próprio mar. Eu descobriria

meu nicho de pesquisa na faculdade, alguma coisa relacionada à ecologia, e passaria minha carreira construindo um corpo de trabalho que o sustentasse.

Seria isso em vez de ir para a faculdade de medicina e me tornar a cirurgiã que sempre havia planejado ser.

Fiquei olhando para a tela do computador enquanto argumentos para recusar a vaga, coisas que eu ouvia na voz do meu namorado e da minha mãe, ecoavam em minha cabeça. Mas o entusiasmo crescente acabou calando todo o resto. Cresci no litoral, testemunhei a devastação, aquática e humana, provocada por vazamentos e derramamentos de óleo. Mas havia mais nisso do que pinguins sujos de óleo e bolas de piche na praia, e os biólogos marinhos eram quem estudava essas consequências de longo alcance. Eu queria participar disso.

Levei um mês para contar a Mitchell. No primeiro fim de semana depois do recesso de inverno, estávamos assistindo a um filme no meu quarto, ou melhor, ele assistia ao filme enquanto eu me remoía em culpa por deixá-lo acreditar que iríamos juntos para o Tennessee em seis meses.

Finalmente, sentei com o corpo inclinado para frente e cruzei os dedos no colo. *Fala, fala, fala.*

— Então, sobre Vanderbilt...

— Tive uma ideia — ele me interrompeu e apertou o botão mudo do controle remoto. — Vamos para Nashville no recesso de primavera para procurar apartamento. Se a gente encontrar alguma coisa, dá pra fazer um depósito e reservar. Vamos deixar tudo pronto para julho.

— Mitchell, eu não vou para Vanderbilt. — As palavras ecoaram no silêncio que se seguiu.

Uma tempestade se formou em seus olhos, mas Mitchell não respondeu, só ficou me encarando. Eu não podia criticá-lo por estar chocado, mas o silêncio me deixava nervosa.

— Não estou terminando o namoro — continuei. — Estou escolhendo outra faculdade, só isso. A gente pode dar certo, muitos casais namoram mesmo estando longe um do outro, e funciona. Dá

pra escolher o que a gente quer fazer na vida e que carreira vai seguir, você vai para Vanderbilt e eu...

— É tudo ou nada. — As palavras pareciam vir de alguém que eu nem conhecia. Os músculos em seu rosto estavam tensos, formavam uma máscara de raiva. Os lábios quase não se moviam. — Tudo ou nada, Pearl.

Eu esperava frustração, até ressentimento por estar cancelando nossos planos, mas não imaginava um ultimato. A ameaça não fazia sentido. Sucesso na faculdade de medicina exige compromisso firme. Nós dois sabíamos disso. E eu não me sentia comprometida.

— Então acho que é nada — respondi, a garganta fechando com as lágrimas contidas.

— Sua *vaca*!

Eu me encolhi, boquiaberta, certa de que todas as garotas na república estavam ouvindo. Era uma da manhã, quase todo mundo estava em casa.

Ele pulou da cama gritando:

— Sua *vaca* egoísta!

Eu queria gritar também, dizer para ele ir embora, para sair dali, mas estava paralisada, exceto pelos tremores que percorriam meus braços e pernas. Eu nunca tinha sentido medo do Mitchell antes. Mas agora eu estava apavorada.

Ele virou e deu um passo para longe de mim.

Tola, achei que ele estava indo embora, e só me dei conta de sua intenção tarde demais.

— Mitchell, não! — gritei quando ele pegou minha concha de trinta centímetros e a jogou contra a parede do quarto, quebrando-a na base.

Mitchell estava recolhendo os pedaços quando a presidente da minha fraternidade e o namorado dela entraram no quarto. Só de cueca, D.J. imobilizou Mitchell, segurando os braços dele para trás, e o arrastou para fora da casa, dizendo:

— Segura a porra da onda, Upstone, ou eu faço isso por você.

Enquanto minhas colegas de república se reuniam no corredor de olhos arregalados e sussurrando, Katie me deu as duas metades da concha.

— Você está bem? — ela perguntou.

Assenti e juntei as duas partes como as peças de um quebra-cabeça. Eu havia levado aquela concha à escola no começo do ensino médio, durante uma atividade de ciências do mar na aula de biologia. Enquanto meus colegas admiravam o tesouro em minhas mãos, tocando as listras claras na superfície da concha conforme eu a passava ao redor da sala, a fim de mostrar a todos os alunos, o sr. Quinn contava que seu antigo habitante, um caracol do mar, devia ter vivido pelo menos vinte anos para produzir uma casa daquele tamanho. Mais tempo do que eu tinha de vida.

— Pearl, ele não... bateu em você, ou coisa assim, né?

Balancei a cabeça e uma lágrima correu por meu rosto. A escolha de Mitchell, justamente o objeto que representava meu lar dentro daquele quarto, não fora aleatória. Apesar da minha exclamação inútil, eu soube no instante em que o vi estendendo o braço para a estante de livros que não teria tempo de impedir a retaliação, que era tarde demais para lamentar não ter tido aquela conversa em outro lugar. A explosão de raiva eliminou todo o arrependimento ou pesar que eu poderia sentir por ter desistido de nossos planos.

Quando Mitchell mandou uma mensagem pedindo desculpas, não respondi. As ligações dele iam direto para a caixa postal, e eu apagava as mensagens de voz sem ouvi-las. Minhas colegas de república não o deixavam entrar em casa, e surgiram boatos de que o presidente da fraternidade dele ameaçou expulsá-lo se ele não me deixasse em paz. No outono anterior, havia acontecido um incidente com um morador que perseguia uma garota e violentara outra — uma caloura da minha república que pediu transferência no fim do semestre. Depois de uma reunião com o supervisor distrital e um monitor do corpo discente, os líderes de fraternidade não queriam mais correr riscos.

— O D.J. falou que ele e o Dean vão adotar regime de *tolerância zero* até se formarem em maio — a Katie contou, afagando meu ombro. — Mais quatro meses e a gente sai daqui. Deus está de prova de que não quero nem mais um pingão de drama, mas juro

sobre uma pilha de Bíblias autografadas por Jesus Cristo: se o Mitchell pisar no nosso gramado, chuto o rabo dele até o fim da rua.

Mitchell e eu nos evitamos até o fim do último semestre, inclusive durante os noventa minutos de aula de virologia animal às terças e quintas-feiras e nas oito constrangedoras horas no laboratório de psicologia experimental todas as quartas. A formatura, três dias atrás, foi um alívio, embora eu tenha passado dois dias carregada de culpa, tentando inutilmente ignorar a euforia da minha mãe por eu estar a caminho da faculdade de medicina. Eu não podia estragar o fim de semana da minha formatura contando a verdade, mas meu tempo havia acabado.

As disciplinas comuns na faculdade de biologia tinham acabado. Mitchell e eu seguiríamos caminhos distintos. Eu já havia informado a Vanderbilt da minha desistência, torcendo para tornar realidade o sonho de algum candidato na lista de espera. Agora só faltava uma coisa.

Contar para a minha mãe.

2

BOYCE

Não sou um herói.

Essa descrição combinava com meu irmão, Brent, com a vida dele, não comigo. Quando eu era criança, queria ser como ele — acreditava que poderia ser se imitasse tudo o que ele fazia. Quando meu irmão tinha catorze anos, estava prestes a conquistar o posto de Águia Escoteira, foi quando também entrei para o grupo e me tornei um lobinho. Meu pai não queria pagar as mensalidades e comprar o uniforme, e Brent me deixou recolher a grama que ele cortava em várias residências para eu poder ganhar dinheiro. Anos mais tarde, deduzi que ele havia tirado o coletor de grama do cortador para poder me pagar do próprio bolso pelo serviço de varrer e recolher sacos da grama aparada.

No segundo ano, me dediquei com afinco para ganhar medalhas de mérito, mas minha mãe já estava farta de costurar as condecorações. Quando levei a primeira para casa, ela tirou as mãos enrugadas de dentro da pia cheia de água, detergente e pratos sujos e disse:

— Tenho uma tonelada de estrias e um traseiro enorme graças a vocês dois. Não vou furar os dedos costurando essas coisas. Faça você mesmo, como o seu irmão.

— Olha aqui — Brent falou, empurrando uma agulha grande pela beirada do distintivo, passando por cima dele e voltando pelo tecido do uniforme. Ele costurou o círculo de dois centímetros e meio na minha camisa azul usando uma linha transparente que parecia linha de pesca, depois me deixou costurar as outras.

Furei o dedo algumas dúzias de vezes com aquela agulha, e tenho certeza de que havia muito sangue na camisa quando terminei. Os primeiros distintivos ficaram meio tortos, mas presos.

Naquela primavera, minha matilha participou da limpeza anual na praia da cidade. Fui o primeiro a me inscrever, porque queria *muito* a insígnia de conservação, mesmo que tivesse de costurá-la. Meu interesse diminuiu muito depois de duas horas de calor insuportável e da umidade típica do golfo. As luvas descartáveis que foram distribuídas protegiam de tudo, menos de seringas, e eu não precisei de um segundo aviso para saber que não devia tocar naquelas coisas. Havia um ódio mútuo entre mim e as agulhas. E as

luvas grudavam nas minhas mãos suadas, grãos de areia entravam pelos punhos e se alojavam, ásperos e irritantes, entre os dedos.

Aflito para desistir e ir buscar o suco e os cachorros-quentes que nos foram prometidos, entreguei uma sacola cheia de tampas de garrafa, embalagens de comida e cabeças de peixe podres ao líder de nossa matilha.

— Bom trabalho — ele disse, e quase senti o gosto do cachorro- quente pingando mostarda. — Ainda dá tempo de sobra para encher mais uma ou duas sacolas antes do almoço. Leve essa aí para o latão de lixo e pegue outra. Não se preocupe, a sra. Thompson vai apitar quando a comida estiver pronta.

Virei para esconder minha careta e resmungar um palavrão, disposto a encher a nova sacola em tempo recorde e depois estacionar o traseiro sob o guarda-sol de alguém até ouvir o chamado da mãe de nossa matilha, o mesmo apito agudo que ela usava para chamar os filhos na hora do jantar. De repente, um bando de meninas de camiseta cor-de-rosa e colete azul cobertos de distintivos femininos surgiu entre mim e a água. Que azar, *lobinhas*! Elas gritavam e corriam para todos os lados, fingindo que os sacos de lixo eram paraquedas.

— Merda — resmunguei, ficando ainda mais irritado. Tinha que ser rápido para encher minha sacola, porque aquelas meninas recolheriam todo o lixo daquele trecho da praia, e eu não queria me afastar muito dos cachorros-quentes ou do apito da sra. Thompson.

Quando a líder do grupo chamou as garotas e formou um círculo para distribuir as luvas e ordenar que ficassem juntas, passei no meio delas rumo a um fardo de cerveja meio enterrado na areia.

— Ei! — uma delas gritou. — Ele está pegando nosso lixo!

Fingi não ouvir e enfiei a embalagem na sacola.

A líder riu e disse que havia lixo suficiente para todo mundo, e todas começaram a recolher tudo o que viam pela frente.

— Mocinhas — a líder acrescentou —, lembrem-se, temos que deixar a natureza como a encontramos! Estamos aqui para *recolher* o lixo, não algas, conchas ou gravetos.

— Nem as quebradas? — outra garota perguntou, olhando para um punhado de pedaços de concha. — Nenhum caracol ou

caranguejo pode morar naquilo. Se não serve para nada, é lixo, não é?

Revirei os olhos quando passei no meio delas. A menina viu e franziu a testa.

— Não, Pearl... as conchas quebradas ainda são da *natureza*. Deixe-as onde estão, meu bem.

— Menina burra — resmunguei, e ela mordeu o lábio e fez cara de choro, o que me fez sentir cruel. Era só uma criancinha. Então passei por ela, peguei um pedaço de jornal e o enfiei no saco de lixo. Eu era um homem em uma missão.

Uma hora depois, o saco estava cheio e eu tinha ido mais longe do que pretendia. Não dava para ver ninguém da minha tropa. Talvez eu tivesse me afastado demais e perdido o apito. O cachorro-quente podia ter acabado. Meu estômago roncou, furioso com essa ideia, então voltei correndo pela praia. Foi quando notei algo na água. *Um emaranhado de lixo?* Não. Era um cabelo escuro. Vi bracinhos se debatendo dos dois lados da mancha escura antes de desaparecerem com a cabeça embaixo de uma onda. Parei de correr, fiquei olhando e dizendo a mim mesmo que era só uma criança brincando na água, em vez de ajudar na limpeza.

Cabelo e braços voltaram à superfície por um ou dois segundos e afundaram outra vez. Se havia gritos de socorro, eu estava longe demais para ouvir. Ninguém parecia estar olhando, só eu. Nossas praias não tinham salva-vidas, não havia nenhum pai por perto, nenhum olhar atento às ondas. Se você não quer que seu filho se afogue, precisa ficar de olho nele. Qualquer pessoa sensata sabe disso.

Meu coração disparou quando segundos se passaram sem nada emergir. Soltei o saco de lixo e corri para a beira da água, os olhos varrendo a superfície. Nada. *Nada!* Eu tinha ficado ali parado vendo alguém se afogar? Sem pensar, me joguei no mar de uniforme, sapatos e tudo.

— Ei, você! — gritei, os olhos atentos à superfície crispada. Com água na altura do peito e as ondas mansas batendo no meu rosto, eu não enxergava mais que alguns centímetros adiante. Eu era um

imbecil. Não gritei para chamar um adulto. Entrei na água sozinho, como o estúpido miolo de merda que meu pai dizia que eu era.

Alguma coisa bateu em mim, e eu abri a boca para gritar e engoli um monte de água do golfo. Com as mãos estendidas para me defender do ataque, comecei a tossir e a cuspir, foi quando avistei um lampejo de azul e rosa. *A menina se afogando!* Em vez de empurrá-la, eu a segurei e puxei seu corpo inerte contra o peito, saindo da água o mais depressa que pude. Uma onda grande me derrubou e nós dois afundamos, mas eu a segurei e plantei os pés no fundo do golfo, empurrando até voltarmos à superfície. O rosto surgiu na minha frente, os olhos fechados.

Era a menina que eu chamei de burra.

— Não! — tossi e a segurei com um braço por baixo dos joelhos, o outro sob a nuca. Cambaleei e gritei: — Acorda! Acorda! — Fora da água, caí de joelhos e a deitei na areia, mas ela não se mexia. Eu não sabia o que fazer. As pessoas na televisão respiravam dentro da boca do afogado e apertavam o peito dele, mas as pessoas na televisão também faziam muitas coisas que nem eram reais, como escalar as paredes de um prédio ou virar vampiro.

A líder das meninas apareceu.

— Pearl! Meu Deus! — As mãos da mulher tremiam quando seus dedos tocaram o pescoço da garota. Ela apoiou a cabeça no peito da menina repetindo: — Sem pulso, sem pulso! Ai, meu Deus! — A líder apertou o nariz da menina e respirou em sua boca, mas os olhos não abriam.

Eu sentia o sol quente, mas tremia como se estivesse sentado em um balde de gelo. As pessoas começaram a nos cercar, olhando e cochichando, mas eu não conseguia ver nem ouvir nada com clareza, eu não conseguia me mexer. Tudo que via era a mulher apertando o peito da garota imóvel e respirando em sua boca. Só ouvia as batidas do meu coração, que ecoavam como um tambor em meus ouvidos. Eu estava vivo e ela estava morta, e era culpa minha por não ter gritado para chamar um adulto, em vez de entrar na água sozinho. E eu fiz aquela menina chorar uma hora antes, seus olhos escuros ficaram cheios de lágrimas, como os da minha mãe quando meu pai a machucava.

Então de repente, como uma fonte, a menina tossiu e jorrou água — *muita água!* Água que lavou seu rosto quando ela sofreu um espasmo, tentou respirar e abriu os olhos. Ela olhou diretamente para mim, e só quando senti sua mão apertando a minha é que percebi que a estava segurando.

As pessoas à nossa volta aplaudiram e comemoraram. Senti mãos dando tapinhas em meus ombros e na parte de trás de minha cabeça, e a mulher começou a chorar e repetir o nome da menina muitas vezes — *Pearl, Pearl, Pearl* — e agradecer a Jesus, a Deus e, finalmente, a mim.

— Você salvou a vida dela. Obrigada. Obrigada.

Aqueles instantes pareceram dias, não minutos. Meus olhos ardiam. Eu batia os dentes e tremia muito. Agarrei a mão pequena e bronzeada de Pearl na minha, e olhei para o cabelo escuro e emaranhado em torno do rosto dela, grudado nas bochechas, enroscando em um dos broches em seu peito, um peito que agora se movia como tinha que ser. Olhei para os olhos escuros, grandes e *vivos*, e senti que acabara de aprender algo, mas ainda não sabia o que era.

Quando os paramédicos chegaram, o líder da minha matilha me envolveu com uma toalha de praia e me levou dali, soltando minha mão da de Pearl.

— Você foi incrível, Boyce. Você é um herói, sabia?

O jornal publicou uma matéria com duas fotos: uma do sorridente líder da minha matilha prendendo uma brilhante medalha de honra bem em cima do meu bolso esquerdo, e outra da mãe de Pearl, meus pais e Brent atrás de nós, eu e ela uniformizados. O topo da cabeça dela, uma bagunça de cachos escuros presos por uma fita cor-de-rosa, não alcançava nem meu ombro.

Essa foi a única ocasião em que fui importante, e é mais do que muitas pessoas podem declarar, acho. Pena que eu só tinha sete anos. É uma droga chegar ao ápice antes da puberdade.



Nem sempre saio do trabalho no fim do expediente. Normalmente estou tão envolvido com as minhas atividades que não quero parar até terminar tudo, mas às vezes sobra tanta coisa que não dá para terminar, mesmo que eu queira. Tenho considerado a possibilidade de contratar um ajudante, pelo menos por meio período.

Geralmente me lembro de trancar a porta e virar a plaquinha de fechado às seis da tarde, mesmo que continue trabalhando, mas hoje, na hora de fechar, eu estava completamente focado na instalação de um cilindro. Quando ouvi a sineta da porta tilintar às seis e meia, resmunguei um palavrão e gritei “tá fechado”, depois olhei para o corredor entre o escritório apertado lá na frente e a oficina.

O antigo advogado de meu pai (e padrinho fracassado no AA), Barney Amos, apareceu com a eterna careta deixada pelo acidente que desfigurou seu rosto e aleijou o braço esquerdo, quase o afastando da profissão, matou seu filho de seis anos e o fez parar de beber... tarde demais. Austin Amos começara comigo no grupo de lobinhos. Agora ele teria uns vinte e dois anos.

— Oi, Boyce — disse o sr. Amos, uma das mãos erguidas como se estivesse jurando dizer a verdade, somente a verdade, nada mais que a verdade.

— Oi, sr. Amos. — Limpei as mãos em um trapo e levantei o tronco, girando os ombros para trás e sentindo a dor embaixo das omoplatas. — Posso ajudar?

Barney Amos não aparecia na oficina havia anos, mas eu o via sempre pela cidade. Quando meu pai tentou parar de beber, a tentativa se resumiu a duas ou três reuniões no AA seguidas de uma farrá alcoólica que durou o resto da vida dele. Eu sabia de quem era a culpa, apesar de o sr. Amos ter tentado assumir parte da responsabilidade. Meu pai escolheu. Cada garrafa. Cada gole.

— Boyce, seu pai alguma vez procurou outro advogado? Depois que ele e eu nos afastamos?

Dei de ombros, registrando a dor causada pelo movimento, e me senti culpado por pensar na cerveja gelada que me esperava depois do banho, quando eu fosse encontrar os caras na cidade. Diferente do meu pai, eu limitava o consumo de álcool. Diferente do sr. Amos, eu não dirigia até recuperar completamente a sobriedade.

— Não que eu saiba, mas ele não costumava falar sobre esse tipo de coisa. — *Ou sobre qualquer outra coisa, exceto sua opinião sobre eu ser um merda.* — Por quê?

O sr. Amos mudou de posição, mas continuou na porta, de olhos baixos, parecendo ainda mais desconfortável do que de costume.

— Você deu uma olhada nos documentos dele? Examinou tudo?

Quando as pessoas respondem a uma pergunta com outra, nunca é um bom sinal.

— Não, na verdade não olhei nada. Por quê? — repeti.

Sua boca torta se ergueu de um lado, numa clara demonstração de alívio.

— Bom, sugiro que você dê uma olhada então... E quanto antes, melhor. Vai precisar da documentação para tomar posse dos bens, o trailer, a oficina e tudo que tem dentro deles, e para fazer a transferência legal de tudo. Da empresa também.

Fiz uma careta. Fazia sentido, mas alguma coisa ali não soava bem, contrariava o conselho sensato.

— Sou o único herdeiro. É tudo formalidade, certo?

— Bom, sim, claro. Mas a lei exige o cumprimento dessas formalidades para que um herdeiro possa se apossar dos bens deixados por alguém que morreu.

— Tudo bem. E o que eu devo procurar? Alguma coisa específica? Um testamento, talvez?

Ele assentiu.

— Um testamento e toda a documentação relativa à oficina. Informações comerciais, impostos, tudo isso. Presumindo que não haja nenhum sócio, ainda assim você pode enfrentar alguns problemas. A menos que Bud tenha feito a incorporação formal na

última década, então o novo proprietário teria que fazer a transferência para o próprio nome.

Incorporação formal? É. Não parecia ser algo com que meu pai teria se preocupado. Desde que fiz dezoito anos, ele me pagava semanalmente, como se eu fosse um empregado, com recolhimento de impostos e tudo o mais, depois de ter recebido uma carta do estado ou da receita federal que o deixou furioso durante três dias.

— E, ah, será que pode procurar a averbação do divórcio também? Talvez um anúncio fora do estado?

— Averbação de divórcio... outra formalidade?

Ele assentiu, os olhos passeando pelo elevador hidráulico, pelo equipamento de diagnóstico e as ferramentas que cobriam as paredes.

— Assim que tiver tudo pronto, leve a papelada ao meu escritório e preenchamos tudo. Não vou cobrar nada, claro... É o mínimo que posso fazer.

— Sim, senhor. — Não o culpo pelo fracasso de meu pai na busca pela sobriedade, mas também não ia recusar uma oferta de *gratuidade*. — Eu apareço por lá em alguns dias. — Havia alguma coisa que ele não estava dizendo, mas eu não conseguia identificar o que era. Imaginei que descobriria em breve.

PEARL

Meu telefone tocou e na tela vi a foto da minha mãe em minha formatura, alguns dias atrás. Meu coração disparou antes de eu atender. Ela nunca ligava quando sabia que eu estava dirigindo.

— Você não está dirigindo? — ela perguntou assim que atendi.
— Eu ia deixar recado na caixa postal. Não devia atender o celular quando está dirigindo.

Suspirei aliviada ao ouvir a voz dela, o tom que me dizia que nada de grave tinha acontecido, mas me irritei com o jeito como ela falava comigo, como se eu ainda tivesse seis anos de idade.

— Mãe, você não pode me ligar quando sabe que estou dirigindo e dizer que eu não devia atender quando estou dirigindo.

— Podia ter deixado cair na caixa postal.

— Odeio a caixa postal. E se ligou agora é porque precisa me dizer alguma coisa que não pode esperar até eu chegar em casa, o que vai acontecer em... — Olhei para o relógio. — Pouco mais de uma hora. Você me ensinou a surtar primeiro e perguntar depois. Agora aguenta.

Ela suspirou resignada do outro lado.

— Tudo bem. Seu pai tinha esquecido um evento do AMA em Houston... *hoje à noite*. E ele é um dos *palestrantes* no evento. — Dr. Thomas Frank, médico, membro da Associação Americana de Medicina e da Associação Americana de Neurocirurgia, não era meu pai de verdade. Meu pai biológico morreu antes de eu nascer, e Thomas se casou com a minha mãe quando eu tinha treze anos, me adotando logo depois. Eu me tornei Pearl Frank, um nome de menina branca, como mais tarde diria Melody Dover, minha melhor amiga no ensino médio. E minha mãe parecia muito feliz com isso. Não pedi a opinião dela antes de mandar imprimir no meu diploma o nome "Pearl Torres Frank". Eu amava meu padrasto, mas queria um reconhecimento oficial da minha herança, da minha origem e de quem eu poderia ter sido.

Ouvi a voz tranquila de Thomas ao fundo, depois o tom incrédulo de minha mãe.

— Apresentações também exigem preparação, Thomas! E não, você não pode simplesmente improvisar. *Madre de Dios!* — O sotaque ficava mais forte quando ela se irritava, coisa que meu pai

gostava de provocar só para ouvi-lo. Mas espanhol de verdade?
Raridade.

— Quer dizer que vocês não estarão em casa hoje à noite — interrompi, bastante aliviada com mais uma noite de folga antes da minha inevitável confissão para me sentir mal por estar aliviada. — Tudo bem. Eu tenho a chave. A gente se vê amanhã.



Fiquei parada na porta dos fundos enquanto Tux, miando seu desgosto pelo abandono de meus pais, se enroscava em minhas pernas desenhando uma sequência de números oito. Eles haviam saído algumas horas antes, e com certeza agradaram, mimaram e alimentaram Tux com uma porção de peixe pescado pelo próprio Thomas em seu último passeio de barco.

Afaguei a barriga gorda de Tux e empurrei minha mala porta adentro.

— Você não está enganando ninguém com essa sua choradeira, gato. Você é o felino mais mimado de toda a ilha.

E era também o mais doce, e por isso era mimado. Ele e Thomas viviam intensamente a solteirice antes de minha mãe e eu entrarmos na vida deles, sete anos atrás, mas Tux nos recebeu com o mesmo afeto que Thomas, como se estivesse esperando uma mulher e sua filha de treze anos se mudarem para a casa e dominarem o território que havia sido dele por tanto tempo. Tux brincou com o zíper da minha mala enquanto eu telefonava para Melody, que tinha acabado de se formar na SMU e passaria duas

semanas em casa antes de se mudar para Dallas e começar no novo emprego como relações-públicas.

— E aí, garota!? — ela atendeu. — Já chegou?

— Acabei de entrar em casa. Meus pais saíram. Você vai fazer alguma coisa?

— Nada. Cheguei faz dois dias e já cansei de ouvir minha mãe tagarelando sobre o milhão de coisas que faço errado na vida, das roupas à carreira, passando por como ainda não tenho um marido porque não consegui arrumar ninguém em quatro anos de faculdade. Ela tomaria lindamente naquele rabo magro se eu virasse lésbica.

É claro. Mulheres viram lésbicas o tempo todo só para atormentar a mãe.

— Acho que essa não é uma alternativa viável para você, Mel.

— É. — Ela suspirou. — Gosto muito de homem. — Quatro anos de faculdade não haviam melhorado sua falta de compreensão de sarcasmo. — Falando em homens... Vamos sair!

Ela e o último namorado haviam terminado fazia um mês, e Melody estava sabendo de toda a história horrível com Mitchell, mas sair era uma proposta mais cansativa que tentadora. Eu esperava que ela me contasse as últimas novidades de sua vida pessoal e as fofocas da cidade como as adultas que éramos, bebendo uma garrafa de vinho e vestindo calça de ginástica. Mas também queria passar um tempo com a minha amiga antes que ela fosse embora.

No colégio, éramos tão diferentes e ao mesmo tempo tão conectadas, que alguém nos apelidou de gêmeas yin-yang. O apelido provavelmente era por causa das aparências diferentes. Mesmo com o bronzeado em dia, ela ainda parecia mais pálida e loira perto da minha pele morena, dos meus cabelos e olhos escuros. Mas, para mim, nosso elo, nosso yin-yang, era interior. Havíamos nos afastado nos quatro anos de faculdade. Eu sentia falta dela.

— Melody, não estou com vontade de...

— Não se preocupe, eu dirijo!

— *Mel.*

— Vou tomar um banho rápido agora. Chego em uma hora. Há! Fiz uma rima! Vamos marcar às nove, menina. Ah, de novo! Combinado! — Ela concluiu e desligou antes que eu pudesse falar “Mel” de novo.

Tive que rir. Nada como uma amiga de colégio para arrastar a gente de volta ao comportamento do ensino médio. Melody, a mais popular, a mais extrovertida, a mais tudo, sempre decidia nossa vida social, e eu sempre aceitava. Nossas atividades só se diferenciaram em um aspecto que não foi surpreendente para ninguém. Enquanto ela fez os testes para ser líder de torcida no primeiro ano e chegou ao último como líder da equipe, eu entrei para os grupos de estudo, trabalhei como voluntária no centro de biologia marinha e fui oradora da nossa turma.

Se a noite de hoje não servisse para mais nada, eu poderia ao menos testar minha confissão com Melody antes de recitá-la em casa. Minha amiga entenderia como ninguém minha aflição com a decepção que eu causaria à minha mãe.

— Mi-AU — Tux reclamou, resmungando como a criatura mimada que era.

Para acalmá-lo, servi uma colher de macarrão com queijo frio em sua tigela. Era seu prato favorito, depois de frutos do mar.

— Você é muito esquisito — falei. — Se me der licença, vou me arrumar para a noitada na cidade. Pelo menos é dia de semana. Espero que os bares estejam vazios.

3

BOYCE

Turismo sempre foi a principal atividade econômica da cidade, até a pesca ficava em segundo lugar. Mas o fluxo de caixa não impedia os moradores de reclamarem sempre que hordas de forasteiros apareciam e invadiam restaurantes, congestionavam estradas e o único supermercado e lotavam as praias de corpos suados, coolers e guarda-sóis inúteis que eram destruídos ao primeiro sopro de vento do golfo.

Se você pensa em sair de casa e evitar os turistas nessa época do ano — boa sorte. A melhor alternativa é um bar simples e sem graça longe da avenida principal. Ele não tem fachada tropical, não tem paisagem emoldurada por palmeiras, não tem vista. O tipo de lugar que quem não mora na cidade ignora completamente, ou olha e pensa: “De jeito nenhum”. Como o Saloon.

Depois de uma porção de anéis de cebola, um hambúrguer imenso e duas cervejas, desafiei Mateo Vega para uma partida de dardos. O alvo, uma placa toda furada, ficava pendurado tão perto da porta que havia buracos *nela* deixados pelos arremessos mais desastrados. Quando eu estava mirando para atirar um dardo, a porta se abriu e vi Melody Dover, uma garota que eu conhecia desde que vivi o inferno de repetir o terceiro ano, e Pearl Frank, que me conhecia melhor que qualquer pessoa na cidade. Eu não via nenhuma das duas desde que elas visitaram a família no feriado de inverno, mais de quatro meses atrás.

— Ah, maravilha — Melody resmungou, olhando para mim antes de virar para o salão quase vazio. — Por que viemos *pra cá*, mesmo?

As outras duas pessoas em meu grupo, Randy Thompson e o primo de Vega, Bart, conversavam sentados à mesa a alguns metros de nós, e um casal mais velho bebia na frente do balcão. Outros clientes regulares já tinham ido embora.

Ignorei Melody, uma habilidade que aperfeiçoei ao longo dos anos até virar um reflexo, mas não consegui ignorar Pearl. Ela estava linda, apesar da calça capri e dos sapatos baixos. O cabelo estava menos rebelde que antes, mas ainda era longo e cobria as costas como uma cascata escura. Levantei o queixo assim que nosso olhar se encontrou, e ela sorriu, um sorriso contido, mas sincero.

Depois olhou para a amiga, e o sorriso se alargou.

— Queremos um lugar tranquilo para conversar, Mel. Aqui é perfeito.

Mel, linda como sempre e ciente de sua beleza, como sempre, virou-se para me olhar.

— Isso é o que vamos ver. Basta uma única boca grande para arruinar um ambiente tranquilo.

— E você sabe disso melhor do que ninguém, Dover. — Cravei o dardo um pouco à esquerda do alvo e me recusei a encará-la.

Melody arfou, mas a reação combinava mais com um puro-sangue furioso do que com uma mulher. Tive de fazer um baita esforço para não rir. Antes que ela pudesse cuspir a resposta engraçadinha que já devia ter na ponta da língua, Pearl perguntou alguma coisa e Melody então se virou para seguir a amiga rumo a uma mesa perto da parede do fundo, tagarelando sobre um emprego novo e finalmente se esquecendo de mim.

O Bart, primo de Mateo, um idiota de dezenove anos, atravessou o salão de assoalho de madeira coberto de cascas de amendoim, uma ideia do Saloon de decoração despretensiosa.

— Pensei que você tinha dito que não tinha nenhuma gostosa na cidade, Téó — ele comentou quase babando, olhando fixamente para a bunda de Melody, que usava shorts e sandálias de salto.

O cara não fazia ideia de como estava perto de levar um dardo na testa. Ele podia olhar para as pernas de Dover o quanto quisesse, mas uma palavra sobre Pearl e teria um enfeite no crânio.

— Cala a boca, idiota. — Mateo deu um tapa na nuca do primo. — Aquelas duas são muita areia para o seu caminhão, são tão acessíveis pra você quanto se estivessem na lua.

Bart massageou a nuca, seguindo com os olhos a melhor amiga de Pearl.

— Talvez. Mas acho que hoje elas vão descer à Terra, primo. — E começou a caminhar na direção delas antes que um de nós se desse conta da intenção.

— Isso vai ser engraçado — Randy comentou e se encostou na cadeira para observar.

Ele cruzou os braços finos sobre o peito esquelético e riu, e eu fiquei feliz por vê-lo sorrir. Randy saíra da prisão uns meses antes,

depois de cumprir pena por comandar um laboratório de metanfetamina em um trailer que explodiu alguns anos atrás. A pena teria sido mais longa se alguém tivesse morrido na explosão. Ele ainda estaria preso, ou morto. Ele convencera o juiz que estava determinado a andar na linha e estava comprometido com isso. O mesmo não podia ser dito a respeito de seu irmão mais novo, Rick.

— Ah, *merda*. — Mateo passou a mão no rosto e virou como se não suportasse olhar. Dois dos três primeiros dardos que ele atirou nem encontraram a placa de madeira do alvo.

— É só a Melody Dover, Vega. Não é a rainha-mãe — Randy comentou. — Além do mais, seu primo precisa de um tranco. Aposto vinte paus que ele vai levar um toco. — Enquanto observávamos, Bart apoiou um cotovelo no balcão ao lado de Melody, e ela se afastou quando ele se inclinou em sua direção. Ela se afastou, ele chegou mais perto.

Balancei a cabeça e arremessei outro dardo.

— É. Mas o pai dela é chefe do chefe do meu chefe. — Mateo era assistente da gerência de uma das seis lojas de conveniência da cidade, cinco delas da mesma empresa. O pai de Melody era o gerente regional de metade do estado.

— Relaxa, cara — falei. — O Rover Dover não tem nada para falar de você. Deus é testemunha que não pode controlar os idiotas de quem somos parentes. — Tirei meus dardos do alvo pensando em meu pai e meu irmão, em como sempre foram diferentes. E em onde eu me encaixava entre um e outro.

— Rover Dover — Mateo riu baixinho. — Não ouço isso há anos. Caramba, Wynn, não fala isso perto dela. Se juntar o apelido e o idiota do meu primo, ela me deixa desempregado em um piscar de olhos e ainda me arrasta pela cidade amarrado ao para-choque do Infiniti novinho que acabou de ganhar do pai.

PEARL

Claro que eu tinha que encontrar Boyce Wynn na minha primeira noite na cidade. Boyce Wynn, meu anjo da guarda, o melhor amigo imaginário da minha infância, minha paixão secreta da adolescência, meu segredinho sujo.

Boyce salvou minha vida quando eu tinha cinco anos.

Era a primeira vez que eu ia limpar a praia. Eu havia acabado de entrar para o escotismo, e estava decidida a levar para casa o prêmio do meu grupo por mais sacos de lixo recolhido. Engraçado, não consigo lembrar qual era a recompensa que eu tanto queria, acho que era um daqueles bichinhos fofos cheios de grãos de plástico. Um golfinho? Uma baleia? Não lembro. Tudo que ficou na minha memória foi a determinação de ganhar o que quer que fosse.

Desobedeci à ordem para ficarmos juntas e me afastei mais do que era permitido. Quando estava recolhendo lixo na beira da água, vi alguma coisa que parecia sujeira, mas era um amontoado de algas escuras típicas do golfo. Segui as algas até perceber que tinha ensopado completamente meu shorts e, quando vi uma água-viva, a primeira que vi na vida, não me incomodei com as roupas molhadas. Queria ver aquela criatura transparente de perto. Parecia uma coisa irreal, e ela deslizava pela correnteza como se fosse feita de vidro fluido.

Não senti a leve inclinação do solo até dar um passo e despencar em um buraco. O nível da água subiu de repente e cobriu meus ombros. Também não vi a onda que me derrubou em seguida, por isso não tive chance de prender a respiração antes de afundar, ser arrastada e ficar desorientada. Eu sabia nadar, mas aquilo era diferente da piscina de água parada, onde eu conseguia ver o fundo de azulejos azuis embaixo e o céu limpo em cima, além da superfície

mansa e horizontal. Ali, a água escura formava várias correntes. Não havia em cima, embaixo, nem ar.

Então eu avistei uma luz. Nadei em direção ao foco brilhante batendo os pés e movendo os braços e emergi. *Ar!* Enchi os pulmões antes de afundar outra vez, não havia base nenhuma sob meus pés. Meu cérebro sabia que eu havia emergido de costas para a praia, porque simplesmente não a vi, era como se ela não existisse mais.

Bati as pernas com força e voltei novamente à superfície, os dois braços erguidos. Respirei e engoli um pouco de água, e a tosse sufocada expulsou o ar precioso dos meus pulmões quando afundei de novo. Nadei novamente para cima, braços e pernas se cansando rapidamente, e a única coisa que eu sabia era que precisava respirar. Nada mais importava. A água-viva que eu havia seguido, ou outra, não sei, surgiu diante dos meus olhos, como em um sonho, e de repente havia outras. Elas inflavam à minha volta como minúsculos guarda-sóis nadadores, ou fantasmas silenciosos.

Meus pulmões queriam ar, mas encontraram água. Comecei a enxergar tudo escuro. As águas-vivas se afastaram, o céu desapareceu.

Minha vida não passou como um filme diante de meus olhos. Foi só uma cena, uma lembrança. Na cozinha do nosso pequeno apartamento, senti o cheiro dos churros que minha mãe tirava da frigideira. Ainda quentes, ela os colocava em um saco de papel com açúcar e canela. Minha função era sacudir o embrulho e cobrir os churros antes de colocá-los sobre uma grade de arame para esfriar, mas eu não queria esperar. Abri um assim que o tirei do saco, e o vapor que se despreendeu da massa queimou a ponta dos meus dedos.

— Ai, ai, ai — falei, mordiscando um pedaço e, sem pensar, queimando a língua também.

— Sua coisinha boba e impaciente! — Minha mãe balançou a cabeça. — Se queimar a língua e não conseguir sentir gosto de nada, que diferença vai fazer se eu servir churros ou rocambolé de carne?

Torci o nariz em repulsa. Minha mãe cozinhava bem, mas nem ela era capaz de salvar um rocambolé de carne, que nós comíamos

pelo menos uma vez por semana.

Então ela olhou para mim e gritou:

— Acorda! Acorda!

Mas não era a voz da minha mãe. Era a voz de um menino, o grandalhão que tinha me chamado de burra naquela manhã. Minha mãe sempre me dizia para ignorar os garotos, principalmente os cruéis. “Eles só arrumam *encrenca*”, ela dizia. E eu não queria acordar. Mostraria a ele que nenhum menino me diria o que fazer.

Era como se meu peito estivesse sendo esmagado. Como se alguém pesado estivesse sentado em cima de mim, me espremendo até eu virar um waffle. Aquele garoto estava sentado em cima de mim? Doía muito. Eu precisava acordar e empurrá-lo dali.

Sentei, abri os olhos e vomitei, mas era só água. Tossi, tossi muito, e mais água jorrou da minha boca. Ele estava ali, parado, olhando para mim. O cabelo era curto, tão vermelho ao sol que parecia estar pegando fogo. E seu rosto não era de alguém cruel. Os olhos estavam cheios de lágrimas, e eu senti a mão dele segurando a minha. Sabia que ele estava triste, não ia arrumar encrenca nenhuma. Tentei dizer que o perdoava, mas não conseguia falar, porque meu peito ardia e minha garganta doía, então apertei a mão dele, e ele segurou a minha com mais força. Foi quando percebi que havia muita gente em volta, e que as pessoas riam e aplaudiam.

Eu não estava vendo nada de engraçado ali, nem ele. A srta. Eilish, a líder do meu grupo, estava chorando, e repetiu meu nome umas vinte vezes antes de agradecer ao menino e dizer que ele era um herói.

O jornal publicou fotos nossas. Recortei a matéria com a foto e os nomes relacionados na legenda. “Boyce Wynn e Pearl Torres.” O recorte ainda está guardado no anuário do meu primeiro ano de escola, o papel amarelado, a tinta desbotada.

Depois disso, eu o vi algumas vezes na escola, mas estava dois anos atrás dele, por isso sua sala ficava em um corredor diferente, e a mesa do almoço da turma dele ficava longe da minha. Todos os amigos dele eram meninos. Eles jogavam basquete ou futebol na hora do recreio, enquanto eu brincava nos balanços, jogava xadrez

na grama ou ia caçar sapos perto das calhas de escoamento depois que chovia.

Um ano se passou, e nunca conversamos nem trocamos um oi. Achei que ele havia esquecido quem eu era, até o dia em que um dos amigos dele pegou a bola que eu e minhas amigas usávamos para jogar futebol no parquinho.

— Devolve! — eu gritei com as mãos fechadas ao lado do corpo.

— Precisamos da bola para treinar chutes — o garoto respondeu, rindo. — Vão brincar com bonecas ou outra coisa qualquer.

Boyce se aproximou dele.

— Para de ser idiota, Rick — disse ele, tomando a bola das mãos do amigo e batendo no chão de cimento uma vez antes de jogá-la de volta para nós.

— Por que você fez isso, bunda-mole? — o amigo gritou de volta, porque os garotos gostavam de falar palavrão no parquinho, onde os professores não podiam ouvir. — São só meninas burras.

Boyce olhou diretamente para mim.

— Não são. — Ele não sorria com a boca, mas com os olhos. E olhou para os grupos espalhados pelo parquinho, em especial para alguns garotos que chutavam uma bola enquanto atormentavam as meninas sentadas nas pedrinhas embaixo das barras. — Vamos pegar a bola do Clark Richards. Talvez ele chore de novo.

— Isso! — os outros concordaram, e eles se afastaram.

— Obrigada, Boyce — falei quando ele se virou.

— De nada, Pearl — ele respondeu em voz baixa, sem olhar para trás.



Depois de se livrar do amigo de Boyce, Melody sentiu o humor melhorar. Para ela, até atenção indesejada sempre fora melhor do que nenhuma atenção. Depois de explicar as responsabilidades de uma executiva de contas jr. em uma empresa de relações públicas, ela enfiou uma fatia de limão pelo gargalo da garrafa de Dos Equis e deu de ombros.

— Então basicamente vou coordenar a publicidade nas mídias sociais para os clientes do ramo de utensílios domésticos e de produtos para pets.

Utensílios domésticos e produtos para pets? Eu não conseguia pensar em nada menos apropriado para Melody.

— Não vou só postar coisas no Twitter e em outras redes. Vou dirigir a produção de gráficos de estudo de mercado, que serão usados em todos os canais importantes de mídia social.

Utensílios domésticos e produtos para pets. As palavras dela soavam mais como uma justificativa do que entusiasmo de profissional em início de carreira. Relações públicas era algo muito distante do trabalho com que Melody sonhava quando tínhamos dezesseis anos. Ela queria trabalhar em um museu ou galeria, ajudando na curadoria das coleções, descobrindo novos talentos, garimpando obras geniais de artistas historicamente ignorados.

— Que legal, Mel. Eles devem estar muito contentes com a contratação.

— Ah, estão. — O sorriso dela era forçado, e pensei se eu sorria daquele jeito quando ainda planejava estudar medicina. — E você? Minha melhor amiga vai ser médica! Antes você do que eu, garota. Estou aliviada por ter acabado os estudos. Você vai ter que ir para Dallas um fim de semana pra gente poder sair de verdade. — Ela olhou em volta como se o Saloon fosse um lixão, e percebi que era assim que ela via a nossa cidade, e era uma visão que já existia fazia um bom tempo.

Mudei de posição na cadeira e respirei fundo.

— Ah, bom, sobre isso. Decidi que não vou estudar medicina. Melody ergueu uma sobrancelha.

— Mas você entrou na Vanderbilt! E o que mais poderia fazer?

— Você sabe que eu sempre gostei de biologia marinha...

— Pearl... você não pode estar falando sério! Você entrou numa excelente escola de medicina. Sabe quantas pessoas têm capacidade para entrar em um lugar desses?

Mais ou menos vinte mil por ano, pensei.

— E... ah, meu Deus! Sua mãe vai surtar se você desistir.

— A vida é minha, Mel, não da minha mãe. — Nós duas sabíamos o que eu não estava dizendo. Com exceção de pequenas revoltas sem propósito, Melody seguia o caminho que os pais traçavam para ela. O relacionamento anterior acabou quando o namorado admitiu que não tinha a intenção de pôr uma aliança no dedo dela depois da formatura, uma discussão que só aconteceu porque a mãe de Melody começou a fazer insinuações sobre casamento durante o feriado de inverno, sinal de que esse era o próximo evento programado no mapa da vida da filha — vida que ela controlava.

Ainda assim, eu queria poder retirar o que tinha acabado de dizer. Éramos amigas havia muito tempo, e eu não tinha direito de fazer julgamentos.

— Já comuniquei a desistência. Desistência não, porque não dá para desistir do que nunca comecei, certo? — Sorri esperando alguma compaixão, pelo menos não desaprovação. Já bastava o que teria que aguentar dos meus pais.

— Ai. Meu. Deus. Você vai mesmo ficar *aqui* em vez de ir para a faculdade de medicina e escapar deste buraco de cidade? Ficou maluca? — Ela se inclinou para mim e segurou meu pulso. — Espera aí. Isso tem a ver com o Mitchell?

— Não. Essa decisão não tem nada a ver com ele. — Mitchell não via as coisas desse jeito, mas eu nem ia entrar nesse aspecto da questão. — Melody, não sou como você. — Ela soltou a minha mão, inferindo o que eu não tive a intenção de dizer. — Nunca quis ir embora — esclareci. — Passei os últimos quatro anos sentindo falta do mar como se faltasse um pedaço de mim. Não quero viver em uma cidade grande. Quero praia. Quero o oceano. Quero isto aqui. Sempre amei este lugar.

Ela balançou a cabeça.

— Não consigo entender.

— Eu sei — suspirei e arrisquei uma olhada para o outro lado do bar, onde Boyce, agora enjoado do jogo de dardos, estava sentado e rindo, envolvido na conversa animada entre Mateo e o cara que tinha dado uma cantada em Melody um pouco antes.

Até ele beber um gole no gargalo da garrafa e olhar para mim, como se estivesse me observando o tempo todo, me mantendo ao alcance dos olhos.

4

BOYCE

Viver com meu pai era um pesadelo para o qual eu acordava todos os dias. Por isso nunca culpei minha mãe por ter ido embora quando teve a chance. Se houve alguma época em que ele não foi um cretino abusivo, foi antes de eu nascer. Quando xingar, gritar e jogar objetos deixou de surtir efeito sobre ela, meu pai passou a empurrar, estapear e puxar o cabelo. Quando estava muito bêbado, ele partia direto para os socos.

Brent, quase oito anos mais velho que eu, começou a se colocar na frente dos golpes quando tinha onze ou doze anos. Eu me escondia embaixo da cama ou no nosso guarda-roupa, e ele me dizia “fica aqui”, como se eu precisasse de incentivo para me esconder. Enquanto isso, ele tentava conversar com meu pai e tirá-lo do surto. Normalmente meu irmão acabava com alguns hematomas como recompensa pelo esforço.

Dias antes do meu aniversário de oito anos, ouvi um carro parar na frente de casa depois de uma das brigas entre os meus pais. Um minuto depois, as dobradiças enferrujadas da porta rangeram, e ouvi a voz de um homem, uma voz profunda e desconhecida. Saí de baixo da cama pensando que finalmente podia ser a polícia. Talvez eles prendessem meu pai, e ele teria que ficar lá para sempre. Fui espiar pelo canto do corredor. Havia um estranho parado na porta, mas ele não estava de uniforme. Meu pai estava caído em sua poltrona, desacordado, e havia uma garrafa pela metade no chão, ainda ao alcance dos dedos.

Minha mãe saiu do quarto dela arrastando um grande saco de lixo preto cheio de coisas. Sua bolsa preferida, uma com franjas e o símbolo da paz em strass roxo na frente, estava pendurada no ombro. Eu sabia que a marca vermelha no rosto estaria escura de manhã, e ela a cobriria com maquiagem, esfregando a base até dar a impressão de que era só uma sombra inofensiva.

O homem pegou o saco de lixo da mão dela.

— Mãe — Brent sussurrou firme, as mãos fechadas junto ao corpo. — Mãe, leva o Boyce.

Ela olhou para o homem parado na porta.

— Não vou levar criança nenhuma — ele disse, virando a cabeça para cuspir o chiclete no jardim.

Depois olhou para o meu irmão.

— O Boyce tem vocês. Vai ficar tudo bem, seu pai só tem ódio de mim. — A voz dela estremeceu quando os olhos atravessaram a sala. — Você sabe como acalmá-lo. Eu só consigo deixá-lo mais nervoso.

— Mãe, por favor. Ele é só uma criança...

O homem virou levando o saco preto.

— Ruthanne — disse. Era uma ordem.

Minha mãe o seguiu, mas parou e voltou para tocar o rosto de Brent. Aos quinze anos, ele era mais alto que ela.

— Vocês todos vão ficar bem, querido. — Sua voz era tão baixa que eu mal conseguia ouvi-la. As pedrinhas da bolsa refletiram o brilho da lâmpada lá fora e cintilaram como cacos de vidro. — O Carl provavelmente vai mudar de ideia. Só preciso de um tempo para amolecer o cara. Eu mando notícias.

Nunca mais soubemos dela.



A casa dos pais de Pearl ficava perto da praia, um bairro com residências que mais pareciam resorts do que lares que abrigavam famílias. Havia deques no fundo de cada uma delas, onde iates, barcos de pesca e jet skis eram convenientemente ancorados. As maiores, aquelas em terrenos de esquina e quintal nos fundos, como a casa dos Frank, tinham piscina, todas a poucos metros da praia. Também havia uma pista de pouso ali perto, conforto para as porras dos ricos que queriam acesso pessoal ao mar e ao céu.

Até o ensino médio, porém, Pearl e a mãe moravam no mesmo bairro que eu, do outro lado de um quarteirão comprido onde as três escolas se aglomeravam: fundamental I e II e ensino médio. A mãe dela trabalhava em um consultório médico, vivia com dificuldades como toda a classe trabalhadora. Às vezes, eu via as duas no mercado contando cupons promocionais no corredor de cereais, enquanto Brent comprava logo a marca da casa, sempre mais barata, ou na praia pública, brincando no mar.

Uma vez, Brent e eu fomos pescar no píer principal e eu as avistei. A sra. Torres estava lendo em uma cadeira dobrável enquanto a filha construía o castelo de areia mais feio do mundo. Uma brisa úmida carregou o som da risada das duas quando Pearl se levantou e pisou no castelo, como se fosse o Godzilla salvando um prédio horrível da vergonha. Ela caiu sobre a toalha de praia coberta de estampas das princesas da Disney e abriu os braços e as pernas como uma estrela-do-mar, e a mãe lhe deu um lenço umedecido e um saquinho de gomos de laranja. Olhar para as duas me fez sentir uma dor de alegria e inveja, até eu não poder olhar mais.

Brent convencera meu pai de que nós dois estávamos dormindo quando minha mãe foi embora. Que não sabíamos como ela havia fugido ou com quem. Ela não deixou pistas que meu pai pudesse seguir. Furioso, ele destruiu o quarto deles no trailer e tudo que minha mãe havia deixado, como se aquele saco preto não contivesse tudo de que ela gostava. Como se ela não tivesse deixado tudo que não era importante o bastante para ser levado.

Minha primeira passagem pelo terceiro ano começou duas semanas depois de ela ter saído de casa. Nem preciso dizer, considerando que fui reprovado, que o ano não foi bom. Dizem que o cérebro é capaz de bloquear lembranças dolorosas, deixando espaços e lacunas no lugar delas, mas não foi assim comigo. Eu me lembrava de tudo.

Meu irmão sempre tentou me proteger, mas eu era um fardo do qual ele não conseguiu se livrar. Não tive coragem nem de contar que ouvi a última conversa entre ele e minha mãe. O pedido dele. A mentira dela. *Eu mando notícias.*

Vi no rosto de Brent que ele não acreditava em nossa mãe.
Mas eu acreditei.



Sempre que há um grupo de pessoas, existe uma hierarquia, inclusive na escola de ensino fundamental. Quando você chega ao quarto ano, não é mais um dos pequenos, e só o pessoal do quinto ano pode ser melhor que você.

A menos que quarenta colegas de classe sejam aprovados para o quarto ano, e você seja o único merda que fica no terceiro.

Assim como meu irmão, sempre fui grande para a idade. Mas repetir um ano mostrou ao mundo que eu também era burro, por isso me destacava como um mutante idiota no meio dos colegas mais novos. Eu me encolhia quando andávamos em fila única pelo corredor para ir ao refeitório ou à biblioteca. Dobrava o corpo como papel amassado, esperando passar despercebido quando sentávamos em círculo para ler em voz alta, a pior coisa que uma professora já inventou. Invisibilidade era o superpoder que eu mais queria, mas nunca fui tão visível.

Meninos aprendem a dizer bobagem uns para os outros assim que aprendem a falar. É o que a gente faz. Mesmo para os amigos, às vezes principalmente para os amigos. Mas entre os amigos, alguns assuntos são vetados. Por exemplo se sua mãe foge de casa com um cara qualquer e deixa você para trás como se fosse lixo. Ou se seu pai passa várias noites na cadeia por beber e causar desordem em locais públicos. Ou se você é burro o bastante para repetir o terceiro ano.

Esses são os assuntos que nenhum amigo menciona, mas que outros meninos pegam e atiram como pedras, porque essa história de que *palavras não machucam*, bom, isso é mentira. Quando o que dizem é mau e verdadeiro, as palavras penetram sua armadura e cortam fundo. E, se você reage com a única arma que tem — os punhos, no meu caso —, você é o cara mau. Porque as armas dos outros eram “apenas palavras”.

Eu já tinha escutado a palavra “alcoólatra” antes. Minha mãe a repetia exaustivamente para o meu pai, quando não o chamava de outras coisas. Brent me explicou que “alcoólatra” era outro jeito de dizer que alguém estava bêbado, um jeito mais gentil, porque dava a impressão de que a pessoa era doente, não de que fazia escolhas ruins.

— Meu pai está doente ou está fazendo escolhas ruins? — perguntei uma vez quando fiquei doente, vomitei muito, fiquei de cama e bebi refrigerante de limão.

— As duas coisas — Brent respondeu. — Mas, se você fica doente e não tenta melhorar nunca, chega uma hora em que parece que você está fazendo uma escolha ruim atrás da outra, e ninguém mais se importa com a doença.

A palavra que eu nunca tinha ouvido era “puta”. Podia não saber o que significava, mas sabia que não era uma boa coisa, porque era sussurrada, e as pessoas riam e ela era arremessada como lança quando estava relacionada à “mãe do Boyce”.

— O que você disse? — perguntei ao garoto que havia falado a palavra. Um aluno da minha nova turma. O sorriso desapareceu dos lábios dele como se tivesse sido apagado. O menino arregalou os olhos e engoliu em seco, mas não respondeu.

— Ele falou que sua mãe é uma puta. — Eram quatro meninos, todos menores que eu, todos imóveis como estátuas e com as mãos fechadas, prontos para brigar ou correr. Era como uma matilha de lobos pensando em enfrentar um urso.

— Cala a boca, Eddie! — disse o primeiro menino.

Eddie Standish era o que estava mais longe de mim, por isso se comportou daquele jeito, todo cheio de coragem e atitude.

Agarrei o menino que estava mais perto pelo colarinho e usei o corpo dele para acertar Standish. Caímos um em cima do outro, e a última coisa que vi antes de o mundo ficar vermelho foi o medo na cara deles. Eu havia posto aquele pavor ali. E não estava arrependido.

Eu estava prestes a ser expulso. *Do ensino fundamental!* Olhando para os punhos esfolados sobre minhas pernas como se fossem de outra pessoa, fiquei em silêncio quando o diretor Jaynes perguntou: “Onde estava com a cabeça, mocinho?” Não ia contar o que falaram sobre minha mãe, por isso não disse nada. Não queria que ninguém soubesse. Dois garotos ainda estavam na enfermaria da escola, e dois haviam estado na diretoria antes de mim. Agora ele telefonava para os pais enquanto eu esperava sentado no corredor, sozinho. Com os cotovelos apoiado sobre os joelhos e a cabeça nas mãos, escondi o rosto e imaginei meu pai aparecendo, as roupas e as mãos sujas de graxa, o hálito cheirando a uísque e fúria.

— Preciso falar com o diretor Jaynes. — A voz era suave, mas soube de quem era antes de olhar.

Por entre os dedos, vi a mulher sorridente do outro lado do balcão e a menininha de costas para mim. O cabelo comprido e escuro havia sido domesticado numa trança grossa que descia pelo meio das costas.

— Ele está um pouco ocupado agora, Pearl. Posso ajudar em alguma coisa, meu bem?

Pearl pôs as mãos sobre o balcão alto, que ficava bem embaixo de seu queixo.

— Preciso falar com ele sobre a briga. Sobre o que os meninos disseram. Sou testemunha.

Senti a boca seca, o NÃO entalado na garganta.

A mulher olhou para mim e disse:

— Ah, bom, então... — E pegou o telefone. A voz profunda e baixa do sr. Jaynes foi ouvida no corredor quando ele atendeu a ligação. Um minuto depois, Pearl foi levada à sala dele, cuja porta foi fechada assim que ela entrou. Quando saiu, ela olhou para mim de relance. Era tão pequena que seus olhos e os meus ficavam quase no mesmo nível, embora eu estivesse sentado.

— Você é melhor que eles, Boyce Wynn — ela sussurrou ao passar.

PEARL

Minha mãe piscou para mim como se não soubesse mais falar inglês. *Chegou a hora*, pensei.

Quando ela e Thomas voltaram de Houston, eu estava no deque olhando para a água no banco de areia do outro lado do canal e ensaiando meu discurso: “Não vou mais estudar medicina”. Não que os ensaios pudessem diminuir o choque, considerando o silêncio atípico e o fato de as sobrancelhas dela quase terem desaparecido no meio do cabelo, no alto da cabeça.

Quando recuperou a voz, minha mãe disse:

— Você comunicou sua desistência a Vanderbilt? Assim...

— Assim, avisei que não vou para lá.

Ela ficou com a boca aberta por um momento, depois a fechou e cerrou o maxilar.

— E Harvard? Michigan?

Foi minha vez de hesitar, perplexa. Eu havia acabado de dizer que tinha decidido não estudar medicina, o que não era uma decisão

específica sobre Vanderbilt ou Harvard. Fazendo esforço para amenizar o golpe, contei que tinha sido aceita no programa de pós-graduação em biologia marinha, mas ela fingiu não ouvir.

— Bom, eu estava na lista de espera de Harvard, mãe, eu te contei. E em Michigan também. Mas...

— Columbia?

Mudei de posição no sofá.

— Recusei.

— Stanford?

— O Mitchell não entrou em Stanford, lembra? Desisti no outono passado, troquei por Vanderbilt.

— E também desistiu de lá.

Assenti, suspirando.

— Sim, mas a desistência, as listas de espera... nada disso é importante para o que estou dizendo. Ser médica não é o que eu quero...

— Você *não* vai jogar seu futuro fora, Pearl. Trabalhei duro demais para isso. E você se esforçou muito. Você nunca teve medo de nenhum desafio. Nunca em toda sua vida. Por que agora?

Ela não me conhecia tão bem quanto eu imaginava, ou talvez ignorava de maneira seletiva tudo o que me fazia parecer menos que a filha perfeita. Enfrentei o medo muitas vezes, mas medo não tinha nada a ver com a minha decisão. Na verdade, meu medo era abandonar o plano original para fazer uma coisa que parecia ser certa, mas ao mesmo tempo impulsiva e inconsequente. E tinha medo de desapontá-la, o que claramente eu já estava fazendo.

— Mãe, minha escolha não tem a ver com medo. Estou falando do que quero estudar e de como quero viver minha vida. O assunto aqui é o que é importante para mim...

— Não.

Não? Caramba. Isso foi pior do que eu esperava. Baixei os olhos procurando as palavras para fazê-la entender antes de a situação descambar para um impasse sem possibilidade de solução.

— Oi, Pearl... Seja bem-vinda — disse Thomas. Ele estava no meio da sala quando percebeu a tensão no ar. Seu sorriso desapareceu. — O que foi?

— Sua filha não quer ir para a faculdade de medicina. — A voz da minha mãe era dura. Além do mais, ela falava como se eu não tivesse nada planejado para meu futuro.

— Ah, é? — Thomas parecia mais curioso do que preocupado.

— Fui aceita no programa de pós-graduação em biologia marinha. Aqui.

Parado no meio da sala como se não soubesse se devia sair ou ficar, ele olhou para mim, para minha mãe e então para mim de novo.

— Bem, isso é... interessante. Por que mudou de ideia?

— Ela não vai mudar de ideia! — minha mãe interferiu, como se nada do que eu dissesse fosse suficiente para tirá-la do estado de negação. — Ainda está na lista de espera de Harvard. Eles podem chamá-la a qualquer momento.

— Mãe, isso não importa...

— Planejamos isso durante toda sua vida, e você diz que não importa? Seu pai sacrificou a vida dele por isso, e não importa?

Respirei fundo, sentindo a menção a meu pai como um golpe no peito. Ela havia me contado a história deles, a minha história, uma vez, com a voz entrecortada, baixa, mas nunca usou o nome dele como endosso ou reprovação. Claro, nunca tinha sido necessário. Até agora.

— Essie... — Thomas começou.

Ela ficou quieta, os lábios comprimidos em uma linha fina.

Meus pais, jovens e apaixonados, ela grávida, decidiram fugir para escapar de um cartel de drogas mexicano de uma gangue com a qual ele havia se envolvido, deixando para trás tudo e todos que conheciam para que eu pudesse nascer nos Estados Unidos. Para construírem uma vida nova para nós três. Para me darem oportunidades que nunca tiveram e um futuro livre da violência que enfrentavam na minha idade. Meu pai, que ainda nem tinha vinte anos, adoeceu e morreu durante a travessia em um caminhão abafado e superaquecido; minha mãe, adolescente, enfrentou a perda do garoto que amava e a separação da família e dos amigos, e eu nasci em solo americano, o primeiro sonho deles para mim.

Minha mãe limpava quartos de hotel e casas enquanto aprendia a escrever e falar um inglês impecável e conquistava sua cidadania. Minhas primeiras lembranças não são de amiguinhos ou de pré-escolas, mas de bibliotecas onde bibliotecárias prestativas me mantinham entretida com vários livros e vídeos educativos enquanto minha mãe aprendia a usar o computador. Sua ambição valeu a pena, e depois de um tempo ela se tornou gerente do escritório de um movimentado consultório de pediatria. Alguns anos mais tarde, conheceu o dr. Thomas Frank, que manteve distante até ter certeza de que ele entendia e aceitava a prioridade dela: eu.

Meu celular emitiu um ruído de mensagem, uma interrupção bem-vinda, independentemente de quem fosse. Olhando de relance para a tela, falei:

— Preciso ir cuidar da roupa suja. — Saí da sala e subi a escadaria curva.

Ainda anda com a Dover, hein? Boyce

Você sabe que ela odeia ser chamada assim.

Se está tentando me convencer a parar, essa é uma linha de raciocínio que nunca dá certo... rs

Tipo, acabei de te dar
mais impulso para
continuar.
suspiro

Se impulso significa TODOS OS MOTIVOS,
então sim.

A primeira vez que ouvi Boyce chamar Melody de "Dover" foi mais ou menos um ano depois da briga entre ele e alguns meninos de sua classe no parquinho da escola. Eu fui defendê-lo na sala do diretor Jaynes depois daquela briga. Nunca havia entregado alguém antes, mas não tinha mais ninguém do lado de Boyce. Eu precisava ajudar. Alto, com cabelos prateados e bem aparados, o nariz meio torto e queixo duro, o diretor da nossa escola fazia os alunos estremecerem de medo sem dizer uma palavra. Minhas mãos tremiam e meu estômago ameaçava se rebelar enquanto eu contava as coisas feias que aqueles meninos haviam falado sobre a mãe do Boyce. Nunca soube ao certo se foi meu depoimento que o ajudou a escapar do castigo, mas gosto de pensar que paguei parte da dívida que tinha com ele por ter salvado minha vida.

Minha mãe costumava me dar um par de sapatos novos no começo do ano letivo e outro na primavera. Mas no meio do terceiro ano meu pé havia crescido dois números depois de um estirão que só incluiu mesmo os pés, então fomos à Thrifty Sense procurar alguma coisa de segunda mão para quebrar o galho. Fiquei maluca com um par de tênis brilhantes que custava cinco dólares, e minha mãe concordou em comprar depois de perguntar várias vezes:

— Tem *certeza* que vai querer usar esses tênis todos os dias até o feriado de primavera?

Eu assenti e implorei até que, suspirando, ela cedeu.

Melody Dover estava um ano na minha frente na escola e era uma das meninas ricas, por isso ela nem tomava conhecimento da minha existência. Até eu aparecer na escola usando os tênis que ela havia descartado.

— Olha! Aquela coisinha está usando meus sapatos! — ela disse para um trio de amigas durante o recreio. — Ainda têm o cadarço cor-de-rosa ridículo. Comprei para aqueles tênis.

Todas riram ou falaram “meu Deus”, e eu continuei andando para os balanços como se não as ouvisse, mas minha visão ficou turva e meu rosto esquentou.

— Ei, você... Esses sapatos eram meus até eu enjoar deles e jogar fora.

Tropecei, queria poder derreter e desaparecer no chão.

— Aposto que precisou dar os tênis porque seus pés grandes, gordos e largos não cabiam mais neles, Dover.

Reconheci a voz que falava com ela, mas não olhei para trás.

— Cala a boca, Boyce, seu idiota. E não me chama pelo sobrenome, não sou menino!

— Aaah nããã, a Dover me chamou de idiota. — Ele riu. — Acho que ela late mais do que morde. Dover, Dover, “Rover” Dover... *Au!*

As amigas dela caíram na risada e começaram a latir e a repetir “Rover Dover” enquanto Melody gritava para elas pararem, e eu continuava me afastando, não mais sendo o alvo do deboche de Melody.

Ela não se lembrava de mim ou daqueles tênis, como ficou comprovado na primeira vez em que nos reencontramos oficialmente cinco anos mais tarde, no primeiro dia de aula do ensino médio. Eu pulei o nono ano, graças ao dinheiro do meu padrasto, que pagou pelas provas que confirmaram meu nível de conhecimento acadêmico. Apesar de ficar feliz com o desafio intelectual, avançar um ano significava perder meus poucos amigos. Não reconheci quase ninguém nas primeiras três aulas, e ninguém me reconhecia

nas novas roupas de grife. Deprimida, fui ao banheiro um pouco antes do almoço, pensando em me esconder em uma cabine pelo resto do intervalo.

Melody Dover estava debruçada sobre a pia lascada, olhando para o espelho, soluçando e, ao mesmo tempo, tentando inutilmente ajeitar o rímel borrado.

Meu primeiro impulso foi virar e sair antes que ela me visse. Ela era mimada e cruel, coisa que eu sabia por experiência própria.

— Hum... Tudo bem? — perguntei. E senti vontade de me chutar. Não devia me importar com sua evidente infelicidade. Ela provavelmente a merecia.

Ela virou, fungou, e vi a pele clara sob os olhos toda preta de rímel.

— Tudo péssimo. *Tudo*. Meu namorado é um babaca, meus pais são ridículos e acabei de ter uma briga horrível com a minha melhor amiga, que é uma vaca!

Eu me aproximei e ofereci uma toalha de papel, e Melody redobrou o esforço para limpar o rímel. Eu nunca tinha tido um namorado. Minha mãe e meu padrasto me apoiavam completamente e me mimavam. Tinha amigos, mas nenhum que eu pudesse chamar de melhor amigo com a certeza de ser correspondida. E nunca briguei com nenhum deles.

Sem as manchas de rímel, Melody suspirou e conseguiu parecer uma menina bonita, embora triste. Nada de nariz vermelho ou escorrendo. Nada de pele manchada. Não era justo.

— Seu sapato é lindo — ela comentou e fungou de novo. — Onde você comprou?

Por um momento, pensei que ela se referia aos malditos tênis prateados que eu odiei amarrar todos os dias durante dois meses, embora ela nunca mais tivesse falado comigo. Mas seus olhos verdes estavam arregalados e eram sinceros. Ela não lembrava o que fizera comigo cinco anos atrás nem da minha associação com o apelido que Boyce inventou e ainda a deixava furiosa.

— Na Barney's. Em Nova York — respondi.

Como eu tinha só treze anos, minha mãe e Thomas me levaram na lua de mel. Ficamos em uma suíte no Plaza, onde eu tinha um

quarto só para mim e assistia à televisão durante a noite toda numa cama king size, tentando não pensar no que estava acontecendo no quarto adjacente. Passávamos os dias fazendo compras e visitando lugares como o Empire State Building, o MOMA e o Ground Zero. À noite, passeávamos pela Times Square, vimos um espetáculo na Broadway e comíamos em restaurantes que deixavam minha mãe nervosa com tantos talheres e com a roupa que ela vestia. Thomas ria de um jeito encantador e dizia que ela podia comer o risoto de cogumelos com a colher de sopa e o peito de pato assado com o garfo de sobremesa, porque ele não se incomodaria.

— Você foi fazer compras em Nova York? Que sorte! — disse Melody. — Minha mãe e eu vamos a Houston todo ano na primavera, mas não é a mesma coisa.

Dei de ombros sem saber o que dizer à garota cujo nariz eu queria esmurrar havia anos, e que agora me olhava com admiração e inveja. Saímos do banheiro juntas minutos mais tarde, e somos amigas desde então.

A Melody me contou
sobre seu pai. Queria
dizer que sinto muito...

Não desperdice sua solidariedade.

A gente se vê enquanto você estiver por
aqui?

Olhei para a pergunta inofensiva, mas senti que havia outra por trás. As palavras de minha mãe ecoaram: “Você nunca teve medo de nenhum desafio. Nunca em toda sua vida”. Não era verdade. Não mesmo.

Eu conversei com uma pessoa quando recebi o e-mail de aceitação na pós de biologia marinha, no recesso de inverno. Não era meu namorado. Nem Melody, nem minhas colegas de república, as que se candidatavam e, em muitos casos, não eram aceitas em faculdades de prestígio. Também não tinha sido com os meus pais.

Eu contei a Boyce sem hesitar. Contei a ele com a voz de alguém que não planejava seguir o sonho da faculdade de medicina e que, com isso, desiludiria todo mundo que conhecia.

Ele olhou para mim uma vez e foi direto ao centro da questão.

— Quando vai parar de ter medo de viver a sua vida, Pearl?

Ninguém nunca tinha me perguntado isso. Ninguém sabia disso. Fui a oradora da nossa turma no ensino médio. Saí de casa para estudar e me dediquei muito, me formei com as notas mais altas da turma. Fui aceita em várias faculdades de medicina de prestígio no país. Dava a impressão de segurar a vida pelo pescoço, mas isso era ilusão. Porque eu tinha medo da morte de quem eu realmente era e do que eu realmente queria. E, de algum jeito, ele sabia disso. Sempre soube.

Sim, vou passar o verão
todo aqui.

5

BOYCE

Eu não sabia quando Pearl iria embora, não sabia nem se tinha decidido ir, mas ela disse que ficaria o verão todo, o que significava que o namorado dela podia aparecer outra vez. Ele passara uma semana aqui no último ano, conversando com os pais dela e fazendo piadinhas idiotas sobre o lugar onde crescemos. Eu só estive perto dele duas vezes, mas precisei de uma tonelada de autocontrole para impedir minha mão fechada de empurrar de volta para aquela boca todas as gracinhas sobre a cidade. Ele exibia sua inteligência como se isso fosse desculpa para bancar o superior com a Pearl também.

Depois que ele finalmente sumiu, Pearl e eu nos encontramos no nosso lugar na praia, uma alcova aberta nas dunas onde um dos monstruosos hotéis da ilha havia construído um calçadão particular de acesso à praia. Poucas pessoas passavam pelo portão trancado depois que escurecia, e as dunas, cheias de cactos, vegetação nativa e ocasionalmente uma cobra, isolavam aquele trecho da praia dos pátios iluminados e das varandas dos quartos do hotel.

Quando cheguei, ela me olhou do degrau largo e coberto de areia onde estava sentada e perguntou o que eu tinha achado do namorado dela.

— Um babaca — respondi e sentei ao lado dela.

— Uau. Não, é sério, quero saber o que achou dele.

Dei de ombros.

— Você perguntou, achei que queria a verdade. — Ela assentiu, e eu continuei: — Não gosto de como ele fala com você. Acho que pode te magoar, e espero que os machucados sejam só emocionais, senão vou ter que acabar com ele.

Ela se inclinou para trás, a cabeça pendendo para um lado, como sempre fazia quando tentava entender alguma coisa complicada. Engraçado, considerando que eu sempre fui tudo, menos complicado. *Boyce Wynn: O que você vê é tudo o que há para saber.*

— Caramba, Boyce. O que ele falou pra te dar essa impressão?

— Não é tanto o que ele fala, é mais como ele fala.

Ela franziu a testa. Minha resposta não era boa o bastante para uma garota que vivia e respirava fatos concretos.

— Está... com inveja? Sei que o Mitchell teve oportunidades que você não teve e que a família apoia as ambições acadêmicas dele. Mas eles não são ricos.

Ela pensava que eu invejava a infância maravilhosa e a educação primorosa do namorado dela? Que merda.

— Não tem nada a ver com dinheiro ou *oportunidades* que eu nem ia querer, mesmo que fossem oferecidas. Ele é esperto. Reconheço. E faz questão de que todo mundo saiba disso.

Não sabia como explicar que o cara fazia me lembrar do meu pai, que aterrorizava todo mundo que podia gostar dele por ser um covarde e saber que nunca teria coragem para largar a bebida. A aparente valentia escondia a fraqueza dele. O namorado de Pearl era o oposto do meu pai, aparentemente, mas escondia alguma coisa. O que quer que fosse, o filho da mãe escondia bem o bastante para enganá-la.

— Está dizendo que não gostou do Mitchell porque ele é esperto?

Caramba, às vezes ela era muito sem noção.

— É, é isso. Ainda bem que o Maxfield não é um gênio, ou eu teria que odiar o cara. Ah, espera.

Ela revirou os grandes olhos castanhos.

— É diferente.

Se eu odiasse pessoas inteligentes demais, teria estragado tudo com ela desde o primeiro dia. Pearl era a pessoa mais inteligente que eu conhecia, e meu melhor amigo do colégio vinha logo atrás dela, estava se formando na mesma universidade gigantesca e se preparava para ir morar no norte, onde teria um emprego na área de bioengenharia em Ohio.

— Tem razão, Maxfield é diferente. Ele não é um babaca.

— Bom, vocês são amigos desde sempre...

Eu ri.

— Não é desde sempre. A gente se pegou de porrada no nono ano. — Logo depois do pior verão da minha vida, quando recebemos a notícia de que Brent havia morrido no Iraque dois meses antes de poder voltar para casa. Eu esperava escapar do meu pai, mas, em vez disso, passei a ser o único alvo de seus ataques ininterruptos.

Por alguma razão, Maxfield foi o cara em quem decidi despejar tudo. Talvez por ele ter sido o único corajoso (ou idiota) o bastante para falar o que eu precisava ouvir.

Eu estava me transformando em alguém exatamente igual ao meu pai, e nem percebia.

— A Melody me contou sobre essa briga, mas achei que era exagero dela.

— Não foi exagero. Eu tenho isto aqui de lembrança. — Apontei a pequena cicatriz perto do meu olho direito e fiz uma careta. — Mas ele também tem a dele. Depois disso, ficamos afastados por um tempo.

Pearl sorriu e balançou a cabeça, virando para olhar a escuridão e organizar os pensamentos antes de falar, como sempre fazia. Fiquei olhando para ela e esperando. A lua era só um crescente sobre a água, suavizando os contornos de seu rosto, e o brilho das estrelas tremulava em seus olhos. O ir e vir das ondas na areia repetia a conhecida trilha sonora de nossa vida.

— Não espero que seja amigo do Mitchell — ela disse. — Seria esquisito.

É, seria esquisito. Eu a queria havia muitos anos. Ela era o vício que eu nunca havia superado, porque não queria a porra da superação.

— Posso ter ciúme, mas não é por isso que não confio nele — respondi, e ela olhou para mim. Queria mergulhar naqueles poços profundos que eram seus olhos. — Eu protejo você, Pearl. É só o que eu faço.



Brent me protegeu até o dia em que saiu da cidade. Durante toda a nossa vida, ele disse que meu pai era um idiota e que eu não devia prestar atenção ao que ele falava de mim ou a qualquer outra coisa que partisse dele. Ele impedia meus castigos, merecidos ou não, às vezes fisicamente, mas geralmente era pela negociação. Meu irmão era um pacifista por natureza, o tipo de garoto que se metia nas brigas dos vizinhos para tentar resolver o problema antes da troca de socos, que decidi se juntar à marinha aos dezoito anos, o que foi ainda mais incrível para mim. Aos dez, eu pensava que todos os fuzileiros eram caras que gostavam de lutar e atirar nas pessoas.

Ele planejava servir durante quatro anos, depois pedir baixa e voltar para cuidar de mim.

— Se tivesse jeito de tirar você dele agora, eu tiraria... Mas ninguém deixa uma criança escolher seu cuidador. E eu mal sou adulto. — Ele andava pelo quarto abafado que dividíamos no fundo do trailer. Meu irmão acabara de se formar no colégio e começaria o treinamento na Califórnia em agosto, quando eu começaria o quinto ano. — Quando eu sair, vou ter mais idade. E você também vai estar mais velho e no ensino médio. Vou arrumar um emprego decente. Vamos sair daqui, e ele nunca mais vai encostar um dedo em nenhum de nós.

Meu irmão também era um sonhador, mas eu imaginava que os heróis eram assim, que era assim que mudavam o mundo, sonhando como ele deveria ser, sobrepondo essa imagem à realidade. Queria acreditar no que ele dizia. Queria acreditar que, quando Brent voltasse, meu pai ficaria tão feliz por se livrar da porcaria que eu era que me deixaria ir.

Brent foi para San Diego, depois para Quantico, e, um ano mais tarde, depois do 11 de setembro, para o Afeganistão. Depois de ser condecorado por boa pontaria no treinamento, ele passou a cabo e tornou-se um exímio atirador. Quando eu tinha catorze anos, meu irmão foi mandado para o Iraque. Meu pai pendurou uma bandeira dos Estados Unidos na janela da oficina e ouvia os elogios de todo mundo que parava para falar sobre como ele devia estar orgulhoso por ter um filho servindo o país, como se ele tivesse alguma coisa a

ver com isso. Como se aquilo não fosse exatamente o oposto de tudo que Brent defendia.

Não nasci com a mesma capacidade do meu irmão para dispersar a raiva; herdei da minha mãe a tendência para alimentá-la sem nem tentar. Não importava o que eu fazia ou deixava de fazer, o que dizia ou não, eu era o único que restava para provocar os surtos de fúria alcoólica do meu pai. Era o bostinha fodido, o cretino imprestável, o covarde filho da puta, o idiota inútil miolo de merda. Eu engolia cada palavra, exceto as que tinham a ver com Pearl. Salvar a vida dela foi minha única boa ação, e eu sabia disso.

Quando ela chegou ao fundamental II, ainda era pequena e muito quieta. Parecia mais indefesa do que nunca. Não percebi quando ela sentou à ponta da mesa da qual Rick e eu havíamos nos apoderado para almoçar desde o ano anterior. A mesa dos excluídos, nós a chamávamos, mas isso não significava que qualquer doido podia plantar a bunda ali.

— Ei, coisinha... Crianças do sexto ano não sentam com a gente — Rick falou. Ele e eu já sofríamos bastante com o bullying do pessoal do oitavo ano sem acolher pessoas que seriam como ímã para mais tormento. Levantei a cabeça certo de que iria ver um garoto magricelo se levantando. Mas a pessoa que pegava a bandeja da mesa era Pearl Torres.

— Cala a boca, Thompson — falei olhando nos olhos escuros de Pearl, escondidos atrás de óculos tão grandes que cobriam quase todo o rosto dela. O cabelo era uma loucura, agora que estava livre das tranças e fitas que ela sempre usava para deixá-lo preso. — Fica — falei para ela. — Tudo bem.

Ela assentiu e sentou. Todos os dias, durante dois anos letivos, ela se sentou à ponta da nossa mesa, os ombros caídos, o cabelo escondendo parcialmente o rosto, almoçando em silêncio e lendo um livro, ou fazendo a lição de casa. Ninguém a incomodava, a menos que a intenção fosse me atingir. Não me envolvi em muitas brigas na segunda metade do fundamental. Brent me fez jurar que eu ficaria longe de encrenca quando ele partiu para o treinamento militar, e o medo de chamarem meu pai à escola era imenso. Mas eu era maior

que o irmão mais velho de Rick, o Randy, que tinha idade suficiente para dirigir, por isso não eram muitos os caras que me provocavam.

PEARL

— Evan chegou ontem à noite com sua aspirante a manequim a tiracolo.

Eu estava quase me acostumando novamente com Melody começando conversas exaltadas no segundo em que entrava no meu carro, antes mesmo de colocar o cinto de segurança ou perguntar aonde íamos.

Ela bateu a porta do meu GTI, e eu me encolhi com a violência da pancada.

— Aquela cópia de Barb Dover! Toda “sim, fofinho” e “como você quiser, Evan”, como se não tivesse opinião sobre nada nem a intenção de formar uma.

Esse não era o momento para apontar a hipocrisia do julgamento que ela fazia da futura cunhada, provavelmente.

— Mas meus pais estão dando pulos! Finalmente vão ter a filha que sempre quiseram. Evan a pediu em casamento e deu a ela o anel de esmeralda de três quilates que era da minha avó Bea.

— O quê? — reagi. — Mas ela deixou o anel pra você em testamento! — A avó de Melody, uma força da natureza sem freio na língua, era a única pessoa da família que a havia incentivado a lutar por independência. Ela também não hesitava em estimular a neta favorita a se rebelar com mais frequência, afirmando que os pais dela mereciam.

— Sim. E o que eu posso fazer? Processar meus pais, meu irmão e o clone da mamãe que ele escolheu para namorar? — A voz dela estremeceu, e eu não soube o que dizer.

Minha mãe e Barbara Dover frequentavam o mesmo círculo social desde que mamãe se casou com Thomas. Apesar de não medir esforços para não fazer fofoca, às vezes ela voltava para casa de um almoço ou de uma reunião da Liga Juvenil resmungando em espanhol, e, mesmo que falasse muito rápido ou baixo para eu conseguir traduzir, dava para ouvir a palavra “Barb” várias vezes.

— Eles sabem que não posso fazer nada. É assim que me castigam por eu ter terminado o namoro com o Matt, em vez de arrancar dele um pedido de casamento. — A mãe de Mel esperava que ela estivesse noiva aos vinte e dois anos. Quem fazia isso?

— Não foi o Matt quem terminou com você? — *Depois que sua mãe te deu a assinatura de uma revista de noivas como presente de Natal*, acrescentei em pensamento.

Ela suspirou.

— Não. Ele só não queria casar tão cedo, ou nunca, e eu terminei tudo. Minha mãe me convenceu de que, se eu fizesse as coisas direito, ele faria o pedido. Mas passei duas semanas tomando sorvete e bebendo tequila sem nenhum outro resultado além de três centímetros a mais de bunda.

— Então ele não queria terminar. Ele só não queria casar. Ah, Mel.

— Eu sei. Podemos não falar sobre como sou idiota? Eu tinha um relacionamento legal com um cara decente e estraguei tudo. *De novo*.

Quando estávamos no colégio, Melody, sem mencionar metade da cidade, descobriu que o namorado a traía. Clark Richards e mais três caras do time de beisebol fizeram uma orgia com três

universitárias que estavam passando férias na cidade. Eles foram para a casa que o pai dele alugava na praia. Um dos caras filmou algumas cenas, que se espalharam entre os alunos do colégio como fogo em palha seca. Não foi a primeira vez que Clark a traiu, mas foi a única registrada em vídeo, testemunhada por praticamente todo mundo. Nunca senti tanto orgulho de Melody quanto no dia em que ela terminou tudo com Clark.

Mel começou a sair com o melhor amigo de Boyce, Landon Maxfield. Eu disse que era melhor ela não se envolver com o Landon, porque eu temia que ela estivesse se encantando pelo bad boy e acabasse se machucando outra vez. Foi quando ela me contou sobre as conversas que tinham. Como ele se interessava pela opinião dela a respeito de tudo e se importava com seus sentimentos. Como ele a fazia rir. Como os beijos dele provocavam coisas que os de Clark nunca haviam provocado.

Clark descobriu imediatamente, claro. Por mais que a população da ilha crescesse durante a alta temporada, para nós que morávamos ali continuava sendo sempre uma cidade pequena, onde ninguém guarda um segredo por muito tempo. Ele mandou enormes buquês de rosas. Deu-lhe uma pulseira cravejada de diamantes em uma caixa forrada de cetim cor-de-rosa, implorou para voltar e jurou que nunca mais a trairia. Os pais dela o aprovavam; o pai de Clark era um importante empreiteiro e ainda mais rico que os Dover. Ele era um ano mais velho, popular e atraente de um jeito convencional, um jeito que envolvia dinheiro antigo.

E também era um rato, um traidor filho da mãe, mas não consegui convencê-la de que aquela história de quem mente uma vez mente sempre podia não ser um julgamento absolutamente seguro, mas era uma hipótese bem testada e comprovada.

Ela nem falou pessoalmente com o Landon. No dia seguinte, no corredor do colégio, o namorado dela o procurou para dizer que ele não passara de uma vingança, só isso. Naquela época eu não conhecia o Landon muito bem, mas sabia que ele não merecia minha melhor amiga olhando para o chão enquanto o namorado dela dizia que ele era um lixo.

Então, o Clark se formou e deu um pé na bunda de Melody, como se o namoro de dois anos e todas as promessas não significassem nada. Eu não queria estar certa. Não queria a prova de que tudo que vai volta.

— E você? — Melody falou quando saí com o carro. — Disse que contou pra sua mãe que desistiu da medicina e ainda está viva. Como foi a conversa?

— Ela está em pleno processo de negação. Tenho certeza de que está esperando que aconteça alguma coisa relacionada às listas de espera. Como se entrar em Harvard ou Michigan fizesse alguma diferença pra mim, depois de tudo que falei sobre o que eu quero e não quero ser.

Mel riu baixinho e fez um gesto imitando viseiras nas laterais do rosto.

— As mães são ótimas para ignorar o que não querem ouvir.

Não havia motivo para comentar que viseiras bloqueiam a visão periférica, não a audição. A conclusão era a mesma, de qualquer jeito. Expus o que queria para a minha vida e o que queria ser, e minha mãe não aceitou.

Sempre achei que minha mãe era superior a todas as outras por ter sacrificado tudo por mim, o amor da vida dela, a família e os amigos, o lugar onde nasceu e cresceu. Presumi que ela abrisse mão desses pedaços da própria vida por acreditar em mim, por querer me dar todas as chances de sonhar, tentar e realizar. Presumi que eu escolheria o que sonhar, tentar e realizar.

Até hoje eu não tinha entendido que era eu quem usava viseira, e ela as colocara em mim.

Chega na hora. Vou
deixar a Melody em casa.

Eu sempre apareço na hora, baby.

revirando os olhos

;)

6

BOYCE

Brent morreu quando atraiu o atirador inimigo. De propósito, de acordo com o relatório que recebemos. Para desviar a atenção de meia dúzia de fuzileiros que se preparavam para invadir um prédio onde o serviço de inteligência localizara um ninho de rebeldes. Um ano mais tarde, ele recebeu a Medalha Estrela de Prata, uma homenagem póstuma por “evidente galhardia e coragem”. No dia em que ele morreu, porém, tudo que soubemos foi que estava morto.

Era junho. Sem dizer uma palavra sequer, passei por meu pai em seu choque mudo e saí. Peguei a bicicleta e pedalei até o Merry Mermaid, um estúdio de tatuagem onde a namorada de Brent trabalhava. Voando pelo acostamento da estrada, passando por lojas e restaurantes coloridos, por palmeiras importadas e turistas rindo em carrinhos de golfe alugados e que tinham permissão para circular pelas ruas da cidade — eu estava atordoado. O céu não tinha nuvens, o sol brilhava alto. A sombra que meu corpo projetava era disforme, fluida, e ficou escondida sob os pneus largos por vários quarteirões. Sem Brent, eu era um contorno disforme, desconectado.

— Preciso falar com a Arianna — eu disse a Buddy, o cara que comandava o estúdio. Minha voz estremeceu quando falei o nome dela, como se eu fosse um pré-adolescente esganiçado e apaixonado, não um emissário do anjo da morte.

Buddy, que tinha cabelos grisalhos, mas era esguio e musculoso, tinha cor de areia molhada quando não estava coberto de tinta. Ele tirou um relógio de corrente do bolso frontal da calça preta, abriu a tampa e olhou para o mostrador.

— Ela está terminando de atender um cliente. Deve acabar em cinco ou dez minutos. — E olhou para mim com a testa franzida e cheia de marcas deixadas pelo sol. — Você é o irmão mais novo do Brent?

Assenti e tentei engolir, quase sufocando com a saliva. Eu tinha ido ao estúdio algumas vezes com o Brent. Brent, que estava morto. Seu último suspiro foi dado em solo estrangeiro. Seu sangue foi derramado lá. Foi lá que seu coração parou de bater e seus olhos se fecharam pela última vez. A ponta dos meus dedos estava tão fria

que eu não conseguia senti-la. Mal podia respirar. Meus olhos ardiavam. Eu era como água tentando escolher uma forma adequada, gelo ou vapor.

— Tudo bem, filho? — Buddy perguntou.

Balancei a cabeça, ou pensei ter balançado. Não tinha certeza. Talvez nem houvesse me movido.

A expressão de Buddy mudou, seus olhos claros arregalados me olharam com mais atenção do outro lado do balcão. Não era sempre que ele se assustava, e seu rosto não combinava com a expressão que exibia.

— Tudo bem com o Brent? — ele sussurrou, duas palavras quase impossíveis de ouvir com o rock que jorrava dos alto-falantes instalados nos cantos do fundo, perto do teto. Os vocais repetiam o mesmo verso, mais e mais alto: “Do you wanna die? Do you wanna die?”* O baixo retumbava ecoando a pulsação em meus ouvidos.

Buddy se virou quando Arianna afastou os fios de conchas do mar pendurados no teto rebaixado, uma cortina artesanal que separava a sala da frente do corredor onde os tatuadores trabalhavam. Diferente de Buddy, as tatuagens visíveis de Arianna eram limitadas a um braço, que parecia um quebra-cabeça incompleto. Uma sereia de cabelo azul cobria a curva do ombro, sentada sobre um albatroz que uma vez cometi o erro de chamar de pelicano. Brent riu até seus olhos se encherem de lágrimas. Uma confusão de linhas cobria a área entre o pulso e o cotovelo, contornos vazios de cor. Ainda não terminados.

A camiseta regata e o jeans escondiam as tatuagens no abdome, na parte de trás das costas, na panturrilha e no quadril, e eu só sabia da existência dessa última porque Brent a mencionara sem querer, depois me fez jurar que eu nunca contaria a ela nem a ninguém.

— Ela é a mulher mais forte que já conheci — Brent acrescentou em seguida, com um tom fascinado. Ele estava deitado na cama, olhando para o teto e com um braço embaixo da cabeça, do outro lado do quarto forrado pelo carpete fino, barato.

— E você não quer que ela fique brava? — perguntei, virando na cama para olhar para ele. Era o verão em que fiz onze anos. O

último verão em que dividimos o quarto apertado na parte do trailer que ficava apoiada na parede externa da oficina, um arranjo que bloqueava completamente duas das três janelas. A única janela restante estava aberta, e um ventilador girava de um lado para o outro sobre a cômoda embaixo da abertura, puxando ar úmido do exterior e espalhando ao redor numa tentativa inútil de resfriar o ambiente. Nós dois ficávamos só de cueca e dormíamos em cima das cobertas todas as noites. Nada disso melhorava muita coisa.

— Não quero que ela fique magoada — ele respondeu, e pensei por que a preocupação, se ela era tão forte. Uma pessoa forte não se magoava com facilidade. — Ela confia em mim. Jurei que nunca a magoaria, e quero cumprir essa promessa.

Quatro anos depois, ele estava morto, e eu ia magoá-la.

Não sei o que Buddy viu no meu rosto, mas Arianna também viu.

— Não — ela disse. As mãos se fecharam junto do corpo, como se assim ela pudesse se manter imune ao que eu tinha para revelar.

A cliente era uma mulher que não reconheci, turista talvez ou alguém de uma cidade próxima que tinha ouvido falar do talento artístico de Arianna. O sorriso desapareceu do rosto da mulher quando ela olhou de Arianna para mim e de volta para Arianna.

— Não — Arianna repetiu, e um soluço acompanhou a palavra, libertando-se para então se agarrar ao fio que nos unia, o amor por meu irmão, e que me mantinha acordado quando o que eu queria era a inconsciência. A dor que eu realmente não tinha sentido, que estava sufocada pelo choque até aquele momento, me atravessou como um raio, me prendeu ao chão antes de me destroçar em um milhão de fragmentos arruinados. As lágrimas não corriam. Elas jorravam. Meu corpo não queria saber se eu estava tentando ser homem, se estava tentando ser forte por meu irmão e pela garota que ele idolatrava. Um uivo rasgou meu peito e emergiu, cru e feio, da garganta. Caí de joelhos quando Arianna correu na minha direção e caiu ao meu lado.

— É sério? *Eles estão falando sério?* Não tem nenhuma esperança? Não pode...

Balancei a cabeça, silenciando sua tentativa de acordar do pesadelo e fazer dele uma mentira.

— Ele se foi. Ele morreu.

Seus braços me cercaram e suas lágrimas se juntaram às minhas.

No dia em que fez dezoito anos, Brent foi ao Merry Mermaid para tatuar as palavras *Semper Fi* no deltoide esquerdo, indicando a intenção de se alistar assim que terminasse o colégio. Arianna fez a tatuagem, mas não houve amor à primeira vista entre eles. Com vinte e um anos e cheia de energia, ela decidiu que meu irmão era um idealista cheio de papo, sem nenhuma atitude.

— Provavelmente vai mandar tudo à merda quando o verão chegar, escoteiro. Vai dizer a você mesmo que não tem motivo pra levar um tiro. Vai para a faculdade no próximo outono e vai se juntar ao exército de militantes de sofá.

Brent reagiu com um silêncio raivoso, irritado com as pressuposições, mas isso só durou até ele chegar em casa, quando o silêncio desapareceu e restou somente a raiva.

— Quem ela pensa que é? — Brent tirou a camiseta e a jogou no chão, andando de um lado para o outro. — Só porque é gostosa, cheia de tatuagens e piercings, ela acha que é muito legal? Só porque é mais velha que eu, acha que sabe tudo? Acha que pode me analisar com um olhar? *Vaca*, acha que pode julgar todo mundo!

Brent raramente xingava, e eu nunca o tinha visto perder a cabeça com uma garota. Por isso fiquei surpreso quando, uma semana mais tarde, ele voltou para fazer outra tatuagem... e pediu para fazer com ela.

Dessa vez ele voltou para casa quieto. Um curativo envolvia o bíceps bem abaixo da inscrição do lema dos fuzileiros tatuado na semana anterior. Ele tirou o curativo uma hora mais tarde, e eu vi que agora havia também o emblema da marinha, uma águia de aparência hostil pousada sobre um globo atravessado por uma âncora.

— Não disse que ela era uma vaca?

A tatuagem ficou legal, mas mesmo assim... Eu não deixaria uma garota de quem não gosto enfiar uma agulha no meu braço.

Bom, também não ia querer uma garota legal enfiando uma agulha no meu braço. Estremecia só de pensar nisso.

— Eu me enganei — ele respondeu enquanto examinava a tatuagem no espelho do banheiro. — Não se deve julgar as pessoas depressa demais, irmãozinho. Sei que já disse pra você confiar no instinto... — Ele olhou para mim pelo espelho. — Mas o que parece ser instinto às vezes é só orgulho disfarçado de instinto.



Eu já estava a caminho da porta quando recebi outra mensagem de Pearl perguntando se era melhor me encontrar no trailer. Parei, olhei em volta. Ela não ia ali enquanto meu pai era vivo. Nunca foi, nenhuma vez nos quinze anos desde que a conheci. Eu não teria deixado se ela quisesse ir, mas ela não era burra, nunca havia pedido.

O trailer agora era meu, aquela porcaria. Respondi: “Sim, vem”. E depois corri feito um louco recolhendo lixo e louça suja, roupas e correspondências que nunca abri, nem olhei. Minutos depois a porta da frente tremeu com as batidas, e eu estava na cozinha segurando a caixa de papelão que havia acabado de receber do crematório. Dentro dela havia um saco plástico transparente com os restos do meu pai, que pareciam aquela coisa cinza que fica dentro do aspirador de pó. Bud Wynn reduzido a um saco de pó. Quando assinei a papelada, o cara do crematório percebeu bem depressa que eu não estava interessado em pagar por uma urna decorada para as cinzas do meu pai. Que droga eu ia fazer com aquela merda?

Pearl bateu de novo, e eu deixei a caixa em cima da mesa (“Oi, pai morto em cima da mesa”), depois a transferei para uma cadeira. Mais tarde abriria um espaço para ela embaixo da pia, ao lado do inseticida, talvez.

— Burro — resmunguei para mim mesmo. *Droga*. O cretino estava morto, e eu ainda usava seu apelido preferido para mim. Em algumas épocas da minha vida eu nem tinha certeza de qual era meu nome.

— Boyce. — Pearl sorriu quando abri a porta. — Ainda bem que a sua casa fica ao lado da oficina, porque está escuro demais para ver os números, e as casas parecem todas iguais.

Fiz uma careta.

— Ah, nada disso. Os trailers por aqui podem ser parecidos, mas dá pra diferenciar um do outro pelo paisagismo. O espaço dos Echols tem aquele cacto enorme na frente. Os Olney têm a árvore morta com uma dúzia de ninhos de passarinhos pendurados nos galhos. E a casa dos Thompson, é claro, tem a piscina e o bar.

Parada na porta, ela olhou para a rua escura antes de me encarar novamente, a cabeça inclinada para um lado e os olhos meio apertados, como se soubesse que eu estava brincando.

Segurei o braço dela para fazê-la se virar e apontei:

— Olha aquela banheira e o vaso que alguém jogou ao lado da entrada da casa deles. Viu? Quando éramos crianças, a sra. Thompson encheu o vaso sanitário de terra e plantou morangos nele. No verão, a gente pegava a mangueira e enchia a banheira com água. Tinha uma rachadura na porcelana e a água ficava vazando, então a gente deixava a mangueira ligada lá dentro e se revezava para nadar.

Ela riu, e eu também. Boa parte da minha vida havia sido horrível. Seria fácil olhar para trás e ver apenas o ruim, mas eu não conseguia, não quando olhava para o rosto de Pearl ou ouvia a risada rouca dela. Tive um super-herói como irmão. Tinha amigos no bairro, uma praia perto de casa, um melhor amigo que eu não merecia, mas tinha assim mesmo, e lembranças dessa garota que eu levaria para o túmulo. Sobrevivi ao meu pai, que, querendo ou não,

me ensinou um ofício com o qual eu podia ganhar a vida. Resumindo, eu era um sortudo filho da puta.

PEARL

Rick e Boyce “nadando” naquela banheira abandonada e comendo morangos de um vaso sanitário devia ser a coisa mais triste que já ouvi, mas eu não conseguia parar de rir quando imaginava a cena, e Boyce parecia não se incomodar. Diferente de quase todo mundo do meu círculo de amigos, Boyce Wynn não tinha nenhum problema em ser descaradamente inadequado e se ridicularizar por isso. Eu entrei, ele fechou a porta e foi para a cozinha do trailer, fazendo um gesto para que eu o seguisse. A porta da geladeira vibrou quando ele a abriu.

— Cerveja? — Boyce ofereceu, e eu assenti, imaginando como tinha sido crescer ali, naquele trailer caindo aos pedaços e com um pai abusivo. O que ele deve ter suportado. Enquanto removia a tampa de duas garrafas de Shiner, ele disse: — Então você veio passar o verão em casa. O namorado vem te visitar?

A expressão era quase neutra, mas eu o conhecia bem, e ele não havia exatamente escondido o que achava a respeito de Mitchell

quando perguntei sua opinião no verão passado. E também não havia errado no julgamento.

Boyce e eu não conversamos nem trocamos mensagens de texto nos quatro anos que estive fora estudando, exceto quando eu ia passar um fim de semana em casa ou durante as férias entre os semestres. As atitudes dele, ou a falta delas, acho, me confundiram e magoaram no início, quando eu mandava mensagens e recebia só uma ou duas palavras. Ou nenhuma resposta. Eu estava sozinha, com saudade de casa, e por alguma razão Boyce era meu lar como ninguém jamais foi. Talvez por ele ter ficado na cidade quando Melody e meus outros amigos se espalharam pelas faculdades do país.

Não conversávamos desde as férias do inverno passado, quando lhe contei que tinha sido aceita na pós-graduação em biologia marinha. Quando ele percebeu minha covardia com um olhar e deduziu que eu não faria o curso. Quando Boyce falou sobre eu ter medo de viver a minha vida, usou aquele tom sincero que eu sabia que devia esperar dele, sem rodeios, sem formalidade. Eu não queria que fosse verdade, por isso fiquei furiosa quando o ouvi falar.

A verdade dita desse jeito cutuca a gente por dentro, aperta o coração, provoca a alma, ilumina o pensamento com possibilidades e revira o estômago com os riscos envolvidos por trás delas. A verdade sabe dizer “duvido” e faz você prestar atenção, mesmo que você prefira desmenti-la e continuar isolado e seguro.

Essa conversa aconteceu antes do meu rompimento complicado com Mitchell.

— Não, nós, humm, terminamos. Faz alguns meses.

Ele piscou, ainda tentando se esconder atrás da máscara de indiferença. Boyce era capaz de se desconectar emocionalmente. Durante anos eu o vi tratar com frieza figuras de autoridade, colegas e outras garotas, como se fosse insensível às decepções e à raiva dos outros. A pessoa podia estar apavorada, furiosa ou deprimida, mas, a menos que ele quisesse esmurrar alguém, Boyce simplesmente dava de ombros. Eu sabia que o desenvolvimento dessa capacidade escondia detalhes que eu nem queria saber. Mas comigo ele nunca foi totalmente distante. Não quando estávamos

próximos desse jeito. Boyce era um mosaico confuso de humores quando se relacionava comigo, mas distante, nunca.

— Ah, é? — Os olhos dele brilhavam com alguma coisa além de curiosidade.

Suspirando, dei de ombros e peguei a cerveja.

— É. O Mitchell não gostou muito da minha decisão de não ir para Vanderbilt com ele.

A garrafa na mão de Boyce parou a meio caminho da boca.

— Vai para outro lugar, então?

Assenti.

— Vou fazer o curso aqui. Eu falei dele, lembra?

— Biologia marinha em vez de medicina.

Cinco meses haviam se passado desde que contei isso a Boyce, mas ele lembrava.

— Sim.

— Então você vai ficar aqui. E não só para o verão.

— Os dois primeiros semestres são cursados no campus principal, e nos anos seguintes vai ter uma série de viagens para diferentes áreas de mergulho, para a construção de uma base de conhecimento geral, depois o curso vai sendo gradualmente direcionado para a minha tese. Mas a base do programa é aqui, então no próximo ano vou passar muito tempo na ilha.

— Legal. — Ele bebeu um gole de cerveja e pigarreou, olhando para as botas amarradas de qualquer jeito. — Isso é muito legal.

Olhei para as mãos dele, grandes, fortes, com alguns pelos finos, algumas cicatrizes e arranhões mais recentes, provavelmente deixados pelo trabalho. Ele havia superado a fase das brigas de soco. Eu nem imaginava se ele estava saindo com alguém ou namorando, se tinha alguém que via sempre ou várias garotas com quem saía. Essa era outra coisa que ele havia superado, falar sobre meninas. Talvez houvesse superado seu desejo por mim. O desejo que havia aparecido quando eu desisti, e que se tornou uma espécie de brincadeira. Ele flertava, falava coisas fofas e me encarava, uma sobrancelha levantada, descaradamente. Eu resistia em silêncio, como se nós dois soubéssemos que jamais aconteceria, o tempo todo querendo mais. Querendo tanto que era ridículo.

Na minha segunda semana no ensino médio, fui absorvida por um novo círculo social, um grupo que, eu suspeitava, me aceitava unicamente por causa da nova aparência e do meu novo estilo de vida. Não que eu me importasse. A preocupação com meus antigos e poucos amigos, cuja maioria nem me reconhecia quando eu passava por eles no corredor ou me sentava perto de um deles em uma aula, havia desaparecido. Eu não era mais Pearl Torres, filha de mãe solteira e imigrante mexicana. Era Pearl Frank, enteada de um médico respeitado na cidade. Não esqueci quem eu era, mas parecia como se mais ninguém, nem minha mãe, lembrasse.

Na outra ponta do corredor, reconheci Landon primeiro. Ele tinha crescido um pouco, tanto em altura quanto em autoconfiança, e não olhava mais para o chão como costumava fazer na segunda metade do fundamental. O menino ao lado dele era ainda mais alto e maior, o cabelo vermelho e curto contrastava intensamente com o cabelo escuro e comprido de Landon. Boyce parecia um veterano, não alguém do segundo ano. Enquanto Landon tinha uma confiança serena, Boyce exibia uma segurança ruidosa, a risada era alta, o sorriso era largo, os olhos, quando encontraram os meus, eram penetrantes.

Fiquei surpresa com o fato de ele ter me reconhecido rapidamente e sem nenhuma hesitação. Nunca havíamos conversado de verdade, só de passagem, e não no último ano, porque eu ainda estava no fundamental. Eu o via na cidade, no mercado, na praia, passando por mim e por minha mãe em seu carro preto e barulhento. Sabia que ele fumava. Ele tinha uma tatuagem no braço (um emblema da marinha, procurei no Google), o que era ilegal, porque ele não tinha dezoito anos (também pesquisei no Google).

Melody olhou para o outro lado do corredor e disse:

— Ah, olha o Landon... E, eca, o Boyce está com ele. Ótimo, ele está olhando pra mim. Merda.

Ela estava enganada. O Boyce estava olhando para mim. Quando nos aproximamos, os olhos dele continuaram em mim. Ele disse alguma coisa para Landon, que me olhou por um instante, mas voltou a olhar para Melody em seguida.

— Ignore o Boyce Wynn — ela disse quando nós quatro nos aproximamos e os outros alunos à nossa volta tornaram-se borrões de cor. — Ele é um idiota. Não suporto esse garoto. Nem entendo por que ele e o Landon são tão grudados agora. Eles tiveram uma briga horrível no ano passado... me lembra de te contar depois. Boyce o pegou no corredor. Ele é um lixo, o pai é alcoólatra, tem uma oficina, e eles moram em um trailer. Estereótipo total!

Era evidente que Melody não entendia o significado de estereótipo. E não sabia nada sobre Boyce Wynn.

Quando chegamos perto deles, o rosto de Melody se transformou com um sorriso meloso.

— Oi, Landon.

— Oi, Melody — ele respondeu.

Esperei Boyce lembrar a Melody da nossa humilhante conexão no fundamental, mas ele se comportou como se ela não existisse.

— Oi, Pearl — disse, olhando para mim como se eu fosse um cupcake de chocolate.

— Oi, Boyce. — Senti o rubor subir do meu peito para o pescoço e se espalhar pelo rosto, então me virei para esconder a reação. Nove anos. Nove anos esperando Boyce me notar, e agora ele notava... Quando eu era bonitinha, finalmente.

Notas

* "Você quer morrer? Você quer morrer?"

7

BOYCE

Havia alguma coisa em Pearl que fazia parte de mim desde o momento em que a puxei do mar para a areia, mas eu não tinha entendido a amplitude desse sentimento até vê-la do outro lado do corredor no colégio. Primeiro dia de setembro, ensino médio. Minha vida inteira virou de cabeça para baixo, se estreitou e recuperou o foco quando ela apareceu e todas as outras pessoas desapareceram.

Ela era uma miragem, um corpo pequeno e cheio de curvas, os cachos puxados para trás, enfatizando os grandes olhos escuros e os lábios carnudos. Eu havia me comportado como um daqueles idiotas que não conseguem ver o valor de um supercarro clássico, a menos que seja reformado e renovado. Um verdadeiro apaixonado por veículos reconhece o valor de um trambolho largado em um ferrovelho, enferrujando e esperando para ser depenado. Pearl não havia mudado — eu que estava cego, e de repente voltava a enxergar. Roupas, cabelo, maquiagem, tudo eram mudanças mínimas, nenhuma delas teria importância se ela estivesse na minha cama, embaixo de mim.

Uma onda de calor, sangue e desejo me deixou de pau duro, como se ele quisesse abrir caminho na multidão entre nós e se apoderar dela ali mesmo.

— Desce, cara — resmunguei.

— O quê? — Maxfield perguntou, e eu só balancei a cabeça, grato pela quantidade de gente no corredor e pelo caderno que eu segurava numa posição estratégica. Ele seguiu meu olhar para Pearl e se distraiu imediatamente com Rover Dover, graças a Deus, porque, se ele olhasse para Pearl daquele jeito, eu provavelmente teria acabado com aquela merda de amizade ali mesmo, sem pensar duas vezes.

Fui um idiota. Um bosta de um idiota completo.



Ela olhava para a minha mão, a que segurava o gargalo de uma garrafa de Shiner, a outra estava apoiada no bolso do jeans, o único que eu tinha sem manchas de graxa. Meu Deus, o que eu não daria para saber o que ela estava pensando. Pearl estava distraída olhando para o nada, ou imaginando se eu lembrava como era o contato das minhas mãos na sua pele lisa e dourada?

Meus dedos seguraram o tecido perto da virilha, e os olhos dela se desviaram para a mesa da cozinha, depois para a caixa em cima daquela porcaria de cadeira. O rótulo era claro: RESTOS MORTAIS.

— Aquilo é... seu pai? — ela perguntou apontando.

Droga. Mesmo depois de morto ele ferrava com a minha vida.

Olhei para a caixa como se tivesse de confirmar sobre o que ela estava falando.

— É. Eu esperava me sentir um pouco mais satisfeito com a incineração, mesmo que tenha sido a vontade dele. Acho que sabia que assim ele seria um pé no meu saco por mais tempo. Se tivesse enterrado o cara, o assunto estaria encerrado. Em vez disso, agora preciso decidir o que fazer com um sinistro resto de pai na caixa.

Ela sufocou a risada, mas os olhos brilharam.

— Meu Deus, Boyce. — Por alguma razão, Pearl sempre me achou engraçado na escola. Às vezes eu a via rindo de algum comentário idiota que eu tinha feito, tentando esconder o riso enquanto a melhor amiga se irritava, reclamava e me xingava de vários nomes, como se eu me importasse com ela. As duas reações só me incentivavam a continuar, claro.

— Tenho a impressão de que ele vai pular daquela caixa como um daqueles palhaços de mola.

Ela balançou a cabeça e sorriu.

— Não pode jogar as cinzas do píer?

Fiquei sério.

— Não vai rolar. Eu avisei que não ia jogar a porcaria das cinzas na água nem fazer uma cerimônia inútil de despedida. Ele morreu, e eu estou feliz.

Pearl ficou séria e inclinou a cabeça para o lado.

— Eu sei que está, e não posso te culpar por isso. Mas jogar as cinzas no golfo pode servir para zerar essa história, de algum jeito.

— Não tem como zerar minha história com esse cara, Pearl.
— Entendo — ela disse, mas eu esperava que não entendesse.
— Além do mais — acrescentei, recuperando o conforto do humor desrespeitoso —, tenho certeza de que ele poluiria a água.

Pearl mordeu o lábio.

— E o nosso banco de areia? A gente podia cavar um buraco, enterrar as cinzas e colocar uma pedra grande e lisa em cima dele.

Nosso banco de areia. O que começava no quintal da casa dela e era quase do comprimento de um campo de futebol, se um campo de futebol pudesse ficar submerso em dois ou três metros de água. Algumas ilhas pantanosas, cobertas de grama, e mais ou menos uma dúzia de bancos de areia, uma extensão da reserva natural que tinha quase o tamanho da cidade, separavam a baía ampla e aberta do bairro dela.

Quando eu estava no começo do ensino médio, um cara me ofereceu um barco de alumínio com motor de popa que funcionava de vez em quando, depois de eu ter encontrado um carburador Holley antigo em um ferro-velho, mas funcionando perfeitamente, para seu Boss 429, ano 69. Aceitei a oferta porque o barco horrível podia passar pelo canal no meio daquela confusão de ilhas e bancos de areia, e a casa de Pearl ficava do outro lado, em uma esquina, numa rua sem saída.

Não sei o que esperava fazer no canal. Espioná-la? Então ouvi Dover tentando convencê-la a fazer uma festa no fim de semana seguinte, quando os pais de Pearl estariam fora, e entendi que trocar uma peça antiga de Mustang por aquela relíquia flutuante tinha sido um golpe de sorte. Ou uma jogada de gênio.

— Não sei, Mel... Se alguém me entregar...

— Se a gente não convidar muitas pessoas e não fizer uma fogueira muito grande, ninguém vai perceber. Seria tão legal! É meu aniversário. Vai, Pearl, por favor! O Carl pode pegar o barco do pai dele, e a gente levaria todo mundo.

Ela piscou para Pearl do jeito que sempre fazia com meu melhor amigo, que suspirava para cada gesto idiota dela. Se ele só quisesse pegar a garota, eu não teria me importado. Qualquer coisa que sacaneasse Clark Richards era legal, inclusive a namorada dele

dando mole para o meu amigo. Mas ele estava a fim dela, e eu sabia disso. Melody fazia todo charme do mundo cada vez que o via, depois o deixava suspirando e voltava para aquele babaca rico.

Pearl suspirou e concordou com a festa. A última coisa de que o Maxfield precisava era ver Dover e o babaca do namorado se pegando, por isso, quando ele sentou ao meu lado na nossa bancada no laboratório alguns minutos depois, não contei nada sobre o que eu tinha ouvido.

Na sexta-feira à noite, naveguei sozinho pelo canal até perto da casa de Pearl e ancorei o barco assim que vi a fogueira e ouvi a música. Havia mais ou menos uma dúzia deles, só os ricos, nenhum fracassado da cidade, e eles bebiam e dançavam em volta do fogo baixo. Levei o barco para trás de uma moita de vegetação pantanosa e fiquei espiando, me sentindo um sociopata. Pearl estava dançando com um cara que não tirava as mãos dela, um calouro chamado Adam Yates. Os pais dele eram dentistas — quando estávamos no segundo ano, eles foram à escola fazer uma palestra sobre dentes e distribuir escovas e cartões.

Meu maxilar estava travado, mas eu não tinha nenhum direito sobre Pearl. Ela não era minha. Nunca tinha sido. Eu queria ir embora, mas por alguma razão fiquei ali parado como um cretino masoquista.

Quando a aniversariante apagou, pouco antes da uma da manhã, depois de beber mais do que devia, Clark a levou para o barco com mais algumas pessoas, deixando para trás o idiota que havia passado a noite toda com a mão em Pearl. Richards e Yates nem se preocuparam em disfarçar quando trocaram um sinal de positivo levantando o polegar, mas ninguém estava sóbrio o suficiente para perceber. Só eu. As outras pessoas da festa foram embora com P.K. Miller quando ele avisou que precisava devolver o barco do pai na hora combinada, ou a mãe pegaria no pé dele a semana inteira.

Pearl cambaleava de um lado para o outro, apagando a fogueira com areia e recolhendo copos e garrafas em um saco de lixo, porque, *é claro*, ela estava impedindo um incêndio e recolhendo o lixo, mesmo chapada. Yates a seguia tentando pegar o saco,

tentando fazê-la parar. Eu estava muito longe para poder ouvir o que diziam. Fechei as mãos quando ele a envolveu com um braço e beijou sua nuca, mas não fiz nada além de continuar ali parado, no mesmo lugar onde havia ancorado duas horas antes, porque ela parecia estar a fim também. Até que ele a virou e fez alguma coisa que Pearl não gostou... *Língua demais?* Ela o empurrou, como se fosse vomitar.

Abandonei meu esconderijo na pedra atrás da vegetação e corri. Antes de alcançá-los, ele uivou e caiu como um saco de batatas, e ela soltou um grito, recuando.

Quando me viu, Pearl deu um pulo e segurou a respiração, espantada.

— Droga, Boyce... Você quase me matou de susto! O que está...

— Tudo bem? — perguntei, segurando seus ombros e virando-a para mim. Verifiquei seu rosto iluminado pela lua. Com exceção dos olhos arregalados e do tremor, ela parecia bem.

Pearl assentiu, sem nem imaginar que ela, sim, quase havia me matado de susto. Yates não movia um músculo, e a voz dela era baixa.

— Ele está... está respirando?

Eu me ajoelhei, procurei a pulsação e contive a vontade de responder “espero que não”, porque, nesse caso, ela iria insistir para um de nós fazer boca a boca, e nenhuma opção para isso era aceitável.

— Ele bateu a cabeça no meu joelho quando caiu — Pearl explicou.

Com os dedos no pescoço de Richards (ignorando o impulso de usar a mão inteira e apertá-lo), encontrei a pulsação e fiz um esforço para não rir.

— E seu joelho encontrou outra parte dele antes disso? — Eu me levantei. — Ele está bem. *Respirando*, pelo menos.

Ela suspirou aliviada.

— Boyce, por que... Como você veio parar aqui?

Confissão faz bem à alma, dizem, mas não ajuda muito em uma situação de espionagem. Porém eu não conseguia olhar nos olhos dela e mentir.

— Ouvi vocês falando sobre a festa no laboratório de biologia. Ela ficou séria, mais sóbria do que imaginei que estivesse.

— Então deve ter entendido que era uma festa particular para comemorar o aniversário da Melody. Você não foi convidado.

Ai.

Ela deu dois passos para trás, para longe de mim, antes de cair sentada na areia, gemendo e segurando o joelho.

— Caramba, está doendo. A cabeça do Adam deve ser dura feito pedra.

Ajoelhei ao lado dela, meus dedos tocando o joelho nu, sentindo a pele macia e notando o shorts curto e como ela cheirava a flor.

— Vai ficar inchado.

Os dedos dela passaram pelos meus, examinaram o local que inchava depressa.

— Que beleza. Acho melhor ir buscar gelo e... — Ela olhou para Yates, que agora roncava, e depois para a água. — O Clark me deixou aqui? Como é que eu vou pra casa?

— Surpresa! Richards é um bunda-mole. Ele foi embora com a Dover e mais algumas pessoas. Provavelmente estava ajudando o Yates a dar o bote.

Ela olhou furiosa... para Yates, felizmente.

— *Dar o bote?* — E olhou para mim de novo. — E como você veio parar aqui?

Dei de ombros.

— Eu tenho um barco.

Estudando a água pela segunda vez, ela perguntou:

— Um barco invisível?

— Ha-ha — reagi sarcástico. — Deixei o barco um pouco afastado daqui. — Eu me levantei e a peguei nos braços. — Vem, lutadora, vou levar você pra casa.

Com o ruído baixo e constante das ondas na baía e as sensações que me dominavam, o cabelo macio roçando meu braço e meu rosto, o corpo apertado contra o meu, o peso perfeito, quase não ouvi a pergunta.

— Você lembra... quando eu morri?

Quase tropecei no nada. Segurei Pearl com mais força, mas não consegui olhar para ela. Eu sentia seus olhos em mim.

— Lembro. — A palavra fugiu do meu peito, áspera, entrecortada, e aquele dia voltou como um pesadelo.

A voz dela era baixa e cheia de admiração, livre do terror que eu sentia.

— Só me lembro das águas-vivas me cercando e de um momento de pânico. Foram segundos, na verdade. Depois um sentimento de paz, o cheiro dos churros que minha mãe faz, e a escuridão... depois o nada.

Parei perto do barco, mas não a soltei, fiquei olhando para o rosto de Pearl. Os olhos escuros brilhavam cheios de lágrimas.

— E de repente você estava lá... olhando pra mim como agora, e era o sol que brilhava atrás de você, em vez da lua — Pearl sussurrou. — E você estava chorando. Por quê?

Meu Deus, essa garota!

— Pensei que você estivesse morta. — Meus olhos ardiam, e eu lutei contra a lembrança da última vez que a segurei daquele jeito, quando carreguei seu corpo pesado e sem vida, a cabeça caída para trás, por cima do meu braço.

— Eu também. Quando abri os olhos, pensei que você fosse um anjo, mas as lágrimas... E você segurava a minha mão.

Fiz uma careta.

— Está me acusando de alguma coisa?

— Eu sonhei que você me beijava ali, na frente de todas aquelas pessoas. — Os olhos dela encontraram minha boca. — Mas você não beijou.

Droga. Engoli em seco.

— Bom, eu posso te beijar agora para compensar a mancada quando eu tinha sete anos.

Os lábios dela se distenderam, só um pouco, e eu esperei ouvir a gargalhada, mas ela não riu.

— Tudo bem — ela disse, e tudo dentro de mim paralisou.

Abaixei a cabeça, parei com a boca bem perto da dela. Nossos olhos se encontraram e ela não recuou, não fechou os olhos como se estivesse só esperando o inevitável. Ela me encarou com

interesse, com intensidade. Eu beijava garotas havia anos, tinha transado pela primeira vez no verão passado, na praia, com uma garota mais velha que morava na cidade, um pouco antes de eu ter completado dezesseis anos. Mas nada disso havia me preparado para beijar Pearl. Era como começar do zero.

PEARL

Quando mencionei o banco de areia como uma possível sepultura para as cinzas do pai dele, Boyce começou a responder, hesitou, depois olhou para o chão. Eu não sabia se havia dito alguma coisa errada, ou se ele estava lembrando a mesma coisa que eu.

Eu tinha quase vinte e um anos, já havia concluído a graduação, mas ainda lembrava cada precioso segundo de um beijo que acontecera quando eu tinha catorze. Não conseguia decidir se isso era lindo ou patético.

Adam Yates havia sido o primeiro (indesejado e repugnante) garoto a me beijar, menos de dez minutos antes. Quando Adam beijou minha nuca, foi quase legal, mas ele estragou tudo com um ataque direto segundos depois, todo cheio de língua, bafo de álcool e saliva. *Eca.*

Eu tinha visto Boyce agarrando garotas na praia ou tentando beijá-las no corredor dos armários no colégio. Garotas como Brittney Loper, que era burra como uma porta, mas cheia de curvas e meio bonitinha. Brit ficava com quem queria, com quem a quisesse e quando ela estivesse a fim, e era a chapada eternamente alegre. Odiar aquela garota era até crueldade, e eu nem ligava para o que ela fazia, desde que não envolvesse Boyce. Ver os dois juntos me deixou furiosa. E inquieta. E cheia de vontade. O que me deixou ainda *mais* furiosa.

Foi horrível descobrir que eu estava com ciúme. Não só de Brittney, mas de todas elas. Boyce fora meu por nove anos, ou meu coração — sem que eu percebesse — havia decidido que ele era meu, e agora de repente ele beijava e tocava e quem sabe mais o que ele fazia com todas aquelas garotas, e eu não queria ver, não queria pensar nisso. *Para, para, para.*

Não podia contar à minha melhor amiga, que ia pensar que eu havia pirado, ou que precisava de um exorcismo. Não podia falar com a minha mãe, que ainda achava que eu era a nerd quieta, miúda e estudiosa que não havia atingido a puberdade e que certamente não sonhava ou fantasiava e queria a boca de Boyce Wynn sobre a dela.

E, quando me vi nos braços dele naquela noite, praticamente sozinha (Adam estava desmaiado, então não contava) pela primeira vez, quando ele disse “posso te beijar agora”, é claro que eu não ia dizer não. Não tinha essa capacidade.

Ele me encarou como se não tivesse ouvido meu “tudo bem” sussurrado. Depois me apertou com mais força e se aproximou, chegando tão perto que minha respiração se misturou à dele, mas hesitou por um momento longo e silencioso, como se eu pudesse voltar atrás. Sustentei aquele olhar temendo que ele dissesse alguma coisa engraçada, irônica ou indiferente.

— Pearl — ele falou perto da minha boca. O repentino roçar de lábios quando falou meu nome provocou um arrepio que percorreu todo o meu corpo, e eu agarrei a camiseta dele. — Vou te beijar. A menos que você diga não agora, eu vou te beijar, e não vou me arrepender.

Não movi um músculo, exceto pelos tremores que eu temia que ele percebesse. Eu não conseguia distinguir medo e desejo, e talvez essas duas emoções houvessem se entrelaçado até serem indistintas com relação a Boyce. Os dedos dele tocavam meu ombro, provocando uma nova onda de arrepios, e minha coxa, provocando uma resposta completamente diferente. Eu gemi, um som que nunca havia produzido em toda minha vida, e ele cobriu a distância minúscula que ainda nos separava, os lábios macios, quentes, decididos. Ele se apoderou da minha boca como se me saboreasse, me induzindo a fazer a mesma coisa, hortelã, doce e picante, sugando meu lábio inferior com um grunhido de fome, lambendo e brincando com o superior, uma persuasão lenta, profunda, implacável. Ele me levantou um pouco mais, me puxou para mais perto, a língua entrando em minha boca, e minha cabeça rodou. E foi assim que passei mononucleose para ele. Ou melhor, Adam Yates passou mononucleose para *nós dois*.

Agradeça ao idiota do
seu namorado por mim.
Adam Yates me passou
MONO.

É isso que você tem? MERDA. Eu tive no 7º
ano. Foi bem ruim. 😞

Espera. Você ficou com o Adam? Pensei que tinha acertado uma joelhada nas bolas do cara e largado ele lá!

SIM, mas antes disso ele enfiou a língua na minha boca.

Que cretino.

Você acha?

Eu já me desculpei! Não sabia que o Clark ia fazer aquilo! Ele é tão idiota.

Ele está mais para um cara que colaborou com uma tentativa de estupro.

O Adam não teria ido tão longe!

COMO VC SABE?

Você tem razão, sinto muito. E já avisei ao Clark, se ele fizer isso de novo, faço um mês de greve.

Pode me trazer a tarefa das matérias que fazemos juntas?

Claro. Mas você deu sorte numa coisa. Vamos dissecar um SAPO amanhã na aula de biologia. QUE NOJO.

O quê? *chorando*

Ai, meu Deus. Eu sei que vc quer ser médica, mas não acredito que QUER cortar um réptil morto.

Anfíbio.

Tanto faz! Vou deixar o Landon fazer TUDO SOZINHO, porque o Boyce também está doente, o que é bem esquisito. Ei, ele não pegou mono do cara, pegou? Haha. Brincadeira.

Enquanto estávamos doentes, nossos melhores amigos perderam os avós que ainda tinham, e nenhum de nós pôde ir ao funeral. Melody perdera a avó, e Landon, o avô. Quando voltamos à escola, havia um clima diferente entre eles. Eu gostava do Landon, mas a Mel tinha namorado, e, apesar de termos cada vez mais evidências de que Clark ficava com outras garotas, ninguém de nós sabia como ele era mau-caráter.

— O Clark está sempre me perguntando do Landon... tipo, desconfiando — Mel contou. — Como se eu fosse uma traidora! Não sou. Se alguém tem que desconfiar de alguma coisa, esse alguém *sou eu*, depois dos boatos que ouvi.

Eu também tinha ouvido os boatos, mas Melody era a menina mais bonita do colégio, eles namoravam havia mais de um ano, e a

fofoca em uma cidade pequena quase sempre é resultado de inveja.

— *Você acredita em mim, não é?*

— Claro que sim — respondi com sinceridade. — Trair o namorado em uma cidade deste tamanho é besteira. Todo mundo ia ficar sabendo na hora.

No entanto, o que ela fazia ou não com Landon não tinha importância, porque foi nessa época que o Clark foi filmado com as universitárias. Quando cheguei, Melody estava rasgando o ursinho de pelúcia que ganhara de Clark.

Peguei um braço arrancado.

— *Ai, coitado do Beauregard.*

— *Foda-se o Beauregard!* — Ela pegou uma caixa vazia ao lado da cama e começou a jogar os pedaços do urso dentro dela. Depois foram as joias, uma coleção de flâmulas dos jogos do colégio, flores secas e fotos, tudo rasgado em pedacinhos. — *Vamos.*

Eu a levei de carro até a praia, onde Clark estava sentado com uma garota no colo. Segurei a caixa enquanto ela jogava na cabeça dele uma chuva de pétalas, pedaços de fotos e partes de urso. Quando jogou a pulseira na cara dele, Melody o chamou de canalha traidor.

Metros dali, do outro lado da fogueira, Landon a observava com os olhos brilhando, tenso, esperando Clark fazer alguma bobagem, e Boyce olhava para mim, um cigarro aceso em uma das mãos e uma cerveja na outra. Não tínhamos conversado desde aquele beijo, nada além das piadinhas bobas que ele fazia na aula de biologia, as que enlouqueciam Mel e o sr. Quinn, faziam Landon rir e balançar a cabeça e me obrigavam a morder a parte interna da bochecha para segurar a risada.

No começo fiquei confusa, depois decepcionada, e, finalmente, fiquei muito brava. Tive que me esforçar para aceitar a realidade, como quando percebi que estava me afogando e não havia nada que eu pudesse fazer. Ele simplesmente voltou a ser Boyce Wynn, o cara que fazia o que queria e com quem queria. E eu voltei a ser Pearl Frank, a estrela acadêmica, realeza social e boa menina.

Mas não consegui esquecer aquele beijo. E o brilho dos olhos dele do outro lado da fogueira mostrava que ele também não havia

esquecido.

8

BOYCE

— O banco de areia pode ser uma opção — respondi, olhando para minhas botas e pensando na sensação de ter Pearl nos braços aquela primeira vez, sua boca tão doce e sua inesperada rendição ao beijo. Queria saber o que ela faria se eu a pegasse nos braços daquele jeito agora, na minha cozinha. Se a desafiasse a me dizer não. Se a provocasse a me beijar de volta.

Ela podia sugerir que eu colocasse os restos do meu pai em um foguete e acendesse o pavio, e eu teria concordado. Pigarreei e mudei de posição, levantando os olhos até encontrar os dela.

— Talvez numa parte mais isolada, pantanosa.

— Você ainda tem o barco?

— Comprei um melhor faz algumas semanas, com assentos de verdade e sem furos no casco — brinquei. — É quase um iate. — O padrasto dela tinha um Cruiser 275 com sofá, cama e banheiro a bordo. Mas, para caras como eu, “ostentar” era colar a bunda em uma cadeira estofada para um dia de pescaria, em vez de sentar sobre um banco duro de metal frio.

— A Mel vai voltar para Dallas no sábado de manhã. Isso pode esperar até lá?

A pergunta foi um balde de água fria e realidade ferrada. De onde tirei a ideia de que alguma coisa ia mudar só porque éramos adultos? Eu ainda era o seu segredinho sujo. Bebi o resto da cerveja, empurrei a porta da cozinha e joguei a garrafa vazia na lata de lixo ao lado da porta.

— É claro. A menos que eu jogue tudo no vaso e dê a descarga antes.

A risada dela ecoou pelo trailer, mas seu sorriso morreu, e os cantos da boca despencaram quando Pearl percebeu que talvez eu não estivesse brincando.

— Boyce... não pode fazer isso. É o seu pai.

— Você sabe tão bem quanto todo mundo que ele era um sádico filho da puta. — *Minha mãe, onde quer que estivesse, sabia. O Maxfield sabia.*

A intenção era desequilibrá-la. Eu não esperava sentir aquela necessidade desgraçada de aprovação. De piedade, até. Mas que merda.

Pearl se aproximou, os olhos estudando os meus, a testa franzida, e eu não consegui me mover. Tomando minha mão fechada entre as suas mãos pequenas, ela disse:

— Sei que ele transformou sua vida num inferno, Boyce, e você vai precisar de um tempo para superar tudo isso. Desculpa se te julguei... eu não queria. Você só me deixou um pouco chocada, foi isso.

Abri a mão entre as dela. Pearl me enxergava por dentro. Ela me entendia. E isso me deixava apavorado — o jeito como ela me conhecia e como eu queria que ela me conhecesse, porque esse tipo de necessidade me enfraquecia.

— Eu não faria isso — falei. — *Mentira*. Se não me preocupasse com o estado do encanamento da lata onde eu morava, já teria feito.

Pearl ergueu uma sobrancelha, os lábios comprimidos como se ela quisesse fazer algum comentário engraçadinho.

— Ah, tudo bem, eu faria — reconheci. — Mas ele pode esperar até sábado; não vai a lugar nenhum mesmo. E eu vou ter tempo para escrever umas palavras e comprar flores.

— Sei. — Ela riu e soltou minha mão. — Então... agora este lugar é todo seu. E a oficina?

Assenti. Ela não podia estar impressionada com o barraco que eu chamava de casa.

— Tem alguma burocracia nisso tudo. O sr. Amos, o antigo advogado do meu pai, me pediu para olhar a papelada, procurar um testamento, documentos do divórcio e qualquer coisa que tenha a ver com a oficina.

— Seu pai fez um testamento?

Dei de ombros.

— Não faço a menor ideia. Até agora não achei nada, só um monte de papel inútil. Assumi a oficina há quase dois anos, cuido dos recebimentos e das contas a pagar, faço contato com distribuidores, com os fabricantes de quem compro, esse tipo de coisa. Isso tudo está separado, graças a Deus.

— Agora você tem sua própria empresa, Boyce.

Talvez eu devesse ficar bravo por ela estar surpresa, mas queria bater no peito. *É isso aí, tenho uma empresa. Eu sou o cara.* E, para falar a verdade, Pearl não era a única perplexa com isso. Na semana passada, consertei o suv da diretora do colégio. Não só trabalhei rápido, como cobrei barato. Quando Ingram chegou, a perua tinha um vazamento de óleo do tamanho de um poço de petróleo do Texas, deixando um rastro no caminho da rua até a entrada da oficina, e ela estava certa de que o motor ia cair. Expliquei que, a menos que ela dirigisse fora da estrada ou passasse por cima das guias como uma maluca desgovernada, esse cenário era improvável. Acho que ela esperava que eu sangrasse sua conta bancária para me vingar da megera que fora comigo no colégio, mas parei de me incomodar com a diretora Ingram no dia em que peguei o diploma de sua mão. Uma peça de cinquenta dólares, uma hora de mão de obra, e ela foi embora.

— Isso é muito legal. — Pearl lavou a garrafa antes de jogá-la na lata de lixo. — Eu ainda estou brincando de saber o que quero ser quando crescer, e você já tem tudo ajeitado. Uma carreira, uma casa. Independência.

— Fala sério, Pearl. Você está brincando? Você pode fazer qualquer coisa. Consertar carros é o que eu faço... é tudo o que eu sei fazer. E, sim, por sorte também é o que eu quero fazer. Mas você tem o mundo todo pela frente e inteligência para fazer o que quiser. Para fazer diferença no mundo. Não vem com essa de que devia ter tudo decidido, só porque estou fazendo a única coisa de que sou capaz sem estragar tudo.

Ela piscou para mim.

— Acha que desistir da medicina não é estragar tudo?

Dei risada.

— Atenção, agora você vai ouvir uma pérola da sabedoria de Boyce Wynn: "Você não pode desistir do que não começou".

Ela riu.

— Tentei convencer a Mel e a minha mãe disso, mas elas não engoliram.

— A Melody te criticou? Sua mãe eu entendo, mas a Dover é a sua melhor amiga.

Se o Maxfield desistisse da faculdade no primeiro semestre, ou se voltasse para casa depois da formatura e dissesse que queria trabalhar no barco do pai em vez de ir atrás da carreira para a qual ele havia estudado, eu não iria criticá-lo por isso. Apoiar as decisões do outro é a base de qualquer amizade. Se a base é uma merda, a amizade é uma merda.

— É, mais ou menos. Acho que ela ficou assustada... com medo de ter sido uma decisão impulsiva. Eu nunca tinha contado pra ela que essa possibilidade existia. Na cabeça dela, e na de todo mundo, a minha carreira de médica era uma coisa certa. E não era.

— Contou pra mim e não contou pra Dover? — *Interessante.*

— Quando fui aceita no instituto, sim. Você foi o único pra quem contei. Talvez por saber que você realmente me conhecia. Você sabia que eu não ia em frente porque era uma covarde.

— Pearl...

— Tudo bem. Era verdade. Eu tinha medo do que as pessoas iam pensar ou dizer, medo de desapontar a minha mãe, o Thomas e todo mundo que de alguma maneira colaborou com a minha educação. Acho que ainda tenho. Mas é a minha vida. A escolha é minha.

— Você tem razão. — Fechei a boca e literalmente travei os dentes para não perguntar se essa escolha poderia incluir uma noite na minha cama. Mais uma noite para eu tentar curar uma dor interminável, embora eu soubesse, e sabia havia anos, que nunca conseguiria superar.

Como se eu tivesse anunciado o pensamento por um alto-falante, ela disse:

— A gente se vê no sábado, então?

As palavras ficaram pairando no ar, pesadas e não ditas: “Eu te desafio, Pearl”.

— Fecho a oficina às três no sábado, mas vou precisar fazer a contabilidade da semana e a faxina. E arrumar meu pai.

Ela revirou os olhos e riu, e eu a abracei para mais uma rodada de autotortura.

PEARL

Quando engatei a ré para sair do terreno do trailer, Boyce ficou me observando do alto da escada, as duas mãos nos bolsos da frente do jeans. A lâmpada instalada na varanda perto da porta projetava sombras em seu rosto, mas espalhava uma fraca luminosidade azul sobre os ombros, acentuando o contorno sombreado dos músculos ao longo de seu braço — bíceps braquial, braquial, braquiorradial, tríceps braquial, extensor radial do carpo e extensor dos dedos... Queria acompanhar cada centímetro daqueles músculos com meu toque, traçar o contorno das curvas e dos vales entre eles.

Eu tinha voltado para casa havia menos de duas semanas, e minha obsessão oculta de tanto tempo voltava com força total. Eu tinha tanta certeza de que a faculdade me libertaria dela, os quase quatrocentos quilômetros de distância, os milhares de caras no campus (não eram só setenta e poucos no colégio inteiro), as festas, a república, o círculo social, e finalmente, mas importante do mesmo jeito, a pressão de frequentar uma universidade de prestígio.

Com a carga horária do meu curso e as obrigações da fraternidade, eu não tinha muito tempo para namorar, por isso só tive dois relacionamentos oficiais: um no primeiro ano, que durou apenas seis semanas, com Geoffrey, um idiota de uma fraternidade que não sabia nem o que significava a palavra "namorado", e dois anos depois com o Mitchell. Entre eles houve uma série de caras, alguns com quem eu fiquei, outros que quase namorei, mas não cheguei a tanto, a maioria tão insatisfatória que eu esquecia sem esforço nenhum.

Em quatro anos, nada havia apagado ou diminuído as lembranças de Boyce. Seu beijo. Seu toque. A intensidade desorientadora do olhar. Eu agora era uma pessoa diferente, e ele

também, mas aparentemente essas mudanças não tinham afetado em nada o que eu sentia. Para o meu coração, ele era a agulha de uma bússola, uma força gravitacional.

Para Boyce, na época do colégio eu não havia sido mais que uma fixação, algo a ser conquistado. Antes disso, quem sabe? Uma obrigação, talvez, um tipo de dívida esquisita que ele contraiu no momento em que salvou minha vida. Quando virei a esquina no fim da rua dele, olhei pelo retrovisor, onde ele ainda aparecia, meio encoberto pela escuridão, uma silhueta imóvel.

Minha psique introvertida sempre preferiu deixar a explosão de emoções para as outras pessoas, de maneira que, na superfície, eu parecia ser a típica menina boazinha. Focada e recatada. A alma da discrição e a mente da racionalidade, da cabeça aos pés. Mas eu tinha uma essência secreta, e meus flashes de rebeldia eram internos. Meu coração, que eu escondia com todo cuidado, ignorava a razão. Ele corria atrás do que *queria*, e durante anos ele só quis uma coisa, contra toda razão: Boyce Wynn.

O momento em que decidi ceder a esses desejos secretos aconteceu no meio da cerimônia da minha formatura no colégio. É a velha história de não enxergar um palmo na frente do nariz.

Eu estava sentada ao lado da diretora Ingram, esperando para recitar meu discurso sem graça para os quarenta e dois colegas de turma, nossos amigos e familiares. Boyce estava na plateia, mandando mensagens ou jogando no celular sem nem disfarçar. Desviando os olhos para longe, tentando evitar encontrar o olhar dele na frente de toda aquela gente, vi minha mãe, que tirava dúzias de fotos minhas, o sorriso largo de batom perfeito embaixo da Nikon preta digna de um fotógrafo profissional. Eu estava me formando como a melhor aluna da turma, com bolsa integral para a melhor universidade do estado, e seu orgulho maternal era tão incontrolável quanto constrangedor.

Thomas estava sentado ao lado dela com um sorriso oblíquo. Ele me chamara de lado naquela manhã, depois que minha mãe me fez experimentar quatro pares de brincos, dois colares (inclusive o de pérolas, que me recusei a usar) e nem lembro quantos pares de

sapatos (muito importantes, ela explicou, porque seriam a única parte visível embaixo da beca azul).

— Sei que você não gosta de ser o centro das atenções, Pearl — ele disse. — Mas ela espera por este dia a vida toda. Faça um esforço para sorrir e aguentar.

Não gostar era pouco. Eu odiava falar em público, nada podia ser pior. Eu fingiria uma febre para fugir, mas meu médico e padraço teria me desmascarado. Minha frequência às aulas havia sido quase total; as únicas faltas foram no período de mononucleose, no segundo ano.

O plano era não olhar para Boyce a partir do momento em que eu me levantasse para fazer o discurso, mas a intenção só durou um minuto. Eu queria saber se ele olhava para mim. Talvez porque as coisas que todo mundo via em mim, o intelecto, o potencial, não eram as mesmas que Boyce via. O Boyce *me* via. Ele sentia a minha essência. Parecia conhecer, de algum jeito, o corpo que eu tinha vergonha demais para mostrar, como se conseguisse enxergar através das minhas roupas. Ele olhava para minha boca como se quisesse sentir o gosto dela outra vez. Como se pudesse me devorar se tivesse chance. Eu não queria ter de lidar com isso enquanto tentava garantir dez minutos de dicção perfeita.

Acidentalmente, olhei para Boyce e descobri que ele olhava para mim, não mais para o telefone. Meu rosto esquentou, depois o pescoço, e eu realmente me senti no centro das atenções, como Thomas havia mencionado. Lutei contra a tentação de abanar o rosto com as fichas onde havia anotado o discurso. Minha voz desafinou, e eu precisei pigarrear.

— Desculpa — murmurei, seguindo em frente com o trecho do discurso em que eu dizia que poderíamos “fazer do mundo um lugar melhor”, inserção defendida com entusiasmo pela sra. Ingram.

E então... Boyce piscou para mim. Se eu não estivesse marcando a leitura com o dedo, teria me perdido completamente. Aquela piscada me atravessou, invadiu minha alma e me sacudiu por dentro. O olhar que a seguiu declarava que ele estava debochando de mim, me mandando um sinal. Um desafio, na verdade. Desviei o olhar, coleí no rosto o sorriso falso e estudei a plateia, incapaz de

distinguir um rosto do outro. Precisei fazer um esforço monumental, mas consegui não olhar de novo para ele.

Quando terminei (*graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus*) e voltei para minha cadeira, todos aplaudiam com entusiasmo, mais porque a cerimônia estava quase acabando do que por qualquer coisa que eu tivesse dito. Mas nada daquilo me abalava, porque Boyce Wynn havia me desafiado com uma piscada. E eu resolvi aceitar o desafio.

9

BOYCE

Voltei àquele banco de areia algumas vezes, sozinho, e ficava do outro lado, onde era menos visível para os sobrados que se enfileiravam ao longo do canal e dos canais artificiais onde Pearl morava. Alguns colegas de classe moravam naquela região. Idiotas como Eddie Standish, e caras legais como Joey Kinley, que não se achava melhor que os outros por ter pais ricos. Meu parceiro, Lucas Maxfield, que na época era chamado de Landon, havia crescido estudando em colégios particulares, usando roupas de grife. Imagino que ele era como Kinley.

No meio do oitavo ano, alguns meses antes da morte de Brent, Maxfield e o pai se mudaram para a cidade e foram morar com o avô na praia, em uma versão de madeira do nosso trailer. Eles tinham barcos que levavam turistas para pescar na baía e no golfo, coisa que aparentemente metade dos velhos fazia na cidade, a metade que não havia se mudado para cá depois da aposentadoria e com montanhas de dinheiro. O pai do Maxfield ainda morava naquela casa velha e ainda cuidava dos passeios com turistas. Ele começou a levar o caminhão para consertar depois que assumi a oficina.

Depois do colégio, Maxfield foi fazer faculdade fora, a mesma que Pearl, mas ele dizia que o número de alunos lá era maior que a população da nossa cidade, por isso não a via com frequência. Pearl provavelmente vivia um período de intensa atividade social, com festas de fraternidade e coisas do tipo (coisas em que eu preferia nem pensar), enquanto ele, eu tinha certeza, era o oposto. Se eu não tivesse arrastado meu amigo para as festas na praia durante todo o ensino médio, ele nunca teria ido. Ele e Pearl passavam noventa e nove por cento do tempo sem dizer nada, mas Pearl podia ser cercada por qualquer nível de loucura e simplesmente observar tudo como se realizasse um experimento. Ela era observadora. Às vezes eu imaginava que ela me estudava daquele jeito, como se eu fosse um organismo não identificado pressionado entre lâminas de um microscópio.

O silêncio de Maxfield não era como o de Pearl. Havia nele uma espécie de hostilidade que vibrava logo abaixo da superfície, sempre pronta para vir à tona. O silêncio dele era assustador. O que foi muito útil quando trabalhamos para Rick Thompson no colégio,

nossa “época lesada”, como a chamamos mais tarde, cobrando dívidas de viciados em drogas.

Só o vi perder a cabeça três vezes. Na primeira, eu estava do outro lado da explosão, e nós estávamos no nono ano. Ele era menor que eu, mas bateu tanto quanto apanhou, e cada um de nós acabou com uma cicatriz e um melhor amigo. Na segunda vez foi com Clark Richards, que riscou com uma chave a palavra ABERRAÇÃO na lateral da caminhonete dele. (Idiota. Ninguém risca a caminhonete de um cara sem sofrer as consequências.) A última vez foi com Eddie Standish, supostamente por causa de uma dívida com Thompson, duzentos dólares em maconha. Na verdade, Standish ultrapassou um dos limites morais de Maxfield enquanto nós três tínhamos uma conversa sobre a dívida; teve a boca suja reformada e foi forçado a se alimentar com um canudinho por um mês.

Perdi a quarta e última vez, a que acabou com Maxfield na cadeia. Um idiota na praia foi atrás da irmã mais nova do Thompson, que ainda estava no colégio, e Maxfield o impediu.

Ser preso o assustou o suficiente para colocá-lo na linha. Depois daquilo ele mudou, arrumou um emprego na cidade, em vez de trabalhar no barco com o pai ou ser o cobrador do Thompson. E passou a fazer artes marciais. Parou de matar aula e começou a estudar, e Pearl o ajudou em algumas matérias. Só a força da nossa amizade e a confiança que eu tinha nele me impediram de chutar sua bunda por causa disso. Maxfield não fumava mais maconha, não brigava mais. Eu não segui exatamente o mesmo caminho, mas me formei, o que já era alguma coisa. Depois de ajudá-lo a vender a caminhonete para pagar o primeiro ano na universidade, eu e ele reformamos uma Harley para substituir a caminhonete.

E depois eu o vi ir embora da cidade, assim como Pearl. Assim como quase todo mundo que eu conhecia, ou queria conhecer. Dois anos mais tarde, meu pai recebeu o diagnóstico de doença hepática, e eu vi a primeira luz no fim do túnel a que eu havia sido confinado desde a morte do Brent. Olhei em volta. Se a Oficina Wynn’s seria minha, ela não ia mais parecer uma lata de lixo. Comecei com uma embalagem de produto de limpeza de escala industrial. Lavei as bancadas, esfreguei anos de graxa e sujeira antes de passar para a

janela de vidraças. Usei meia embalagem de limpador de vidros e folhas e mais folhas de jornal, e esfreguei até fazer o vidro brilhar.

Com a piora no quadro do meu pai, fui assumindo gradualmente o trabalho de consertos, a compra de peças e a cobrança, mantendo os livros de contabilidade com a ajuda de um computador novo, de um programa apropriado que encontrei online e de algumas conversas com o pai de Maxfield, Ray. No último ano, comandi tudo e acompanhei meu pai nas idas a clínicas e hospitais.

As pessoas às vezes imaginavam — erroneamente — que ele e eu havíamos superado algumas de nossas mágoas naqueles últimos meses, mas não é todo mundo que muda quando sabe que vai morrer. Algumas pessoas continuam sendo egoístas até serem enterradas. Meu pai era assim. Algumas pessoas não conseguem perdoar o que não pode ser consertado. Eu era assim.

Ainda encontrava os caras: Randy Thompson (irmão mais velho de Rick, conhecido como “Thompson sênior” quando éramos crianças) e Mateo Vega, quando ele conseguia escapar por algumas horas da esposa e dos filhos pequenos. O pobre coitado engravidou a namorada de gêmeos no verão depois da nossa formatura. Brittney e algumas garotas que eu pegava apareciam de vez em quando, embora preferissem pegar turistas que se divertiam com elas no fim de semana e depois sumiam. Não podia dizer que elas estavam erradas; eu também era assim. De vez em quando, uma ou outra começava a dar indiretas sobre um relacionamento mais sério, e esse era o fim da história. Só havia uma mulher viva com quem eu queria um relacionamento sério, e o inferno ia congelar antes que isso acontecesse. Minha vida amorosa era limitada a lances de uma noite só e transas saudosistas. Sem amor, mas tudo bem.

Até Pearl contar que estava voltando para casa, e meu coração despertar como se eu o tivesse ligado na tomada. Uma vez ouvi alguém dizer que “o coração quer o que quer”, então decidi que, mesmo que isso fosse verdade, não existia no mundo um ditado mais idiota e inútil. Nenhuma explicação. Nenhuma orientação. Nenhuma solução. Ditados servem para simplificar as coisas, não para complicar tudo.

“O coração quer o que quer.” Ótimo. E agora?

PEARL

— Tenho a sensação de que é o fim do ensino médio outra vez — Mel comentou olhando para o quarto dela, agora vazio de personalidade, tão sem marcas que parecia um quarto de hóspedes. — Só que agora vou embora de vez. — Ela levou a última Louis Vuitton para perto da porta e estendeu os braços para mim. — Vou sentir saudade, *chica*. — E apoiou o queixo sobre meu ombro.

Retribuí o abraço.

— Também vou sentir saudade. Mas você volta nas férias e para o casamento do Evan.

— Ai, nem me lembre. Se você não estivesse aqui, acho que não voltaria mais.

Não era verdade, eu sabia. Quando o assunto era desafiar os pais ou exercer independência, Melody era só papo. O Infiniti azul e brilhante na porta era a prova disso, assim como as fotos que me mostrara do novo apartamento perto do Turtle Creek. Recém-formados não tinham dinheiro para carros e apartamentos como os dela, não sem ajuda. No caso de Melody, a ajuda era atrelada a algumas condições, como não causar confusão quando o anel da avó fosse dado à noiva de Evan.

— Bom, legal que eu tenha vindo para ficar — respondi.

Ela recuou e suspirou.

— Só pra registrar, acho que você é doida. Tanta inteligência, e vai ficar aqui estudando tubarões, alga marinha e sei lá o quê. Mas você vai ser a melhor no que decidir fazer. Sempre foi.



Quatro anos atrás, Melody erguia os braços e gritava:

— Vamos fazer daiquiris!

Meus pais haviam acabado de sair para a segunda lua de mel, deixando pela próxima semana a casa aos cuidados da filha responsável e recentemente matriculada na faculdade, porque não imaginavam que ela poderia fazer algo inconsequente, como convidar um garoto para visitá-la e pôr em prática um plano desastrado para perder a virgindade.

Pensar nisso fez minhas entranhas se retorcerem.

— Mas ainda não é nem uma hora. Não acha melhor esperar um pouco?

Eu não havia contado a Melody meus planos com Boyce, e nem ia contar. Ela poderia apoiar com entusiasmo o que eu pretendia fazer, mas não com quem.

— Ah, tudo bem. — Ela fez biquinho. — Então vamos subir e escolher o que vestir hoje à noite na festa na praia. A ideia é ficar tão sexy e gostosa que o Landon não vai resistir.

— Mel...

— Já sei, já sei... Não precisa falar. Não vou ouvir!

Ela havia estragado suas chances com o Landon no primeiro ano. Falei centenas de vezes que ele é o tipo de cara para quem fim é fim, diferente do Clark, que a enrolou até o dia em que pôs as malas no Jipe e foi embora para o Missouri. Começamos nosso último ano no colégio com a vida dela em frangalhos, porque, pela primeira vez, desde o nono ano, a Mel estava sozinha e sem nenhum pretendente. Entre um e outro ataque de fúria, ela chorava. Eu queria sacudi-la como uma Bola 8 Mágica que sempre dá a mesma resposta indesejável.

— Sua mãe está em outro continente, Pearl — Melody lembrou.

— Viva um pouco! Vista aquele biquíni cor-de-rosa que compramos

na Le Mode faz dois meses e nunca vi você usar. Não pode ir para a faculdade virgem, por favor. Usa o biquíni hoje à noite, e isso não vai ficar assim. — Ela fazia virgindade parecer uma doença.

Minha razão para hesitar não tinha a ver com moral ou repressão, mas tudo a ver com confiança. Eu entendia que virgindade não tinha nenhuma importância científica real, mas ainda me sentia um pouco assustada com a ideia de chegar a esse grau de intimidade com outro ser humano. Havia passado a vida naquela cidadezinha na Costa do Golfo e conhecia todo mundo na minha faixa etária. Fins de semana e verão significavam ficar na praia, às vezes aguentar um beijo babado de um garoto animado pelo álcool à beira de uma fogueira. Tive alguns encontros, alguns legais, outros não, e sobrevivi a uma onda de fofocas quando Parker Guthrie contou aos amigos que eu havia “entregado o ouro” no banco traseiro de seu Bronco.

Não me incomodei em negar porque, para isso, eu teria de reconhecer a fofoca, mas minha reação não foi boa o bastante para Mel, que espalhou boatos sobre o tamanho (minúsculo) e a forma (de bumerangue) do pênis de Parker. Ele tentou negar espalhando evidências fotográficas do contrário, o que lhe provocou uma semana de suspensão do colégio e uma quase detenção. Parker ficou bem acanhado até o fim do ano escolar.

Em algum momento daquela tarde, Melody, ainda pensando em Landon, teve a ideia de uma festa na piscina.

— O Landon não vem se o Boyce não vier — lembrei, esperando que isso a fizesse desistir.

— É verdade. Droga. Vou ter que convencer os dois.

Naquela noite, estávamos na praia com praticamente toda a turma do último ano do colégio, e eu comecei a questionar minha decisão. Uma festa em casa, enquanto meus pais estavam viajando? Uma festa que incluiria, sem dúvida, atividade sexual, bebida alcoólica e, possivelmente, drogas? Fechei os olhos. Além de ser proibido pela lei e por meus pais, era *clichê* demais.

Antes que eu pudesse desistir, Melody começou a distribuir convites verbais. *Merda*. A festa estava acontecendo. Se eu ainda queria ter alguma coisa com Boyce, era agora ou nunca.

— Lá estão eles — disse Melody, e meu estômago deu um pulo.

Os olhos de Boyce já estavam em mim, ignorando Mel no biquíni preto sob a túnica transparente, com o cabelo loiro preso num coque impecavelmente desconstruído. Ele vestia shorts floral soltinho na altura do quadril, e as flores cor de laranja e rosa-choque eram o enfeite perfeito para o corpo rígido, musculoso e másculo. O boné do Astros escondia o rosto, mas não o brilho dos olhos. Minhas mãos tocaram o centro do meu peito, verificando se eu ainda usava o vestido azul-marinho, e eu sentia queimar cada lugar que tocava, como se Boyce estivesse me tocando.

— Oi, Landon. — Mel tocou o braço dele com as unhas perfeitas.

— Srta. Dover — Landon respondeu sem dar moral para ela. Na verdade, parecia mais irritado do que tentado, mas ela não queria desistir.

— Vamos improvisar uma festa de formatura na piscina da Pearl em meia hora. Os pais dela viajaram para a Itália logo depois da formatura, não vão estar lá. Se quiserem ir, vai ser bem legal. O P.K. e o Joey vão levar vodca. Levem o que quiserem.

Mesmo olhando para ela, senti os olhos de Boyce em mim com a mesma certeza de que sentia a brisa morna do golfo. Aquela piscada durante meu discurso de oradora ficou se repetindo em minha cabeça o dia todo, me enlouquecendo. Eu estava usando o biquíni fúcsia sob o vestido, e em determinado momento a Mel me olhou feio e disse que eu era uma menina de dezessete anos me comportando como uma mulher de quarenta, mas, sob aquele olhar penetrante de Boyce, eu me sentia nua de qualquer jeito. Fingi olhar para os garotos meio chapados perto da fogueira.

— Uma festa na piscina? Temos uma *praia*, caso não tenham notado — Landon respondeu. — Fogueira acesa, cerveja na mão. Por que íamos querer uma *piscina*? Ouvi o tom de rancor na voz dele e senti vergonha por Mel, mas ele trocou um rápido olhar com Boyce e deu de ombros.

Ignorando Melody, Boyce me encarou e, como se percebesse meu conflito interno, falou para me desafiar:

— Tudo bem. Daqui a pouco a gente vai. Não comecem a festa sem a gente.

Eles se afastaram, e eu deixei escapar um suspiro cauteloso, nervosa com meu impetuoso plano de sedução, tentando tratá-lo da maneira mais lógica possível. Não tinha ilusões sobre o que uma noite com Boyce iria significar para ele. Só queria o que eu queria, antes de ir para a faculdade e começar os oito anos de curso e dedicação intensa que esperavam por mim. Antes de Boyce se apaixonar ou engravidar uma garota qualquer e ficar fora do meu alcance para sempre.

Pensar nisso me provocou um sentimento de posse que apertou meu peito, uma emoção muito parecida com pânico.

Havia pelo menos vinte e cinco pessoas em casa por volta da meia-noite. Eu havia trancado a porta do quarto dos meus pais e do escritório de Thomas antes de todos chegarem, e abri a porta da sala de estar para o pátio de piso de xisto. Dançando com meus amigos, eu estava segurando um clássico copo vermelho ainda meio cheio. Tomei um gole da bebida e fiz uma careta. Cerveja barata não melhora em temperatura ambiente.

Olhei em volta procurando Boyce e vi o amigo dele, Mateo, fumando um baseado com Rick Thompson, que eu preferia que não estivesse na minha casa. Mas lá estava Rick, sentado no meu sofá com Brittney, ainda chapada, ainda burra como uma porta. Ela ria desinibida e de boca aberta como uma criança. Tentei não olhar feio para ela. Brit dormira com Boyce várias vezes durante os três últimos anos, e nunca havia feito disso um segredo. O único motivo para não desprezá-la era o fato de ela não saber como me machucava ouvir seus relatos com detalhes torturantes nos corredores ou no vestiário feminino, na fila da cantina, na praia...

Morar em uma cidade pequena podia ser bem ruim.

Os olhos de Melody encontraram os meus do outro lado da sala. A festa já tinha começado fazia pelo menos duas horas, e Boyce e Landon não haviam chegado. Quando ela os convidou, os dois disseram que apareceriam, isso antes de se dirigirem à avenida da praia, onde o Trans-Am preto de Boyce estava estacionado. Se fosse verdade, eles já estariam ali.

10

BOYCE

Os números mostravam havia meses que a oficina estava dando certo, mas pensei que a diferença fosse uma irregularidade passageira. Gente cuidando de manutenção atrasada, não um aumento real no serviço. Mas, naquela noite, quando inseri no sistema os números iniciais do fechamento mensal, lá estava, era o sexto mês de aumento nos rendimentos. E vários novos clientes locais, o que sugeria maior probabilidade de repetição.

Mais *dinheiro* seria muito bom. Mais trabalho seria ultrapassar meu limite. Contratar um ajudante faria mais sentido do que recusar novos serviços, por isso decidi procurar meu antigo professor de mecânica para ver se ele me ajudava a contratar alguém para fazer as coisas mais simples, mas que tomavam tempo, como cuidar da limpeza e organizar os serviços na agenda. *Boyce Wynn: patrão.* Hum.

Não verifiquei as notificações de mensagem no celular até fazer um intervalo de cinco minutos. Depois de fazer xixi e pegar uma Pepsi, fui ver se tinha alguma coisa nova. A mensagem de texto que eu havia ignorado por pensar que era Vega reclamando do fracasso do Astros na pré-temporada na verdade era de Pearl.

A Mel foi embora para Dallas. Tudo certo para hoje?

Desculpa. Ocupadíssimo, acabei de fazer um intervalo. Pode ser à noite? Quer comer alguma coisa antes?

E se eu levar? Hambúrguer? 😊

Você sabe que não
resisto a essa porcaria.

Abacate e bacon? Milk-shake de baunilha
bem grosso?

Tentando me seduzir,
srta. Frank?

Você vai ter dezesseis anos pra sempre.
Que horas?

19h?

Combinado. 😊

Eu sabia que estava me arriscando ao sugerir que saíssemos juntos em público. E o choque seria maior se ela aceitasse. Isso só havia acontecido uma vez.

Quando Maxfield trincou uma costela de Clark Richards no colégio, eu segui o Mini novinho em folha da Pearl no meu TA 79, da escola até a casa dela, para que ela pudesse pegar o estetoscópio que o padrasto mantinha em uma gaveta da escrivaninha. Depois ela me seguiu até a casa do Maxfield para examiná-lo. Naquele dia ela estava azeda, e não fazia muito tempo desde o beijo no banco de areia. Um mês, mais ou menos.

Sentir seu corpo em meus braços, ouvir o suspiro e sentir o gosto da boca quando a beijei... Pearl virou minha cabeça naquela noite. Três dias depois, na aula de biologia, ela mal olhou para mim, e pelo jeito como Dover falou comigo, soube que ela não havia contado nada à melhor amiga. Se uma garota não conta alguma coisa para a amiga, ou não é importante e ela esqueceu, ou é alguma coisa de que ela se envergonha. Francamente, eu preferia não saber em que categoria me enquadrava.

No fim de semana seguinte eu voltei ao banco de areia, bebi meia dúzia de Budweiser e pensei seriamente em ir até o deque flutuante do dr. Frank, amarrar a porcaria do barco a uma das estacas e bater na porta da casa dela. Em um raro ímpeto de autocontrole, me contentei em esvaziar as latas de cerveja uma a uma, brindando a Pearl de várias maneiras que, felizmente, agora não consigo mais lembrar, xingando e chutando areia como um idiota.

E xinguei mais ainda quando chutei alguma coisa que estava quase completamente enterrada e quebrei o dedão. Caí sentado segurando o pé descalço, furioso porque um objeto inanimado teve o atrevimento de ficar no meu caminho enquanto eu surtava como o bebê gigante que Dover havia me acusado de ser depois de eu ter arrotado o refrão de "Gold Digger" na aula. Minha raiva diminuiu quando a lua saiu de trás de uma nuvem e iluminou uma pequena porção visível do meu inimigo enterrado.

Eu tinha apenas as mãos como ferramenta, por isso levei um tempo para desenterrar a concha inteira, que tinha o tamanho de

uma bola de futebol americano. Mesmo um pouco bêbado, não quis usar uma pedra ou um graveto e correr o risco de quebrá-la. Nunca tinha visto uma concha daquele tamanho, e a primeira coisa que pensei foi em como Pearl ia adorá-la. Quando soltei a concha, limpei dela toda a areia que consegui, depois usei minha camiseta para embrulhá-la e a deixei na porta da casa dela.

Pearl levou a concha à aula de biologia para mostrá-la ao sr. Quinn, e a acomodou em uma caixa de sapatos forrada com uma toalha, como se transportasse um bichinho de estimação. Toda a superfície, cada nervura, havia sido limpa e polida. Quinn a fez andar pela sala com a concha para todo mundo poder olhar de perto.

— Essa é a concha oficial do nosso estado, senhoras e senhores! — Quinn anunciou, mais animado que qualquer outra pessoa, como sempre. E, quando Pearl andou por entre as bancadas do laboratório, até quem odiava a escola e ciências em particular quis tocar a concha. — A julgar pelo tamanho, o antigo habitante, um gastrópode marinho predador, era mais velho que todos vocês.

Quando ela sentou, nossos olhos se encontraram por cima da madeira riscada da bancada, enquanto nossos parceiros de grupo examinavam a concha.

— Deve ter sido um caracol medonho de bunda grande — disse Dover, e as gargalhadas deram fim ao nosso contato visual.

Nunca mais recuperei aquela camiseta.



Parada na minha porta vestindo shorts e uma regata cor-de-rosa modelo Deus-tenha-misericórdia, segurando um saco com hambúrgueres e dois milk-shakes, Pearl era um assalto aos meus sentidos. Eu não sabia o que fazer primeiro. Minha boca ficou cheia de água e meu estômago roncou quando senti o cheiro dos hambúrgueres, mas, quando ela parou embaixo da lâmpada, meu pinto percebeu aquele corpinho delicioso tão perto e disse: “Foda-se tudo, a comida pode esperar”.

— Obrigado. Estou morrendo de fome — eu disse, empurrando as palavras para fora da boca como se fossem difíceis de pronunciar. Torcendo para ela pensar que minha cara de idiota era fome, *fome de comida, mesmo*, peguei o saco e me aproximei da mesa para esconder como comprimia o maxilar, como lutava para manter o corpo sob controle. Foi naquele momento que percebi que não transava fazia duas semanas. Não, mais de duas semanas; um mês, talvez. Eu podia dizer que estava cansado ou ocupado demais para pensar nisso, e era verdade, estava mesmo, mas que tipo de derrotado está ocupado demais para transar? Preferia me afogar no maldito golfo antes disso.

Eu nem conseguia me sentir atraído por alguém desde que soube que Pearl estava voltando para casa. Essa era a única explicação, mesmo eu não gostando. Não fazia diferença se eu fosse para a cama e dormisse por dez horas direto. Meu corpo estava mais do que pronto para entrar em ação e ter um desempenho de super-herói antes disso, desde que eu pudesse transar com a garota que naquele momento transferia os milk-shakes do suporte para copos para a mesa bem ao meu lado.

Meus dedos queriam tocá-la. Eu mal havia parado para comer durante o dia e estava morto de fome, mas o cheiro dela — laranja, flores e um toque salgado, como se parte de seu ser pertencesse ao oceano e o amasse, embora ele houvesse tentando matá-la — era mais potente que o cheiro da comida sobre a mesa. Ela levantou a tampa dos dois milk-shakes antes de se inclinar para deixar o meu na minha frente. Inclinou-se sobre a droga da mesa para pôr o copo na minha frente. Fechei as mãos, incapaz de desviar os olhos do traseiro perfeito dentro do shorts e da pele bronzeada na parte

inferior das costas, que eu vi quando ela esticou o braço e a camiseta subiu.

A fome cresceu dentro de mim, um relâmpago de fogo e desejo. Eu queria deslizar as mãos por aqueles braços, pelos ombros magros até as mãos pequenas, apoiá-las sobre a mesa numa ordem silenciosa. Eu passaria as mãos pela frente daquela camiseta, enchendo-as com os seios macios. Enterraria o rosto na curva do ombro dela e sentiria seu cheiro doce e picante. Passaria a ponta da língua pela lateral do pescoço, sentiria sua pulsação acelerar embaixo da pele, chuparia a ponta da orelha e a pegaria entre os dentes. Quando ela se encostasse em mim, eu abriria botões e zíper, puxaria aquele shorts para baixo pelas pernas longas, levaria junto a calcinha de renda que minha imaginação conjurava. Dedos desceriam por sua barriga, e eu iria introduzir um dentro dela, depois outro, quando ela estivesse molhada e seus braços começassem a tremer. E então, penetrando seu corpo com os dedos de uma mão, eu abriria minha calça com a outra e libertaria meu pinto voraz, e aí iria cochichar as palavras que eu queria lhe dizer havia quatro anos.

— Droga. Não mandaram ketchup — ela percebeu, deixando os dois hambúrgueres embrulhados no papel amarelo engordurado em cima da mesa, um diante dela, outro na minha frente, achatando o saco de papel e virando sobre ele uma embalagem grande de batata frita. — Você tem aí?

Ela se virou e inclinou a cabeça para o lado diante da maluquice que viu em meu rosto, e eu tentei entender as palavras simples que Pearl havia acabado de falar e banir lentamente as imagens que dominavam minha cabeça. Sem responder, me aproximei da geladeira, abri a porta e me abaixei. *Merda*. Estava me comportando como um idiota de primeira, e não conseguia parar.

Eu simplesmente a queria muito. Ainda.

PEARL

A expressão no rosto de Boyce antes de ele se virar e abrir a porta da geladeira era de fúria, o maxilar tenso, os olhos brilhando como cacos de vidro, e eu nem imaginava por quê. Ele não podia estar bravo comigo por ter trazido comida. Talvez estivesse reconsiderando minha sugestão de enterrar as cinzas do pai no banco de areia. Boyce dissera que não haveria superação, como se isso fosse algo inatingível, mas eu torcia para ele estar errado. E esperava ajudá-lo a superar.

Agora era eu quem não tinha certeza da *possibilidade* dessa superação. E também não sabia se eu era a melhor pessoa para ajudá-lo a tentar.

Segurei o encosto da cadeira, incapaz de desviar os olhos dos músculos definidos dos ombros largos e das costas fortes embaixo da camiseta cinza. O cabelo curto estava úmido. Ele devia ter tomado banho pouco antes de eu chegar.

— Achei que você podia estar com fome, então trouxe dois hambúrgueres — falei.

Ele se virou e olhou para mim depois de um momento tenso, então notei a embalagem de ketchup na mão dele.

— Acertou. — A raiva, ou o que pensei ser raiva, não estava mais lá. No lugar dela havia uma fome selvagem.

— Vamos comer, então. — Peguei o ketchup da mão dele e sorri.

Boyce assentiu uma vez, mais uma sacudida de cabeça que um gesto de afirmação, e passou por mim para ir se sentar à mesa. Ele trabalhava duro seis dias por semana, não só trabalho braçal, mas também lidava diretamente com os clientes. Lembrei como minha mãe ficava exausta quando trabalhava por muitas horas na clínica

pediátrica que administrava. Quando ia me buscar na escola, muitas vezes estava irritada depois de um dia inteiro disfarçando o sentimento. Ela costumava dizer que trabalhar com o público às vezes era mais cansativo que o trabalho braçal que ela fazia quando chegou aos Estados Unidos.

— Pias, chão e vasos sanitários não gritam quando você informa educadamente que o convênio exige o pagamento de uma taxa — ela explicava, as mãos tensas segurando o volante. — Não exigem ver o médico imediatamente quando chegam atrasados, nem deixam os filhos limpar o nariz nas almofadas das cadeiras da sala de espera.

Boyce desembulhou um hambúrguer e deu uma mordida no sanduíche, fechando os olhos como se aquela fosse a melhor coisa que ele já havia comido. Os ombros caíram um pouco. Ele respirou fundo pelo nariz e deixou o ar sair devagar.

— Bom? — perguntei desnecessariamente.

Ainda mastigando, ele abriu os olhos, assentiu e soltou um suspiro e um *hummm*.

Comprimi os lábios para esconder um sorriso vaidoso por ter domado a fera que urrava dentro dele quando cheguei. Ele sorriu de volta, os olhos com linhas nos cantos, lendo minha reação como se a análise que fiz dele estivesse escrita em minha testa. Sua percepção era, ao mesmo tempo, reconfortante e perturbadora. Durante a maior parte da minha vida, o sorriso de Boyce Wynn representou três coisas para mim: segurança, afeto e lar, ainda que esse mesmo sorriso fizesse meu coração pulsar de desejo por alguma coisa sombria, inatingível.



Quatro anos atrás

— Só um *minuto* — resmunguei do alto da escada, como se quem estivesse lá fora tocando a campainha pudesse me ouvir. Eu não estava de ressaca, mas estava atordoada pela falta de sono. Passei metade da noite acordada pensando no porquê de Boyce e Landon não terem aparecido e lamentando não ter ficado na praia com a Mel e com eles dois.

Desviei de uma garota que dormia nos degraus, Shania Fowler, que fizera parte da equipe de dança comigo e com a Mel. Com os braços dobrados embaixo do rosto, ela fazia parecer que dormir no meio da escada da casa de alguém fosse perfeitamente natural.

Ouvi a porta da frente abrir antes de a voz de Boyce Wynn ecoar pelo hall.

— Que merda você tá fazendo aqui?

Desci os últimos degraus correndo e o vi olhando com uma expressão quase assassina para Rick Thompson, que atendia à porta da minha casa. *Que diabos?*

— Wynn, entra ou cai fora, mas fecha a porcaria da porta. — Rick protegia os olhos com a mão, recuando para tentar fugir da claridade. — Não estou preparado para a luz do dia.

Boyce bateu a pesada porta de mogno, fazendo tremer os quadros pendurados na parede perto dela. Ao mesmo tempo, ele me viu parada atrás de Rick.

— Porra! — Rick gemeu, segurando a cabeça com as duas mãos. Alguém na namoradeira da sala gemeu com o barulho.

— O que ele tá fazendo aqui? — Boyce perguntou. Antes que eu pudesse responder, ele viu uma garota dormindo na escada, outra na namoradeira, e um cara encolhido ao lado da central de mídia, babando na almofada do sofá embaixo da cabeça dele. Devia ter gente em vários estágios de inconsciência pela casa toda.

Ergui uma sobancelha, virei e voltei para a escada, desviando novamente de Shania. Não olhei para ver se Boyce estava me seguindo, mas sabia que ele estava atrás de mim.

Percorri o corredor até meu quarto, chutando um romance para baixo da cama quando ele apareceu na porta. Boyce ocupava o espaço, ombros largos, peito forte e mãos apoiadas no batente, cotovelos dobrados, bíceps flexionados dentro das mangas da camiseta justa.

Meu coração batia mais alto que a música na noite passada.

— Oi, Boyce. — Eu olhava nos olhos dele, tão escuros que eu não distinguia o verde. Do outro lado do quarto, pareciam castanhos. Negros, até. Mas eu sabia que, de perto, aqueles olhos eram verdes e profundos como uma floresta densa, cheia de camadas e tons.

— Oi, Pearl. — Ele entrou no quarto e deslizou sua mão grande para a maçaneta antiga de vidro. — Posso fechar a porta? — perguntou, o olhar cauteloso e as palavras determinadas.

— Pode trancar — respondi com a voz trêmula. Pigarreei quando a fechadura da porta estalou e ele se virou para mim.

E trancou a porta.

Clique.

Sem se aproximar, ele tirou as botas, que estavam sempre amarradas de qualquer jeito. Depois tirou as meias, apoiando uma das mãos na cômoda.

— Por que você não veio? — perguntei. Ele parou e franziu a testa numa reação confusa. — Ontem à noite — esclareci.

Sua expressão desanuviou.

— O Maxfield não queria papo com a Dover ontem à noite.

— E aí... Vocês voltaram para a praia?

Quando ele assentiu, minha imaginação se encheu com as probabilidades que o gesto implicava. Queria apagar as imagens da minha cabeça. Ele não viria atrás de mim depois de ter ficado lá e...

Para!

De queixo erguido, com os olhos meio apertados, fechei as mãos para conter o impulso de gritar acusações.

— E lá você encontrou o que estava procurando?

Seu sorriso encoberto me deixou ainda mais furiosa. Até ele responder:

— Claro que não. Eu sabia o que queria e onde estava. Ontem à noite fiquei com meu amigo para dar uma força pra ele. Agora estou onde eu queria estar.

Os olhos dele passearam por meu corpo e eu estremei. Com a boca fechada, ele começou a atravessar o quarto, os passos silenciosos como o de um predador atrás de uma presa pequena e assustada, mas ele parou quando levei as mãos à nuca para desamarrar as tiras do vestido frente única. Segurei a parte da frente contra o peito, tímida demais para deixar o vestido cair, mesmo com o biquíni fúcsia por baixo.

— Sua camiseta — falei, e minha voz soou rouca no quarto silencioso. A intenção era um ambiente com música, luz de velas. Mas isso tinha sido na noite anterior. Agora as cortinas de algodão branco estavam abertas e revelavam uma radiante manhã de junho, um céu sem nuvens e ondas mansas que cintilavam como se milhões de espelhinhos flutuassem sobre a água azulada.

Obediente, ele levou as mãos à nuca e tirou a camiseta puxando pela gola, jogando-a no chão enquanto atravessava o quarto, e minha respiração acelerou.

Eu vira Boyce sem camisa centenas de vezes. Eu o vi crescer, passar de menino a homem. Mas ali no meu quarto — uma perigosa fantasia ganhando vida — ele era desconhecido, dos músculos desenvolvidos pelos quais outros garotos da mesma idade se drogavam com esteroides letais à pele bronzeada dos ombros e às sardas que os cobriam e desciam pelos braços como pintas em um mapa demográfico, deltoides de população densa e antebraços esparsamente ocupados e polvilhados de pelos cor de cobre.

Agora frente a frente, ele trinta centímetros mais alto que eu, um dedo enganchando no meu decote solto. Os cílios dele eram escuros, exceto pelas pontinhas, onde havia um brilho vermelho à luz do dia.

— Vem — ele disse devagar, e a ordem soou como uma suave sugestão. — Quero muito te ver.

Nunca imaginei que Boyce Wynn pudesse falar com uma voz tão mansa. Soltei o vestido, e ele caiu no chão em torno dos meus pés.

Os olhos dele passearam lentamente por meu corpo coberto apenas pelo biquíni. Senti meus pelos se arrepiarem, como se buscassem o toque das mãos dele. Depois os olhos encontraram os meus e ele ergueu uma sobrancelha, que era vermelha e escura como o cabelo curto.

— Parece que vou precisar desembulhar... — A voz dele agora era rouca.

Balancei ao ouvir as palavras, tomada de assalto por várias sensações ao mesmo tempo. As mãos dele tocaram meu quadril, e ele me puxou mais para perto. Senti a saliência rígida do que ele queria pressionada contra meu abdome nu. *Se parece tão grande dentro da calça...* Minha respiração parou por um segundo quando pensei nisso.

Uma das mãos subiu por minhas costas, e ele desamarrou o cordão do biquíni antes de afagar um dos meus seios, os dedos massageando o mamilo por cima do tecido cor-de-rosa. A parte de trás dos meus joelhos encontrou o colchão quando ele desamarrou o cordão no meu pescoço e a parte de cima do biquíni caiu. Depois de me olhar por um instante, Boyce me fez sentar na cama, ajoelhando para se acomodar no espaço entre as minhas pernas. Fiquei olhando hipnotizada enquanto, sem pressa, ele se inclinava e capturava um mamilo com os lábios, as mãos embaixo dos meus seios, segurando-os como se os pesasse.

Meus dedos afagaram seu cabelo. Grossos e macios, os fios pareciam espetar as minhas mãos. Ele ergueu o corpo, me puxou e posicionou minhas pernas ao redor de sua cintura, enquanto os lábios acariciavam meu pescoço, beijando e sugando suavemente. Cada contato da língua morna me deixava mais zozna. Com um joelho sobre a cama, ele me deitou de costas no centro do colchão e se levantou. Eu gemi, e ele riu.

— Já volto, gatinha. Relaxa. — E desabotoou o jeans, abriu o zíper, empurrou a calça pelas coxas e a tirou. — Você primeiro, ou eu? — ele perguntou, as mãos no cordão do shorts que usava por baixo da calça, dentro do qual a ereção era completamente visível.

— Você — sussurrei.

Ele desamarrou o shorts e o empurrou para baixo, deixando-o cair no chão. E, ah, eu estava certa. Considerando o tamanho de Boyce, eu não devia estar surpresa. *Como aquilo ia caber?* Mas as mãos dele seguraram meu quadril, os dedos engancharam nos cordões na lateral do biquíni, desamarrando-os, e não tive tempo para pensar nas consequências da disparidade entre nós.

— Você é um sonho virando realidade — ele sussurrou, ecoando o que antes eu pensara sobre ele, os dedos acariciando minha pele nua.

Meus olhos se encheram de lágrimas quando vi o fascínio em seu rosto. Esse cara já não vira centenas de garotas nuas? Tive medo de que ele pudesse notar, mas Boyce estava compenetrado em sua avaliação. Os olhos seguiam um dedo que me acariciava devagar, e cada centímetro de minha pele queimava em resposta. Quando o prazer me envolveu, minha respiração acelerou e eu fechei os olhos, agarrando com força a roupa de cama. Meu corpo se movia sobre o colchão. Eu não conseguia ficar quieta.

Ele gemeu, a voz rouca revelando frustração.

— Pearl, você vai me matar.

— Como? — perguntei confusa. Se alguém ia acabar essa experiência rasgada ao meio, esse alguém era eu. Ele se colocou entre minhas pernas e eu fiquei tensa. E a *camisinha*?

Ele ergueu o corpo e virou meu rosto com os dedos.

— Você é inteligente demais para fazer sexo sem proteção, eu sei. Vou cuidar disso.

Havia muitas promessas naquelas palavras. Eu estava nua em minha cama com Boyce Wynn, mas ele não tinha pressa, prometia ser responsável e ainda não havia me beijado. Todas as minhas fantasias viravam de cabeça para baixo.

— Boyce, me beija?

Ele abaixou até seu peito tocar levemente o meu, depois subiu, provocando uma fricção incendiária em meus seios que me fez gemer. A boca pairava a centímetros da minha, a respiração dele era profunda, enquanto a minha era rasa, irregular. Eu registrava vagamente a sensação dele como “o outro” — um corpo rígido e pesado, embora ele equilibrasse o próprio peso.

Com os cotovelos ao lado do meu rosto, ele olhou nos meus olhos por um longo instante antes de aproximar a boca da minha. Cuidadosos, controlados, os beijos dele eram tudo que eu lembrava. Até o primeiro contato da língua explorando a entrada da minha boca. Gemi de novo, abri a boca e enrosquei a língua na dele. Boyce recuou, brincou com meus lábios até eles suplicarem pela invasão de sua língua novamente.

Arqueei o corpo querendo mais, e ele correspondeu com beijos famintos que se prolongaram até eu não poder mais respirar.

— Pearl — ele arfou —, você vai me fazer explodir sem estar dentro de você, e isso seria uma pena.

— Gaveta do criado-mudo.

Boyce não precisou perguntar mais nada. Ele voltou menos de um minuto depois, protegido e pronto, me beijou até eu enterrar as unhas em suas costas, então se posicionou e me penetrou.

Eu gritei. Lágrimas brotaram dos meus olhos e escorreram pelos cantos até atingir os cabelos, mas eu mordi o lábio e encaixei a cabeça no ombro dele, mortificada. Eu havia pedido. Eu queria. Sabia que ia doer. Melody e eu conversamos sobre sexo um milhão de vezes — *mas, caramba!* O que ela descrevia como desconforto era como ser rasgada por uma lança de fogo.

Boyce ficou imóvel.

— *Merda.*

Ele queria recuar, mas eu o segurei pelos braços, as unhas cravadas nos bíceps, porque qualquer movimento significaria queimar como se estivesse em contato com um fósforo aceso.

— Pearl... — A voz dele era tensa. — Você é...?

Droga. Sem chance de perder a virgindade discretamente.

— Eu *era* — respondi, me sentindo a idiota inexperiente que era.

— Mas... aquele babaca que você namorou no primeiro ano... — E parou, porque eu acabava de demonstrar que o boato era falso. — Aquele olhar sexy me chamando para vir para o seu quarto, o striptease antes do beijo... Você tem camisinhas na gaveta do criado-mudo! Eu pensei... Meu Deus. Como eu podia saber? — De

novo, ele começou a recuar e eu gritei, tomada por medidas iguais de dor e vergonha. Boyce parou. — Qual é, Pearl?

Como eu podia explicar? *Ah, sabe, sou apaixonada por você desde que eu tinha cinco anos e queria que você fosse o primeiro. Só isso.*

Não, não, não.

O inferno lá embaixo parecia estar diminuindo, mais ou menos. Respirei fundo e afastei o rosto do ombro dele, disposta a ser atrevida e corajosa. A última coisa de que esse fiasco precisava era uma declaração com voz esganiçada.

— Vou para a faculdade daqui a três meses. E queria que isso acontecesse com você. — Direta. Lógica. Muito Pearl Frank. — Algum problema?

A expressão apavorada sumiu, mas a aflição ainda estava ali.

— Por que eu?

Umedeci os lábios.

— Porque você me quer. Não é só isso. Não é só para passar o tempo. Você me quer. E já faz um tempo.

O rosto dele relaxou e a boca se distendeu, os cantos levemente erguidos.

— Não sou um cara muito sutil.

Apesar de tudo, eu ri.

— Não é. — Engoli discretamente e sussurrei: — Pensei que talvez você não fosse topar, se soubesse...

Boyce se abaixou, roçou os lábios nos meus, e a indignação desapareceu.

— Odeio acabar com sua ilusão sobre os meus princípios, mas pensou errado. Preferia que você tivesse me contado. Eu teria feito tudo diferente, se soubesse. — O hálito morno afagou meu pescoço.

— Faz diferente agora, então. Não está... não está doendo tanto, não mais. — Mentirinha branca. Mesmo que a dor tivesse diminuído, ainda estava longe de ser agradável. Eu não conseguia entender como o primeiro homem convenceu a primeira mulher a fazer esse negócio pela segunda vez. Então olhei nos olhos dele, dominados por uma mistura incomum de paixão contida e autocrítica. *Ah, foi assim!*

— Desculpa, Pearl. Sinto muito...

— Eu não. — As palavras transbordaram, assustando-o, mas eram verdadeiras. Eu não me arrependia.

Ele me beijou outra vez, um beijo lento, profundo, e recuou lá embaixo. Antes que eu pudesse protestar, ele voltou, mas de um jeito mais terno que antes. Os bíceps tremiam sob minhas mãos, e eu soube que ele se agarrava a todo controle que tinha para não me machucar.

Deslizei os dedos pelos ombros fortes e descí pelas costas enquanto ele penetrava um pouco mais fundo, me deixando alucinada com seus beijos. O desconforto começou a diminuir, dando lugar a uma sensação intensa que crescia a cada momento. Passando lentamente a movimentos mais longos e profundos, ele imitava os movimentos com a boca sobre a minha, às vezes os acompanhava, às vezes ia na contramão, a língua mergulhando mais fundo quando ele recuava, brincando sobre os lábios quando ele me penetrava.

— Boyce? — ofeguei e comecei a me mexer com ele, embora fosse um movimento estranho e uma pequena parte de mim se sentisse ridícula. Eu não sabia se estava fazendo aquilo certo.

Ele diminuiu a velocidade e eu arqueei o corpo contra o dele, querendo justamente o contrário.

— Ah, droga. — Ele fechou os olhos. — Você. É. Muito. Gostosa. — Os olhos se abriram e ele comprimiu a boca, o maxilar tenso, me preenchendo completamente, mas sem se mover, olhando para mim.

Minha respiração era tão irregular e descontrolada que se transformou em gemidos inarticulados, e eu sabia que os orgasmos que proporcionei a mim mesma não se comparariam ao que ia acontecer ali. Nada do que eu havia vivido me dava essa garantia, mas eu sabia. Sabia que seria assim. Contorcei o corpo embaixo do dele, *muito perto*, querendo que ele se *mexesse*.

— Não para. Por favor, não para.

— Não tenho a menor intenção de parar — ele murmurou, apoiando a testa em meu ombro e saindo de dentro de mim, voltando um segundo depois. — Caramba, garota. *Caramba!* — Ele levantou a cabeça e passou a língua em volta da minha orelha. Eu

gemi, me sentindo à beira do abismo e com medo de pular. — Goza comigo, Pearl — ele disse. — Estou com você. *Goza. Comigo.*

Tudo em mim ficou tenso de uma só vez, tudo que havia sob a pele, do queixo até os dedos dos pés, músculos, veias, nervos e sangue, e de repente explodiu, pulsando e jorrando como uma comporta aberta, e eu gritei pela segunda vez, mas pelo motivo oposto.

Dessa vez ele também gritou.

11

BOYCE

Entrei na estrada com o meu TA, o reboque do barco enchendo o espelho retrovisor. Usar um esportivo clássico para rebocar um barco de pesca, mesmo que pequeno, não era o ideal, e eu bati com os dedos no volante em um silencioso pedido de desculpas. O porto ficava a quinhentos metros pelo centro da cidade, e ultimamente eu não tinha muito tempo para pôr o barco na água, mas o aumento recente de clientes e a renda significavam que alugar uma vaga na marina podia ser menos inviável do que era alguns meses atrás.

— Acho que nunca estive no seu carro antes — Pearl comentou enquanto punha o cinto de segurança. Ela olhava o painel, o assoalho, minha mão sobre a alavanca do câmbio entre nós. — É muito... limpo. Sua casa também. Muito arrumada.

Eu ri. No que dizia respeito à vida diária, sabíamos muito pouco um do outro. Ela não conhecia meus hábitos e manias, e eu não conhecia os dela.

— Achou que eu fosse um porco? Ficou surpresa?

Ela mordeu o lábio, tentando esconder o familiar movimento da boca.

— Um pouco.

Eu havia corrido pelo trailer guardando coisas antes que ela chegasse, mas podia ter sido pior. *Era* pior; ela não chegou a ver o quarto do meu pai. Se o sr. Amos não me obrigasse a procurar documentos no meio das coisas dele, décadas de lixo acumulado teriam ido para a rua uma semana atrás.

— Como sabe que não arrumei e limpei tudo antes de você chegar?

— Por que você faria isso?

— Para impressionar, é claro. — Pisquei para ela. — Deu certo?

— Sou eu, Boyce. — Ela abaixou o olhar e passou a mão pela coxa. — Não precisa fazer nada para me impressionar.

Meus dedos apertaram a alavanca do câmbio.

— Porque já acha que eu sou incrível, ou porque nunca vai achar?

Ela me olhou assustada.

— Você salvou a minha vida. — Sua voz era mansa, mas firme. Pearl olhou novamente para baixo, depois para frente, e o sol poente

fez seus olhos escuros brilharem. — Acho você incrível desde que eu tinha cinco anos de idade.

Olhei para ela, depois para a estrada, como se eu não pudesse dirigir por ali de olhos vendados. Fiz um esforço para engolir o nó que se formou em minha garganta, envergonhado de como suspirava por aquelas palavras. Como precisava delas e nem sabia disso, até ouvir Pearl pronunciá-las.

Quando chegamos à marina, ela desceu do carro e ajudou a soltar o barco e levá-lo para a água, e eu tentei voltar à provocação relaxada com que ela estava acostumada.

— Tem experiência com barco, Pearl?

Ela entrou no barco, ligou o motor, deu ré e o tirou da rampa do reboque.

— O que foi isso, gata? Vai dizer que também pesca? Vou acabar me apaixonando! — Ah, *legal*... de onde tirei essa? Devia ter mordido a língua.

Ela prendeu o barco à estaca do deque antes de olhar para mim.

— Toma cuidado com suas propostas, Boyce Wynn. Alguém pode levar a sério.

Deixei o carro e o reboque no estacionamento quase vazio, peguei o pai-na-caixa e o cooler no porta-malas e corri de volta para o barco, esperando que a resposta dela me deixasse sem ar, disparasse o alarme que soava em minha cabeça sempre que eu me sentia pressionado, sufocado ou cobrado. Mas não havia ordem de recuar, e o único sinal de perturbação era o que me dizia para fazer aquela garota se apaixonar por mim, se apaixonar muito, tanto que ela nunca mais desistiria de ficar comigo.

Quando embarquei, ela estava sentada ao volante do meu Gambler, mandando uma mensagem de texto pelo celular. Não perguntei com quem ela estava falando, e Pearl não deu explicações. Quando levantou os olhos e guardou o celular no bolso da frente do shorts, ela ficou me encarando e eu sustentei o olhar, levantando a sobrancelha numa pergunta silenciosa.

— Seu cabelo no sol desse jeito — ela falou. — Parece fogo. Lembra aquelas pinturas medievais de santos e anjos com halos de

luz em torno da cabeça, sabe?

Droga, eu estava pegando fogo agora, lembrando a última vez que fomos àquele banco de areia. A primeira vez que beijei aqueles lábios carnudos.

— Não sou nenhum dos dois, Pearl.

— Se você diz...

— Todo mundo diz.

Ela cruzou os braços.

— Bom, todo mundo está errado.

Não pude deixar de rir com isso. Anjos e santos não têm fantasias de transar com uma garota como Pearl em cima da mesa da cozinha, ou de todos os outros jeitos que eu imaginava transar com ela.

— Você é bem teimosa, garota, tem sempre que provar que está certa. E qual dos dois eu sou, então? Anjo ou santo?

Ela piscou e ficou vermelha, um rubor que subiu como o amanhecer do peito para o pescoço até as bochechas. Acho que *nunca* tinha visto Pearl ficar vermelha. E nem havia falado nada tão sugestivo, comparado a toda provocação, flerte e bobagens que ela havia tolerado durante anos.

— Acho que é meu anjo da guarda, não?

A resposta me acertou em cheio. Eu não esperava que ela escolhesse uma das duas possibilidades.

Quando escolhemos um lugar para estacionar o barco, ela pegou o cooler enquanto eu tirava a caixa e uma pá pequena do bagageiro. Depois voltei para pegar o cobertor e a lenha que havia deixado ali na noite passada. O sol estava quase sumindo, era só um crescente pendurado sobre o horizonte, como se quisesse criar problema, iluminando o céu com um violento vermelho-alaranjado. A luminosidade incendiava as pontas do cabelo de Pearl, e algumas mechas haviam escapado do rabo de cavalo durante a viagem. Nela, a impressão era menos de um halo e mais de que as pontas haviam sido mergulhadas em tinta vermelha.

Nós dois olhamos para a caixa. Eu nunca havia testemunhado um momento de ternura de meu pai. Ele não tinha direito ao meu luto, nem mesmo de uma pequena porção do que senti quando

perdi o Brent. Então, por que saber que ele estava ali, naquela caixa, morto mas não sepultado, fazia meu peito doer como se alguma coisa dentro dele pudesse quebrar?

— Boyce. — A voz de Pearl era suave. Seu toque também foi suave quando ela pôs a pá em minha mão. — Vamos escolher um lugar e acabar com isso. Depois vamos acender a fogueira e tomar uma cerveja. Vem. — Ela pegou a caixa e esperou até eu caminhar para a área pantanosa de relva e começar a cavar.



— Tem certeza de que não é ilegal? — perguntei, jogando no fogo a última tora de madeira.

— Talvez. Provavelmente a gente devia ter ido atrás de algum tipo de autorização. Para sua sorte, meu silêncio pode ser comprado com algumas garrafas de Shiner e uma fogueira perfeita. — Ela fez uma careta de sorriso largo e eu ri, o que era muito bom.

Era junho, não precisávamos da fogueira para fugir do frio. Nem de longe. O calor do dia e a umidade infinita davam a impressão de que estávamos sentados em cima de uma toalha quente e molhada, apesar de o vento sul que soprava do golfo ser fresco. Mas Pearl sempre gostou de fogueiras na praia. Às vezes, nos tempos do colégio, eu a via olhando para as chamas como se estivesse hipnotizada. Por isso usei a pá para cavar um buraco onde acendi o fogo, e agora estávamos sentados sobre o cobertor, entre o cooler aberto e a fogueira.

Ela deitou e olhou para cima.

— Meu Deus, como senti saudade desse céu cheio de estrelas. Podia passar a noite toda aqui, olhando as constelações. — Com um dedo estendido para unir os pontos brilhantes e formar um desenho lá em cima, ela disse: — A Ursa Menor... as sete estrelas.

Tive uma lembrança fragmentada da minha mãe me segurando no colo, usando meu dedo para traçar o contorno de desenhos no céu: Ursa Maior, a Serpente do Mar e Leão, a constelação do meu signo.

— A maioria das estrelas desaparece nas grandes cidades por causa do excesso de luz... faróis de carros, iluminação pública e paisagismo. Muita beleza artificial à custa de beleza real — ela comentou. — Nada como o céu e o mar para me fazer perceber como sou pequena e insignificante, como a vida é frágil. E aqui eles estão juntos, os dois em um só lugar.

— E você quer se sentir insignificante?

— Quero sentir o que é de *verdade*. E a verdade é que a vida é curta, e às vezes parece não significar nada. Mesmo vidas que parecem importantes, como de cientistas que descobrem a cura para doenças horríveis ou de pessoas que dedicam sua existência a causas humanitárias... Se a gente para um pouco e olha para o ser humano... pra cada um de nós como parte da história do universo, somos realmente importantes? — Ela parou e suspirou. — Você acha que tudo acaba quando a gente morre, ou que a gente se transforma em alguma outra coisa? Tem que ter outra coisa, ou tudo parece sem sentido.

Eu me reclinei sobre as mãos e olhei para a escuridão, onde a água lambia a areia.

— O quê?

— A vida.

Desliguei meu alarme. Pearl não era suicida, só estava refletindo sobre temas mais profundos do que o que a maioria das pessoas considera ou com que se preocupa, porque eles não podem ser solucionados, na verdade. Coisas que eu entendia. Nós discutíamos essas questões.

— É um assunto muito complexo. Tenho certeza que muita gente mais inteligente que eu já refletiu sobre isso durante muito

tempo. — Sorri para ela. — E, até onde sei, ninguém chegou a conclusão nenhuma.

— É, eu sei. — Ela se virou de lado e olhou para mim, ajeitando o braço dobrado embaixo da cabeça. — Mas o que *você* acha?

Eu ri e olhei para a garrafa vazia atrás dela na areia. Pearl estava meio alegre depois de duas cervejas, e ela era do tipo que ficava metafisicamente curiosa quando bebia, em vez de ligar para o ex como todo mundo. Nenhuma surpresa.

— Que diferença faz o que eu penso? Minha opinião não importa pra ninguém no grande esquema das coisas.

— Importa para mim — ela respondeu, me estudando com aqueles olhos escuros como se eu tivesse a resposta para suas incertezas filosóficas e ela estivesse decidida a arrancá-la de mim.

Pensei na questão, sem saber se eu tinha uma resposta e muito menos se era capaz de encontrá-la.

— Tudo bem. Bom. Acho que a vida é como a prova de uma matéria que a gente sabe pouco. Fazemos o melhor possível, e depois que acaba a gente descobre como foi. Ou não descobrimos nunca. Mas, quando você diz que minha opinião importa, isso não elimina a opção de a vida ser sem sentido?

— Minha vida, porque sua opinião importa para mim; ou sua vida, porque é a sua opinião que importa?

— Os dois. — Parei, e ela esperou enquanto eu organizava os pensamentos. — E se toda a humanidade for como uma criatura mecânica, feita de milhões de partes que funcionam juntas, mas às vezes não? Peças quebram, se desgastam ou dão defeito e precisam ser substituídas por outras, por peças novas. E isso mantém a coisa toda funcionando indefinidamente, enquanto houver peças novas para substituir as velhas.

Ela caiu deitada de costas e suspirou.

— Mas ainda somos só partes substituíveis, então. Vamos desgastar, ser substituídos, e não importa.

Sorri e balancei a cabeça.

— Você tá fazendo a coisa toda ficar complicada. Ninguém vive para sempre, e todo mundo sabe disso. Mas você pode ser uma das partes importantes. Meu pai pode ter cumprido o papel dele quando

me trouxe ao mundo, e eu cumpri o meu quando te tirei do mar, onde você está sempre querendo voltar e mergulhar.

Ela ficou quieta por um instante, antes de virar a cabeça e olhar para mim.

— Isso não é verdade, Boyce.

Pearl não falou mais nada, eu acendi um cigarro e enterrei os dedos dos pés na areia perto do cobertor. A brisa dissipou a fumaça.

— Você está tentando entender onde você se encaixa — eu disse. — Essa é uma das coisas legais em você. O fato de se importar com a diferença que você pode fazer e como fazer. Por isso não acredito que gente como você, como o Brent, nasce sem um propósito.

— Eu não... não quis dizer que ele...

— Eu sei que não. Talvez eu não consiga ser imparcial sobre você e o Brent. Sempre fui um filho da puta egoísta, você sabe. Tudo acaba se resumindo em como a coisa me afeta. — Dei uma tragada no cigarro e sorri para ela. — Parece que isso inclui sua existência, gatinha.

PEARL

Quando Thomas trouxe aquela concha enorme junto com o jornal, eu soube que fora Boyce quem a deixara ali para mim. Não o vi nem ouvi deixando a concha, e eu não era vidente. Só reconheci a camiseta verde de beisebol com as mangas três-quartos. Ele a recheava melhor que qualquer garoto do time teria conseguido, e o verde dos olhos, normalmente indistinto do outro lado da bancada no laboratório, acendia quando ele a usava.

Não tinha ideia do que significava ele ter deixado aquela concha na porta da minha casa. Aos catorze anos, eu não conseguia nem chegar perto de entender os motivos de um garoto de dezesseis, mas Boyce, que havia me beijado uma noite e se comportado como se nada houvesse acontecido dias depois, me deixava perplexa. Coberta de cracas e algas, cheia de areia, a concha teria sido um presente estranho para alguém que não fosse eu. Eu adorei, independentemente de ter sido Boyce e das intenções deles. Mas adorei ainda mais porque foi ele quem me deu a concha. Passei o dia tirando areia pela abertura profunda e limpando as saliências e os sulcos externos com uma velha escova de dente. Quando finalmente estava limpa, eu a poli com óleo mineral e a deixei sobre a minha escrivaninha.

— Quem será que deixou aquela concha lá fora, e por quê? — minha mãe perguntou enquanto jantávamos.

Dei de ombros e olhei para o prato.

Só descobri por que ele deixara aquela concha na porta de casa dois anos mais tarde, na primeira e única vez que Boyce esteve em meu quarto, no dia seguinte à formatura.

O fato de estar deitada nua em cima do meu edredom, ao lado de um igualmente nu Boyce Wynn, penetrava minha consciência lentamente. Apesar de ter pensado muito sobre com quem (Boyce) e como (com proteção) havia perdido a virgindade, não podia afirmar que eu tinha idealizado o onde e quando da mesma maneira. Nas minhas fantasias, o cenário era sempre meio ambíguo, mas sempre escuro. Porque, claro, aconteceria em algum lugar discreto, romântico e escuro. Não *às dez da manhã, na minha cama e com uma dúzia de pessoas na casa.*

Depois de descartar a camisinha, Boyce desabou ao meu lado. Eu olhava para o desenho estampado no teto e ouvia o som da nossa respiração cada vez mais lenta, enquanto, ao mesmo tempo, nosso silêncio se tornava um tipo inteiramente diferente de barulho. Meu biquíni e o vestido estavam no chão, do outro lado da cama. Do lado do cara deitado ao meu lado. A cama estava desarrumada embaixo de nós, mas não o suficiente para eu me cobrir sem provocar um espetáculo constrangedor.

Contive uma risadinha de pânico. Estava deitada na minha cama com um garoto em plena luz do dia, *completamente nua*. *Espetáculo e constrangedor* eram coisas que haviam ficado bem lá atrás.

Foi quando ele se apoiou sobre um cotovelo e apontou minha escrivaninha.

— Ainda tem aquela concha?

O último assunto que eu esperava discutir naquele momento era a concha que ocupava espaço sobre minha escrivaninha havia dois anos.

— Hum. Sim. — Será que eu podia segurar a ponta do edredom e me enrolar nele sem parecer uma doida? Ou um burrito?

— Eu sabia que ela tinha que ser sua no minuto em que a encontrei. E a minha camiseta?

Pisquei quando os olhos dele encontraram os meus, e então, como se ele tivesse acabado de lembrar que *eu estava nua*, seus olhos deslizaram lentamente — um passatempo típico de Boyce Wynn — por cada saliência e vale expostos do meu corpo até alcançar os dedos dos pés, e depois subindo de novo.

— Quer de volta?

— O quê? — Seus olhos finalmente voltaram até os meus, mas era um olhar incisivo, as pupilas dilatadas, escuras.

— A camiseta.

Ele sorriu e apoiou a mão quente em minha barriga.

— Dane-se a camiseta. Tudo que eu quero agora é um segundo round... se você topar.

O desejo me invadiu como uma onda quando a mão dele subiu, e o polegar afagou a parte de baixo de um seio. Considerando a pressão que eu sentia no quadril, ele já estava mais que pronto.

E me beijou antes que eu pudesse terminar de movimentar a cabeça para dizer que sim.



Era impossível dormir naquela cama, quatro anos mais velha, mas não menos inadequada para Boyce. Passava da meia-noite quando voltei para casa depois da nossa visita ao banco de areia. Eu o vi cavar aquele buraco e olhar para ele por vários minutos antes de despejar lá dentro o conteúdo do saco e preencher a cavidade com areia e terra. Nenhuma palavra foi dita. Mesmo assim, Bud Wynn teve o sepultamento que não merecia, com mais respeito do que ele jamais demonstrou pelo filho caçula.

Melody me mandara uma mensagem mais cedo, para avisar que tinha chegado bem em Dallas e perguntar o que eu estava fazendo sem ela. “Não muita coisa”, respondi, sem revelar o que eu estava fazendo naquele momento ou com quem. Boyce e eu nunca tornamos nosso relacionamento, qualquer que fosse, público. Na verdade, nós dois fazíamos um grande esforço no sentido contrário. Durante anos eu me convenci de que aquilo não seria compreendido por ninguém que nos conhecesse, mas agora me questionava por que eu me importava se alguém iria entender ou não. Mas o segredo não era só meu. Boyce também não anunciava, nem contava nada ao amigo. Lucas havia olhado de um jeito estranho para nós nas poucas vezes em que nos encontramos naquele verão entre o colégio e a faculdade. Se soubesse de alguma coisa, ele não teria nos olhado como se fôssemos uma equação insolúvel.

Ainda não acredito que quer ficar aí, amiga.
Esse lugar não tem nada nem ninguém que
valha a pena! Dallas é muuuito melhor.
Promete que vem me visitar!!

Boyce deixara a caixa com o pai no bagageiro do barco, e
seguíamos para a baía.

É claro. Talvez no outono.



Guardei o celular no bolso, levantei a cabeça e esqueci o que ia
dizer. O sol começava a mergulhar no horizonte, e naquele exato
momento a luz emoldurava Boyce como naquele dia na praia,
quando recuperei a consciência depois de quase morrer afogada, e
ele estava lá, debruçado sobre mim, segurando a minha mão.
História da arte, primeiro ano, eu havia decorado várias palavras
para a luz que o cercava naquele dia — *halo, nimbo, glória* —, todas
descrevendo santos e anjos.

Boyce rira e perguntara qual deles ele era, como se me
desafiasse a relacioná-lo a um dos dois. E ele havia olhado para
meus lábios, e eles formigaram conforme eu lembrava, como se
visse um filme acelerado, cada bendito momento da possessão da
boca dele sobre a minha.

Santo ele não era, definitivamente.

12

BOYCE

Ruben Silva era o único professor que eu respeitava no colégio, tanto pelo tamanho impressionante quanto por seus conhecimentos de mecânica. Eu infernizava a vida dele, mas Silva sabia que a melhor maneira de lidar comigo era me ameaçar pôr para fora da oficina ou chamar meu pai. Tenho certeza de que ele nunca imaginou que eu acabaria cuidando sozinho da oficina que fora do meu pai, mas eu também não imaginava. Não fosse pelo quanto eu gostava do ronco do motor, do cheiro de combustível e da graxa nas mãos, o velho Bud teria me perdido para o tráfico há muito tempo. Mesmo assim, cheguei bem perto disso.

Imaginei que Silva pudesse conhecer um garoto que quisesse a chance de ganhar dinheiro para trocar óleo e velas, ajudar de vez em quando em um conserto mais complicado. Valia a pena fechar a oficina um pouco mais cedo para ir conversar com ele depois de sua primeira semana como professor de educação no trânsito. Fui encontrá-lo na oficina dele, onde dois assistentes trabalhavam no motor de um carro, enquanto ele orientava o serviço.

— Curso de verão, sr. s.? — perguntei, atravessando a área de piso de concreto e estendendo a mão.

Ele era o maior homem da cidade desde que tinha dezessete anos, o único lutador do colégio que já ganhara o campeonato estadual. Havia boatos de que ele tinha recusado uma oferta para se tornar profissional por causa da mãe, que estava doente e tinha pouco tempo de vida, e continuou na cidade depois que ela morreu para acabar de criar a irmã mais nova, que foi para a faculdade de direito.

— Mas veja só... se não é o Boyce Wynn. — Trocamos um aperto de mão, a dele ainda muito maior que a minha, embora não mais como nos tempos em que eu era seu aluno. — Estou orgulhoso de você, garoto.

Engoli em seco e assenti, aliviado quando ele olhou para os garotos.

— Não é um curso formal. São só alguns alunos que se interessam por mecânica mais que os outros. Eles vêm pra cá durante a tarde, trabalham no carro deles ou em veículos doados, fazem consertos, restaurações. E aí têm alguma coisa pra fazer no

verão, além de arrumar encrenca. — Os encrenqueiros olharam para nós. Um deles usava óculos de segurança. O outro segurava uma chave inglesa. — Adams — Silva chamou com tom severo. — Óculos! *Caramba*, essa molecada. Se um deles perder o olho, de quem vai ser a culpa? *Minha*.

Eu ri, já havia escutado esse mesmo comentário centenas de vezes anos atrás, na maioria das vezes dirigido a mim.

Ele acenou para o garoto chamado Adams.

— Venha conhecer o sr. Wynn. — Foi estranho ouvir o sr. Silva mencionar “Sr. Wynn”. Para mim, ele disse: — Foi sobre essa indicação que falamos. Ignora metade das ordens que recebe, mas faz maravilhas com um motor. Como você. Tem potencial por trás do jeitão de sabe-tudo.

— Não é jeitão, sr. Silva. — O menino protestou de queixo erguido. — Eu sei *muito*.

Esse era o candidato que Silva indicava para ser meu primeiro funcionário? Um espertinho que tinha a voz de um garoto de doze anos e parecia um graveto dentro do macacão?

Então o menino se sentou na cadeira de rodas que eu não havia notado e contornou rapidamente uma pilha de pneus e uma caixa de ferramentas, aproximando-se de nós. Minha apreensão se transformou em incredulidade.

— Boyce, esta é Samantha Adams. Samantha, sr. Wynn.

Uma menina! Em uma *cadeira de rodas!*

Seu cabelo loiro era curto e espetado em todas as direções, e os olhos eram cinzentos como uma névoa densa pairando sobre um abismo.

— É *Sam*. *Caramba*, sr. Silva. — Ela olhou brava para o professor e apertou minha mão como se quisesse esmagar meus dedos.

Ela gritou quando apertei de volta.

— Sam.

Ela soltou minha mão, flexionou os dedos e me encarou.

— Então, quanto vai me pagar e qual é o horário?

Mas que droga. Quem estava entrevistando quem?

— Salário mínimo, e vamos deixar pra discutir o horário depois que eu decidir se vou te contratar.

— Se? Qual é o problema? A cadeira de rodas, o gênero ou a minha orientação sexual?

Eu queria esganar o Silva. Estava começando a desconfiar de que ele ia se vingar de cada resposta engraçadinha que eu dei e de cada regra que desrespeitei na aula dele.

— Melhor baixar a guarda — falei. — Não dou a mínima para os dois primeiros, e não quero nem saber detalhes do terceiro.

— O que significa que tem algum problema com isso?

— O que significa que a única vida sexual que me interessa é a minha, e vamos deixar bem claro desde já que ela não é da sua conta. Posso estar cheio de serviço e precisando de ajuda, mas não vou correr o risco de deixar meus clientes irritados. Se você quer o emprego, vai precisar me convencer de que não vai se comportar como uma ranzinza ou uma chorona mimada e mostrar como pode me ajudar. Eu tenho uma oficina, não um berçário.

Ela piscou, ficou em silêncio, o que não parecia ser uma reação comum para ela, então meu telefone vibrou.

Oi, sei que deve estar ocupado hoje à noite, mas estou com um problema e não sei com quem conversar.

Nunca ocupado demais pra você. Onde?

Na sua casa? Que horas?

Você diz, vou estar lá.

Agora?

Pode vir. Até mais.

Olhei para Sam, que mordia o lábio.

— Preciso ir — avisei. — Pense no serviço e depois me procura na segunda, se quiser. Uma semana de experiência.

Ela franziu a testa.

— Uma semana? O período de experiência não é de um a três meses?

— Eu decido quanto tempo vai ser. É pegar ou largar. — Olhei para Silva e estendi a mão por cima da cabeça de Samantha. — Obrigado. Eu acho.

O filho da mãe teve a cara de pau de rir.

PEARL

A “estrada” — duas faixas, uma em cada sentido, com olhos de gato separando uma via da outra — estava cheia de turistas. Mesmo assim, só demorei dez minutos para chegar à casa de Boyce. Ele estava sentado no último degrau da escada na entrada do trailer, fumando, um pé apoiado no cimento rachado da calçada dois degraus abaixo, o outro cruzado embaixo dele. A camisa xadrez-escura desabotoada e com as mangas dobradas sobre uma camiseta azul-marinho era perfeita nele. Tentei lembrar a última vez que não achei alguma coisa ótima nele, e não consegui.

A porta da oficina estava fechada, embora não fossem seis horas ainda. Estacionei na entrada do terreno e desci do carro.

— Fechou mais cedo? — Percorri o caminho de terra da entrada da oficina até a porta do trailer. Não conseguia ver os olhos dele atrás dos óculos escuros.

— Fechei. Precisava resolver uma coisa no colégio. — Ele apagou o cigarro em um cinzeiro improvisado, um vaso de cerâmica cheio de areia, e o movimento flexionou o músculo do antebraço sob a camada de pelos finos cor de cobre.

— É mesmo? O quê? — Desviei o olhar daquele braço quando Boyce olhou para mim.

— Fui contratar um dos alunos do Silva pra me ajudar na oficina. Espero que dê certo. — E fez uma careta enquanto coçava a nuca. — Mas não sei. Pode ser mais encrenca que solução.

— Acho uma ótima ideia.

Ele deu de ombros e se levantou da escada.

— Vamos ver. Você disse que tinha um problema? Vamos entrar e resolver.

Se fosse tão simples assim! Nunca me considerei incapaz, mas Boyce estava administrando uma empresa e cuidando da *vida* dele, e eu não tinha emprego, não ganhava dinheiro.

Entreí atrás dele no trailer, que parecia mais escuro durante o dia que à noite. Nós dois tiramos os óculos escuros.

Como se lesse meus pensamentos, ele disse:

— É escuro aqui dentro. O projeto de iluminação nunca é a melhor coisa em um trailer. Seus olhos vão se acostumar num minuto, mas posso acender a luz, se quiser. Eu não me importo, consigo andar por aqui de olhos vendados.

— Tudo bem. Não preparei uma apresentação gráfica, só preciso falar. Tem certeza que não se importa de ficar me ouvindo?

— É claro que não. Pode contar comigo sempre, você sabe disso. — Ele se sentou em uma ponta do sofá, e eu me acomodei na outra. — E aí?

Ficamos cada um de um lado, frente a frente.

— Acabei de terminar minha primeira semana de aula. Vou dar sequência ao trabalho de conclusão do curso anterior. É bem diferente do que eu imaginava para uma pós-graduação, mas adorei. São duas turmas pequenas, com poucos alunos, e já conheço todo mundo. Saímos de barco para colher amostras e ajudar um dos professores com os testes de laboratório, e foi bem diferente de ser aluno de uma escola grande, onde você tem pouca ou nenhuma autonomia. Ele mandou a gente para o trabalho de campo quase sem nenhuma orientação, e foi como ser parceira dele, sabe, não um subordinado. Uma parceira de posição inferior, mas parceira.

Ele sorriu.

— Deve ter sido legal. E ainda não vi nenhum problema.

Fechei os olhos e respirei fundo.

— O problema é que fui aceita em Michigan. Medicina.

— Não entendi. Você não disse que não ia?

— Eu me candidatei a várias escolas de medicina, e fui aceita pela maioria delas. Quando Mitchell e eu escolhemos Vanderbilt, eu recusei as outras propostas de matrícula. Mas fiquei na lista de espera em duas: Harvard e Michigan.

— Vou correr o risco de mostrar que sou um tosco, mas o que significa ficar na lista de espera?

— Significa que você tem as qualificações, mas outros candidatos são melhores, então eles têm preferência. Quem vai para a lista fica na fila. Se todo mundo na sua frente desistir, você entra. A carta de aceitação chegou hoje, e a minha mãe abriu antes de eu chegar em casa.

— Ah. E agora ela incendiou com a possibilidade de você mudar de ideia.

Minha risada não tinha alegria.

— *Incendiar* define bem. Quero fazer exatamente o que estou fazendo, mas minha mãe deixou bem claro que ela e o Thomas não apoiam essa decisão, o que pode significar que vou ter que me sustentar. Sei que vai parecer ingênuo e imaturo, mas... nunca precisei me preocupar com isso antes. Cresci sabendo que havia coisas que eu não podia ter porque minha mãe não tinha dinheiro. Nunca pedi nada que não fosse razoável, mas eu ainda era criança. Depois que ela e o Thomas se casaram, dinheiro deixou de ser problema. O que eu tinha ou não passou a ser decidido por fatores como segurança e se iria me distrair dos estudos. Nada a ver com preço. O resultado é que eu fui... *mimada*.

Ele se inclinou para frente, apoiou os braços sobre os joelhos, e seus olhos prometiam a franqueza que eu queria e ao mesmo tempo temia. Boyce nunca mentiu para mim. Por isso sempre pedi a opinião dele, quando teria sido mais sensato, aparentemente, conversar com outras pessoas. Porque ele me dizia a verdade como a via, sem rodeios.

— Eu cresci cuidando de mim — ele disse. — Era me virar ou morrer, e eu escolhi viver. Mas acho que existe uma diferença entre mimada e privilegiada. A sua melhor amiga acha que tem direito a tudo que quer, mesmo que não mereça. Isso é ser mimada. Privilégio é o que qualquer pessoa sensata quer para os filhos. As suas necessidades foram atendidas. E a maior parte dos desejos também, talvez. Mas não tem motivo pra ver culpa nisso. E não significa que seus pais podem decidir sua vida por você.

Nunca havia pensado nisso. Eu me tornei privilegiada quando minha mãe se casou com Thomas, mas, comparando minha vida à de Boyce, sempre fui privilegiada. Mas como ele usou minha amiga como exemplo, achei que devia defendê-la.

— Os pais da Mel sempre a manipularam com coisas materiais. Ela abre mão do direito de fazer as próprias escolhas para merecer o que eles dão.

O maxilar tenso me fez perceber que ele nunca aceitaria explicações para o comportamento da Melody. E eu não podia criticá-lo. Ela não havia sido legal com o melhor amigo dele no colégio. Boyce não a conhecia como eu, não sabia os extremos a que a família chegava para controlá-la.

— Hum — ele respondeu. — Acho que a diferença é que a sua mãe nunca precisou apelar pra manipulação, porque até agora vocês duas quiseram as mesmas coisas para o seu futuro.

Ele estava certo. Não conseguia lembrar um momento em que não tivesse olhado para o mundo por uma perspectiva analítica. Tudo que minha mãe teve de fazer foi apoiar esses desejos inatos, nunca precisou pôr em prática nenhuma orientação tática. Agora era a primeira vez que eu desviava do Plano para o Futuro da Pearl.

— Meu Deus. — Apoiei o rosto nas mãos, compreendendo de repente que era isso... ou não. Agora era hora de eu sustentar minha decisão ou abrir mão do controle sobre o meu futuro. A escolha era minha.

13

BOYCE

— Você tem planos pra hoje à noite? — perguntei a ela na porta, pensando em mandar uma mensagem para o Thompson e cancelar nossa noite sem nem piscar.

Ela levantou a cabeça, e a ruga em sua testa sinalizava a preocupação com o que eu havia dito ou com a decisão que ela teria de tomar. Eu e minha boca grande. Ela queria ouvir de mim a verdade sem rodeios, mas isso não significava que eu precisava ser um cretino.

— O pessoal do curso vai sair — Pearl respondeu. — É o primeiro fim de semana oficial aqui pra quem vem de fora. Para quem escolheu começar no verão, pelo menos. Sou a única moradora da cidade, então vou decidir aonde vamos. Também sou a única que fez faculdade pensando em seguir com a medicina, por isso preciso provar que não sou uma arrogante intragável... embora já devam ter presumido que não fui aceita em nenhuma faculdade de medicina.

— Você contou a história verdadeira pra eles?

— Não. — Ela deu de ombros, pôs os óculos escuros e pegou a chave na bolsa. — Acho que fiquei com medo de me acharem irracional, como todo mundo.

— Nem todo mundo — corrigi, e ela sorriu.

Pearl afagou meu braço, um segundo, dois, talvez, e minha pele queimou onde os dedos dela tocaram.

— Nem todo mundo. Obrigada.

Eu a vi ir embora pela segunda vez em uma semana, esperando até o carro sumir além da esquina para entrar em casa.

Randy Thompson e eu íamos ao Avery's toda sexta depois do trabalho para comer o filé de frango grelhado do tamanho de um prato, batatas na manteiga e beber chá gelado. O ritual tinha começado no colégio, com Maxfield, Vega e Rick, o irmão mais novo de Thompson. Randy era veterano quando começamos o ensino médio. Ele já traficava naquela época, basicamente maconha. As coisas mais pesadas só passaram a ser comercializadas mais tarde. Desde que voltou de Jester, Randy morava com os pais na casa em que cresceu, do outro lado da rua. Ele agora trabalhava na loja da

mãe, que vendia objetos de decoração com temas da ilha, além de camisetas e bijuterias feitas por ele.

— Era o carro da Pearl que estava na sua casa antes? — ele perguntou, passando um pedaço de frango em uma piscina de batatas e molho.

— Era.

— Ela se formou com o Maxfield no mês passado, não foi?

Assenti mastigando. Queria ter ido à formatura, mas, com a última internação de meu pai, o aumento no movimento da oficina e a viagem de oito horas para ir e voltar, foi impossível.

— Legal. O Maxfield vai para Ohio? — Thompson não era bobo. Eu não falava de Pearl com ninguém, e ele não era exceção. — Ele vem pra casa antes disso?

— Não sei se ele ainda chama isso aqui de casa. Mas sim, ele vem passar algumas semanas aqui.

— Legal — Thompson repetiu.

Nossa garçonete, Honey, chegou com uma jarra e encheu os copos com chá gelado tão forte que eu peguei dois sachês de açúcar.

— Vocês dois têm andado na linha? — ela perguntou. Thompson olhava para o prato. Amiga de infância da mãe dele, Honey devia saber mais sobre os detalhes do tempo que ele passou em Jester do que todo mundo da nossa pequena cidade.

— Sim, senhora — pisquei sorrindo. — A menos que esteja se oferecendo para me tirar dela. Não me provoca.

Ela bateu no meu ombro.

— Para de flertar comigo, ou um dia desses vou aceitar suas propostas só pra ver você sair correndo como se sua calça pegasse fogo.

— Ah, mas ela está peg...

— Chega! — ela riu, balançando a cabeça antes de seguir para a próxima mesa.

Comemos em silêncio por alguns minutos, e eu pensei em Pearl pela milionésima vez desde que ela tinha voltado para casa. Nunca imaginei que ela voltaria para ficar. Ela iria passar alguns meses fora no outono, mas, depois de uma ausência de quatro anos, alguns

meses não eram nada. A menos que ela voltasse com outro namorado. Alguém do curso, talvez. Então eu a veria envelhecer, se casar, ter filhos. E eu saberia que esses filhos só existiam porque salvei a vida dela, e isso devia me deixar orgulhoso, mas o que eu sentia era vontade de jogar a mesa do outro lado do restaurante.

Deixei o garfo sobre o prato antes de me inclinar para frente.

— Isso nunca vai ficar para trás — Thompson resmungou.

O comentário era como um dos pensamentos que eu tinha sobre a Pearl, então tive de mudar o foco.

— A Honey não teve a intenção...

— Eu sei — ele falou. — Não foi tanto o que ela disse, mas... — Thompson suspirou. — Parece ter sempre uma insinuação por trás de cada palavra que as pessoas falam. Alguma referência ao fato de eu ser um ferrado. Estou sempre esperando por isso, mesmo que não aconteça.

— Faz tempo que eu aprendi a não deixar as pessoas me definirem — respondi. *Exceto Pearl.*

— É fácil falar quando você não tem no histórico várias condenações e um tempo na prisão.

Comi mais um pouco enquanto pensava. Era verdade, ele havia cavado um buraco enorme para si mesmo e quase se enterrado vivo. Sair dessa cova seria complicado, e havia algumas opções, algumas possibilidades de futuro, que nunca mais seriam resgatadas. Isso era péssimo.

— Como é mesmo aquele ditado? A gente dá mais valor quando é difícil?

Como Pearl. Algum dia existiu uma chance de futuro com ela, uma em que eu tivesse acreditado?

Thompson suspirou.

— É, mas às vezes eu queria que fosse fácil. — A liberdade condicional o obrigava a frequentar as reuniões do AA duas vezes por semana, se reunir mensalmente com o oficial do processo e passar um ano fazendo exames aleatórios para constatar ou não o uso de drogas. Se ele falhasse em um desses critérios, voltaria para a cadeia e ninguém daria a mínima, exceto a mãe dele. E eu.

— Você vai conseguir, cara. Você *tá* conseguindo.

— Valeu, Wynn. — Ele olhou para mim e depois para o prato. — Na boa, aquela garota devia acordar e perceber o que ela tá perdendo, antes que seja tarde demais.

Não respondi. Se tivesse tido um pingo de bom senso quatro anos atrás, eu não teria estragado a chance que poderia ter tido com ela. Nunca consegui esquecer a cara que ela fez na primeira vez que a vi... *depois*. Era verão, e minha impressão era de que metade da população do estado tinha ido para a praia. Eu estava meio chapado naquela noite, por isso minha reação não foi imediata. Ver Pearl do outro lado da fogueira foi um choque, a personificação de todas as minhas fantasias. Fazia só dez horas que eu tinha saído da cama dela, mas eu a queria mais do que jamais havia desejado.

Os olhos dela se abriram, e a boca formou um o silencioso, e eu cometi a idiotice de ficar confuso quando ela recuou e saiu do círculo de luz da fogueira. Quando entendi por quê, ela havia desaparecido.

Empurrei a garota do meu colo, levantei cambaleando e andei em linha reta, ou tão reta quanto consegui, até onde ela estava, mas Pearl havia sumido na escuridão e no meio de toda aquela gente, era como se eu a tivesse imaginado ali. Tentei me convencer de que fora uma alucinação, de que aquela expressão arrasada fora um pesadelo que eu ainda podia impedir de se tornar realidade, mas sabia que não era assim.

Ela não respondeu às minhas mensagens idiotas no dia seguinte (“E aí?”), e, quando finalmente nos encontramos no posto de gasolina, evitou me encarar enquanto falávamos de coisas sem importância. Não me ajoelhei para pedir desculpas. Não falei que ela era tudo que eu queria e sempre quis. Eu me convenci de que podia sair dessa sem esse tipo de humilhação.

Uma semana mais tarde, ouvi dizer que ela tinha ido embora para estudar numa universidade da Geórgia, onde faria um curso de nível superior que a prepararia para continuar mais tarde na faculdade de medicina, em vez de passar o verão trabalhando no centro de biologia marinha, como planejara. Pearl passou seis semanas fora e, quando voltou, havíamos recuado para os dias que antecederam aquelas três horas que passei na cama dela, quando acreditei ingenuamente que a fazia minha.

PEARL

A conversa durante o jantar girou em torno de projetos de pesquisa, dos bares mais baratos, da horrível realidade de estar a quase uma hora de distância do Starbucks mais próximo, e dos alojamentos disponíveis para estudantes, que teriam um custo de milhares de dólares por mês no mercado aberto só pela localização de frente para a praia, mesmo com instalações antigas e portas empenadas por décadas de umidade.

Como de costume, eu havia ficado quieta na sala de aula, contribuindo apenas quando tinha certeza absoluta do que ia dizer. Meus colegas já sabiam que eu não seria a chata da sala, mas não tinham ideia da minha paixão. Eu sabia que a maioria deles imaginava que minha opção por um curso na área biológica era consequência de não ter sido aceita em nenhuma faculdade de medicina. Talvez pensassem como Mitchell, que eu só havia escolhido o que era mais seguro e próximo.

Mas eu não queria estar segura. Queria me dedicar a uma pesquisa que fosse fazer a diferença, abordar companhias de petróleo, lobbies e políticos e qualquer outra entidade que ameaçasse o frágil equilíbrio dos estuários conectados ao golfo e à vida abundante sob a superfície. Às vezes me sentia tão minúscula e marginalizada quanto cada um daqueles organismos. Mas eu precisava tentar, mesmo sem saber se seria ouvida ou ignorada, no final.

Depois de servirem torta de amora e pudim cheio de calda, a conversa passou para a poluição do solo por nitrogênio, e eu viajei. Estranho, porque o assunto me interessava. Mais estranho ainda, considerando o que me afastava da conversa e dominava meus

pensamentos — o braço forte de Boyce Wynn e a corrente elétrica que percorreu meus dedos quando o toquei.

Eu tinha uma obsessão por braços masculinos que havia começado na cantina do colégio, onde eu dividia a mesa com Boyce todos os dias. Eu era tímida demais para encarar e ficar paquerando, e olhar disfarçadamente por trás dos óculos enormes e do incontrolável cabelo de pré-adolescente era mais fácil, principalmente quando eu levava um livro que pegava na biblioteca. Ficava encantada com os pelos cor de cobre e a linha firme dos músculos que ligavam o cotovelo ao pulso, uma extensão ocupada por um relógio de mostrador grande e pulseira de couro antes de terminar nas mãos fortes.

Mãos. Aquelas mãos haviam adquirido um significado diferente depois de... *Ai.* Eu era uma mulher adulta, e havia sido *uma vez só.* Escondi o rosto com a xícara de café, fingindo beber com cautela enquanto tentava respirar, esquecer as mãos grandes de Boyce no meu quadril, afagando, apertando, levantando...

— Pearl? — A voz de Shanice invadiu meu devaneio.

— O quê? Oi?

Chase repetiu alguma coisa sobre moluscos e os efeitos da destruição em grande escala de algas marinhas. Uma conversa adequadamente adulta para um grupo de alunos do doutorado. *Certo.*



Consigo sobreviver até domingo sem minha mãe voltar a falar sobre Michigan. Thomas estava no quintal, cuidando da churrasqueira,

enquanto ela preparava uma salada, e eu, sentada à mesa da cozinha, circulava no jornal alguns artigos sobre dispersantes químicos usados para limpar derramamentos de óleo e os efeitos que eles tinham sobre ecossistemas frágeis.

— Quando vai mandar a resposta para Michigan? Qual é o prazo? — ela perguntou, cortando rabanetes da cor do batom preferido da Mel. — Não pode correr o risco de perder a data. — Ela mantinha os olhos na faca que usava para fatiar os vegetais, o tom de voz levemente inquisitivo, como se, além das aparências, não acontecesse ali uma disputa de proporções épicas.

— Mãe... não vou para Michigan. Estou aqui estudando para o curso de biologia marinha, que é onde estou matriculada *agora*. Sei que você está decepcionada, mas já tomei minha decisão. Por favor, vamos encerrar esse assunto.

A faca parou de repente e ela levantou o olhar.

— Você não pode estar falando sério, Pearl! — Ela fechou os olhos e resmungou alguma coisa que não entendi, como se fosse uma oração em espanhol pedindo paciência, e continuou: — Não devia ter deixado você pular o nono ano. Aquele orientador da sua escola... ele disse que você estava *adiantada* e precisava do desafio de aulas mais difíceis. E o que aconteceu? Você se formou na faculdade com vinte anos. Jovem demais para tomar esse tipo de decisão sozinha. Jogar o seu futuro para o alto por causa de um rompimento...

— Não tem nada a ver...

— Entendemos você não querer a mesma universidade que *aquele garoto* vai frequentar, mas jogar fora a oportunidade...

— Mãe, está ouvindo que...?

— Você não pode fazer isso e continuar morando aqui.

Nós nos encaramos enquanto a declaração ecoava em meus ouvidos, a faca parada no ar. Abri a boca, as palavras se formaram em minha cabeça, mas não consegui organizá-las em frases coerentes.

Ela recuperou a voz primeiro.

— Nunca fui firme com você antes, mas vou ser agora. Isso é muito importante. — Nada em sua expressão sugeria que ela

estivesse blefando ou que poderia recuar, mas isso era típico da minha mãe. Só não havia sido usado comigo.

Lembrei o que Boyce havia dito sobre minha mãe e eu nunca termos discordado com relação ao meu futuro... até agora.

— Está dizendo que, se eu recusar Michigan e ficar aqui pra fazer o *doutorado*, não posso morar nesta casa? — Minha voz soou mais forte do que eu esperava.

— Sim.

Assenti, fechei o caderno e o livro e vi que minhas mãos tremiam.

— Tudo bem.

Quando cheguei à base da escada, ela gritou:

— A comida fica pronta em meia hora!

Quando cheguei ao meu quarto, tentei mandar uma mensagem para o Boyce, mas o corretor não conseguia entender minhas tentativas, e eu decidi telefonar. Fechei a porta do quarto quando ele atendeu.

— Oi, e aí?

— Você tinha razão... ela esperava que eu cedesse. Disse que não tenho idade suficiente para tomar minhas decisões. E avisou que não posso continuar morando aqui, se eu recusar Michigan. Não sei o que fazer. Os dormitórios para estudantes estão lotados até *junho*. Até as piores acomodações na cidade estão ocupadas ou custam uma fortuna... o que não faz diferença, *porque não tenho emprego*. O que eu vou fazer? Os dormitórios também já lotaram para o outono, mas estou pensando em tentar um quarto lá por nove meses e... Meu Deus, nem imagino o que vou fazer! Eu simplesmente *achei* que eles pagariam o aluguel... — Engasguei com as últimas palavras. Nunca havia brigado com minha mãe em toda minha vida. Sempre me orgulhei da diferença entre meu relacionamento com ela e o de Mel com a mãe, e o tempo todo *havia sido* tudo igual.

— Pearl? Está me ouvindo?

Respirei fundo, odiando aquela sensação de pânico. Odiando a impotência. Ela não podia me obrigar a ir para a faculdade de medicina, mas como eu poderia ir atrás do que queria? Havia

opções. Tinha de haver opções. Eu só precisava descobrir quais eram.

— Desculpa. Eu não... não ouvi. Estou tentando pensar. —
Fechei os olhos e engoli. *Pensar. Pensar.*

— Não é muita coisa, mas tenho um quarto livre aqui. Você sabe que pode ficar com ele.

14

BOYCE

Acabei de convidar a Pearl para morar comigo. Convidei Pearl Frank para vir morar em um trailer de lata com dois quartos e um banheiro, uma tralha apoiada a uma oficina! E o quarto que ofereci a ela ainda estava cheio de *cacarecos* acumulados ao longo de trinta anos, puta que pariu.

Eu tinha passado a tarde na casa de Mateo e Yvette assistindo à vitória do Astros sobre o Chicago e servindo de parede de escalada para Alonso e Arturo. Quando entreguei o fardo de doze latas de cerveja para a mãe deles na porta, os dois correram e se agarraram às minhas pernas, um deles vestindo a camiseta do Astros que havia sido meu presente de aniversário para ele no mês anterior, o outro com a fantasia do Batman, com capa e tudo. Para ser franco, eu nunca sabia com certeza quem era quem. Eles sempre pareciam miniaturas do pai e réplicas um do outro.

Agora, segurando o celular junto à orelha, vi os quatro Vega olhando para mim na mesa onde havíamos acabado de sentar para o jantar de domingo.

— O que foi?

— A mamãe não deixa trazer celular pra mesa — disse a miniatura de José Altuve. — É falta de *educação*.

— Ainda tem comida no seu prato — apontou a miniatura de Batman.

— Quietos, os dois. As regras para pais e crianças não são para os convidados. — Yvette piscou com ar inocente. — E aí... quem era?

Peguei a chave no bolso.

— Eu... preciso ir.

Ela virou os olhos arregalados para o marido, que estava mastigando.

— O que foi? — ele perguntou.

— O Boyce nunca deixa comida no prato. Não a *minha* comida, pelo menos.

Ela estava certa. Era a primeira vez que isso acontecia.

— Explico depois — falei, pensando, *ou não*, e virando em direção à porta. — Ah... obrigado pelo jantar, Yvette.

O coitado do Vega seria interrogado antes que eu entrasse no meu TA estacionado na rua. Pena que ele realmente não sabia de nada.



Pelo silêncio do outro lado da linha, deduzi que Pearl tinha ficado tão chocada quanto eu com a minha proposta. Mas ela precisava de um lugar para morar durante o verão, eu tinha um quarto vazio. Teria feito o mesmo pelo Maxfield, ou Thompson ou Vega... que eram homens. Acontecia de eu levar garotas ao trailer, mas nunca quis nem que ficassem para dormir depois de transar. Sempre pensei que fosse porque eu morava com meu pai, mas ele tinha passado quatro meses entrando e saindo do hospital, e o lugar era só meu na maioria das noites. E ele tinha morrido havia quatro semanas. Não fazia nenhuma diferença. Eu ainda me opunha a deixar uma garota se sentir confortável em casa.

Mas a ideia de ter Pearl *morando ali* não me incomodou o suficiente para me impedir de convidá-la. Eu nem havia hesitado antes de fazer a oferta. Pelo contrário, estava disposto a tentar convencê-la a aceitar. Era meio que se oferecer como voluntário para a *tortura*.

Quando cheguei em casa, deixei a chave na fechadura e fui direto para o quarto principal. Depois de passar duas noites e metade de um fim de semana procurando os documentos que o sr. Amos havia me pedido, eu liberei o quarto de latas e garrafas, recolhi uma tonelada de tralhas e papéis inúteis, e acabei deixando o resto para outra hora. O velho havia acumulado pilhas de declarações,

recibos e correspondência imprestáveis no meio de muitos exemplares de revistas de carros, e ainda havia as revistas de mulher pelada que eu roubava e escondia embaixo do colchão, até descobrir a internet e as garotas de verdade. O guarda-roupa e a cômoda estavam lotados de roupas que deviam ir para o lixo. A cama também era um horror. *Merda...* o colchão imundo. Eu não podia deixar Pearl Frank dormir naquilo.

Furioso comigo por ter adiado a arrumação, senti vontade de atear fogo ao quarto como fiz com a maldita poltrona. Mas a poltrona estava imprestável, e o quarto representava a liberdade de Pearl. Tirei a chave da porta, fui buscar um pacote de sacos de lixo reforçados na oficina e comecei a separar coisas úteis e inúteis.

Quatro horas mais tarde, e uma quantidade assustadora de sacos pretos empilhados na entrada da casa, onde ficariam até o caminhão de lixo passar na terça-feira, Pearl apareceu. Concordamos que ela devia jantar com os pais, porque havia uma possibilidade de a mãe se arrepender e voltar atrás, mas, quando havia pais envolvidos, eu nunca esperava muita coisa.

Tudo igual. O Thomas não concorda com o ultimato, mas não vai contrariar a minha mãe. Boyce, o carro não é meu. Nem o celular. Nunca me senti tão burra e ingênua.

Não dava para imaginar.
Para de se culpar. Eles
sabem que você vai sair

de casa? Vão pegar seu
carro de volta?

Vou falar amanhã. Arrumei as malas e vou
pedir pra ficar com o celular até comprar
outro. Mas, se a ideia é ser autossuficiente,
não posso ficar com o carro. Dá para ir a
pé da faculdade até a sua casa, e vou ter
que arrumar um emprego por perto. Pelo
jeito vou andar bastante.

A gente vai dar um jeito.

Tem certeza disso tudo? Eu pago aluguel
assim que começar a trabalhar.

Não. Já falei, eu faria isso
pelo Maxfield ou por
qualquer outro amigo.
São menos de três
meses, e você é
pequena. Não vai me
incomodar em nada.

Com essa leve mentira , imaginei o xampu, o sabonete e a lâmina de depilação de Pearl no meu banheiro, sutiãs e calcinhas no varal, ela enrolada em uma toalha, secando o cabelo no banheiro... *Putá merda*. Ela ia me incomodar demais. Mas não como ela estava pensando.

Tudo bem, eu vou amanhã depois da aula.
Que horas você fecha a oficina? Vou precisar de uma carona depois que deixar meu carro em casa. Na casa *deles* , quero dizer.

Nunca imaginei que iria me formar e virar uma sem-teto, haha. 😞

Você não é sem-teto. É só uma fase de transição.
😊

Não sei como te agradecer.

Não precisa. Só aceita e cuida da sua vida.

Até amanhã. Boa noite.

Até. Boa noite.

Mandei uma mensagem para Thompson, pedindo a caminhonete dele para levar o colchão nojento para o aterro no dia seguinte, e ele respondeu: "Ok, eu levo", e nem perguntou por quê. Não devia demorar mais que uma semana para entregarem um colchão novo, e até lá Pearl podia dormir na minha cama, e eu ficaria acordado no sofá, tentando não imaginar aquele corpinho enroscado nos meus lençóis, a boca macia se abrindo para gemer quando eu segurasse seu quadril e a puxasse mais para perto, os olhos sonolentos se abrindo devagar quando eu a acordasse para uma necessidade que ela podia suprir.

Eu estava ferrado. Estava muito, muito ferrado.



Fiquei acordado até duas da manhã, limpando o banheiro depois de ter feito um esforço descomunal para tirar o colchão pela porta da frente no meio da noite. Minha vizinha, a sra. Echols, uma mulher de aproximadamente oitenta anos, acendeu o holofote que ficava no canto externo de sua casa, me ofuscando por um momento, e espiou pela janela do quarto, apertando o roupão contra o peito. Deixei o colchão apoiado à parede da oficina e acenei, e ela fechou a cortina.

Depois de uma ducha rápida, caí na cama e dormi direto até o despertador tocar, às seis da manhã. Não era o melhor dia para se enfrentar depois de quatro horas de sono, e eu havia me esquecido da nova funcionária ranzinza em período de experiência, e só lembrei quando ela parou a cadeira de rodas no compartimento onde eu testava níveis de fluidos para uma regulagem geral. O pai dela empurrava a cadeira, e me olhou com a simpatia de um cachorro raivoso.

Meu Deus do céu.

Apesar de me sentir como se estivesse de ressaca e querer que eles fossem embora, limpei a mão em um pano e a estendi.

— Sr. Adams? Boyce Wynn.

Seu aperto de mão era tão firme quanto o da filha.

— Philip Adams. Soube que ofereceu um emprego para a Samantha.

— Pai — ela gemeu com uma careta.

— Desculpa, Sam.

Assenti e olhei para a menina carrancuda na cadeira de rodas.

— Combinamos que ela ficaria uma semana em experiência antes de ser realmente contratada.

— E ela vai receber por essa semana de experiência?

— *Pai!*

Ignorei a interferência e respondi:

— É claro que sim.

Ele comprimiu os lábios e olhou em volta, como se procurasse possíveis perigos na oficina. E devia ser isso mesmo.

— Ela trouxe o almoço. Quando devo voltar para buscá-la?

— *Ai, meu Deus, pai! Já disse que telefono!*

Philip Adams devia ser o cara mais calmo da cidade. A filha dele não ia encontrar esse tipo de paciência comigo. Eu a levaria para fora da oficina em dois segundos e ligaria eu mesmo para o cara se ela falasse comigo naquele tom.

— Às duas mais ou menos, se possível. — Era quando a aula de Pearl terminava. De qualquer maneira, eu já estava duvidando de que Sam e eu ficaríamos juntos até esse horário.

— Eu volto às duas, Sam. — Ele bateu no ombro rígido da filha e olhou em volta mais uma vez. — A menos que precise de mim antes.

Ela suspirou como se não pudesse sobreviver ao constrangimento que o pai causava, e ele assentiu uma vez antes de sair, provavelmente acostumado com aquela atitude.

Quando ele foi embora, eu disse:

— Espero que não esteja pensando em tratar meus clientes desse jeito, ou seu emprego vai durar bem pouco.

O cabelo curto e espetado parecia letal, mas enfatizava quanto a cabeça de Sam era pequena e dava a ela uma aparência vulnerável.

— Que jeito?

Até que ela abriu a boca pra falar.

— Sério?

Ela olhou para as mãos fechadas sobre as pernas por um momento.

— Ele não quer que eu trabalhe. Acha que não sou capaz de fazer nada sozinha. Tipo, nada!

— Ele é protetor.

— É *superprotetor*.

— Existem coisas piores. — Ela abriu a boca para discutir, e eu levantei a mão pensando em Pearl. — Mas é bom aprender a cuidar de si mesma. Senão ele vai continuar fazendo tudo por você. E acho que não é isso que você quer.

— Não quero.

— Que bom.

Samantha olhou em volta, novamente vulnerável em seu silêncio.

— Bom, estou aqui — ela disse. — O que tem pra fazer? Trabalho com carros desde que tinha dez anos. Sou boa em diagnóstico, troca de mangueira de combustível e...

— Segura a onda. Se tiver sorte, no fim da semana deixo você ajudar na troca de uma bateria. Por enquanto, preciso das ferramentas organizadas na parede do fundo.

Ela reagiu como se eu houvesse ofendido seus ancestrais.

— Sério?

Ergui uma sobrancelha para ela e não disse nada, e depois de um minuto ou dois ela resmungou parecendo um clone da sra. Echols e levou a cadeira para perto da parede do fundo. Meu Deus. Entre esperar Samantha Adams sumir e Pearl aparecer, seis horas iriam parecer cem.

PEARL

A casa de Boyce ficava tão perto do campus que levei menos de três minutos para chegar lá. Se não tivesse ficado presa atrás de um carrinho de golfe, a viagem teria sido ainda mais rápida.

Parei na porta da casa, mas fiquei no carro. Tinha uma caminhonete na entrada da garagem, e um homem colocava uma

menina no banco do passageiro. Quando ele foi prender o cinto, a garota arrancou a fivela da mão dele e a travou sozinha, depois se debruçou para fechar a porta. Ele balançou a cabeça, dobrou uma cadeira de rodas e a colocou na carroceria, prendendo-a em seguida com uma correia. Boyce saiu da oficina com a mesma expressão resignada de Thomas quando Tux entrava correndo e derrubando coisas pela casa. Pensar em meu padrasto e no gato fez meu peito doer.

Com um olho fechado contra a luz da tarde, Boyce acenou para as pessoas na caminhonete, depois olhou para a rua e viu meu carro. A boca, a meio caminho de um sorriso, distendeu-se completamente quando ele caminhou em minha direção.

— Bem na hora — ele disse, enquanto eu abria a porta e destravava o porta-malas.

— Sou pontual. Essa é uma das minhas características mais marcantes. — Pendurei a mochila no ombro e então tiramos três malas do carro.

Ele pegou as duas maiores e as levou para o trailer que eu chamaria de casa pelas próximas dez semanas.

— Nunca percebi.

Fingi uma exclamação ofendida.

— Sério? Estou chocada com sua falta de atenção, Boyce Wynn! Todo mundo me conhece pela pontualidade.

Ele se virou ao pisar no primeiro degrau, me olhou da cabeça aos pés, e eu me arrepiei, apesar do calor.

— Acho que me distraí com suas características mais... visíveis.

Meu Deus. Não havia a menor chance de me manter lúcida durante setenta dias se ele continuasse brincando comigo assim o tempo todo. Nada me excitava mais que esse jeito de brincar e provocar, por mais ridículo que fosse, mesmo que eu soubesse muito bem que ele não brincava assim só comigo. Fechei a boca e olhei para o meu dockside cor-de-rosa, o que provavelmente me fazia parecer uma puritana que se desconcertava com uma brincadeirinha boba. E eu precisava convencê-lo disso. Se Boyce soubesse como o som de sua voz fazia minha boca encher de água e como seus

comentários provocantes me derretiam por dentro, eu ia me dar muito mal.

Voltei a encará-lo quando ele disse:

— Ei.

Boyce estava do outro lado da porta aberta, me observando com atenção. O sorriso tinha desaparecido e o tom era cauteloso, como se ele tivesse medo de me ver correr de volta para o carro.

— Eu falo essas bobagens só pra te ver ficar com vergonha, mas é brincadeira. Não precisa ficar com medo de mim. Espero que saiba disso.

Assenti envergonhada, justamente a reação que ele queria me provocar, e subi os degraus para entrar.

Ele seguiu até a sala, passou pelo pequeno banheiro que cheirava a litros de cloro e entrou no quarto, arrumado e limpo, onde havia uma cômoda velha e uma cama sem colchão.

— Tive que dispensar o colchão — ele falou olhando para mim.

— Comprei um novo hoje de manhã. Chega daqui uma semana.

Engoli em seco.

— Tudo bem. — Havia imaginado vários cenários para aquele verão, mas morar em um trailer com Boyce Wynn não era um deles. Um trailer que, no momento, só tinha uma cama. — Eu durmo...

— Na minha cama.

Minha mão, que eu pretendia apontar para o sofá, congelou no meio do caminho. Já ouvi pessoas dizerem “meu coração parou”, o que é impossível, é claro, a menos que a pessoa esteja *morta*, mas de repente eu entendia a sensação.

— Ah.

— Eu durmo no sofá — ele acrescentou.

O constrangimento me dominou. Ele não estava propondo nada. Estava sendo apenas educado. Abaixei a mão, meio convencida de que havia caído em um universo paralelo, onde minha mãe me expulsava de casa e Boyce Wynn era *recatado*.

— Não precisa.

Ele ergueu uma sobrancelha, os olhos brilhando com malícia.

— Quer que eu durma com você?

Ou não.

— Eu... quis dizer que eu durmo no sofá.

Boyce balançou a cabeça uma vez.

— Não seria uma atitude de cavalheiro.

— Eu vou morar na sua casa, não posso pagar aluguel, não posso nem devolver o que você gastou com o colchão. E sou menor que você, então vou me encaixar melhor. No sofá, quero dizer. E é só por uma semana. Não vou tirar você da sua cama...

— Tudo bem, tudo bem. — Ele levantou a mão. — Mas, se ficar desconfortável, ou sozinha... — Boyce piscou. — A oferta está de pé. E, com essa proposta, o mundo voltou ao normal.



Meu lado covarde queria que minha mãe estivesse fora quando eu chegasse em casa. Eu poderia deixar um bilhete e a chave do carro no balcão da cozinha, parar o carro na garagem e voltar com Boyce para o trailer, evitando o confronto.

Mas era uma tarde de segunda-feira, ela estaria em casa planejando o cardápio para os próximos sete dias e supervisionando a faxina semanal, e Thomas estaria no centro cirúrgico atendendo novos pacientes. Se eu quisesse evitá-los, teria de esperar até sexta-feira, quando ela fazia trabalho voluntário e ele passava o dia no barco. E eu não podia simplesmente ir embora sem me explicar pessoalmente, por mais que preferisse fugir.

Então me concentrei em como ela reagiria quando soubesse que a pressão econômica não havia me convencido a mudar de ideia. Nem pensei muito em como ela receberia a notícia de onde e com quem eu ia morar: Boyce. Ela também não sabia sobre nosso

relacionamento. Mas, quando visse o Trans-Am dele na porta, quando me visse ir embora com ele depois de saber que eu não cederia ao ultimato... Não era difícil imaginar o que minha mãe pensaria.

Quando eu estava no primeiro ano de faculdade e falei que precisava marcar uma consulta para começar a tomar anticoncepcional, minha mãe não reagiu bem. Thomas a acalmou falando sobre como eu havia sido madura e responsável por querer me prevenir. Mesmo assim, quando Mitchell visitou nossa casa no último verão, ela o colocou no quarto de hóspedes no andar de baixo, apesar de estarmos namorando desde o começo do primeiro ano. Minha mãe e eu não conversávamos sobre sexo. Eu sabia que ela preferia que eu não fosse sexualmente ativa, embora soubesse também que ela aprovava minha atitude sensata quanto a tomar precauções. Mas ela me conhecia desde sempre. O que mais podia esperar de mim?

Eu sabia de onde vinha a necessidade de ignorar minha vida sexual: minha existência não planejada. Ela nunca me fez sentir indesejada, mas eu conhecia a história e ligava os pontos. Não fosse por mim, ela e meu pai teriam tido tempo para programar melhor a saída do México. Ele podia ter sobrevivido.

Parei na entrada da garagem, na extremidade do balão de retorno da rua sem saída, e Boyce estacionou o carro atrás do meu.

— Acho que não vai demorar — falei, parando ao lado da janela aberta do lado dele.

— Eu vou com você.

— É melhor eu ir sozinha. Quero que ela preste atenção ao que vou dizer, não em quem está comigo. Se você entrar... — Balancei a cabeça. — Ela precisa entender que a decisão é *minha*.

— Tudo bem — Boyce concordou, tenso. — Se precisar de mim, é só chamar, gritar ou mandar mensagem, eu chego no mesmo instante.

Eu assenti.

— Vai dar tudo certo. — Meu estômago deu um pulo quando olhei para a casa. — Mas, se você é um desses caras que não aguentam ver alguém chorando, é melhor se preparar. Detesto

decepcionar as pessoas que amo. Eu sei que vou chorar. — Meus olhos se encheram de lágrimas só de mencionar a possibilidade, e Boyce reagia como se eu tivesse acabado de avisar que ele ia ter de tomar uma injeção em um lugar bem desagradável.

Quando virei, Boyce segurou meu pulso.

— Pearl... não consigo imaginar alguém se decepcionando com você.

Quando entrei na cozinha, minha mãe estava terminando de guardar os alimentos frescos na geladeira e começando a organizar a despensa enquanto brincava com Tux, que miava e se enroscava nas pernas dela pedindo comida. Peguei uma sacola vazia de supermercado e a dobrei, reunindo coragem.

— Cancelou a matrícula? — ela perguntou quando me viu.

— Não vou cancelar, mãe. Não vou para Michigan. — Ela parou, e eu continuei: — Entendo as suas exigências para eu continuar morando aqui, mas não... eu não posso. Lamento decepcionar você e o Thomas, mas é a minha vida. Tenho que fazer o que é certo para *mim*. Vou morar com um amigo até o fim do verão. O Boyce Wynn, lembra dele? Ele tem um quarto sobrando e mora perto do campus.

Nunca vi minha mãe sem fala. Sem esperar que ela saísse do estupor, deixei as chaves da casa, do carro e o cartão de crédito em cima da bancada, ao lado de um pacote de arroz integral e uma embalagem pequena de comida para gato. Abracei seus ombros tensos e saí o mais depressa que pude, apesar das lágrimas que me cegavam. Boyce não disse nada quando me encolhi no banco do passageiro soluçando, mas segurou minha mão quando retornamos para a estrada.

15

BOYCE

Droga. Eu só tinha visto Pearl chorar uma vez, logo depois de eu ter tirado sua virgindade como um palhaço ignorante que não sabia nada sobre satisfazer sexualmente uma garota. Fiquei furioso por ela não ter me contado, até ela explicar que havia pensado que talvez eu não fosse aceitar, se soubesse. Nada podia estar mais longe da verdade. Tudo que eu queria era poder plantar uma bandeira com a palavra “PRIMEIRO” de um lado e “MINHA” do outro.

Aos dezoito anos, eu era um idiota.

— Você vai ficar bem? — perguntei quando voltamos para casa. — Pensei em voltar para a oficina e trabalhar um pouco. Preciso terminar o reparo de um freio e uma transmissão que... Ah, você não precisa dos detalhes.

— Eu estou bem. — As palavras pareciam arranhar sua garganta.

Tirei uma cópia da chave que estava no meu chaveiro, abri a porta do trailer e pus a chave na mão dela, mas não entrei. Duas horas mais tarde, limpei a graxa das mãos e dos braços e fui para casa, sem saber que estratégia adotaria se ela ainda estivesse chorando. As únicas garotas choronas com quem eu já havia lidado eram as bêbadas deprimidas que eu tentava a todo custo evitar.

Pearl estava sentada à mesa da cozinha, que parecia ter sido atingida pela explosão de uma mochila cheia de livros. Nada de lágrimas, graças a Deus. Com as pernas cruzadas em cima da cadeira, ela digitava em um pequeno notebook. O cabelo, preso em um nó no alto da cabeça, era rebelde demais para se deixar conter. Mechas longas e grossas caíam sobre a nuca e as orelhas. Eu sabia como os fios eram macios e grossos entre meus dedos.

— Oi — ela disse, virando-se na cadeira quando fechei a porta.

Ah, não. Pearl estava de óculos. Eu não a via de óculos desde que ela tinha treze anos, mas esses não eram grossos e pesados como os daquela época. — Vi que tem frios na geladeira. Pensei que a gente podia fazer sanduíches para o jantar... — E inclinou a cabeça para um lado, piscando enquanto eu tentava entender o que ela dizia, depois de perceber que ela estava falando. — A menos que já tenha planos. Desculpa, nem pensei...

— Não — falei, apressado. — Nenhum plano. Só você. Hoje à noite. — *Merda*. O que estava acontecendo com meu cérebro? Ela era muito fofa. Shorts branco, regata preta, descalça, óculos de armação fina e azul realçando os olhos escuros, cabelo preso, mas tentando escapar, e, *puta merda*, eu queria soltar aquele cabelo. De olhos muito abertos, ela me encarava como se eu tivesse perdido a sanidade. — Sanduíche. Beleza. — Apontei para o outro lado da cozinha. — Preciso tomar um banho.

Virei, fui para o banheiro e fechei a porta. Segurando a beirada da pia, olhei para o espelho e respirei fundo. Dez semanas e ela voltaria para Austin. Ela estava ali porque não tinha mais ninguém a quem recorrer. Eu não ia tentar transformar a situação em algo que não existia. Éramos amigos. Como Maxfield e eu.

Ri e abri a torneira. Ah, não. Nada a ver com o Maxfield.

Mas aqueles óculos. *Cacete*.

Tomei um banho quente e comecei a me masturbar para dar uma aliviada na tensão. Se tivesse imaginado outra garota de joelhos, com a água escorrendo pelos cabelos, as costas, o rosto e os seios, as mãos pequenas agarrando minhas coxas e a boca em mim, podia ter dado certo. Em vez disso, desliguei o chuveiro e descobri que a vontade de sair nu dali, pegar Pearl na cozinha e levá-la diretamente para a minha cama era ainda pior.

— *Droga!* Como isso é possível? *Inferno!*

Segurei a toalha contra o rosto, resmungando sozinho, como se fosse maluco.

Depois me enxuguei e percebi que havia entrado no banheiro sem pegar roupas limpas. Mesmo com a porta da oficina aberta o dia todo, era junho, fazia calor. Eu não ia vestir aquela camiseta suada, e a toalha só cobria minha bunda e as bolas. E mal.

Recolhi as roupas sujas do chão e abri a porta, deixando o vapor sair do banheiro, como a fumaça que saía de qualquer bar da cidade em uma noite de sexta-feira. Essa era a resposta, era isso. Eu precisava sair e paquerar, beber um pouco... sair e *pegar alguém*.

Quando estava na metade da sala, virei e vi Pearl parada ao lado da mesa da cozinha, segurando dois pratos cheios de sanduíches. Ela havia aberto um espaço onde eu me sentei na única

vez em que comemos juntos ali, e outro espaço ao lado dele. Meu estômago roncou, e eu me concentrei nessa fome, tentando ignorar a que se alojava um pouco mais abaixo.

— Já volto — avisei, notando que ela não olhava para o meu rosto, mas para as partes que a toalha mal conseguia cobrir. *Ah, legal, gata, pode olhar.* Cada músculo do meu corpo se enrijeceu instintivamente, cada um tentando chamar a atenção de Pearl.

Os pratos foram deixados sobre a mesa com um barulho alto, e ela desviou o olhar do meu corpo.

— Ah, tudo bem. Claro. Eu vou... estar aqui. — Ela pigarreou e recolheu as batatas que haviam caído do prato com o impacto. Não tive muito tempo para me vangloriar, porque ela se debruçou sobre a mesa para empurrar um dos pratos para o meu lugar, e aparentemente eu não tinha uma nova fantasia favorita que fosse tão diferente da original.

A diferença era que dessa vez ela estava usando óculos.

Bati a porta do quarto com força demais, abri a gaveta da cômoda e quase a arranquei do trilho. Jogando as roupas em cima da cama, tentei respirar como eu fazia quando treinava levantamento de peso e sentia que podia desmaiar com o esforço: Foco. No. Objetivo.

Mas que porra de objetivo?

Pensei no rosto vermelho de Pearl cinco minutos atrás. Ela não era mais uma garotinha inocente do ensino médio. Era uma mulher — e mulheres têm necessidades. Eu satisfazia muitas dessas carências desde que tinha catorze anos. Na verdade, provavelmente não havia suprido muitas além das minhas nos primeiros anos, mas agora sabia bem como resolver cada uma delas.

Conheci o ex-namorado da Pearl. Aquele idiota não a satisfazia regularmente, se é que a satisfazia em algum momento, mas ela passou quatro anos na faculdade depois de eu ter feito o que ela queria e tirado sua virgindade. Rangi os dentes quando pensei nela com o tipo de universitário que aparecia na cidade nas férias de verão e nos feriados. Noventa e cinco por cento deles eram arrogantes de merda com uma carinha bonita e músculos definidos, e isso sendo generoso. Havia alguns, como Maxfield, que eram

honestos sobre o que queriam e iam atrás das garotas que queriam a mesma coisa. Por mais que odiasse pensar nisso, teria sido melhor se ela tivesse encontrado um desses, em vez de conhecer um sujeito de fala mansa cuja atenção só durava até ele conseguir abaixar o shortinho dela.

Não estava ajudando.

Se eu não precisar enfiar a cara no freezer várias vezes por dia nas próximas dez semanas, vai ser um milagre.

PEARL

Quando Boyce saiu do banheiro, atravessou a sala e passou pela cozinha, fiquei ali olhando como se nunca tivesse visto um cara enrolado em uma toalha. Uma toalha que podia ganhar o prêmio de menor toalha de banho produzida.

A pergunta que eu ia fazer, alguma coisa sobre mostarda ou maionese e o que ele queria beber, desapareceu no fundo do meu cérebro derretido. Meu último pensamento compreensível foi "santa mãe de Deus". Olhando para o chão e sem perceber meu interesse, ele esfregava o cabelo molhado com uma toalha de rosto. Cada músculo do braço, do ombro e do peito se expandia e contraía com

o esforço, formando arcos e linhas definidas que mudavam a paisagem embaixo das conhecidas sardas e das gotas d'água que ele ainda não havia enxugado.

Se eu procurasse “injusto” na internet, provavelmente encontraria um GIF dele naquele momento e um link para uma explicação biológica do caos que se passava no meu corpo e da comoção mental que o acompanhava. Eu não conseguia falar, me mexer ou formar um plano simples e sensato para fazer isso parar. Quando Boyce chegou mais perto, minha mente traidora projetou uma fantasia completa na tela dos meus olhos.

Sem parar ou pedir permissão, Boyce se aproximaria de mim e, enquanto eu ficava ali boquiaberta, pegaria os pratos das minhas mãos.

— A gente come *isso* mais tarde — ele diria, deixando a comida em cima da mesa. Depois me pegaria no colo, me levaria para o quarto e me jogaria na cama, onde minhas roupas seriam tiradas com alguns movimentos estratégicos daqueles dedos. Boyce arrancaria a toalha da cintura e me possuiria em seguida, tomando minha boca em um beijo quente de língua e movimentos...

— Já volto — ele falou, quebrando o encanto. Deixei os pratos em cima da mesa com uma violência desnecessária, espalhando batatas para todos os lados como uma completa idiota. Recolhi as batatas e me recusei a encará-lo, certa de que ele veria a necessidade patética que me consumia desde que eu era jovem demais para saber o que ela significava.

Minutos depois, ele saiu do quarto vestindo shorts e camiseta branca, e eu devorava uma batata atrás da outra e fingia ler.

Espalhando uma camada de maionese no sanduíche, Boyce falou:

— Obrigado pelo jantar. — A voz era suave. O tom manso me envolveu, quente e hipnótico.

Forcei um sorriso e arrisquei levantar os olhos.

— Obrigada pelos ingredientes. — Torcia para ele não conseguir ler meus pensamentos, que ameaçavam retomar a fantasia erótica em *câmera lenta*, e voltei a olhar para a página que riscava aleatoriamente com o marcador de texto, sem nem saber o que lia.

— Tudo bem — ele respondeu e levou o prato para a sala para ligar a televisão em volume baixo.

Com o tempo, as palavras na página diante de mim se organizaram em detalhes compreensíveis e gráficos de dados, e eu recuperei a capacidade de processar as ideias no nível racional.

— Tem certeza que não quer ficar com a cama? — Boyce perguntou, interrompendo minha concentração. A televisão estava desligada, e notei que havia escurecido completamente lá fora. O relógio do notebook marcava 22h21. — Estou me sentindo um idiota te entregando lençóis pra você dormir no sofá.

Estalei o pescoço quando o alonguei pela primeira vez em duas horas. Aceitei os lençóis que ele estava segurando e me levantei da cadeira.

— Eu me sentiria uma idiota tirando da própria cama a pessoa que está me recebendo em sua casa. Eu vou ficar bem no sofá.

Ele me encarou.

— Tem certeza?

Eu sabia que ele não estava se referindo ao sofá.

Assenti, minha garganta cheia de palavras ameaçando escapar. Havia parado uma hora atrás para olhar o celular. Isso era real. Agora eu dependia de mim. Quando saí de casa para ir para a faculdade, levei um tempo para me adaptar à vida longe da minha mãe, longe de casa, da Mel, do colégio, de tudo e de todos que conhecia, inclusive de Boyce Wynn. Diferente das minhas companheiras de república, fui passar o fim de semana em casa três vezes antes do feriado de Ação de Graças. Minhas colegas de turma pareciam mais velhas e experientes, prontas para a vida adulta. E eu só queria ir para casa. Na terceira visita, apoiei a cabeça no colo da minha mãe e lhe disse que não queria ir embora. Sabia o que ela iria dizer e sabia que estava certa, mesmo que eu não quisesse ouvir.

— Não é verdade, *mija* — ela respondeu, afastando carinhosamente o cabelo do meu rosto. — Você é um pouco mais nova que todo mundo. Só isso. Estou aqui sempre que precisar de mim, mas não desperdice essa oportunidade. Pegue sua inteligência e vá fazer o que tem que fazer.

Daquela vez ela estava certa, e no segundo semestre eu estava adaptada.

Agora ela estava errada.



Dormir naquele sofá cheio de protuberância era só um degrau acima de dormir no chão, e o desconforto foi acentuado pelos sonhos que tive com meu companheiro de moradia. E eu pedi a Deus para não ter falado enquanto dormia.

Entrei na rotina diária de Boyce, o que era inevitável, considerando que o sofá ficava bem no meio dela. Ele acordava cedo todos os dias e saía vestindo shorts e tênis. Eu fingia estar dormindo quando ele atravessava a sala escura, mas as rápidas olhadas pela janela nos últimos dois dias revelaram que ele ia para a oficina. Uma hora mais tarde, ele voltava e tomava um banho, vestia calça jeans e calçava as botas de ponteira de aço, fazia café e comia a quantidade de calorias que eu ingeria ao longo de um dia inteiro.

Hoje me sentei com ele à mesa depois de servir café em uma das doze xícaras com frases de pescador. A que escolhi dessa vez tinha a mensagem: "Um dia ruim PESCANDO é melhor que um dia bom TRABALHANDO". Ainda sonolenta, peguei uma torrada.

— Você trabalha uma hora antes de tomar o café?

— Não, faço exercícios. Com peso. Tenho uma barra, anilhas e alguns halteres na oficina. É o melhor horário pra isso. No fim do dia estou sempre cansado demais. — E encheu a boca com mais ovos mexidos e linguiça, usando a outra mão para olhar uma papelada de trabalho. Seu cabelo ainda estava úmido.

— Hum — respondi, olhando meu café na xícara como se minha imaginação não se iluminasse como o fitoplâncton bioluminescente que às vezes invadia o golfo nas noites de outono e inverno.

Comecei a me sentir culpada quando alguém bateu à porta.

Boyce franziu o cenho, empurrou a cadeira para trás e se levantou. Não eram nem oito horas da manhã.

— Tá esperando alguém?

Balancei a cabeça, e ele foi abrir a porta. Não consegui ver quem estava do outro lado, mas os ombros dele despencaram de leve, e houve uma rápida troca de palavras em voz baixa. Boyce assentiu e fechou a porta antes de voltar para perto de mim.

Minha mãe, pensei.

— É o dr. Frank — ele disse. — Se não quiser falar com ele...

— Não. Eu falo. — Eu me preparei antes de ir abrir a porta, mas ver a expressão preocupada do único pai que conheci dissolveu minha determinação. — Oi, Thomas. — Engoli e pisquei para segurar o choro.

Ele abriu os braços, e eu mergulhei neles.

— Tudo bem, menininha?

Sufoquei a risada carregada de lágrimas. *Menininha*.

— Sim.

Depois de um momento, ele deu um tapinha carinhoso no meu ombro e nós nos separamos.

— Escuta, sei que sua mãe está irredutível. Mas eu comprei aquele carro pra você, e eu também estou irredutível. — E apontou a entrada da oficina, onde vi meu GTI vermelho. Quase corri para abraçar o carro.

Se essa era a ideia que Thomas tinha de manipulação, era absolutamente cruel. Depois de três dias a pé, eu sentia falta do carro. Ter transporte próprio facilitaria muito minha vida, mas nem por isso eu voltaria atrás em minha decisão.

— Não vou mudar de ideia. Já decidi.

— Eu sei, querida, não estou pedindo para mudar de ideia. — E coçou o queixo, os olhos azuis me estudando atentamente. — Mas posso perguntar quanto essa decisão tem a ver com aquele rapaz? — E inclinou a cabeça em direção ao trailer. — Ou com o outro?

Eles não sabiam nada sobre meu relacionamento com Boyce, e o que sabiam sobre meu ex era que o rompimento fora desagradável, mas que eu tinha superado depressa.

— Nada. Meu rompimento com o Mitchell não me afastaria de um objetivo de vida, e o Boyce só me incentivou a fazer o que eu quero.

— Entendo. E sua decisão é consequência do seu desejo de ser bióloga marinha, não só de não estudar medicina? Porque existem outras alternativas...

— É isso que eu quero fazer, Thomas. E medicina é o que eu não quero. Sinto muito.

— Não precisa se desculpar. — Ele riu. — Não me ofendo com facilidade.

— Mas a minha mãe tá furiosa. — Queria que ele dissesse que não, mas Thomas não me desmentiu.

— Sua mãe é meio... teimosa. — Ele arqueou uma sobrancelha para indicar que eu não era diferente. — Mas isso vai se resolver. — E segurou minha mão para colocar a chave nela. Não pude deixar de notar que minha cópia da chave de casa também estava no chaveiro. — Tenho algumas consultas de pós-operatório hoje de manhã. Pode me dar uma carona até o consultório?

Eu o abracei e murmurei:

— Obrigada. Vou me vestir e já volto. Dez minutos.

Quando saí, Thomas e Boyce estavam na porta da oficina, os dois com as mãos nos bolsos, conversando. Boyce olhou em minha direção, inclinou a cabeça num aceno rápido e entrou na oficina.

Quando eu liguei o carro e saí, Thomas falou:

— Tenho a impressão de que você e o Boyce são mais... próximos do que sua mãe e eu sabíamos.

Assenti, e meu rosto ficou quente quando percebi o tipo de conexão que Thomas podia imaginar entre nós, mas não estava disposta a explicar a respeito do lugar onde dormia. Ou não dormia.

16

BOYCE

— Cara, sua namorada é *gostosa*.

Eu não esperava ouvir esse tipo de comentário de uma funcionária, se é que algum dia imaginei *ter* uma mulher trabalhando na oficina. E, se imaginei, digamos que a mulher em questão não tinha nada a ver com aquela que olhava para a garota com quem eu dividia minha casa havia setenta e duas horas, e que agora subia a escada do trailer.

Pearl estacionara o carro na entrada do terreno, ao lado do meu TA, cinco minutos antes. Ela pegou a mochila no banco, acenou para mim enquanto atravessava o jardim e olhou para Sam antes de seguir em direção ao trailer. Não falamos sobre minha nova funcionária, e essa era a primeira vez que ela chegava em casa antes de o pai de Sam chegar para apanhá-la.

— Ela não é minha namorada.

— Qual é? Você é... *cego*?

— Era.

Não falei mais nada, esperando que Sam voltasse a apertar parafusos com a chave que estava segurando. Perdemos cinco minutos discutindo por que ela não podia usar a máquina de parafusar. (“Porque antes você precisa aprender a apertar parafusos usando medidas exatas, manualmente”, expliquei. “Mas a máquina é mais rápida”, ela choramingou.) No fim, desisti de argumentar e fiquei olhando para ela até que começasse a trabalhar.

— Cheio de segredinhos — ela comentou.

— Não vou ficar falando sobre a pessoa que mora comigo. E também já deixei bem claro que não vou falar sobre minha vida sexual.

— Ou a falta dela.

— Chega. — *Cara*. O Silva devia estar rindo muito. — Agora me diz, o que você precisa fazer se os parafusos estiverem lubrificados, em vez de secos?

Ela revirou os olhos com tanta veemência que a cabeça acompanhou o movimento.

— Reduzir a força de rotação da chave.

— Genial. Reduzir quanto?

— Hum, cinquenta por cento.

Dei risada, e ela franziu a testa.

— Não, a menos que queira que o cara perca as rodas antes de chegar na estrada e volte para chutar seu traseiro até o golfo. Se ele voltar, claro.

— Ei, querem beber alguma coisa?

Sam e eu viramos quando ouvimos a voz de Pearl. Ela segurava duas latas de Pepsi.

— Obrigada! — Sam respondeu sorridente. *Como é que é?* Com aquele cabelo amarelo e espetado em todas as direções, ela parecia um sol sorridente de desenho animado. Não sabia que ela era capaz de ser tão feliz. — Meu nome é Sam. — Ou *simpática*.

Pearl passou uma lata para cada um de nós e sorriu para Sam.

— O meu é Pearl. Você é a nova *funcionária* do Wynn?

— Ainda não sabemos — eu disse, abrindo a lata. — Ela tem mais um dia de experiência. Não decidi nada.

Sam franziu a testa e comprimiu a boca. Se tivesse visão de raio laser, eu teria sido cortado ao meio. Inclinando-se para frente na cadeira, ela deixou a lata no chão de concreto e pôs toda a força que tinha na chave de rosca, fazendo um grande esforço para não me dar uma resposta torta na frente de Pearl.

Pearl olhou para mim e balançou a cabeça num gesto de *reprovação* e sorriu com aquele ar debochado que eu fazia qualquer coisa para apagar.

Virei a lata com uma piscada rápida, bebendo um gole demorado para esconder uma careta.



Quando limpei o quarto do meu pai, encontrei coisas que havia esquecido que ele tinha e coisas que eu nem sabia que ele tinha. Com pressa, joguei tudo que valia a pena guardar em uma caixa que deixei separada para examinar numa outra hora. Com a mudança de Pearl e a chegada de Sam, esqueci a caixa e a reunião com o sr. Amos, até a data aparecer nas notificações da agenda do celular.

Separei formulários de impostos e todos os documentos que podiam ter alguma importância comercial, certidões de nascimento e fotos que eu nem sabia que existiam, duas ou três de minha mãe e algumas dúzias minhas e de Brent, mas nenhuma além da idade que tínhamos quando minha mãe foi embora. Encontrei o estojo que guardava a Medalha Estrela de Prata concedida a Brent. Dentro dele, com a medalha, estavam suas tags de identificação e uma foto laminada. Pendurei no pescoço a corrente com as tags e as joguei para dentro da camiseta.

A foto era uma selfie de Brent e Arianna na praia. Atrás deles, o sol se erguia da água. Estava arranhada, como se tivesse ficado dentro de uma carteira, de onde era tirada com frequência. Brent devia ter levado a foto com ele, e ela fora encontrada em seu bolso ou entre seus objetos pessoais. Oito anos se passaram. Em alguns dias, pareciam ter sido séculos; em outros, era como se tivesse acontecido ontem. Virei o retrato.

Arianna havia escrito: "Sua casa é aqui ao meu lado. A".

Na minha cabeça, meu irmão sempre foi mais velho e mais forte que eu, mas ele tinha minha idade quando morreu, vinte e dois anos, e faltavam poucas semanas para eu completar a idade que ele nunca teve. O que havia de decente em mim existia por causa dele. Lágrimas que não derramei com a morte de meu pai caíam com facilidade pelo irmão que fora mais pai para mim do que o velho Bud jamais foi. Mas, quando Brent era um menino, quando era chamado de coisas que uma criança nunca deveria ouvir, quando era esmurrado por um adulto por tentar proteger a nossa mãe, ou me proteger, quem havia sido pai para ele?



O escritório do sr. Amos era a sala da frente da casa dele, perto de Palm Drive, onde ele morava sozinho. Parei na entrada da casa, ao lado de um barco velho apoiado em cima de um reboque, pronto para ser preso a Silverado branca estacionada de ré atrás dele. Algumas palmeiras e um arbusto exuberante e verde garantiam sombra na varanda à esquerda da entrada. A única coisa que me dava certeza de estar no lugar certo era a placa de madeira pendurada ao lado da porta da frente, onde havia a inscrição "Barney Amos, advogado".

Entreguei a caixa com os papéis que podiam ser importantes e fiquei olhando as paredes e as prateleiras do escritório, enquanto ele os examinava. Além do diploma da faculdade de direito (Loyola, dessa eu já tinha ouvido falar), havia uma foto dele com amigos de pescaria, uma com o prefeito, uma com a filha no dia do casamento dela, e uma de Austin, um pouco mais velho que os filhos do Mateo, segurando um baixo da mesma altura que ele. Quando éramos escoteiros, nós o chamávamos de Inseto por causa dos olhos.

Eu nem lembrava que o Inseto tinha uma irmã, não lembrava o nome dela, mas eles eram muito parecidos, tinham o mesmo nariz fino e os mesmos olhos grandes. Ela estava alguns anos na nossa frente na escola e foi embora com a mãe depois do acidente. Apesar de ter sido condenado por dirigir alcoolizado, o sr. Amos, que estava tão bêbado que não lembrava de nada até o dia seguinte, não foi responsabilizado pelo acidente. Um garoto que participava de um racha cruzou o farol vermelho e bateu na porta do passageiro do carro dele, provocando o capotamento que matou Austin na mesma hora e causou lesões permanentes no sr. Amos, algumas óbvias, outras nem tanto.

Durante uma das poucas visitas que fez ao AA como padrinho do meu pai, eu o ouvi dizer:

— Se eu estivesse sóbrio, talvez escutasse o carro se aproximando e poderia ter freado. Talvez nem estivesse naquele cruzamento. Talvez o Austin estivesse vivo.

Meu pai não dava a mínima, acho. Não ficou tocado como eu ao pensar no Inseto, que não chegou a completar sete anos. Ficou congelado na idade em que morreu, exatamente como Brent.

— Não achou nenhum testamento, nem documentos referentes ao divórcio, Boyce?

— Não, senhor, nada. O que acontece quando não há um testamento? E ele pode não ter guardado os papéis do divórcio? Sou perfeitamente capaz de imaginar meu pai fazendo uma fogueira com eles.

— Sim, sim... é verdade, mas as coisas são um pouco mais complicadas que isso. Sente-se, filho.

Eu me sentei e olhei para a cara dele, para o lado direito dela, pelo menos. O lado esquerdo, paralisado em uma eterna careta, não dava nenhuma indicação do que o levava a puxar o colarinho da camisa como se a gravata o enforcasse, embora ele nem usasse gravata.

Amos inspirou profundamente pelo nariz e uniu as mãos.

— Havia um testamento, Boyce. Ele foi feito antes da sua mãe sair da cidade. Eu tenho uma cópia aqui. — Ele apoiou a mão sobre uma pilha de documentos presos por um clipe.

Depois de vasculhar o trailer em busca do tal testamento e não encontrar nada, achei estranho que ele tivesse o documento. Esperei pela explicação, porque não conseguia nem imaginar o propósito da conversa.

— O testamento nomeia sua mãe como a principal beneficiária. Eu mesmo o redigi... depois de insistir com seu pai na necessidade de Ruthanne e ele terem um testamento simples, porque eles tinham filhos menores. Minha intenção era proteger você e o Brent. — Ele inspirou novamente, os lábios comprimidos. — Minha esperança era de que você encontrasse um novo testamento, um documento revogando o que foi feito anteriormente. E, mais importante, esperava que você encontrasse os papéis do divórcio.

— Não entendo — falei, mas era mentira. Sabia o que ele estava dizendo. Só não conseguia aceitar o significado daquilo tudo. Porque não podia ser verdade, não podia ser o que eu estava pensando.

— Fiz uma busca em Austin e nos estados da região para ver se havia alguma notificação de divórcio, mas ainda não encontrei nada. Na ausência do decreto de divórcio, que invalidaria todos os testamentos feitos anteriormente...

— Está realmente me dizendo que, mesmo tendo abandonado os filhos, abandonado o marido, quinze anos atrás, ela vai ficar com o trailer e com tudo que tem nele?

Nunca imaginei que o cara pudesse aparentar mais sofrimento do que de costume, mas estava enganado.

— Presumindo que ela ainda esteja viva e casada com seu pai, agora que ele morreu, sua mãe é a herdeira de tudo que pertencia a Bud. Se não houvesse um testamento, ela ainda herdaria todos os bens comuns ao casal, porque ela é, até onde posso atestar, o cônjuge legal.

Sentia que havia mais para ser dito e soube o que era antes mesmo de ele falar.

O sr. Amos engoliu em seco e despejou a pior notícia.

— Se ele nunca fez nenhuma incorporação da Oficina Wynn's, e estive procurando nas duas últimas semanas sem encontrar nenhuma evidência nesse sentido, a oficina não pode ser separada dos outros bens deixado pelo morto. Portanto, ela faz parte da herança.

Putá merda, não podia ser verdade.

— Então eu não tenho *nada*? Trabalhei para o meu pai desde os treze anos de idade sem salário durante vários anos, o que não o impedia de me mandar fazer todas as trocas de óleo e todos os rodízios de pneus que apareciam. Assumi toda a responsabilidade depois que ele adoeceu. Fiz *tudo* sozinho no último ano...

— Eu entendo, Boyce, e essa é a coisa mais injusta que já vi...
Eu levantei.

— Eu preciso ir.

Ele assentiu.

— Vou precisar fazer uma busca. Se ela trabalhou ou pediu crédito, alugou apartamento ou fez algum tipo de empréstimo, não vou demorar mais do que uma semana para encontrá-la. — E puxou o colarinho de novo. — Mais uma coisa. Eu também fiz um testamento para ela, uma reprodução do que foi feito para o seu pai, mas com ele como beneficiário, o que fez dela minha cliente. Não vou representar sua mãe contra você, mas também não posso te representar. Seria um conflito de interesses aos olhos do tribunal.

— Que merda — eu disse, aumentando a coleção de eufemismos usados ao longo da minha vida.

PEARL

Sábado à tarde, eu estava estudando quando batidas sacudiram a porta. Além de minha mãe e Thomas, só Melody sabia onde eu estava morando. A reação dela foi o silêncio que eu esperava quando liguei para contar, como aquela calma que precede uma tempestade violenta. Depois, quando a chamei pelo nome, ela explodiu em perguntas sem esperar por respostas, mencionando todas as razões que a levavam a acreditar que eu havia pirado de vez.

Mas a Mel estava em Dallas. Então, quem quer que estivesse lá fora devia estar procurando o Boyce, que tinha saído para levar uma caixa de documentos até o escritório do advogado que o ajudava a encerrar todos os assuntos do pai dele.

Passei a manhã toda procurando emprego sem encontrar nada, e ainda estava pensando em cada detalhe da experiência frustrante. A maioria dos lugares já havia contratado temporários para o verão, e eu não tinha experiência nem habilidades específicas que me indicassem para as poucas vagas que restavam. Vestida como se fosse dia útil, não um sábado na cidade mais relaxada da costa, preenchi fichas e formulários e sorri até sentir o rosto doer. Todo mundo fazia as mesmas perguntas. Já trabalhou como vendedora em alguma loja? Já serviu mesas? Já cuidou de algum caixa? Trabalhou com o público de alguma maneira?

Não, não, não e não.

As batidas se repetiram, e eu me aproximei da porta. Não havia olho mágico, por isso afastei as lâminas da minipersiana. *Brittney Loper*. Ela olhou em minha direção e eu soltei a persiana.

— Boyce, já te vi. Abre, droga.

Eu não estava com disposição para Brittney Loper.

Tudo bem, eu nunca estava com disposição para Brittney Loper.

— Boyce, *qual é!* Preciso de você.

Ai, Deus. Esperando que ela não estivesse dizendo o que eu temia que estivesse, destranquei e abri a porta para a garota vestindo shorts cortado de uma calça, botas e uma regata com o nome de um dos bares para turistas perto da avenida principal. Seu peito ainda era capaz de influenciar a gravidade. Queria que ela estivesse mais estragada, mas não era o que eu via. Piscando os cílios longos e inclinando a cabeça repleta do cabelo loiro-escuro, como um filhotinho fofo, ela olhou para o número na placa presa ao trailer e para a oficina ao lado dele.

Por que eu não pensei que a vida dele incluía... *isto?* Boyce era homem. E homens tinham necessidades. Necessidades que eram supridas por mulheres como Brittney, se o homem fosse parecido com o Boyce.

Ela olhou para mim.

— Pearl Frank? É isso mesmo?

— Isso. O Boyce não está, Brittney. Ele volta em uma hora, talvez duas.

— Uau. Não sabia que você e o Boyce... — Ela sufocou uma risadinha. — *Ah*, isso explica muita coisa! Pensei que você estivesse na faculdade, ou coisa assim.

— Já me formei. — *O que explicava o quê?*

— Legal. E decidiu voltar... por causa do Boyce? Isso é...

— Não, não é...

— *Fofo*.

— ... isso. — *Fofo?* Ela estava chapada? Eu conhecia a Brit, sabia que era bem possível. — Eu só precisava de um lugar para ficar, e o Boyce tem um quarto sobrando desde que...

— Desde que o imprestável babaca do pai *finalmente* vazou. Aquele cara era só um pouquinho melhor que o meu velho.

Um pouquinho *melhor?*

— Bom, quando o Boyce volta? Uma hora, você falou? Porque a merda da minha caminhonete está tremendo como um bêbado antes da primeira dose. — Ela apontou com o polegar para a caminhonete parada na entrada da oficina. — Não sei o que aconteceu, mas está complicado. Preciso daquela coisa para trabalhar, senão vou me ferrar.

Até Brittney Loper tinha um emprego.

Eu não precisava disso, minha consciência avisou.

— Eu tenho o problema contrário. Um carro que funciona, mas nenhum emprego. — Papo furado? *Cala a boca, Pearl*.

— Sua mãe é casada com o dr. Frank. Eles não te dão dinheiro? Meu rosto ficou quente.

Antes que eu pudesse responder, ela continuou:

— Se você e o Boyce não estão juntos, por que você tá morando aqui, e não lá? Não vou à casa dos Frank desde que a gente se formou, claro... Quanto tempo? Quatro anos? Mas, cara, eles teriam que me tirar de lá a pontapés se eu fosse você. — Uma ruga marcou a testa dela. — Ou será que o dr. Frank...?

— Meu Deus. Não... *Não!* Ele é ótimo. Só discordei deles sobre o que eu quero fazer agora. Eles queriam que eu fosse para a

faculdade de medicina, e eu... eu não quero. — Por que estava contando isso a *ela*?

— Você sabe que é adulta, não sabe? — Brittney falou devagar, como se eu fosse burra. — Já se formou na faculdade! Não casou, não tem filhos... Não teve nenhum filho, teve?

— Ah, não.

— Livre como um pássaro. E olhe pra você, toda bonitinha. Se quisesse o Boyce, podia descolar o cara. De verdade, se você tivesse sido uma vaca no colégio como aquela sua melhor amiga, e não é nada pessoal, eu nem estaria falando tudo isso, mas, na boa, *cai na real!* Vários fracassados que estudaram com a gente no colégio ainda moram com a mãe, mas o Boyce tem uma casa e a oficina. Eu sei que ele era um fodido na época do colégio, todo mundo era, não, menos você, mas eu, o Boyce e o Rick, e mais alguns... Mas o Boyce virou o jogo e agora é um cara decente, e ainda por cima é gostoso!

Fechei a boca quando percebi que estava de queixo caído.

— Pensei que você e ele... humm...

Ela riu mostrando os dentes brancos. Eu me concentrei na leve sobremordida.

— Bom, sim, mas nunca é sério com a gente. Mas *você*? Só se ele for idiota pra não perceber. Mas faz o cara ralar por você. O Boyce não dá valor pra nada que é muito fácil, se é que você me entende.



Boyce estava quieto quando voltou. Deixou a caixa no quarto dele, abriu a geladeira e fechou a porta sem pegar nada. A menos que

tivesse comido na rua, ele não havia almoçado.

— Como foi a reunião?

Ele balançou a cabeça e não respondeu, ficou olhando pela janela, para o quintal, onde o mato crescia livre.

— Foi tão ruim assim?

— Eu vou dar um jeito. — Os olhos dele buscaram os meus e se afastaram em seguida. Quando eu me preparava para oferecer ajuda, nem que fosse só para ouvir um desabafo, ele continuou: — Não fiz exercícios hoje de manhã. Vou fazer agora.

Cinco minutos mais tarde, ele saiu do trailer com os tênis desamarrados, shorts amassado e *sem camiseta*, e com uma corrente com tags que eu nunca tinha visto antes. Meu corpo ameaçou se rebelar com o celibato a que eu me obrigava enquanto morava com *aquilo*. Assim que Boyce fechou a porta, eu me aproximei do ar-condicionado instalado na janela, mas nem assim consegui resfriar a pele, que parecia queimar de febre. Havia lidado com Boyce de um jeito ou de outro durante toda a minha vida, mas morar com ele era um teste de autocontrole.

Meu corpo não entendia. Eu não conseguia negar que queria o Boyce no nível físico, mas, se cedesse a essa vontade, meu coração ia acordar e pedir mais. Eu não podia fazer esse jogo com o Boyce. Ele podia acabar comigo.

Mesmo que às vezes quisesse ser mais que a amiga que ele achava atraente, nunca me permiti imaginar que ele poderia se apaixonar por mim. Uma exceção: aquelas poucas horas entre a única vez que ficamos e o momento em que o vi na praia com uma garota no colo, “uma foda casual”, como ele e os amigos chamavam as turistas com quem ficavam.

Brincar de casinha criava miragens de relacionamento em minha cabeça, coisas que antes nunca existiram. Ou eu as conseguia reprimir antes. Maldita Brittney Loper e seus comentários sobre “pegar” o cara que amei durante toda a minha vida.

Nove semanas, dois dias.

— Esqueci de dizer... a Brittney Loper veio te procurar — falei quando Boyce entrou no trailer.

Ele parou antes de abrir a porta da geladeira e olhar lá dentro.

— O que ela queria?

A cintura do shorts estava molhada de suor.

— Ela disse que a caminhonete dela está tremendo.

Boyce pegou uma garrafa de chá gelado e um pedaço de frango grelhado e se virou com um sorriso de deboche.

— Nada anormal, no caso dela. — A cintura do shorts estava mais baixa do que uma hora atrás, exibindo os músculos e a pele suada do peito e do abdome.

— *Boyce*.

— O quê? — ele riu, usando um garfo para cortar pedaços do frango que devorava.

— Hipocrisia. Você pode, e ela não? — disparei, tomada por uma raiva sem propósito.

— Tudo bem... calma, é só ética política... Estou brincando. Todo mundo sabe que meu *TA treme* de vez em quando.

Queria dar um soco na cara dele, mas Boyce provavelmente nem sentiria. Ele parecia um fisiculturista, a pele coberta de óleo para realçar as curvas definidas e as saliências desenvolvidas.

— Ela disse quando vai voltar?

Olhei para o meu livro.

— Disse que vem amanhã. Agora ela está trabalhando.

— Amanhã é domingo. Meu único dia de folga.

— Bom, ela deve pensar que tem alguma... influência especial sobre você.

— Coisa nenhuma. Ninguém tem influência sobre o meu domingo. — Quando terminou de comer o frango, ele pegou a garrafa de chá e bebeu tudo de uma vez.

O esforço para manter os olhos colados no livro na minha frente era um fracasso gigantesco. Eu espiava por entre as mechas de cabelo, pronta para fingir total concentração no texto que devia estar estudando ao menor sinal de que ele pudesse me surpreender *babando* daquele jeito.

— Vou tomar uma ducha e sair. Aproveito para dar uma olhada na caminhonete da Brit. — Ele se virou para mim, e eu olhei para o texto. — Quer ir também, tomar uma cerveja?

— Não, obrigada. Preciso estudar este capítulo. — *Bobagem*. O que eu não queria era ver o Boyce dando mole para a Brittney ou para as turistas que chegavam em grandes grupos havia duas semanas. *E quando ele trazer alguém para casa... Será que isso pode acontecer hoje à noite?*, meu lado prático queria saber. E eu queria amarrar e amordaçar meu lado prático. — E amanhã preciso continuar procurando emprego.

— Não conseguiu nada hoje?

— Nada. Mas vou achar alguma coisa — falei, demonstrando mais confiança do que sentia. — Só preciso continuar procurando.

17

BOYCE

Brittney pôs a dose de tequila na minha frente, em cima do balcão.

— Cadê a Pearl?

Eu perguntei se ela queria sair comigo. E ela disse não... como sempre.

— Nós dividimos a casa, Brit, não somos casados.

— Bem que você queria.

— O quê?

— Ah, fala sério, até parece que nunca pensou nisso. Ou em uma parte disso, pelo menos. E vocês teriam bebês fofos.

Abri a boca como se quisesse engolir moscas, e uma imagem desfilou por minha cabeça como um videoclipe: “Eu abria a porta e uma criança corria e agarrava minha perna... uma criança parecida com a Pearl no dia em que a conheci”. Fechei os olhos por um instante para apagar a imagem, mas ela parecia estar gravada no meu cérebro.

— O quê? Por que você acha que um cara na minha idade pensa essas coisas?

Ela bufou.

— Se uma garota como a Pearl Frank não te fizer pensar em pôr uma aliança no dedo, é sinal de que você é mais idiota do que eu imaginava. E é bom não perder tempo, porque não vai demorar até alguém fazer uma proposta melhor para ela.

Fechei a cara sem conseguir pensar em uma resposta, coisa que nunca tinha acontecido comigo.

— Estou só comentando! Não precisa ficar nervosinho.

Rangi os dentes.

— *Mudando de assunto.* Quando foi que você fez o último rodízio de pneus?

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Não disse que sua caminhonete está tremendo? Fazer rodízio e balanceamento das rodas é o jeito mais fácil e barato de resolver o problema. A menos que você tenha feito recentemente. — Bebi a tequila, de volta a terra firme.

— Ah, bom... ganhei pneus novos na formatura.

Deixei o copo sobre o balcão.

— Há quatro *anos*?

— Boyce, pneus não são a minha especialidade. Conheço cerveja e destilados. Sei fazer a torta de nozes da minha avó, e faço biscoitos e um molho tão bons que fariam você chorar. Sei reconhecer os caras legais e os que não são legais e sei transformar aqueles nestes. Mas não sei nada sobre *pneus*.

Levantei a mão.

— Leva a caminhonete amanhã, no final da manhã. Mas manda uma mensagem antes. Eu e o Thompson vamos pescar cedo.

— O Rick?

— Não, o Randy. Faz tempo que não vejo o Rick. Na última vez que falamos dele, o Randy comentou que ele estava morando em algum lugar perto de Houston.

Ela comprimiu os lábios.

— Também não soube mais dele. Nenhum deles era gênio, mas ninguém imaginava que o Randy seria o mais equilibrado dos dois. O cara era um maluco, e agora vende camisetas e faz bijuterias.

Um cliente duas banquetas longe de mim tentava chamar a atenção de Brittney, acenando e pigarreando.

— Bom, chega de nostalgia... Tenho que servir bebidas.

— Ei! — o cara se irritou.

— Calma, benzinho, estou indo. — Ela bateu no balcão. — Até amanhã, Boyce. Ah... nossa, quase esqueci! Minha tia-bisavó, aquela que tem a pousada... a recepcionista de lá está grávida e acabou de sair de licença, parece que vai precisar ficar de repouso. Ela precisa de alguém inteligente, de boa aparência, que não roube e possa trabalhar nos fins de semana. Achei que a Pearl podia se interessar, então liguei para a tia Minnie, e ela topou. Fala pra Pearl passar lá amanhã, se quiser o emprego.



Quando voltei para casa, estava chovendo. As janelas do trailer estavam escuras, então tirei as botas na porta e entrei só com as meias molhadas. Pearl estava dormindo no sofá, coberta até a cintura com o lençol e vestida com uma camiseta do seu antigo grupo de dança. Não resisto ao impulso de me aproximar e olhar para ela por um minuto. Deitada de lado, com os joelhos dobrados e as mãos juntas embaixo do queixo, ela suspirou enquanto dormia. O cabelo solto cobria a franha branca.

Maldita Brittney e aquela conversa sobre aliança e bebês, quando apenas tentar convencer essa garota a ser vista comigo em público era como bater a cabeça na parede várias vezes. Quando eu podia perder tudo no estalar de dedos que Barney Amos precisaria para encontrar a minha mãe, que havia me deixado com um homem que só sabia se expressar com os punhos.



Quando acordei, imaginei que fosse por causa do estalo do trovão que tinha sacudido o trailer, então me virei de lado disposto a voltar a dormir, esperando que tudo aquilo passasse antes das cinco da manhã. Caso contrário, não haveria pescaria.

Segundos depois, um raio de luz iluminou meu quarto entrando pela única janela. Um segundo, talvez mais, o suficiente apenas para eu ver a silhueta parada na porta.

— Pearl? — Eu me apoiei sobre um cotovelo.

— Sempre faz esse barulho todo quando chove? Ou a gente tem que se preocupar? — A voz dela soava fraca.

A casa do dr. Frank era uma fortaleza de pedra, comparada a caixinha de lata que havia sido projetada para ser tirada de uma fundação, posta sobre rodas e levada para qualquer lugar de uma hora para outra. Além disso, a casa dos Frank ficava na parte mais protegida da baía, lá as tempestades não chegavam do golfo com a mesma força com que desabavam sobre o meu bairro.

— É sempre assim. Não precisa se preocupar. — Quando acabei de falar, um trovão fez o chão tremer. Pearl pulou, e eu mordi a parte interna da bochecha para não rir. — Vem cá. — Fui para o meio da cama e levantei o lençol.

Ela hesitou, as engrenagens girando rápido naquele cérebro. Não podia acusá-la de excesso de cautela. Eu a queria, e sabia que ela me queria, porque vi os olhares que ela tentou esconder durante a semana. E agora eu a estava desafiando a cruzar aquela linha e deixar que eu desse a nós dois o que estávamos querendo. Porém eu não tomaria a iniciativa, mesmo que ela aceitasse o convite. A decisão seria dela: iríamos dormir ou passar as próximas duas ou três horas acordados.

Eu não daria o primeiro passo, mas não hesitaria em dar o segundo.

Outro relâmpago iluminou o quarto, uma sucessão de raios que durou vários segundos. O trovão que seguiria a luz faria as paredes tremerem por meio minuto, sem interrupção. Ela pensou por mais um instante antes de atravessar o quarto e deitar embaixo do lençol, mas segurou a beirada do colchão e ficou de costas para mim, sem deixar seu corpo encostar no meu. Pearl estava encolhida como se ainda estivesse no sofá esperando por aquele primeiro e furioso estalo de relâmpago e o estrondo que veio imediatamente atrás dele.

Deixei o lençol cair sobre ela no mesmo momento em que o *bum* explodiu como um tiro de rifle, transformando-se em um estrondo que, fortalecido pelo vento, balançava o trailer e tudo que havia nele. Quando o barulho desapareceu, as costas dela estavam coladas ao meu peito, o quadril encaixado no meu abdome. Meu braço cobria a área das costelas delicadas, mas a mão descansava sobre o colchão na frente dela. Não me mexi, nem para me

aproximar, nem para me afastar. Mais alguns raios e trovões garantiam a permanência de Pearl, mas nenhum foi tão forte quanto os dois ou três primeiros que a fizeram correr para o meu quarto.

Quando já estava certo de que íamos dormir, ela se deitou de costas e virou o rosto para mim. A ereção foi instantânea, mas não me movi enquanto nos encarávamos. O ruído do vento e da chuva continuava lá fora, com mais raios e mais trovões, mas a tempestade seguia sua viagem pela costa e já não parecia mais incomodá-la.

Pearl se virou totalmente, ficando de frente para mim, e juro que nunca fiquei tão imóvel. Com o dedo no gatilho, esperei pelo sinal claro.

Os dedos dela tocaram meu rosto. *Ainda não.*

Os lábios quentes tocaram a ponta do meu queixo com um beijo leve. *Melhor.*

A sola do pé deslizou por minha canela, os dedos acariciando, e ela colou o corpo ao meu, acomodando meu pinto duro e faminto em seu ventre como um hóspede bem-vindo. *Quase.*

Minha mão tocou as costas dela, os dedos traçando uma linha através da camiseta enquanto a puxava para mim, a outra mão aberta nas costas, apertando seu corpo contra meu peito. Deixei a mão descer até a base da coluna e ela gemeu baixinho. Quando minha mão escorregou para o quadril, eu perguntei:

— Está preparada?

Ela assentiu.

Agora.

PEARL

A boca de Boyce cobriu a minha, a língua passou por entre os lábios quando ele me deitou de costas sem nenhuma gentileza, sem comedimento, se apossando de mim e declarando essa posse sem rodeios. Eu não queria mais tempo para pensar, e ele não me permitiu ter esse tempo.

Agarrada aos ombros nus e aos braços que me cercavam como correias indestrutíveis, me entreguei a cada resposta trêmula que ele arrancava do recanto mais escondido do meu coração. Enquanto a tempestade se afastava lá fora e outro relâmpago ainda brilhava além da janela e iluminava o quarto, ele tirava minha roupa e me beijava até eu arfar em sua boca e me curvar contra suas mãos.

Gemi quando ele afastou um pouco o corpo do meu, suspenso sobre mim, tão próximo que eu sentia o calor radiando de sua pele. Com uma risadinha abafada, ele beijou e acariciou meus seios, as costelas e a barriga, os lábios e a língua me massageando, incansáveis. Seu cabelo era macio em minhas mãos, e eu me retorcia e arqueava conforme ele ia descendo, suplicando por seu toque, pela sensação de seu corpo contra o meu.

As mãos encontraram minhas coxas, e eu gemi como se tivesse esperado por dias, quando ele abaixou a cabeça e deslizou a língua sobre mim antes de me penetrar com ela. Inclinando as costas como um arco e agarrando os lençóis amarrotados embaixo de mim, como se me segurasse à superfície da terra, soltei uma exclamação qualquer e quase gritei. Eu não conseguia me conter, não havia possibilidade de uma resposta sutil.

— Hummm — ele gemeu, e eu explodi.

Ele escorregou por meu corpo suado, subiu lentamente e me penetrou no mesmo instante em que voltou a beijar minha boca.

Meus espasmos incontroláveis o massageavam, meu cérebro gritava inutilmente sobre proteção, mas ondas de glória o calaram enquanto Boyce segurava minha cabeça entre as mãos e virava meu rosto para um beijo profundo, lento. Ele se movia dentro de mim, e no momento do orgasmo sua boca se afastou da minha para pronunciar meu nome e “puta que pariu”.

Com uma testa encostada na outra, como se estivessem coladas, nós dois arfávamos. Eu fechei os olhos, morrendo de medo de que tudo que eu sentia por ele transbordasse.

Quando saiu de dentro de mim e se deitou ao meu lado, Boyce virou de barriga para cima e me puxou para perto. Seu peito ainda subia e descia, e eu vi minha mão deslizando para cima e para baixo, parando sobre seu coração. Joguei uma perna sobre as dele, e Boyce me segurou com mais força, mas nenhum de nós falava. Com os batimentos desacelerando, os membros relaxados e lânguidos, nossa respiração voltou ao normal e a compreensão do que havia acabado de acontecer foi inevitável.

Revi os acontecimentos. Eu tinha aparecido na porta do quarto dele como uma criança apavorada, temendo o tipo de tempestade de que nunca gostei, mas à qual já havia sobrevivido dúzias de vezes. Ele me convidou para dividir a cama sem propostas sedutoras ou piadinhas de duplo sentido. Eu me virei para olhar para ele. Deslizei os dedos pela barba curta em seu queixo e o beijei no mesmo local. Seu membro ficou ereto contra minha barriga. “Está preparada?”, ele perguntou. E eu assenti.

Tentei me arrepender, mas não consegui. Seria mentira, e eu não ia mentir. Não para mim mesma. Não era tão bom quanto eu lembrava. Era muito melhor, embora eu nem acreditasse que isso fosse possível.

Finalmente, resmunguei alguma coisa sobre usar o banheiro e saí daquele abraço. A gaveta do criado-mudo estava meio aberta, e em cima dele eu vi uma embalagem de camisinha. Aberta e vazia. Nem percebi quando Boyce a pegou, mas não percebi nada além do que ele fazia comigo. Peguei minha camiseta no chão e a vesti para sair do quarto, atravessar a cozinha e passar pela sala com os lençóis amassados sobre o sofá, onde os deixei.

Eu me lavei no escuro, contando apenas com a luz que entrava pela janelinha redonda acima do chuveiro, incapaz de me encarar no espelho. E agora? Eu devia voltar para o sofá? Não sabia que horas eram, mas não havia nenhuma luz lá fora, nenhum sinal do novo dia. Ainda chovia, como atestava o ruído constante nas vidraças e no telhado, mas os relâmpagos tinham perdido força, e o vento tinha se acalmado como uma criança exausta depois de uma crise de birra.

Boyce estava do lado de fora do banheiro quando abri a porta. Ele segurou minha mão quando passei e me puxou, levantou meu rosto e me beijou com ternura, lentamente, de um jeito muito diferente dos beijos turbulentos que trocamos momentos antes. Quando ele me soltou, eu estava tonta. Virei e caminhei até o sofá, sentei, depois me encolhi embaixo do lençol, mais confusa que nunca. O que isso significava? Alguma coisa? O que foi que eu fiz?

Minutos mais tarde, ele saiu do banheiro, se aproximou do sofá e me pegou no colo com lençol e tudo.

— Ainda não terminamos — ele disse, e meu coração disparou enquanto eu era levada de volta para a cama.

Dessa vez tudo aconteceu em câmera lenta. Ele me puxou para cima do corpo dele, as mãos envolvendo meu rosto com cuidado, antes de afagarem meu cabelo e me puxarem para baixo para uma sequência de beijos longos, profundos. Quando me senti mais segura, ele deslizou os dedos por meus braços, desceu e subiu, acariciou meus ombros, o centro das costas e, finalmente, escorregou as mãos para baixo da minha camiseta, incendiando minha pele. Com beijos suaves, mas persistentes, ele me segurou pelo quadril e me posicionou sobre o membro duro.

Dessa vez eu vi quando ele estendeu a mão para a gaveta. Percebi quando rasgou a embalagem atrás das minhas costas e me ergueu para colocar o preservativo antes de me puxar novamente para baixo, as mãos em meu quadril, o membro me penetrando, me preenchendo. O rosto dele desapareceu embaixo da minha camiseta. Eu senti, mas não consegui ver quando ele sugou um mamilo, girando a língua ao redor dele até eu gemer, depois chupando com tanta força que chegava a ser doloroso, passando para o outro logo

em seguida, a mão se movendo para cobrir o mamilo molhado e sensível, a palma pressionada contra o seio, como se o abençoasse.

Dessa vez, quando meu orgasmo começou, ele me deitou de costas e penetrou mais fundo, uma das mãos entre nós, o polegar e o indicador afagando levemente, uma, duas, três vezes, até eu explodir e gritar com o prazer insuportável, tremendo com os espasmos até começar a pensar que nunca mais ia acabar. Antes de os tremores desaparecerem, ele recuou e me penetrou novamente, provocando uma última onda de prazer ao explodir dentro de mim, dizendo meu nome antes de me beijar como se fosse a última vez.



Acordei sobressaltada e sentei na cama com o coração aos pulos. A luz do dia entrava pela janela e iluminava o quarto como se a tempestade tivesse sido uma alucinação. *Estou atrasada.*

Não... era domingo. Suspirei aliviada e tentei ouvir ruídos que indicassem a presença de Boyce fora do quarto, mas tudo que eu ouvia vinha de fora do trailer, o grasnar das gaivotas rapinando a alguns quarteirões longe da praia, o som de um carro passando pela rua, a buzina baixa de um navio de carga ou cruzeiro além do golfo. Eu estava sozinha.

Empurrei o lençol, revelando as pernas nuas e a camiseta toda torcida. Eu me arrastei até a beirada da cama e percebi que estava meio dolorida. Fazia cinco meses que o namoro com Mitchell havia acabado. Depois do rompimento, voltei à minha zona de conforto e me concentrei inteiramente nos estudos, o que me rendeu uma média altíssima no último semestre, o mais difícil. Tinha pouca ou

nenhuma vida social fora da sede da Chi-O. Quando comparecia a eventos inevitáveis de primavera com caras que eram amigos, recusava propostas de envolvimento e evitava lances eventuais, preferindo usar a mão e a imaginação como parceiras do sexo. Sem mal-entendidos, sem complicações.

Não era de estranhar que eu tivesse respondido tão intensamente à abordagem habilidosa de Boyce na noite passada. *Ai, meus saís.* Nunca, nunca chorei durante o sexo, exceto na primeira vez, também com o Boyce, mas daquela vez foi de dor, não de prazer. Sempre achei que “bom de doer” era uma expressão idiota, um ideal utópico.

Errado.

Meu shorts estava dobrado em cima do criado-mudo, ao lado de um bilhete rabiscado no verso de uma nota fiscal de peças para a oficina.

Fui pescar (sempre quis escrever isso para alguém). Volto lá pelas 11. A Brit vai trazer a caminhonete no fim da manhã, mas vai me avisar antes por mensagem, então não se incomode com isso. Ah, e ela disse que a tia precisa de uma pessoa na recepção da pousada em Cotter. A Brit falou de você. Tive a impressão de que é só ir até lá e acertar tudo, se estiver interessada.

B.

Boyce deixara um bilhete para me avisar onde estava e quando voltaria... mas Brittney Loper traria a caminhonete, apesar da suposta falta de influência sobre os domingos dele. Lutei contra a onda de ciúme que fez meus olhos arderem. Boyce não era meu. Dormimos juntos a noite passada, mas isso não significava que ele me pertencia.

Brit foi simpática ontem e, pelo jeito, tinha arrumado um emprego para mim na pousada. Depois do fracasso inicial, eu não estava em condição de olhar os dentes de um cavalo dado.

Peguei o shorts e o bilhete e fui tomar banho. Quando saí do banheiro, havia duas mensagens e uma foto no meu celular. Mitchell. Apertei o botão editar e meu dedo pairou sobre o botão para apagar, mas não tive coragem. A curiosidade foi mais forte do que eu. Queria saber o que ele tinha a dizer.

Consegui um apartamento na região de Hillsboro West End. Dá para ir de bicicleta para o campus quando o tempo está bom. Acho que você ia gostar. A foto é da vista do pátio.

Enfim. Queria me desculpar mais uma vez. Sei que apagou minhas mensagens depois que a gente terminou, em vez de ler ou ouvir o que eu mandava, e não posso te culpar por isso. Fui um babaca. E estou torcendo pra você ler isso. Desculpa, Pearl.

— *Tem* que se desculpar mesmo, babaca — resmunguei. Muitas coisas aconteceram nos últimos cinco meses. Muitas coisas aconteceram nas *últimas doze* horas. Mitchell não merecia saber nada disso. Ele não merecia um “está desculpado”... Embora eu tivesse renegado todos os nossos planos sem contar nada até a última hora.

Não me arrependia da decisão, mas, se tivesse contado para Mitchell antes, teria evitado o peso na consciência. Fechei a mensagem sem responder ou apagar, sem saber o que era melhor. Bom, não tinha pressa. Além do mais, eu precisava ir acertar um emprego.

As palavras de Brittney Loper ecoaram em minha cabeça, e tentei entender o que a fez pensar naquilo. “Se quisesse o Boyce, podia descolar o cara.” Eu não queria que ele me quisesse só na cama. Não queria manipular o Boyce para arrancar dele promessas ou situações por causa desse desejo. Queria que ele me amasse como eu o amava. Queria ser a única. Mas ninguém nunca havia sido a única de Boyce Wynn, e eu não era idiota a ponto de considerar pensar nisso como uma espécie de desafio. Ele me queria sexualmente, sim. Mas interpretar desejo como prova de amor produzia um resultado falso, nascido de uma evidência incomensurável e de uma hipótese vaga sem alternativa viável.

Ele era um ímã; e eu, um objeto magnetizado. Uma semana foi suficiente para que eu cedesse ao campo magnético que o trailer se tornou, e ainda faltavam nove semanas. A única dúvida era se a atração de Boyce por mim duraria esse tempo todo... ou se eu acabaria com o coração partido antes do fim do período, ou fingiria ser eu quem estava desistindo, preservando minha aparente dignidade.

Eu sofria do que a ciência chama de viés de retrospectiva. Quando isso acabasse, eu diria que sempre soube como tudo ia terminar, porque já havia vivido a história antes. Dava para alegar que eu influenciaria o resultado, que meu coração destruído seria uma profecia que se realiza sozinha, mas isso não tinha importância. Não mudaria nada. E foi então que eu soube como havia ido longe.

18

BOYCE

No domingo à tarde, eu tinha acabado de despachar a Brit com as rodas balanceadas e a indicação para comprar pneus novos o mais depressa possível, quando Pearl me mandou uma mensagem no celular. Além de ter conseguido o emprego, ela começaria imediatamente. Tia Minnie, que devia ter uns cem anos, havia tropeçado na Katy Perry, a cadela da pousada, e fraturado o fêmur uma semana antes de a recepcionista anterior, grávida, ser afastada por ordens médicas para ficar de repouso.

Se eu fosse a Pearl, teria pensado muito sobre a possibilidade de a falta de sorte rondar aquele lugar, antes de aceitar a proposta, mas ela sempre foi muito racional. Sorte, ou a falta dela, não influenciaria sua decisão, porque ela nunca acreditou nessas coisas.

Pearl chegou em casa por volta das dez e meia, andando na ponta dos pés sem motivo nenhum, porque eu estava acordado, olhando para o teto e torcendo por uma tempestade, apesar de a probabilidade de chuva ser de apenas dois por cento e não haver uma porcaria de nuvem no céu. Ela dormiu no sofá enquanto eu fritava na cama e xingava muito o travesseiro por ele ainda ter o cheiro dela.

Na manhã seguinte, Sam apareceu cheia de moral, porque havia passado no período de experiência e agora era funcionária da oficina. Trabalhávamos no freio de um carro embaixo do elevador hidráulico, que eu mantive mais baixo para que ela pudesse enxergar e alcançar tudo. Eu usava meu banco de supino para não precisar ficar abaixado. Nunca havia trabalhado sentado embaixo de um chassi, mas era muito mais desconfortável do que eu havia imaginado.

— Você esteve na marinha? — ela perguntou com tom casual, como se esperasse me ouvir recitar histórias de guerra só porque havia perguntado. Como eu mantinha as mangas da camiseta enrolada até os ombros, ela dava umas olhadas de soslaio para a minha tatuagem, mas não era tão discreta quanto acreditava.

— Não. Foi meu irmão. — Não expliquei e nem pretendia.

Sam ficou quieta por um minuto, avaliando aquela palavra... *Foi*. Quando falava de Brent com alguém que não conhecia a história dele, o que era raro, porque eu nem falava dele, se pudesse evitar,

sempre havia um momento de tensão durante o qual eu esperava que a pessoa houvesse escutado e entendido tudo que a palavra implicava. As pessoas podiam passar o dia oferecendo condolências, e eu ouvia e assentia, mas não queria discutir a perda do meu irmão.

— Minha mãe também.

Olhei para ela e me perguntei se Silva sabia disso. *Claro que sabia*, o filho da mãe armador.

— Fiz a tatuagem no terceiro aniversário do 11 de Setembro, três meses depois de ele ter morrido em ação — contei. — Ele tinha uma igual.

— Você queria se alistar também?

— Não. O Brent... — *Droga*, falar o nome dele era como enfiar uma lança no peito. — O Brent era o fuzileiro. Eu sempre fui o cara da graxa.

O sorriso dela foi pálido.

— Meu pai fala a mesma coisa de mim. A menina da graxa.

— Da graxa e xereta. — Tinha certeza de que Sam teria uma resposta pronta que comprovaria minha acusação, e encerraríamos ali a conversa sobre irmãos e mães mortos.

— Meu pai diz que prefere que eu fique mal-humorada o tempo todo do que finja ser feliz, se não estou.

Não era a resposta que eu esperava. Entreguei-lhe uma chave e apontei o parafuso que precisava ser apertado.

Quando virou a chave, ela disse:

— Minha mãe saiu quando ficou grávida de mim. Meu pai nunca me contou se ela pretendia voltar ou ficar em casa. Acho que ela queria voltar. Mas aí, você sabe, *eu*. Com tudo *isto*. — Sam deu um soco no braço da cadeira e baixou o olhar. — Ela se matou quando eu tinha três anos. Não me lembro dela. Mas em todas as fotos que temos, ela está *sorrindo*.

Não sabia como responder, então fiquei quieto. Também não conseguia imaginar o que Silva estava pensando quando me indicou essa garota. Eu não podia consertar a vida dela. Tudo que eu podia fazer era dar um emprego à menina, embora o trabalho tenha sido uma espécie de salvação para mim, quando permiti.

— Parabéns, você acabou de trocar as pastilhas do freio sozinha.

Ela revirou os olhos.

— Já fiz isso antes.

— E já recebeu por isso?

Ela piscou, e um canto da boca se ergueu.

— Não perca tempo com vaidade. Começa a trabalhar no próximo concerto.



A entrega do colchão estava marcada para quarta-feira, por isso pintei as paredes do quarto de Pearl na terça à tarde, enquanto ela estava trabalhando. Aquele quarto *nunca* tinha sido pintado. Quando ela chegou, ouvi o barulho na cozinha, onde Pearl procurava alguma coisa para comer, depois no banheiro, onde se lavava, e finalmente escutei o rangido da porta do quarto. Deixei a janela aberta para ver se o cheiro da tinta diminuía, mas ele passava por baixo da porta.

— Você pintou o quarto? — ela me perguntou na manhã seguinte quando voltei da minha sessão de exercícios. Ainda não havia levantado do sofá. Normalmente, Pearl levantava quando eu pegava a última xícara de café antes de ir para a oficina. Vestindo camiseta amassada e shorts sem nada por baixo — agora eu sabia —, ela ficou ali dobrando os lençóis que deixava na ponta do sofá, enquanto eu lutava contra o impulso de ir até lá, colocá-la no colo e beijá-la até que ela implorasse para a gente transar.

Parei na metade do caminho para o banheiro, os punhos cerrados.

— Estava precisando. — Fazia menos de dez minutos que exigi o máximo dos meus músculos, e nem assim meu desejo por ela era menor. — O colchão chega hoje, mais tarde. Esqueci de comprar lençóis, mas tenho um jogo a mais, pode usar.

Quando já estava me chamando de idiota por dar a ela um quarto, quando eu a queria outra vez na *minha* cama, Pearl respondeu:

— Obrigada, Boyce.

— Tudo bem.

Eu era um homem paciente. Sobrevivi a surras e palavrões e a um cretino que não media esforços para transformar minha vida em um inferno. Suportei o rótulo de encenqueiro, quando tudo que eu queria era ser invisível. Fiz o que tinha de fazer sem drama, e me recusei a sentir remorso pelas coisas que não podia mudar. Minha vida era simples. Pescava um pouco e bebia um pouco. Trabalhava duro e transava bem. Não brigava, mas, se a situação exigisse, podia chutar a bunda de alguém de um jeito inesquecível.

Eu era um cara que amava essa garota desde o momento em que ela voltou à vida e não viu ninguém além de mim. Agora ela estava mais próxima do que jamais havia estado, justamente quando eu corria o risco de perder tudo que passei anos construindo e me tornando. Era a mudança de enredo mais cruel que a vida já havia me proposto.



Logo depois de o caminhão de entrega aparecer, recebi um telefonema de Barney Amos, que não fez rodeios dessa vez.

— Boyce, localizei sua mãe em Amarillo, onde ela mora há doze anos. Falei com ela faz uma hora. Ela afirma que nunca se divorciou do seu pai. Com ou sem testamento, não aconselho uma disputa judicial com relação ao direito dela à herança. É claro que pode procurar conselho de outro profissional. — Ele suspirou cansado. — É melhor começar a pensar em um plano B.

Pedi aos entregadores para levarem o colchão para o quarto e esperei até eles se afastarem o suficiente para não ouvir o que eu ia dizer.

— Ela já sabe sobre meu pai? E sobre o Brent?

— Sabia da morte do seu irmão, mas não sobre o Bud.

Saí do trailer, acendi um cigarro e dei uma longa tragada. O céu era azul e limpo demais para o mundo cair em cima de mim hoje.

— Ela perguntou de mim?

— Conteí que você se tornou um bom homem. E que cuidava sozinho da oficina desde que seu pai ficou doente. — Ele não respondeu à pergunta. Não diretamente, pelo menos.

— Ela vem pra cá?

— Não sei como sua mãe vive, e são quase mil quilômetros de lá até aqui. Mesmo que venha, ela vai precisar de alguns dias. Três ou quatro, no mínimo.

Minha vida estava programada para desabar nas próximas quarenta e oito ou noventa e seis horas. Podia quase ouvir o *tique-taque* da contagem regressiva. Esse cenário de merda não era real antes. Agora era.

Quando perdi o Brent, já não esperava mais ver a minha mãe. Não pensava que ela estivesse morta. Só sabia que ela tinha ido embora, como se houvesse evaporado na noite em que partiu. Passei quase dois anos torcendo para ela voltar, esperando, chorando até dormir com o rosto enterrado no travesseiro para o Brent não ouvir. Quando ele foi para o treinamento, não consegui lidar com a segunda perda. Para sobreviver à ausência do meu irmão, desisti dela.

Então o Brent morreu, e eu sabia que nenhum dos dois ia voltar. Ninguém voltava. Não para mim.

Pearl estava de folga naquela noite, e combinamos de fritar o peixe que eu tinha pescado no domingo e a porção de quiabo que Sam havia trazido no dia anterior, cortesia da horta do pai dela. Sam não gostava de quiabo, por isso queria se livrar deles, e Pearl gostou do presente. Eu não estava tão entusiasmado. Era quiabo de graça, não cerveja de graça.

— Quebrei um tubo de cem dólares hoje no laboratório — Pearl contou, acrescentando uma colher de manteiga e uma pitada de sal ao arroz. — Quase morri de vergonha... devo ter passado por todos os tons de vermelho. Todo mundo congelou, inclusive eu, até o dr. Kent dizer que os cacos não iriam sair dali sozinhos e me mandar pegar a vassoura no armário de *vassouras*.

Eu ri da imitação que ela fez da voz do professor.

— Ele deve ser um cara legal.

— Sim, mas é tão genial que acho que ele se irrita com pessoas normais. Normalmente ele é carrancudo, mal-humorado. Achei que ele fosse me usar como exemplo de falta de cuidado com o equipamento do laboratório. Teria sido merecido.

Vi Pearl mergulhar fatias de quiabo em manteiga derretida e passar no fubá temperado. Eu sabia preparar peixe de várias maneiras diferentes, mas vegetais eram sempre consumidos crus, ou cozidos no micro-ondas. Não tinha paciência para nada que exigisse uma receita. Ela também havia feito chá gelado em uma jarra que eu nem sabia que tinha.

— Vai ver que ele te acha gostosa — respondi, virando o peixe na frigideira.

A gargalhada dela soou como uma música que eu queria ouvir muitas e muitas vezes.

— Boyce, para! Ele tem idade pra ser meu avô. — Os olhos dela brilhavam quando ela se virou para pôr o quiabo na frigideira ao lado do peixe.

— Gata, se ele ainda não morreu, você é gostosa o suficiente para levantar o cara. — Pisquei, empurrando Pearl do modo recatada e séria para o gostosa incomodada. Ela não me encarava, mas vi que as bochechas estavam cor-de-rosa. Quando Pearl acrescentou manteiga e sal ao arroz, como se a tarefa exigisse grande

concentração, não tive coragem de falar que ela já havia feito a mesma coisa dois minutos antes. Sempre gostei provocar, de deixá-la incomodada e sem graça, e depois mudava de assunto antes que ela tivesse certeza do flerte.

Pensar nisso me fez lembrar uma coisa que a perturbaria de um jeito que eu não queria. Quando sentamos para comer, eu disse:

— Tenho uma coisa pra te falar.

— Fala. — Ela esperou de olhos bem abertos. Eu não sabia o que ela pensava ouvir, mas qualquer que fosse a expectativa, estava bem longe da realidade.

— Minha mãe vai chegar nos próximos dias. Aparentemente, ela e meu pai não se divorciaram. Eles fizeram testamentos... deixando tudo um para o outro. Mas isso nem é tão importante, não mais que o fato do meu pai ter morrido casado com ela. — Pearl abriu a boca.

— Então ela vai ficar com tudo? Inclusive com a *oficina*?

Assenti, sem me surpreender por ela ter entendido a situação mais depressa que eu.

— Aquele *filho da mãe podre*. Você cuidou da oficina dele, cuidou dele, e o desgraçado nunca pensou em te contar tudo isso?

Pearl raramente xingava ou perdia a cabeça. Ela devia estar furiosa de verdade, mas reagir desse jeito. Contive um sorriso. Ela era uma graça quando ficava brava.

— Depois do primeiro ano, ele parou de falar dela... bêbado ou sóbrio. — Dei de ombros. — Sempre imaginei que eles tivessem se divorciado em algum momento. Achei que era o único herdeiro dele. O sr. Amos diz que eu posso brigar na justiça, mas que a propriedade foi adquirida depois do casamento, e eles ainda eram legalmente casados. Eu perderia. E preciso das minhas economias para cuidar da vida, seja lá qual for o próximo passo.

Pearl segurou minha mão sobre a mesa, e naquele momento eu soube que não havia nada que eu não fosse capaz de fazer para que ela fosse minha, exceto arrastá-la comigo.

— O que você *vai fazer* agora?

— Não faço ideia — respondi, mas não era verdade. Eu tinha um plano imediato, uma proposta que pretendia fazer. Mas não ia

contar a ela. Se soubesse os detalhes, ela nunca me deixaria pôr o plano em prática.

PEARL

Nunca quis tanto falar tudo o que pensava sobre alguém como queria cuspir umas verdades na cara de Bud Wynn naquele momento. Pena ele estar morto. Tudo que eu podia fazer era torcer para o inferno existir e ele estar lá.

A diretora social da minha fraternidade, Jen, cursara direito, e os pais dela eram advogados. Ela havia explicado o básico sobre fundos fiduciários, transferência da herança e acordos pré-nupciais para todas nós, ou as que não conheciam bem as armadilhas legais de dizer o "sim" e, mais tarde, mudar de ideia e dizer "não quero de jeito nenhum". Presumi que, se Mitchell e eu nos casássemos, seríamos um casal de médicos, iguais. Se não desse certo, encontraríamos um jeito razoável de nos separar.

Nunca parei para pensar em como seria em uma situação como aquela, em que um divórcio devia ter acontecido, mas não aconteceu. A mãe de Boyce fugiu de um marido abusivo, deixando para trás a parte que lhe cabia dos bens. Eu não seria justa se a

acusasse por querer o que era dela, mas odiava pensar no que ela podia tirar do Boyce. Ele não teria como saber o que a mãe pretendia enquanto ela não chegasse, mas eu havia aprendido duas coisas com os avisos de Jen e pesquisas na internet: ela tinha direito a tudo, provavelmente, e, quando dinheiro e herança entram em cena, as pessoas perdem a cabeça.

— Você tem conta em banco? Uma conta pessoal, separada da conta da oficina e dos negócios do seu pai?

Ele balançou a cabeça para dizer que sim, mas manteve os olhos fixos no prato.

— Não tem muito dinheiro nela. Tenho investido a maior parte do rendimento da oficina em máquinas e ferramentas. Conversei com o pai do Maxfield quando comecei a cuidar de tudo sozinho, e ele me disse para separar o dinheiro da empresa e pagar um salário pra mim mesmo. Eu devia ter me dado um aumento. — Ele riu. — Mas foi bom ter seguido o conselho dele, ou eu teria deixado tudo junto e feito besteira.

— Boyce, você não podia imaginar que isso ia acontecer — falei, repetindo o que ele me disse quando minha mãe me fez escolher entre continuar em casa ou viver a vida que eu queria. Mal sabia eu que diria a mesma coisa sobre a mãe dele uma semana depois. Peguei um pouco de arroz e quase cuspi de volta no prato. — Eca! Quanto sal eu coloquei nisto? Ele riu e ergueu uma sobrancelha.

— Você devia estar meio distraída.

E não estava? Bebi metade do copo de chá gelado para tentar diluir o sal e controlar o impulso de me abanar como uma tonta à beira de um desmaio.

— Você não devia me distrair enquanto eu cozinho.

Ele passou de brincalhão a predador em dois segundos.

— Mas eu gosto de te distrair.

A boca se distendeu no meio-sorriso que eu conhecia bem, e os olhos encontraram minha boca. Quando lambi os lábios (mistura de hábito nervoso e sal em quantidade suficiente para fazer um cavalo engasgar), nossos olhos se encontraram. E não havia nenhuma discrição no verde profundo de seus olhos.

Era oficial: quando Boyce Wynn estava por perto, eu era uma tonta à beira do desmaio.



A pousada tinha mais de um século, mas havia reencarnado várias vezes. De um jeito ou de outro, sobreviveu a um incêndio, a uma inundação provocada pela alta da maré e a uma prolongada crise econômica. Meu título semioficial era de “repcionista”, mas isso não cobria todas as responsabilidades do cargo. No meu terceiro dia de trabalho, desentupi a máquina de gelo com uma chave de fenda e dois chutes bem dados, acalmei um hóspede antigo quando outro se recusou a sair do quarto que ele havia reservado, e espalhei ratoeiras em um armário depois que uma hóspede se apavorou pensando que o barulho dos roedores era prova de uma assombração, parte do folclore da pousada.

Minnie garantiu que o espírito residente não queria o mal de ninguém.

— Alyce foi feliz nesta casa e não queria ir embora. Ela tinha TOC, que não era diagnosticado naquela época. Dizem que ela varria o chão à noite. Talvez tenha sido isso que você ouviu.

— Sim, era barulho de varrer! — A mulher concordou, enquanto eu tentava ficar séria e me preocupava com a possibilidade de minha empregadora realmente acreditar no que dizia.

Quando a hóspede saiu e fechou a porta, Minnie pegou uma caixa de ratoeiras e um pote de manteiga de amendoim que estavam embaixo do balcão.

— Eles não vão embora por causa dos fantasmas, mas, se virem os ratos, eles fogem daqui.

O quarto (e o armário perto dele) ficava no andar de cima, e Minnie estava terminantemente proibida de subir a escada com o gesso e a bengala.

— Não deixa isso fechar no seu dedo — ela me disse. — Se não quiser perder a unha.

Eu tinha menos medo da ratoeira do que de entrar em um espaço aberto cheio de ratos possessivos.

Na última hora do meu turno, fui chamada três vezes a um quarto dividido por três universitários, primeiro para levar toalhas limpas, depois mais travesseiros, depois para trocar uma lâmpada no teto, o que consegui fazer subindo em uma cadeira, enquanto eles ficavam olhando para mim. A última vez que me chamaram foi para participar de um preaquecimento com uísque antes de eles saírem. Eu recusei o convite.

Quando tranquei o escritório e voltei para casa, eu pensei na mãe do Boyce. Mais especificamente sobre onde ela iria ficar quando chegasse. Eu havia passado uma noite na cama nova, mas podia voltar para o sofá em um ou dois dias. Ou iria dormir no carro.

19

BOYCE

Eu tinha uma imagem mental do rosto da minha mãe, mas ela fora guardada fazia quinze anos, quando eu ainda era criança. Na noite em que foi embora, ela tinha trinta e poucos anos, a pele lisa e o cabelo cor de cobre, um tom mais escuro que o meu, e era mais alta que eu, embora não muito. Perto do meu pai, ela era pequena e frágil.

Eu sabia que Brent tinha levado para o túmulo a decepção que teve com ela, apesar de não ter ficado ressentido com ninguém além do nosso pai. Ele nunca falou mal da nossa mãe para mim, mas eu nunca esqueceria a expressão dele na noite em que ela nos deixou. E, depois daquele dia, ficou bem claro que ele não esperava nem fazia planos para a volta da nossa mãe. Só eu acreditei nisso. Ele sempre soube que não ia acontecer.

A mulher parada no último degrau quando abri a porta no domingo à noite era uma versão desbotada da minha lembrança. O cabelo era cor de cenoura com quase três centímetros de raiz escura e branca, o rosto era marcado por anos de cigarro e sol, e Deus sabe o que mais. Só os olhos cor de avelã não haviam sido tocados pelo tempo.

— Boyce... Meu Deus, você ficou maior que o seu pai — ela disse. — Maior que o Brent também.

Brent, que ficara parado nessa mesma porta, implorando para você me levar.

— Ele tinha quinze anos quando você o viu pela última vez — falei. — Vou fazer vinte e três...

— No mês que vem. Eu sei.

Inclinei a cabeça sem saber o que fazer.

— Posso entrar? — ela perguntou.

Recuei um passo, e ela entrou na casa onde havia morado, olhando para um lado e para o outro.

— Está igual — ela disse, como se tivesse esperado que meu pai mudasse a decoração durante a ausência dela. As únicas modificações que ele fez foram a instalação da tela plana e a troca de um abajur quebrado há anos, quando ele me deu um soco e eu caí em cima da mesa onde ele ficava.

Deslizando os dedos pelo sofá, minha mãe olhou para a área menos suja do carpete, onde a poltrona do meu pai havia ficado até eu queimá-la no quintal. Echols, que espiava pela janela de sua casa, havia chamado os bombeiros para apagar o mini-incêndio, mas, quando o primeiro caminhão chegou, a cadeira era só um amontoado de madeira queimada e cinzas. Apaguei o fogo com o extintor que mantinha sempre pronto na oficina, e o oficial comunicou o fim da emergência visivelmente desapontado.

Segui minha mãe até a cozinha, onde o notebook de Pearl, um caderno e dois livros cobriam metade da bancada. Ela apontou um dos livros:

— Dinâmicas dos ecossistemas marinhos? Você está...?

— É da menina que mora comigo.

Minha mãe comprimiu os lábios numa linha fina. Seus olhos buscaram os meus e se desviaram em seguida, e ela pigarreou.

— Eu não queria fazer isso de cara, mas vou precisar do meu quarto, é claro. Considerando que esta é minha casa agora.

Pela sensação de tensão no maxilar, eu sabia que minha expressão refletia a dela.

— Ah, você foi bem rápida.

Ela se encolheu.

— Não quero te pôr pra fora, Boyce, esta casa também é sua. Só não imaginava que havia alugado um quarto para uma estranha tão depressa.

Minha mãe não entendia que *ela* era a estranha ali. Como podia não perceber?

Olhei para o relógio do micro-ondas e mandei uma mensagem para Mateo, avisando que não iria jantar. Em três horas, Pearl estaria em casa, e eu queria resolver tudo aquilo antes.

— Vamos acabar logo com isso — falei, abrindo a geladeira para pegar uma cerveja. Fiz um gesto oferecendo a bebida, ela aceitou com um movimento de cabeça, e eu peguei outra garrafa. — Sei sobre o que você tem direito, mas eu construí uma vida aqui sem saber que você ia voltar e tirar tudo de mim.

Ela abaixou a garrafa.

— Já disse que não quero tirar nada...

— Então o que veio fazer aqui? Se não quer nada, vai embora.

Ficamos nos encarando por cima da mesa até ela desviar os olhos e dizer:

— Saí daqui com um saco de lixo cheio de *nada*. Enquanto ele construía uma empresa, eu passava dia e noite dentro deste trailer, lavando roupas, cozinhando para ele, cuidando dos filhos dele e aguentando os tapas e socos quando nada do que eu fazia era suficiente. Foi um *inferno*.

Contei até três mentalmente, a mão fechada em torno da garrafa, apertando o vidro com tanta força que me surpreendia o fato de ela não quebrar.

— Eu sei que foi um inferno. Você me deixou nele com o Brent. Os olhos dela encheram de lágrimas.

— O que eu podia fazer? Não estudei, não tinha emprego, não tinha dinheiro...

— O Brent teria ajudado.

Ela limpou uma lágrima.

— Ele não podia ter feito nada para me ajudar... era só um menino.

— Sim, ele era. Mas naquela noite ele passou a ser pai e mãe para mim, como você sabia que ele seria.

— Seja qual for a sua opinião sobre mim agora, eu tentei. Passei anos tentando. Fiz por merecer o que herdei aguentando aquele homem durante dezesseis anos...

— O Brent aguentou aquela merda por muito mais tempo. E eu também. A herança do meu irmão, *a herança do seu filho*, foi um buraco no chão depois de anos cuidando de uma criança que ele teve que criar enquanto *se criava*.

Ela explodiu em lágrimas e correu para o banheiro, e eu apoiei a cabeça nas mãos. Estava me sentindo um babaca. Um cretino que havia guardado toda essa merda por tempo demais. Nunca considereei minha casa ou a oficina uma compensação para duas décadas de pancada e ofensas. Nenhuma das duas teria sido suficiente. Eu via essas coisas como parte da vida que construí para mim. E agora ela me tirava tudo, embora não admitisse.

Cinco minutos mais tarde, ela voltou à cozinha.

— Como disse, *você* pode ficar. — Minha mãe segurava um aparato qualquer de cabelo que era da Pearl. Estava no banheiro. — Mas a “menina que mora com você” — disse, desenhando aspas no ar — vai ter que ir embora. Está cobrando aluguel dela?

Há muito tempo aprendi o que a sensação de impotência representa em uma tomada de decisão. O único jeito de reduzir o risco de fazer alguma besteira numa situação como essa é recuperar o poder antes de reagir sem pensar nas consequências. Em vez de responder, eu perguntei:

— Devo continuar cuidando da oficina que pensei que fosse minha?

Ela levantou o queixo quando mudei de assunto.

— Seu pai devia ter avisado que ainda éramos casados. Não foi culpa minha.

Passei a mão no queixo como se refletisse sobre a questão.

— Talvez tenha razão. Mas minha ignorância vai ser um problema seu, porque, a menos que saiba trocar uma vela de ignição ou uma caixa de câmbio, aquela oficina vai parar de render amanhã, já que não é só um bem comum, mas uma propriedade que gera renda e emprega funcionários. — *Obrigado, sr. Amos, por ter me dado essa informação.* — E estou a cinco segundos de me demitir.

Ela levou um instante para entender o que eu disse. Depois exalou demoradamente, baixando um pouco o queixo.

— O que você quer?



Ela chegou. Quer o quarto de volta, levei suas coisas para o meu quarto e vou dormir no sofá. Desculpa. Isso me deixou muito mal.

NÃO tem que ficar mal por minha causa. Eu durmo no sofá. Já acostumei. Vou ficar bem. E aí, como foi? Você está bem? Deve ter sido estranho.

Estranho, sim. Não a conheço. Ela parece familiar, mas foi embora antes de eu fazer oito anos, porra. O Brent tinha quinze. Ele morreu com a idade que eu tenho hoje.

Ai, Boyce. 😞

Falei que você mora
comigo e ela entendeu.
Também avisei que você
vai dormir na minha
cama, e eu vou para o
sofá. FIM DE PAPO.

Tudo bem.

Ok.



Não via o Maxfield desde o feriado de primavera, quando ele veio para casa e trouxe uma namorada pela primeira vez. Infernizei a vida dele por ter se contentado com uma garota só, mas ele estava tão feliz que me fez perceber como havia estado *infeliz* antes dela. Eu raramente vi o cara sorrir em todos aqueles anos desde que o conheci. Desde o início, achei que ele era um emo instável. Ou estava deprimido, ou quieto, ou violento, ou homicida. Não havia meio-termo.

Nunca conversamos sobre o que o deixou daquele jeito, mas ele chegou no meio do ensino médio e parecia carregar um fardo bem grande. Piorei a vida dele durante um tempo, mas gostava de pensar que compensei toda a cretinice do começo, do meu jeito, pelo menos. Não posso dizer que dei bombons e flores para o cara.

Ele me apresentou à namorada, Jacqueline, e disse que eu era seu melhor amigo do colégio.

— Ah, então *você* é o responsável pelas tatuagens e isto aqui? — ela perguntou, tocando o piercing que Max tinha no lábio. Eu ainda me arrepiava quando olhava para aquela coisa. Tive de sair da sala quando ele pôs o piercing, porque Arianna pegou aquela agulha enorme e curva, e eu tive certeza de que ia vomitar ou desmaiar.

— Sim, tudo culpa minha. Desculpa. — Eu só havia sugerido as tatuagens nos pulsos. O resto foi ideia dele, mas eu não ia entregar um amigo.

Em seguida, ela me abraçou e disse:

— Obrigado.

E Maxfield ficou ali parado com aquele sorrisinho no rosto.

Eu não sabia o que pensar de tudo aquilo, por isso a abracei de volta.

— Chega — Maxfield falou rindo. — Já deu de gratidão — e puxou a garota de volta para o lado dele. Eu ri, porque nunca o vi demonstrar ciúme de nada que não fosse aquela caminhonete velha. Já era hora de Max se sentir assim por uma garota que sentia o mesmo por ele.

Nunca contei nada sobre o que havia acontecido entre mim e Pearl, mas Maxfield chegou bem perto de deduzir quando perguntei dela no outono passado. Eles estudavam na mesma faculdade, e eu não a via nem tinha notícias de Pearl desde que falei que o namorado dela era um babaca. Eu sempre havia dito a verdade a Pearl quando ela pedia minha opinião, mas não queria magoá-la nem afastá-la de mim.

Quando Maxfield perguntou sobre o nosso relacionamento e disse: “Um dia desses vai ter que me contar!”, eu mudei de assunto.

Agora os dois estavam formados, e ele havia voltado para casa para passar uns dias com o pai antes de se mudar para Ohio, onde

ia trabalhar. *Ohio*. Aí estava a prova de que planejar cinco anos era uma grande bobagem. Se há cinco anos alguém me falasse que Maxfield se mudaria para Ohio, e Pearl voltaria para casa, eu teria dito que o cara estava chapado.

Nós nos encontramos no Saloon.

— Merda, cara, nenhum enfeite no rosto, e estou vendo suas orelhas — falei. — Alguma vez eu vi essas orelhas antes? Não tenho certeza. Você parece quase respeitável.

— Fala o cara que é dono do próprio negócio. — Ele sabia que não devia oferecer condolências por minha “perda”. Max havia conhecido meu pai melhor que todos os meus amigos, exceto os Thompson, que moravam do outro lado da rua e viam as palhaçadas do cretino bêbado regularmente.

— É... falando nisso... — Virei a primeira dose.

Ele se inclinou para frente e franziu a testa.

— Que foi?

— Deu merda, mas vou começar do começo. Primeiro, meus pais não se divorciaram. Resumindo, eu não tenho nada. O trailer, o dinheiro, a oficina... tudo dela.

— *Merda* — ele resmungou.

— Segundo, a Pearl está morando comigo. — Ele arregalou os olhos, e eu vi perguntas se formando, mas levantei a mão e ele ficou em silêncio. — Ela desistiu da faculdade de medicina. Vai ficar aqui e fazer pós-graduação em biologia marinha, e a mãe dela não ficou muito feliz com a decisão.

— Meu Deus... Eles botaram a Pearl pra *fora* de casa?

Assenti.

— Mais ou menos.

— E você arrumou um lugar pra ela morar.

— Estava tudo bem, até minha mãe voltar na semana passada e ir morar no trailer. Agora eu durmo na porra do sofá. A Pearl e eu dividimos o meu armário, e nós três dividimos um banheiro e um espaço de noventa metros quadrados.

— Mas que *porra*, Wynn? Você trabalha lá desde que eu te conheço, e cuida de tudo sozinho faz dois anos. E durante todo esse

tempo você achou que era dono de tudo... e agora trabalha pra sua mãe?

— Sim e não. Pensei que a oficina fosse minha, e estava totalmente enganado. As coisas são assim, não posso mudar. Mas não pretendo ficar e ser explorado pela mãe, agora. Mas a Pearl precisa de um lugar para morar até o meio de agosto. Ela tem que passar os dois primeiros semestres do curso em Austin, e está trabalhando na pousada para economizar o dinheiro de nove meses de aluguel lá.

— Acho que eu posso ajudar com isso. Espera. — Maxfield tirou o celular do bolso e ligou para alguém. — Cindy... Sim, tudo ótimo. Escuta... uma amiga minha do colégio, a oradora da minha turma, tá começando a pós-graduação em biologia marinha aqui, e ela precisa fazer o primeiro ano do curso aí no campus. Ela precisa de um lugar barato e seguro pra morar. Você acha que...

Ele parou, e eu preendi a respiração.

— É, isso mesmo. — Max assentiu para mim e levantou um polegar. — Ótimo. Você me avisa, e eu peço pra ela ligar. O nome dela é Pearl Frank... Valeu, Cindy. Tchau. — Ele desligou e sorriu. — Ela vai falar com o Charles, mas é só uma formalidade. Morei no apartamento em cima da garagem deles durante quatro anos, saí de lá faz dois dias. É um lugar tranquilo, barato, seguro e próximo do campus. A Pearl vai adorar.

— Caramba, Maxfield. Não sei o que dizer.

— A Pearl também era minha amiga. Eu não teria sobrevivido ao colégio sem a ajuda dela. Então... por que não me conta o que tá acontecendo *de verdade*? Sei que ela era um desafio pra você no ensino médio, a única garota que você queria e que não te dava moral...

— Não é bem assim.

Ele levantou uma sobrancelha.

E eu falei. Não tudo, porque algumas coisas deviam ser reservadas. Mas falei sobre o dia em que salvei a vida dela e de como ela salvou a minha sendo a única coisa perfeita nos meus vinte e três anos, e confessei que ela havia me estragado para

qualquer outra mulher no verão antes de ela ir embora para a faculdade.

— Wynn... *ela mora com você!* Já conversou com a Pearl sobre o que você sente? Sobre o que quer?

Não, a menos que isso inclua levá-la para a minha cama.

— Não tenho nada para oferecer para a Pearl. Não agora.

Ele se recostou na cadeira e rolou a garrafa entre as mãos, para frente e para trás, cravando em mim aquele olhar gelado que apavorava o pessoal do colégio. Foi bem útil quando a gente cobrava pagamentos atrasados pela maconha que Rick Thompson vendia. Muitas vezes me senti grato por sermos amigos, porque ele tinha um lado doido que nem eu desafiava. As pessoas viam minha fúria crescendo quando eu ia atacar. Maxfield simplesmente explodia do nada.

— O que aconteceu com aquela história de “Eu sou Boyce Fodão Wynn”? — ele perguntou. — Aquele cara não deixava nada ficar entre ele e alguma coisa que ele queria tanto assim.

Dei risada. Ah, droga. “Boyce Fodão Wynn.” Meu lema do colégio.

— Não sou mais aquele idiota, cara.

Olhando em volta para o bar superlotado, ele mordeu o lugar onde antes ficava o piercing. Aprendi a reconhecer o único sinal de Max: mexer naquela coisa com um dedo, com a língua ou os dentes. Esperei a verdade que ele preparava para cuspir, me preparei para o tranco, considerando a hesitação dele.

— Vou dizer o que entendi. Ser dono daquela oficina fez você se sentir digno dela. Pela primeira vez, acho. — Ele fez um sinal para a colega de Brit, pedindo mais uma rodada, e senti meu coração bater forte, mas devagar. Max ergueu os ombros e olhou nos meus olhos. — Eu idolatro o chão onde a Jacqueline pisa, e não tenho vergonha de dizer. Amo aquela garota, cara. Se é isso que você sente, a única coisa que posso dizer é pra não desistir. Não desiste dessa porra!

PEARL

A cozinha do Boyce não era mais tão acolhedora desde que se tornou a cozinha de Ruthanne Wynn. Era um espaço que eu sentia como inacessível para mim, a menos que ele também estivesse ali. Ruthanne não falou nada, mas o silêncio pesado e hostil de quando estávamos sozinhas naquele espaço apertado dizia tudo.

Tentei estudar no quarto do Boyce, mas a luz não era boa. Duas janelas ficavam a centímetros da parede da oficina, e a terceira era encoberta por uma árvore que não era podada havia anos. Ele e o irmão cresceram em uma ilha, como eu, mas ninguém jamais saberia se visse o quarto sem ventilação e mal iluminado.

Comecei a estudar no campus depois das aulas da manhã e da pesquisa de laboratório, ou na biblioteca, ou na área reservada para estudo de grupos e delimitada por vidros entre os escritórios, os laboratórios e as salas de aula. Às terças e quintas, quando eu trabalhava à noite na pousada, nem ia para casa entre a faculdade e o trabalho. Nos dias em que não ia trabalhar, ia para casa depois das seis, quando Boyce fechava a oficina.

Ruthanne e eu não conversávamos, só trocávamos algumas palavras quando era absolutamente necessário, mas tinha a sensação de que ela achava que eu estava tramando para ficar com o que era dela e incentivando seu filho nesse sentido. Confesso, se pudesse pensar em uma estratégia para ele recuperar o que havia construído com trabalho e esforço, teria lhe sugerido. Mas os meus motivos estariam além da capacidade de compreensão daquela mulher, porque não tinham nada a ver com tomar o que era dela, mas tudo a ver com devolver o que era dele. Sempre acreditei que as mães se sacrificam pelos filhos, para mantê-los seguros e felizes. Ruthanne nem devia ter instinto maternal.

Pensar nisso me provocou reflexões angustiadas sobre minha mãe e como eu ainda sofria com nosso afastamento. Meu aniversário estava chegando, um dia que ela sempre comemorava com muito estardalhaço. Eu não conseguia pensar nela sem sentir os olhos arderem. Minha mãe havia construído uma vida tranquila para ela, mas só depois de ter certeza de que essa vida também me beneficiaria. Se Thomas não se mostrasse disposto a me amar também, ela o teria chutado para fora de casa sem a menor hesitação. Decidi que era hora de fazer uma oferta de paz. Eu não modificaria meus planos acadêmicos. Isso estava decidido. Mas podia abrir a porta para ela superar o orgulho e me perdoar algum dia.

Os olhares dissimulados de Ruthanne eram infalíveis sempre que Boyce e eu estávamos juntos, especialmente quando entrávamos no trailer depois da nossa rotina noturna, quando íamos sentar na escada do lado de fora e conversar sobre o dia dele e o meu; Boyce fumando, e eu bebendo chá gelado. Não perguntei por que ele havia parado de ir para a cama antes de eu chegar, imaginando que tinha a ver com o hábito dela de ver televisão até meia-noite no sofá onde ele dormia.

— Estou me sentindo mal por você não poder ir dormir no seu horário de sempre — comentei uma noite, girando o copo de chá para dissolver o açúcar no fundo. Também sentia falta de vê-lo atravessar a sala descalço de manhã, quando ainda estava escuro, suado e satisfeito depois de uma sessão com os pesos na oficina e a caminho do chuveiro. No quarto, eu dormia até o despertar do celular avisar que era hora de levantar. Nessa hora ele já estava trabalhando na oficina. — Se ficar com a cama, não vai precisar alterar seus horários. Eu durmo mais tarde que você. Posso deitar no sofá depois que ela for para o quarto.

Ele deu uma longa tragada e bateu a cinza da ponta do cigarro antes de responder:

— Quando te convidei para vir morar aqui, ofereci um quarto, não um sofá. — Nesse ponto, era evidente que não havia como argumentar.

— Você é mais teimoso do que antes, Boyce Wynn. — *Mas igualmente protetor.*

— Eu sei.

Vários minutos de silêncio se seguiram. Acenamos para Randy quando ele parou na entrada da casa dele do outro lado da rua e vimos os insetos girando atordoados em torno da lâmpada da varanda. Quando olhei para o céu, eu me senti tão sem rumo quanto as estrelas deviam ser, apesar das explosões nucleares internas e da gravidade que as mantinham presas. Tentei entender como Boyce havia conseguido ver minha eterna ligação com este lugar. Talvez ele fosse minha combustão interna ou minha gravidade. Ou os dois.

O ruído da televisão cessou do outro lado da porta fechada atrás de nós.

— Ela sempre olha pra nós de um jeito estranho quando entramos, ou quando estamos fazendo o jantar — comentei. — Por que será?

Ele virou e apagou o cigarro.

— Acho que ela tirou conclusões sobre nós dois, e agora não consegue comprovar as hipóteses.

Ah. Ah!

— Isso tem a ver com você dormir no sofá? Em vez de, humm, comigo?

Ele assentiu.

— Isso, sim, e o fato de você estar fazendo pós-graduação e trabalhando para se sustentar. Você é jovem e linda, mas não usa a aparência para atrair e prender um cara para cuidar de você. Tenho certeza de que ela achou que você iria embora quando soubesse que não tenho mais a oficina.

Suspirei.

— O que significa que ela acha que estou te usando. — Muito revelador sobre o valor que ela dava a tudo que o filho havia se tornado, além do que ele tinha ou não tinha.

— Não dou a mínima para a opinião dela. E você também não devia se importar. — Boyce segurou meu queixo e levantou meu rosto. — Ouviu?

— Sim — cochichei.

O toque suave calava tudo que não fosse o *tum-tum* do meu coração. Ele estudou minha boca a centímetros da dele, os dedos escorregando por meu pescoço, medindo minha pulsação, os olhos escuros, encobertos pelas sombras do dia que se despedia. Engoli, e ele abriu os dedos e afagou a base do meu pescoço, delicado como uma brisa morna sobre a pele úmida. Um arrepio percorreu meus braços, e minha boca ardia por aquele beijo.

Ele tocou minha testa com os lábios.

— Boa noite, Pearl — disse antes de se levantar e entrar.

Minha mãe havia enfiado duas coisas na minha cabeça quando eu era pequena. A primeira era um objetivo: eu tinha de ser capaz de me sustentar e viver bem. A segunda era uma afirmação, estar sozinha era melhor que estar com a pessoa errada. Não éramos ricas, longe disso, mas vivíamos com conforto. Thomas, evidentemente a pessoa certa para ela, se esforçou muito para convencê-la disso. E, mesmo quando ela cedeu, os dois discutiram por causa do tamanho da pedra no anel que ele deu a ela. Minha mãe temia que as pessoas da cidade a considerassem uma interesseira. Ele disse que a cidade o chamaria de papa-anjo, então eles estavam empatados.

E ela me ensinou duas coisas por meio do exemplo: valorizar a independência, que acabou sendo uma espécie de tiro no pé quando me recusei a estudar medicina, e me proteger com determinação, sem precisar justificar todos os filhos que eu tivesse. Mas nada disso me ajudava a pensar no que fazer quando a pessoa que eu mais queria defender, salvar, era um homem adulto.

20

BOYCE

Antes de minha mãe chegar, Sam costumava conversar todos os dias com Pearl quando ela voltava da aula. Depois de deixar a mochila no trailer, Pearl ia até a oficina com latas de Pepsi gelada e deixava Sam exibir o trabalho que tinha feito no dia. Tentei parar com isso uma vez, certo de que Pearl não tinha o menor interesse nos detalhes sujos do conserto de uma junta de cabeçote, mas ela me mandou ficar quieto e deixar Sam terminar.

Durante o jantar naquela noite, eu disse a Pearl que ela não precisava aguentar conversas sobre transmissão e bombas de óleo só para não magoar a Sam. A menina gostava de carros mais que qualquer pessoa que eu conhecia, exceto eu, mas era inteligente o bastante para entender que, na maior parte do tempo, até as pessoas que traziam o carro para a gente arrumar só queriam o trabalho pronto, sem ter de ouvir um discurso sobre o processo.

— A verdade é que existe uma ligação entre explicar alguma coisa para alguém e aprender essa coisa mais profundamente — ela respondeu. — Quando eu estava no segundo ano, ajudei duas garotas da minha fraternidade que tinham dificuldades em biologia. Coisa simples. Mas explicar aqueles conceitos básicos me ajudou nos cursos mais avançados que eu fazia.

Ela ajudara o Maxfield com todas as matérias no fim do primeiro ano, quando ele estava bem perto de reprovar.

— Então você deixa a Sam ficar falando toda aquela bobagem para ajudá-la.

— São dez ou quinze minutos. — Ela sorriu. — Poucas coisas conseguem me aborrecer em quinze minutos. Além do mais, eu lembro que você e o Lucas ficavam discutindo carros e peças de carros no colégio, tão animados e envolvidos que quem olhava de longe podia pensar que estavam falando de peitos.

— Ah, mas a gente também falava muito deles.

Ela revirou os olhos.

— Aposto que sim.

Sam sentia por minha companheira de trailer um misto de amor fraternal e paixonite, por isso ela notou quando Pearl parou de voltar para casa depois da aula.

— E a Pearl? — ela perguntou depois de vários dias sem Pearl, tentando parecer bem casual, exceto pela voz um pouco mais aguda, meio desafinada.

— Ela está evitando a minha mãe.

Sam estava apoiada no motor perto de mim, e se afastou tão depressa que quase caiu.

— Por quê? — perguntou, segurando a parte da frente para se equilibrar, ignorando como eu pulava para segurar seu braço. Ela nunca pedia ajuda. Se precisava de alguma coisa, exigia. “Não alcanço. Abaixa o elevador.” Na semana passada, quando ela entrou na caminhonete e ligou o rádio, o pai dela me contou que Sam havia nascido com um problema na medula, acrescentando que ela lutava por autossuficiência desde que nasceu. Surpresa! *Não*.

— O que a sua mãe disse? Você deixou sua mãe botar a Pearl pra fora? — Sam perguntou, fechando a mão como se estivesse disposta a me socar, como se eu tivesse alguma culpa pelo desaparecimento de Pearl. — Pensei que a casa fosse sua. *Você* mandou a Pearl embora?

— Calma. *Meu Deus*. Ninguém pôs ninguém pra fora. É... complicado.

Ela olhou séria para a mangueira meio gasta em sua mão, meio solta e esquecida por um instante.

— Sou bem esperta. Consigo entender coisas... complicadas.

Eu suspirei.

— Tudo bem. Mas não pode falar com a Pearl sobre isso. Nada disso. Entendeu?

Ela apoiou as mãos nos braços da cadeira de roda e se sentou nela.

— Por que não?

Olhei para ela sem nenhuma paciência.

— Tudo bem, *tudo bem* — Sam bufou. — Eu nem vejo mais a Pearl mesmo.

Terminei de soltar a mangueira do radiador enquanto falava.

— Meu pai morreu em maio. Ele e minha mãe, que foi embora quando eu tinha sete anos, nunca se divorciaram, o que foi uma novidade pra mim. Então ela é dona de tudo, inclusive da oficina.

Minha mãe achava que eu ia ficar cuidando de tudo aqui até ela vender a oficina, ou sei lá que planos ela tem para a empresa. Dane-se... mas prometi a Pearl que ela teria um lugar onde morar até o meio de agosto, por isso fiz um acordo com a minha mãe. Eu fico e cuido da empresa até a Pearl voltar para Austin. Depois vou embora.

— Ela vai embora? E você... vai sair da cidade?

— Não posso ficar pra ver a minha mãe destruir tudo o que construí. Tenho que sair daqui, pelo menos por um tempo.

— Isso quer dizer que não vou ter um emprego no outono. — Sua voz era devastada.

Eu assenti.

— Desculpa, Sam.

Ela abaixou a cabeça.

— Sinto muito pelo seu pai.

— Não precisa lamentar por ele. Meu pai era muito diferente do seu. Ele foi só uma coisa à qual eu sobrevivi.

Ela coçou a coxa com a unha suja de graxa, parecia pensativa:

— O que acha que vai acontecer com a Oficina Wynn's? É evidente que sua mãe não vai cuidar dos negócios. Ela nunca vem aqui!

— Não sei. Não me interessa. — Queria muito que isso fosse verdade.

— Que *droga* — Sam resmungou.

Ela nem imaginava. Eu tinha menos de seis semanas com Pearl.

PEARL

Alguns meses atrás, li um artigo que relacionava ansiedade à falta de atenção e propensão a acidentes. *Fascinante*, refleti, e não pensei mais nisso... até agora.

Hoje de manhã, no laboratório, derrubei uma placa de Petri cheia de fitoplâncton e a água em que eles nadavam na minha camiseta. Felizmente ninguém percebeu, e eu reabasteci a placa e conduzi as séries de medidas conforme o esperado, mas era a terceira vez. Primeiro foi o tubo de ensaio. Na semana passada tropecei em um fio no chão do laboratório e respinguei café escaldante na mão, o que *podia* ter passado despercebido se eu não desse sequência ao desastre com uma coleção de palavrões digna de Boyce Wynn. (“Legal”, comentou um aluno da graduação que visitava o laboratório, sorrindo para mim todo sedutor, porque ser assediada é tudo que uma garota quer *quando está com a mão ardendo e queimando*.)

Eu podia estar acostumada com o cheiro sulfuroso que emanava da minha camiseta, mas sabia que Minnie não ia gostar de sentir em mim aquele cheiro de experimento científico durante as quatro horas que eu passaria na pousada, e o líquido manchara o tecido, por isso fui para casa depois da aula para trocar de roupa, amaldiçoando meu último surto de falta de cuidado enquanto reconhecia a animação causada pela desculpa para ver Boyce no meio do dia. Também sentia falta das conversas com Sam.

Ruthanne deixava o Ford velho e amassado estacionado ao lado do carro do Boyce na entrada da casa, por isso comecei a parar o GTI na rua, do outro lado do trailer. Lá dentro, ela ficava sentada no sofá alternando a atenção entre o telefone e a televisão. Nós nos ignoramos, como era comum. Deixei a mochila em cima da mesa da cozinha e peguei duas latas de Pepsi na geladeira.

Boyce e Sam não me viram chegar, e também não me viram voltar da porta da oficina processando a conversa que tinha acabado de ouvir.

Devolvi os refrigerantes à geladeira. Meus pensamentos giravam, se torciam e se distenderiam se alguém os puxasse. Boyce não tinha nenhuma esperança de ficar com a oficina, nem pretendia

tentar salvar o relacionamento com a mãe. Continuava trabalhando para ela por uma razão: a promessa que fez para mim.

Tudo que eu podia fazer para ajudá-lo era lhe dar a liberdade de *ir embora*.

Peguei a mochila e saí do trailer, entrei no carro e fui ao consultório de Thomas como se estivesse no piloto automático. Quando entrei, lembrei que as tardes de terça eram ocupadas por consultas pré-cirúrgicas e exames pós-cirúrgicos de emergência. Havia cinco pessoas na sala de espera, o equivalente à hora do rush. Quase comecei a chorar.

A enfermeira, Talisha, abriu a porta para chamar o próximo paciente e me viu parada e confusa como um filhotinho perdido no meio da sala.

— Oi, Pearl! O que está... — Ela parou no meio da frase e estendeu a mão para tocar meu braço. — Vem comigo, querida. Sr. Gardner, pode ir para a sala três. Já vamos atendê-lo.

Um minuto depois, eu era levada ao consultório de Thomas, onde a enfermeira me deu um copo de água e me deixou sentar no sofá que ele às vezes usava para um cochilo no meio da tarde. Havia um relógio decorativo acima da clássica edição de *Gray's Anatomy* na estante, e ele marcava os segundos com um tique alto. Contei noventa tiques antes de Thomas entrar e fechar a porta.

— O que aconteceu? — Thomas perguntou quando sentou ao meu lado. Ele segurou minha mão e cravou os olhos azuis em mim.

— Preciso saber se existe uma possibilidade... de eu voltar pra casa. — Meu lábio tremeu e eu engoli, tentando ficar firme. — Sem desistir da pós-graduação...

— Meu Deus, claro! Sua mãe está péssima. Ela não dorme, quase não come, chora o tempo todo... nunca a vi desse jeito. Por favor, volte pra casa. Tentei convencê-la a te ligar, mas sua mãe tem certeza que destruiu o relacionamento entre vocês com aquela exigência irracional sobre a faculdade de medicina. Já estava achando que ela não iria sobreviver ao seu aniversário amanhã.

Comecei a soluçar e apoiei a cabeça no ombro coberto pela roupa branca, aliviada com o que tinha acabado de ouvir, mas muito infeliz com a ideia de deixar Boyce, nossas conversas noturnas, o

jeito como ele agradecia pelas minhas lamentáveis tentativas de preparar pratos que minha mãe fazia milhões de vezes melhor, a cafeteira que ele programava para começar o café dez minutos antes da hora em que sabia que eu levantava, cada beijo que trocamos e todos que nunca aconteceriam.

— Pearl, o que aconteceu? — Thomas estava tenso, segurando meus ombros com firmeza para poder ver meu rosto. Vi a raiva em seus olhos, e as mãos me seguravam com mais força. — Você e Boyce Wynn brigaram, ou aconteceu alguma coisa pior?

— Não, é que... — Respirei fundo. — Há quinze anos, a mãe dele deixou o marido, que era um homem abusivo, e também deixou o Boyce e o irmão... e agora ela voltou. Ela ficou no quarto que o Boyce tinha me oferecido. Estou dormindo na cama do Boyce, e ele dorme no sofá. Só tem um banheiro pra todo mundo...

— Não precisa falar mais nada, meu bem. — Thomas me abraçou. — Confie em mim... e volte pra casa. Vai ficar tudo bem.



Thomas pediu para a secretária remarcar as últimas consultas, e eu esperei no escritório enquanto ele atendia os pacientes que já estavam na clínica. Quando o segui de volta para casa depois de um mês de ausência, eu ouvia o rádio baixinho e imaginava os piores cenários, apesar de ele ter garantido que minha mãe me receberia bem. Eu havia imaginado que mandaria notícias, diria que estava bem e me cuidando, tranquilizaria minha mãe e desestimularia mais discussões e ultimatos. Não esperava chegar pedindo para voltar para casa.

Mordi o lábio quando entramos no bairro e segurei o choro quando chegamos ao balão de retorno da rua sem saída da casa. Estacionei na entrada, evitando minha vaga na garagem para três carros, mas Thomas sorria enquanto esperava por mim na porta dos fundos. Eu não me sentia tão segura em relação ao que me esperava, e essa insegurança devia estar estampada em meu rosto.

Ele apoiou um braço sobre meus ombros quando o alcancei. Depois abriu a porta e falou:

— Essie! Trouxe uma surpresa pra você! Venha ver!

Entramos na cozinha e minha mãe apareceu na porta do outro lado, menos arrumada que de costume, e parou.

— Pearl? — perguntou, como se eu pudesse ser uma miragem. Seus olhos se encheram de lágrimas. — Pearl? — repetiu, atravessando a cozinha de braços abertos. — Ai, meu Deus! Ai, meu Deus!

Eu a abracei, aliviada.

— Mãe, que saudade!

— *Mija*, você voltou? Veio pra ficar? — Assenti, e ela começou a soluçar. — *Perdóname*, por favor! Desculpa, *mija*. — Choramos abraçadas, e ela me apertava como se nunca mais pretendesse me soltar.

— *Mi-AU!* — Tux protestou, trotando sobre as pernas curtas e enroscando o rabo em minhas pernas, reclamando da minha ausência, como fazia sempre que eu voltava para casa nas férias da faculdade.

— O Tux tem razão — disse Thomas. — Esse encontro pede um churrasco. — Ele nos abraçou com um aperto. — Vem, Tux. Acho que a mamãe pode deixar você comer algumas sobras da mesa hoje. Melhor aproveitar, carinha.

— Miauu — Tux concordou.

— Preciso trabalhar hoje — contei, choramingando. — Meu turno começa às seis.

Nós nos afastamos para poder olhar uns para os outros. Meus pais tinham rugas idênticas na testa e me olhavam como se eu tivesse falado uma bobagem.

Thomas se recuperou primeiro.

— Onde você trabalha?

— Na pousada.

— Pode ficar até a hora de ir trabalhar? — ele perguntou.

— Posso.

— O que acham de um papo no quintal e três cafés gelados? Vão indo, eu já vou. — E olhou para minha mãe, como se transmitisse uma mensagem cifrada. — Está na hora de contar para ela, Esmeralda.

Os olhos da minha mãe se encheram de lágrimas e ela assentiu, e eu senti um arrepio gelado percorrer minhas costas.

21

BOYCE

Durante nossa reunião noturna no último degrau, havia alguma coisa diferente em Pearl. Ela estava mais quieta, não falava sem parar sobre o dia na pousada. Minhas histórias sobre como Sam ficava vermelha ao ver as coisas que os clientes às vezes deixavam à mostra quando levavam o carro para arrumar, calcinhas de bolinhas no banco traseiro, uma embalagem lacrada com uma etiqueta identificando material fecal em cima do painel (“Tem cocô naquela caixa”, “cocô!”, Sam havia dito), uma fileira de camisinhas enroladas em um porta-copos como um rolo de selos, tudo produzia em Pearl no máximo a sombra de um sorriso, em vez de gargalhadas. Ela apoiou a cabeça em meu braço, e eu fiquei em silêncio, fumando enquanto ela ficava entregue aos próprios pensamentos.

Quando minha mãe se fechou no quarto, Pearl e eu entramos e nos revezamos para usar o banheiro. Eu estava deitado no sofá, com a luz apagada, quando ela saiu vestindo uma regata azul de alças finas e shorts. Quase rasguei o lábio ao meio com a força da mordida, tentando engolir um gemido de apreciação diante da roupa, diante dela, *dela na roupa*.

— Boa noite, Pearl — eu disse, fazendo de tudo para esconder o desejo no meu tom de voz, mas *droga!* Em vez de responder, ela se aproximou em silêncio. A luz do quarto atrás dela brilhava fraca, revelando o contorno das curvas do corpo quando, perto de mim, ela estendeu a mão. Sentei, segurei a mão dela e senti Pearl me puxar de mansinho.

Nada bobo, eu me deixei ser levado para o quarto. Quando entramos, ela fechou a porta e apagou a luz. A janela estava aberta, o ventilador girando na frente dela como se quisesse decolar de cima da cômoda, mas o ar ainda era quente e pegajoso. Só havia ar-condicionado na cozinha e no quarto que minha mãe ocupava do outro lado do trailer. Em dois minutos estaríamos cobertos de suor, mas, se ela não ligava, eu também não.

— Quer transar comigo, gata? — perguntei, puxando Pearl para perto e deslizando as mãos até segurar seu traseiro quando ela assentiu. — Vamos lá! — Abaixei a cabeça para beijar sua boca carnuda, meu pinto entrando em alerta dentro da cueca, totalmente pronto para dar o que ela queria, como ela quisesse.

Pearl abriu a boca cálida e linda e colou o corpo ao meu, os braços envolvendo meu pescoço, os dedos afagando minha cabeça e passeando pelo cabelo. Gemi sem interromper o beijo, e ela sugou minha língua com vontade, engolindo os sons sufocados que anunciavam que meu corpo queria o dela. Meu pinto se manifestou ciumento, e eu lutei como um louco para tirar da cabeça a fantasia daquela boca me engolindo, porque não aguentaria cinco segundos se deixasse essas imagens dominarem minha imaginação. E então ela se ajoelhou.

— Puta merda — gemi alto quando ela abaixou minha cueca. Depois disso, nenhum som coerente saiu da minha boca.

Não dei atenção à urgência de guiá-la, porque Pearl não precisava da minha orientação. Meus dedos sumiram no meio das ondas sedosas e escuras de seus cabelos, e eu aguardei firme, vendo a cabeça acompanhar os movimentos quentes da língua e a constrição da garganta. Três segundos antes de gozar, puxei Pearl pelos cabelos, quase desistindo quando ela balançou a cabeça para dizer que não.

— Na próxima — gemi ofegante, certo de que a afogaria com a força da explosão, porque meu corpo não estava acostumado com a quantidade de abnegação que eu lhe impunha ultimamente.

O barulho de sucção dos lábios deixando o membro inchado e ereto foi minha ruína. Caí de joelhos e a virei de costas para mim, depois a empurrei sobre as mãos e os joelhos, puxando seu shorts para baixo e trazendo o traseiro nu para o meu colo enquanto perguntava sufocado:

— Tudo bem?

— Sim — ela murmurou, e eu penetrei fundo, uma das mãos no chão, o outro braço envolvendo sua cintura, a palma aberta sobre a barriga e os dedos descendo lentamente para acariciá-la enquanto tremíamos sacudidos pelas ondas do orgasmo provocado por aquela penetração solitária.

Empurrando o cabelo para o lado, beijei sua nuca e deixei a língua passear pela pele salgada, e ela tremeu e sofreu mais um espasmo com um gemido baixo. Murmurei minha aprovação, desenhando uma trilha de beijinhos suaves e úmidos em seu ombro,

ainda tremendo com a intensidade do prazer. Nunca havia sentido nada parecido. Nunca estive tão perto de perder o controle.

Ai. *Merda*. Camisinha. Sem camisinha. *Bosta!* Meu braço afrouxou em torno dela, mas não a soltei, porque seus braços tremiam visivelmente. Eu ainda sustentava quase todo o seu peso.

— Ah... — Pearl se moveu no meu colo e virou a cabeça para olhar para mim. — Esquecemos...

— Nunca fiz sexo sem camisinha, e nunca tive nenhuma... hã... doença infecciosa.

Ela vestiu o shorts e eu também me vesti, processando o fato de, em uma década de sexo com tantas meninas e mulheres que nem conseguia lembrar de todas, essa ter sido a primeira vez que eu esquecia de pegar a camisinha antes de começar.

— Eu... fiz meu checkup anual depois que... Também estou bem. Mas... — Mas “gravidez”, ela não disse, mas ouvi assim mesmo.

Meu cérebro idiota imediatamente imaginou Pearl grávida de um filho meu, e Deus me ajude, eu queria aquilo. Queria tanto que tive de resistir ao impulso de pegá-la no colo, levá-la para a cama e fazer tudo de novo do mesmo jeito para dobrar as chances. Que porra estava acontecendo comigo?

— Desculpa, Pearl, fiquei muito... — *Distraído com o desejo. Maluco. Louco por você.* Deixei a cabeça cair contra a porta. Estava muito ferrado.

— Eu também. — Ela se virou e sentou no chão na minha frente, as pálpebras pesadas, os olhos fixos em mim, sondando cantos desolados do meu coração que nunca viam a luz do dia. Abaixei a cabeça para beijar aquela boca doce, atordoado, sempre atordoado por ela, de cima a baixo e de volta. Sentamos encostados um ao outro, e nos beijamos até não termos mais ar. — Estou cansada — ela suspirou, abrindo os olhos lentamente. — Deita comigo? Precisamos conversar.

Fomos deitar na cama, com as cobertas afastadas, de frente um para o outro.

— Fui ver minha mãe hoje à tarde, antes de ir trabalhar. Ela retirou as exigências sobre a faculdade de medicina. — Pearl

descansou a mão sobre a minha. Segurei a mão dela, mas quase não sentia o contato, porque já sabia o que ela ia dizer. — Quero agradecer por ter me dado um lugar pra morar e a possibilidade de me sustentar sozinha... ou quase isso, o mais próximo disso que jamais estive. Vou continuar trabalhando. Chega de mesada e cartão de crédito, embora eles tenham se oferecido para devolver os dois. Mas vou voltar pra casa. Principalmente com sua mãe aqui... é o melhor pra nós dois.

Cada célula do meu corpo gritava que deixar Pearl ir embora estava longe de ser o melhor para *mim*. Mas a decisão era dela. Sempre foi.

— Quando?

— Amanhã.

Toquei a pele macia junto da raiz de seus cabelos na testa.

— Seu aniversário — falei, empurrando uma mecha de cabelo para trás da orelha e seguindo o contorno até o lóbulo. Apoiei a mão em seu pescoço, os dedos massageando a nuca, a palma sentindo a pulsação irregular.

— É. — A voz dela estremeceu, e os olhos escuros refletiram o quadrado de luar na janela. Uma lágrima escorreu do canto para os cabelos. — Vou sentir saudade de morar com você, Boyce.

Ouvir meu nome na voz dela foi como ser atravessado por uma faca. Thompson me contou que havia levado uma facada de um cara na prisão.

— Você imagina que a dor é aguda — ele comentou. — Mas não... É como levar um soco bem forte. Tão forte que provoca um hematoma interno e profundo. Primeiro as entranhas se surpreendem, tipo “como alguma coisa me acertou aqui dentro?” Eu nem percebi que tinha levado uma facada, até ver o maluco ali parado, segurando a faca com meu sangue nela. Foi a coisa mais sinistra que já aconteceu comigo, olhar para ele e pensar: “esse filho da puta acabou de me matar”.

Thompson teve sorte, a faca improvisada não acertou nenhum órgão vital. Ele se recuperou.

Saber que Pearl estava indo embora... que a tive tão perto só para perdê-la para sempre... era bem mais que um soco. Uma

facada da qual talvez eu não pudesse nunca me recuperar.

— Meu Deus, Pearl — murmurei.

Quando me aproximei, ela me puxou e me beijou sem pressa, profundamente, seu corpo agitado quando minha mão escorregou do pescoço para o peito, tocando os seios perfeitos e puxando os mamilos delicadamente através da camiseta fina que não tive tempo de tirar na primeira vez.

— Não vai precisar disto hoje — eu disse, tirando a camiseta dela e jogando no chão. — Nem disto. — Puxei o shorts pelas pernas de pele sedosa que logo estariam abertas, para então enlaçar o meu corpo.

Parei para olhar para o pedaço enorme de mau caminho ali na minha cama, mas não pude ficar apreciando muito, só os dois segundos que levei para tirar meu shorts. Se amar essa garota seria minha morte, eu não via motivo nenhum para adiar o desfecho.

PEARL

Quando acordei de manhã, tudo continuava igual... a princípio. Virei para desligar o despertador do celular, os olhos ardendo de sono. A

porta do quarto estava fechada, e eu estava sozinha. Mas também estava sem roupa.

Vesti o shorts e a camiseta que havia usado por dez minutos na noite anterior, antes de Boyce me deixar nua, então lembrei cada instante daquela noite, não que ela estivesse muito longe, considerando que havia durado até quase amanhecer. Um arrepio me percorreu quando pensei nisso, e a temperatura do meu corpo deve ter subido vários graus porque, caramba, aquele quarto tinha virado um forno de repente.

Fui até a cozinha e me servi de uma xícara de café, depois voltei para o quarto de Boyce e peguei minhas malas no fundo do armário. Enquanto recolhia tudo que havia trazido semanas atrás, revi mentalmente a conversa com minha mãe durante a tarde do dia anterior. Fiquei chocada demais para me zangar com o que ela confessou, mas tinha medo de que a emoção contida voltasse à superfície e me pegasse pelo pescoço a qualquer momento. Minha mãe havia escondido muitas coisas de mim, prova de como ela me via como uma criança, mesmo com um diploma de faculdade e tudo o mais.

Fiquei sentada na beirada de uma das cadeiras de frente para a água, antecipando a má notícia de um diagnóstico crítico, torcendo para ser algo tratável e descoberto bem no começo. Nada fatal. *Por favor, nada fatal!* A expressão dela me apavorava. Os olhos estavam arregalados, o queixo tremia, as mãos se retorciam juntas sobre as pernas como se estivessem coladas.

— O que tem pra me dizer? — perguntei. — Fala, mãe.

Ela engoliu e se encolheu um pouco quando Thomas abriu a porta de correr e se juntou a nós. Esperei, tensa e silenciosamente, enquanto ele distribuía os copos e sentava ao lado dela, na minha frente.

— Seu pai — ela começou, mas parou para engolir de novo. Thomas segurou a mão dela, e minha mãe respirou fundo. — A história que contei sobre o seu pai não é... totalmente verdadeira.

Fiquei tão aliviada por descobrir que não tinha ninguém *morrendo* que precisei de um momento para absorver o que ela havia dito.

— Como assim, não é *totalmente* verdadeira?

— É verdade que crescemos juntos. Que nos apaixonamos. Que ele era inteligente e sonhava em ser médico. E é verdade que ele morreu tentando sair do México.

— Como...?

— Foi executado pelo cartel de drogas...

Contive uma exclamação.

— ... que ele fazia parte.

Meu queixo caiu, mas só consegui balançar a cabeça e pensar *O quê?*

— Eu tinha dezesseis anos, e ele dezessete quando foi aliciado. Meninos de famílias pobres caíam na tentação do dinheiro fácil, e éramos de famílias muito pobres. O dinheiro, o poder, a violência... tudo isso transformou o rapaz que eu amava em alguém que eu nem reconhecia mais. A transformação dele foi gradual. Levei um tempo para perceber e, quando vi o que havia acontecido, achei que podia mudá-lo, trazer de volta o garoto de antes. — A voz dela estremeceu. — Na primeira vez que ele me bateu, pensei que a culpa era minha.

— *Mãe!* — Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Ele enlouqueceu quando viu a marca da mão no meu rosto. Chorou como uma criança e implorou meu perdão. Eu supliquei para ele deixar o cartel. Ele jurou que, se ficasse só mais um tempo, teríamos dinheiro suficiente para ele ir para a universidade e realizar o sonho da vida dele. Eu insisti, falei que, quanto mais ele se envolvesse, mais difícil seria sair. Mas ele era charmoso, persuasivo, e eu o amava. Na segunda vez que ele me bateu, caí em cima de uma urna grande que tombou sobre a minha mão e eu bati o rosto numa parte quebrada.

Ela tocou a cicatriz na têmpora. Minha mãe havia falado de um acidente na infância quando explicou aquela cicatriz e o dedinho torto na mão direita. A tia dela havia imobilizado o osso quebrado com uma tala de madeira, e minha mãe balançou a cabeça como se a história fosse triste, mas engraçada.

Lágrimas quentes escorriam por meu rosto. Essa história não combinava com a mulher que eu conhecia.

— Na última vez, ele me levou para casa inconsciente e disse à minha *abuela* que eu havia desmaiado e batido a cabeça. Quando recuperei os sentidos, não desmenti a história dele. Fingi que não conseguia lembrar o soco no meu rosto. Quando ele foi embora, caí aos pés dela chorando porque sabia... sabia que estava grávida, e não via uma saída para mim. *Abuelita* perguntou se eu já tinha contado a ele sobre o bebê, e eu balancei a cabeça. Então ela disse que eu não ia contar. Que eu iria para os Estados Unidos e construiria uma vida nova aqui com o meu filho. E viveria segura, porque nunca mais voltaria. Depois ela me levou ao quarto que eu dividia com minha *tía*, se ajoelhou ao lado da cama e pegou uma caixa coberta de poeira e cheia de papéis velhos. Um deles era minha certidão de nascimento. Meus pais haviam morrido, como já te contei, em um acidente de carro. Mas, antes disso, eles atravessaram a fronteira do Texas com meu irmão Jasiel, arrumaram emprego, e só depois eu nasci.

— O que significa que você é de uma cidade dos Estados Unidos — sussurrei.

— Sim. Eles moravam perto de Brownsville. Minha mãe trabalhava na cozinha de um hotel. O Jasiel ficava na escola. Mas a obra onde meu pai trabalhava foi denunciada por contratar clandestinos. Ele foi deportado com o Jasiel. Eles achavam que, por causa da minha cidadania, minha mãe poderia ficar, mas a garantia do “bebê âncora” era um mito. Oficiais da imigração a deportaram também, e é claro que ela não me deixou para trás. Meus pais morreram meses depois... não consigo lembrar quando.

— E o meu tio? — *Um homem que eu nem sabia que existia até dois minutos atrás.*

Os olhos dela voltaram a se encher de lágrimas, que transbordavam e corriam pelo rosto. Minha mãe segurava a mão de Thomas.

— Não vi mais meu irmão, nem as outras pessoas da minha família, desde a noite em que saí de Matamoros. O Jasiel me levou ao Consulado dos Estados Unidos com minha certidão de nascimento, a identidade mexicana e cada peso que *abuelita* tinha conseguido juntar em anos. Eu tinha acabado de completar dezoito

anos. Eles me deram um passaporte e a autorização para entrar nos Estados Unidos duas semanas mais tarde. Sozinha.



Evitando olhar para a oficina por medo de minha angústia ser muito visível, coloquei duas malas no carro e voltei para pegar a terceira delas e minha mochila. Lá dentro, fiquei olhando para a cama em que dormira com Boyce, dominada pela estranha sensação de estar esquecendo alguma coisa muito importante.

Não queria deixá-lo, isso era claro como o dia, mas reconheci meu apego egoísta. Não ficaria ali permitindo que a mãe se aproveitasse dele. Se você ama alguma coisa, deixe-a livre. O resto desse ditado insuportável não tinha importância, porque não havia "se". O único jeito de libertá-lo da coação da mãe era ir embora e livrá-lo da promessa que fizera para mim.

Respirei fundo, determinada a colar um sorriso no rosto e ir até a oficina. Hora da despedida. De dizer que estava tudo bem. Fingir que não havia estado até agora no meio daquele quarto como se alguma coisa me rasgasse por dentro, sangrasse meu coração, me fizesse sofrer mais do que jamais sofrera antes. Em parte, eu sabia em que estava me metendo e quanto isso ia doer com o tempo, mas não voltaria atrás agora, não mudaria o que aconteceu se tivesse o poder de voltar no tempo.

Eu me virei e lá estava ele, as mãos plantadas no batente, como se quisesse me manter prisioneira naquele quarto, se pudesse. *Ah, droga.* Meu coração ainda sonhava com o impossível, coitadinho.

— Não ia se despedir? — ele perguntou.

— É claro que ia. — Tentei sorrir, mas tudo que fiz foi mostrar os dentes e levantar o lábio superior. *Devo estar com cara de louca*, pensei, baixando o queixo para ele não perceber a encenação e me mandar parar. — Estava saindo para ir até a oficina. Não precisava ter vindo.

— Eu vim porque, na verdade... tenho uma coisa pra você. Hoje é seu aniversário, afinal. — Ele se aproximou do armário e pegou uma caixa de papelão na prateleira mais alta. — Não sei embrulhar nada direito, então, nem tentei. Achei que não ia se importar.

Sorri para ele e peguei a caixa.

— Não me importo. Papel de presente é uma bobagem supervalorizada, além de não ser bom para o ambiente.

Boyce inclinou a cabeça para a caixa.

— Você pode esperar até a noite para abrir? — E olhou para o chão. — Depois do que tiver planejado para comemorar os vinte e um, quero dizer.

O cara que havia estado na sala da sra. Ingram mais vezes que qualquer pessoa que eu conheci no colégio, normalmente por ser engraçadinho ou inoportuno na sala de aula, ficava tímido para dar um presente? Queria saber se ele já havia dado um presente a alguém, e quanto tempo fazia desde que ganhou o último. Meu coração ficou apertado, porque eu não precisava perguntar para saber a resposta.

— Hoje vou jantar com a minha mãe e o Thomas, mas na sexta-feira vou sair com colegas do curso para comemorar. La Playa, depois algum bar. Não quer... ir também?

Ele me encarou e ficou quieto por um longo instante. Percebi que Boyce podia ter planos para a noite de sexta. Planos que ele podia não querer me contar, e que eu certamente não ia querer ouvir.

— Posso ir, se você tiver certeza que quer a minha companhia — Boyce respondeu finalmente. — Costumo encontrar o Thompson na sexta para jantar, mas acho que ele sobrevive sem mim.

Um alívio insensato me invadiu, porque era só uma questão de tempo até minha vida e a dele seguirem sentidos opostos, mas hoje era isso que eu queria.

— Eu tenho certeza. Se você tiver certeza que o Randy não vai se importar.

Um canto da boca dele se ergueu num meio-sorriso cheio de segredos.

— Não vai.

Balancei a caixa com meu presente de aniversário. Não era pesada.

— Posso sacudir?

— Um pouco, talvez. Mas não derrube.

Por mais desajeitada que estivesse ultimamente, decidi que sacudir uma caixa não era tão perigoso.

— E se... Ah, não, esquece. — Balancei uma das mãos.

— E se o quê, Pearl?

— E se você ligar pra mim hoje à noite, quando sair para fumar, e eu abrir a caixa enquanto a gente conversa pelo telefone?

Ele sorriu.

— Combinado. — E pegou a caixa das minhas mãos, colocou sobre a mala e tirou a mochila do meu ombro, deixando-a no chão.

— Mais uma coisa antes de ir. — Sua voz era macia e rouca, como a vibração de um poderoso motor em marcha lenta.

As mãos frias seguraram meu rosto, e senti o cheiro cítrico do sabonete removedor de óleo que ele mantinha na pia de alumínio da oficina. Os olhos estudavam meus traços como se ele nunca mais fosse vê-los. Quando chegaram aos lábios, as mãos deslizaram para o cabelo e seguraram minha cabeça. Ele se inclinou para me beijar, e fiquei na ponta dos pés para recebê-lo. Lágrimas escapavam dos meus olhos, e eu soube que ele as sentia nas mãos e que elas me traíam.

Com a testa franzida em sinal de confusão, ele secou minhas lágrimas com os polegares.

— O que é isso?

— Quando você vai embora da cidade?

A ruga na testa ficou mais profunda, e eu percebi meu erro.

— Por que acha que vou embora?

Eu e minha boca grande.

— Eu... só deduzi — gaguejei, sabendo que meus olhos mostravam que eu era uma mentirosa.

— Ah, Pearl, que droga. — Ele suspirou e apertou a boca. — A Sam te contou?

Balancei a cabeça.

— Ouvi quando você contou o que estava fazendo por mim. Eu já tinha mesmo pensando em ligar pra minha mãe, para falar que estava com saudade. Sua conversa com a Sam só me deu o incentivo que faltava. Eu e minha mãe precisávamos desse afastamento, porque já era hora de ela perceber que eu cresci, mas também precisávamos da reconciliação. — *E eu tinha que saber a verdade sobre meu pai.*

Uma hora mais tarde, sentada na sala de aula, percebi que ele havia fugido da minha pergunta sobre quando pretendia ir embora da cidade. Eu não tinha o direito de querer que ele ficasse, se eu mesma partiria em agosto. Pedi para voltar para casa porque queria libertá-lo, deixá-lo ir atrás de seu futuro. E o sonho de fazer parte desse futuro não se encaixava no panorama geral.



Quando saí da aula e dei uma olhada no celular, havia quatro mensagens.

Feliz aniversário, mija . Vejo você à noite?

Ei, chica , 21! UHUU! Pena eu não estar aí.



Não, esquece. Pena você não estar AQUI.
Quando vier para Dallas no outono, vamos badalar muito, tá? Saudade! Melody

Tudo certo... é um ótimo apartamento. A Carlie, filha dos Heller, pode te escolher como nova melhor amiga, e um gato mandão pode aparecer na porta. Francis acha que o apartamento é dele, e eu nunca o convenci do contrário. A Carlie cuida do gato e pode ficar com ele, se você não quiser. A Jacqueline e eu estaremos lá no Dia de Ação de Graças. Meu pai vai encontrar a gente lá. Se estiver na cidade, J. quer te conhecer. Lucas

Feliz aniversário, Pearl. Tenho pensado muito em você. Espero que esteja bem. Sinto saudade, queria ser pelo menos seu amigo. Mitchell

Ele disse a minha mãe que iria para casa depois do laboratório. Mandeí um emoticon para Mel, uma piscadela, e respondi: “Saudade também!” Agradei Lucas pelas dicas sobre Carlie e Francis, disse que seria ótimo ter uma amiga e um gato de guarda, e que adoraria conhecer a Jacqueline. Meu primeiro, segundo e terceiro impulso foi ignorar Mitchell, mas ele não entendia o recado. Enquanto eu estava desfazendo as malas no meu antigo quarto, guardando roupas na cômoda e livros na estante, a mensagem continuava me incomodando como uma pedra no sapato.

Deixei em cima da mesa a concha que ele tentou destruir, um dedo percorrendo as saliências, e depois peguei o celular.

Aqui tudo bem, e desejo o melhor pra você, mas não dá pra ser sua amiga, Mitchell. Acabou. Por favor, para de mandar mensagens.

Apaguei a conversa, apaguei o contato da agenda e bloqueiei o número dele no mesmo instante em que o sorriso de Boyce apareceu na tela e ouvi a música que ele nem sabia que eu havia associado a seu número anos atrás.

— E aí, sr. Wynn?

22

BOYCE

A voz dela era alegre. *Que bom.* Queria ser responsável por aquela alegria, mas preferia que ela fosse feliz pelo resto da vida sem mim do que ser a pessoa que a deixava triste. As lágrimas que ela derramou depois que a beijei hoje de manhã haviam permanecido no meu dia como uma tempestade se formando sobre o mar sem nunca cair. Eu não conseguia imaginar nada que pudesse ter feito para magoá-la, mas também não fazia ideia do motivo daquelas lágrimas.

— Oi, srta. Frank. Como passou seu aniversário?

— Foi bom. O Lucas mandou notícias... Enviei uma mensagem para ele ontem à noite, agradecendo pelo apartamento. Ele e a Jacqueline vão pra lá encontrar o pai e os Heller no feriado de Ação de Graças. Eles são parentes?

— Acho que o pai dele fez faculdade com o dr. Heller. Eles sempre fizeram parte da vida do Maxfield. — Soprei a fumaça para longe do telefone, como se ela estivesse sentada ao meu lado, não no quarto dela, a quatro quilômetros e duas mil razões de distância.

— A primeira coisa que pensei quando li foi que eu não estaria lá no feriado, porque não posso te ver se não vier pra casa. Depois lembrei que nem sei onde você vai estar em novembro.

— Talvez eu vá te ver. Estive preso por causa da oficina durante anos. Agora não estou mais. — Por que eu disse isso? Faço tudo para deixar Pearl ir embora, mas continuo agarrado a ela.

— Seria muito legal. — Ela ficou em silêncio por um momento. — Como é a sensação de estar livre de tudo?

Como se eu tivesse um objetivo e um lugar no mundo, e de repente tudo evaporasse. Como se me visse perdido no meio do oceano com um barco a remo.

— Ainda não sei — respondi, misturando verdade e mentira.

— Vou abrir a caixa agora. Tudo bem?

— Eu me sinto um idiota fazendo tanto mistério com isso. É só... uma coisa que achei que você ia gostar. Sei lá. Tomara que não seja muito pobre.

Ouvi do outro lado da linha o barulho das abas de papelão e dos jornais velhos e amassados que ela tirava da caixa.

— Ah, Boyce — Pearl disse.

Aliviado, traguei mais uma dose de nicotina para prolongar a onda.

— Não é tão grande quanto a outra, mas, quando você chegou com suas coisas para morar aqui, percebi que ela estava rachada. Por isso fui procurar outra. Encontrei uma perfeita, mas o morador ainda estava lá. Sabia que você não ia gostar se eu botasse ele pra fora, então o devolvi na água. — A risada mansa confirmou que essa havia sido a decisão acertada. — Quase desisti e comprei uma no eBay, mas seria trapaça. Enfim, achei essa aí na semana passada, e o Thompson poliu na loja da mãe dele. Que bom que gostou.

— Adorei. E sempre vou amar a primeira que você me deu, rachada ou não. — Ela parou. — O Mitchell quebrou de propósito.

— Ele *o quê?* — Devia ter chutado a bunda daquele cretino quando tive chance.

— Na última discussão que tivemos... na noite em que a gente terminou. Ele ficou furioso quando falei que não ia para Vanderbilt. Então ele foi até a estante, pegou o que sabia que era mais importante pra mim ali e jogou na parede. Aquilo foi a gota d'água.

— Eu sabia que o cara era um babaca. O que ele tinha a ver com a sua decisão de não estudar medicina? — *A concha era a coisa mais importante na estante?*

— Íamos alugar um apartamento, essas coisas, e eu mudei de ideia no último minuto. E só avisei depois de um mês, mais ou menos.

Eu ri, imaginando aquela coisinha furiosa fazendo um escândalo, mas fiquei sério quando pensei no que poderia ter acontecido.

— Ele te machucou? — Silêncio. — Pearl, fala...

— Uma vez... e jurou que foi acidente, e eu... Bem, eu fui burra...

— O cacete! Você nunca foi burra, nunca, em nenhum dia da sua vida. Confiante, doce e muito compreensiva, talvez. — *Ah, pronto. Mas que droga.*

— Não acha mais que eu sou uma *menina burra?*

Passei a mão no rosto e abaixei a cabeça.

— Meu Deus, eu fui uma criança muito cretina. Pensei que tivesse esquecido isso.

— Você compensou. — Havia um sorriso em sua voz, e eu dei uma tragada profunda para não dizer de quantos jeitos ela podia pedir reparação, e eu continuaria compensando aquele erro por quanto tempo ela quisesse.

— Sobre sexta-feira. O que acha de eu ir te buscar e ser o motorista da vez? Assim você pode comemorar quanto quiser. E te levo para casa inteira e em segurança. — *Mas preferia te levar pra minha cama.*

— Tudo bem.



Thompson e eu adiantamos nosso jantar de sexta para quinta-feira.

— Podemos parar em algum lugar depois, jogar bilhar, talvez?
— sugeri.

— Não vamos pirar, cara. Agora somos adultos responsáveis — ele respondeu rindo, examinando os envelopes e panfletos que tinha na mão.

— Oi, Boyce — a mãe dele falou, aproximando-se da caixa de correspondência na entrada da casa, onde estávamos.

Thompson entregou para ela os envelopes.

— Vou jantar com Wynn hoje à noite, em vez de amanhã. Tudo bem?

— É claro, querido — ela respondeu afagando o braço do filho.
— Acho que seu pai e eu também vamos sair. Eu guardo o frango frito para amanhã.

Ele a enlaçou com um braço e beijou o topo da cabeça dele.

— Viu, Wynn? Por isso não vou casar nunca. Porque tive a sorte e o azar de ser filho da mulher perfeita.

Ela balançou a cabeça e bateu no peito dele, os lábios ameaçando um sorriso.

— Esse meu filho é maluco.

Trinta centímetros mais alto que ela, Thompson era um ex-drogado magricelo de vinte e seis anos, um ex-vigarista que morava com os pais e trabalhava para a mãe, mas dava para ouvir na voz daquela mulher que ele ainda era o garotinho que ela havia ensinado a amarrar os sapatos.

— Quase não vejo a Ruthanne, Boyce. Soube que estão dividindo a casa, agora que seu pai se foi. — O movimento da boca disse tudo que ela pensava sobre meu pai, e provavelmente um pouco sobre minha mãe também. — Como vão as coisas?

— Tudo bem. — *Não*. Pelo menos a gente mal se encontrava. Ela ainda nem tinha percebido que Pearl não morava mais lá desde ontem. — E eu vou embora logo, provavelmente... Ainda não decidi pra onde.

— O Randy me contou. — Ela olhava nos meus olhos.

Eu não havia notado as marcas do tempo nela até aquele momento. As besteiras que o filho havia feito também a afetaram, mas ela nunca havia perdido a fé e o otimismo que eu lembrava desde a infância, e as linhas de sorriso em torno da boca só serviam para lhe dar um ar ainda mais bondoso.

— Você vai se dar bem no que decidir fazer, Boyce. Vejo seu irmão em você. — Como se soubesse que havia me deixado sem ar, ela deu um tapinha no meu braço e olhou para o filho outra vez. — Até mais tarde, Randy. Divirtam-se, rapazes. Vocês merecem.

— Espera, a Pearl saiu da sua casa e agora você vai sair com ela? — Thompson passou o giz na ponta do taco e encaçapou duas bolas.

Eu o vi estudar a próxima jogada enquanto bebia meia garrafa de cerveja.

— Não exatamente. Os amigos da faculdade vão se reunir em um bar para comemorar o aniversário dela. Eu só... vou também. Como motorista.

— Cara... vinte e um? Pensei que a Pearl tivesse estudado com você e o Rick. Ela tem quase a idade da Amber, e a Amber ainda tem dois ou três anos de curso. — A irmã caçula de Randy era a única da família que tinha ido para a faculdade. Ele encaçapou uma das minhas bolas e resmungou um palavrão.

— A Pearl pulou um ano. — Preparei minha jogada e acertei uma bola no canto mais afastado.

— E esse pessoal com quem vai sair, todo mundo é da pós-graduação? Cientistas? Porra, Wynn. Esse ambiente ia me deixar apavorado, e olha que eu já estive na *prisão*.

Ele resumia bem a situação. Poucas coisas me incomodavam, mas ser o mecânico quase desempregado no meio de um grupo de *acadêmicos*, como Pearl os chamava, era bem assustador. Mas ela nunca havia me convidado para sair em público. É claro que eu não ia dizer não.

— A Brit jura que vocês vão se casar.

Nada!

— Droga, Thompson. — Ele riu. *Meu Deus!* Por que a Brit não discutia essas especulações ridículas só comigo? — Desde quando você e a Brit são amiguinhos? — perguntei, o que o fez ficar quieto bem depressa. Eles tiveram uma briga no colégio, quando ela preferiu o irmão mais novo de Randy. Naquela época, Brit ia onde a maconha estava. Metanfetamina não era a praia dela, e ela não queria nem saber disso, o que significava que também não queria mais andar com Randy.

— Ela passou na loja uma ou duas vezes depois que saí da cadeia. — Thompson substituiu a bola branca e encaçapou mais duas antes da bola oito. — Bom saber como posso ganhar de você

no bilhar... Finalmente, cara. É só falar a palavra “casamento”, e você desaba como se eu tivesse dado um chute no seu traseiro.

Peguei o triângulo para ajeitar as bolas. A palavra não me abalava quando se relacionava a Pearl, exceto pela total impossibilidade de algum dia eu ser bom o bastante para fazer dela minha mulher.

PEARL

— Muita gente está *fora de casa e na faculdade* quando faz vinte e um anos, mãe. Eu sou formada.

Ela torceu as mãos.

— Sei disso, *mija*. Só me preocupo com a sua segurança. Está me dizendo que vai sair para beber... não combina com você.

Eu suspirei. Não costumava beber até ficar bêbada, era verdade, mas também não era totalmente abstinência. Mesmo que o álcool não houvesse tido um papel de destaque na minha experiência universitária, eu tinha ido a muitas festas e enfrentado minha cota de ressacas. Não que fosse contar isso a ela.

— O Boyce vai cuidar de mim. — Levantei a mão esquerda e coloquei a direita sobre um exemplar da revista *Better Homes and*

Gardens na mesinha de centro. — Nada de coma alcoólico. Nada de dirigir bêbada.

Ela travou o maxilar.

— O que é?

— E *ele*? De que adianta você prometer que não vai dirigir bêbada, se *ele* pode fazer isso?

Caramba.

— Ele não vai. A ideia foi dele, mãe. O Boyce prometeu ser o motorista da noite, e não tem ninguém em quem eu confie mais.

— Sei. — Ela ergueu uma sobrancelha olhando para mim, mas depois piscou e entreabriu os lábios, os olhos escuros ainda cravados em meu rosto. — O que aconteceu entre você e esse garoto nas últimas semanas, Pearl?

Estava cansada de negar quanto Boyce era importante para mim. Não tinha motivo para esconder, não mais. Não depois de morar com ele. Não quando ele estava indo embora, talvez para sempre.

— Não foram só nas últimas semanas, mãe. Boyce e eu somos amigos próximos faz muito tempo. — Amigos próximos que viveram momentos na cama dele, momentos que ainda me faziam tremer quando eu lembrava. — Confio nele completamente. E você pode confiar também. Vou chegar em casa bêbada, provavelmente, mas vou chegar. — “Em segurança”, ele havia dito.

— Ele parece ser um rapaz decente — Thomas opinou. — Tem cuidado da oficina sozinho desde que o pai morreu, não é?

— Desde que o pai ficou doente, alguns anos atrás. E já cuidava de boa parte do serviço quando a gente estava no colégio.

— A oficina agora é dele? — Thomas levava a Mercedes da minha mãe e o Nissan dele para a concessionária em Corpus quando os carros precisavam de manutenção. Nunca havia usado os serviços de um mecânico da ilha.

— Não. Os pais dele não tinham se divorciado, e tem um testamento deixando tudo para a mãe dele. A oficina, o trailer, *tudo* é dela agora. A mulher abandonou Boyce e o irmão dele, que morreu no Iraque logo depois do Boyce começar o colégio, com um pai abusivo e alcoólatra. Não estou dizendo que ela não devia ter

fugido dele, e o Boyce também não culpa a mãe por isso, mas ele tinha *sete* anos! Como ela teve coragem de *deixar* o filho?

Minha mãe não disse nada, mas apertou os lábios com tanta força que eles perderam a cor, e as mãos estavam fechadas. Ela havia saído de casa e abandonado tudo que conhecia para se proteger e me proteger antes mesmo de eu ter nascido. Eu a vi recusar tudo que Thomas oferecia até ele anunciar a intenção de me adotar, até jurar que ia me amar e cuidar de mim como se eu fosse filha dele.

Thomas franziu o cenho.

— Eu lembro quando o irmão dele morreu. Brent Wynn. O herói da cidade... ele recebeu uma condecoração póstuma por bravura, acho. Não sabia sobre o pai deles. Boyce vai trabalhar para a mãe, então?

Balancei a cabeça.

— Achamos que ela só quer o dinheiro que a oficina pode render. Ele construiu aquele lugar e transformou no que é agora, certo de que seria dele. O Boyce é orgulhoso e forte, e sobreviveu a situações que eu não consigo nem pensar. Agora ele está perdendo a única coisa que considera importante: aquela oficina. Provavelmente vai conseguir um emprego de mecânico, mas não aqui. Ele não vai conseguir ficar e ver a mãe destruir tudo que ele fez.

Puxei um fio solto na saia para esconder a tristeza que sentia por pensar em Boyce indo embora. Quando ele plantasse suas raízes em outro lugar, um abismo começaria a se formar entre nós. Era inevitável. Não haveria mais nada para ele aqui.



La Playa era um lugar sempre cheio, mas às sextas-feiras a quantidade de gente era impressionante. Era comum haver tantas pessoas esperando por mesa quanto comendo, mas o proprietário era um dos muitos clientes satisfeitos de Boyce. Em menos de vinte minutos, ele nos acomodou em algumas mesas que juntou para atender dez pessoas.

Apresentei Boyce como meu melhor amigo.

— Ele se ofereceu generosamente para dirigir hoje à noite e me levar de volta pra casa com segurança, o que significa que vocês podem beber sem se preocuparem com isso — acrescentei. Todo mundo riu, e algumas pessoas disseram “valeu, cara”. — Primeira rodada de margaritas por minha conta! E seu chá gelado também, sr. Wynn — eu disse, batendo o ombro no braço firme.

Assim que o garçom serviu as bebidas, os cestos de chips e as tigelas de salsa, alguém fez a pergunta inevitável:

— E aí, Boyce, o que você faz?

Kyle não era mau, mas às vezes era um elitista intelectual. Ele ainda estava aprendendo a não fazer comentários discriminativos sobre “o povo local” na minha frente.

— Sou mecânico — respondeu Boyce. A mão direita descansava fechada sobre a coxa. Fora esse detalhe, ele parecia totalmente relaxado.

— Ah. — Kyle olhou para mim. — Legal. — Seu tom tinha uma nota de superioridade. Boyce não dava a mínima para isso, nunca deu.

— Onde você trabalha? — quis saber Shanice, piscando os grandes olhos escuros para ele enquanto enrolava uma mecha de cabelo no dedo, uma coisa que sempre imaginei que alunas de um curso de doutorado eram incapazes de fazer. *Errado!* — Tenho certeza que meu Pontiac velhinho vai precisar de socorro durante os próximos anos. É bom saber quem pode manter o carro andando.

— Sim, também quero saber! — Milla exclamou, deixando os olhos azuis passearem pelo peito e pelos braços de Boyce.

A camiseta verde-escura era suficientemente justa para exibir os músculos definidos. Torci para o rosnado que se formava em minha garganta não sair de lá. Eu não tinha uma boa justificativa para a

reação de defesa de território. *Ah, é?* Meu cérebro projetou imagens de Boyce em cima de mim na escuridão, aquele peito e aqueles braços acariciados por minhas mãos. *Droga!*

Gustavo apoiou um braço sobre o encosto da cadeira de Milla e fechou a cara. Eles estavam juntos havia duas semanas, e o restante da turma apostava como *aquilo* ia acabar. A previsão era de *encrenca*.

Lutando contra o impulso de anunciar publicamente a posse do homem ao meu lado de todas as maneiras inaceitáveis, entendi o que Gustavo sentia. Eu não tinha nada contra Shanice e Milla... mas, naquele momento, queria bater a cabeça de uma contra a outra.

— Oficina Wynn's — Boyce respondeu.

— Mas seu sobrenome é Wynn... não é? — perguntou Kaameh.
— A oficina é sua então?

Eu raramente via Kaameh, porque ela dedicava todo o tempo para a sua dissertação e era assistente de pesquisa do dr. Kent, o professor cuja pesquisa patrocinada tratava de derramamentos de óleo e seus efeitos nos habitats marinhos biodiversos da Costa do Golfo. Eu esperava ficar com o lugar dela quando voltasse de Austin.

Boyce ficou tenso, mas exibiu um sorriso fino.

— Na verdade, a oficina é da minha mãe.

Ela ergueu as sobrancelhas e devolveu o sorriso.

— Sua mãe também trabalha com mecânica?

Ele se remexeu na cadeira, e torci para meus colegas pararem com o interrogatório.

— Não. Meu pai morreu recentemente, e ela herdou a oficina. Eu faço todos os consertos e administro o negócio.

— Ah... sinto muito por sua perda. Por favor, me desculpa, não devia estar bisbilhotando. Sua mãe tem sorte por ter um filho responsável pra cuidar de tudo.

Ele assentiu e não disse nada.

— E conhece a Pearl desde que ela nasceu? — Mahlik, que estava sentado do meu outro lado, perguntou.

Boyce sorriu.

— Quase isso.

— Cara... ela *sempre* foi desastrada? — ele quis saber. Todo mundo riu, e eu escondi o rosto entre as mãos... e derrubei o copo de margarita, que ainda estava pela metade.

— Pearl, desajeitada? — Boyce riu, limpando rapidamente a bebida com um guardanapo antes de ela escorrer pela mesa e molhar minha roupa. — Não, cara. De jeito nenhum.



Eu sentia a cama embaixo de mim, mas o quarto girava. Boyce havia tirado minhas botas e estava sentado ao meu lado no escuro, afastando o cabelo do meu rosto.

— Fica — choraminguei, estendendo os braços e abrindo e fechando as mãos como um bebê pedindo colo. — Não estou com sono.

Ele riu baixinho.

— Vai dormir a qualquer momento, amorzinho. Você chapou.

— Está me chamando de bêbada ordinária, Boyce Wynn?

— Não, senhora. Eu nunca te chamaria assim.

Fiz um biquinho e tentei parecer sexy, e ele mordeu o lábio inferior, coisa que fazia quando queria rir e tentava se controlar. Eu adorava aquele lábio cheio, queria dar uma lambida nele.

— Que bom — respondi. — Você é bom. Não, é mais que bom. É um *amor*.

A luz da lua entrava pela minha janela grande aberta, e eu vi aquela boca generosa, o branco dos dentes e a curva suave dos lábios. A risada que ele tentava segurar escapou.

— Um amor? Eu? Agora *sei* que chapou de verdade! — Ele se debruçou sobre mim, as mãos ao lado dos meus ombros, me aprisionando entre elas.

— Não, não, não, você é! É sim. Você é *muito* amor. Por isso que eu te amo.



Minha cabeça latejava como se um vizinho barulhento morasse do outro lado da cabeceira da cama e tocasse baixo encostado na parede. Pouco provável, porque o que havia do outro lado era o quarto de hóspedes, que estava vazio. Aquela batida pulsante era interna. *Ai*.

Por sorte, alguém havia fechado a cortina, porque meus olhos ainda não estavam preparados para enfrentar a luz radiante de um dia de verão. Explodiriam em chamas. Virei para a parede, movendo o corpo bem devagar, mas metade de mim demorou para entender e acompanhar o movimento, as pernas moles e o cérebro solto dentro do crânio, sacudindo de um lado para o outro antes de se acomodar na nova posição.

Agora eu lembrava. *Boyce* fechou as cortinas antes de ir embora. Cuidou de mim como havia prometido, me levou para casa. E me carregou para o quarto, me pôs na cama. Ele era muito, muito amorzinho.

Abri os olhos. Não. *Não!* Respirando devagar, fechei os olhos e me concentrei tentando lembrar, fiz tanto esforço que chegou a doer.

Por isso que eu te amo.

23

BOYCE

No começo da semana eu havia mudado o horário de atendimento da oficina na placa que ficava na porta da frente e no site. Não havia mais expediente oficial aos sábados, embora eu estivesse lá às nove da manhã do sábado seguinte fazendo uma troca de motor. Um dos meus clientes havia decidido que seu carro compacto podia atravessar um alagamento raso em uma estrada e acabou descobrindo que o trecho era quase um metro mais profundo do que ele imaginara.

Quando o guincho deixou o automóvel na oficina na terça-feira, eu o levantei no elevador hidráulico para Sam poder dar uma olhada no estrago que um pouco de água podia causar quando aspirada pelo escapamento.

— Caramba — ela comentou. — Esse idiota se ferrou. — Sam não tinha paciência para burrice, e eu concordava com ela.

Odiava fazer esse tipo de orçamento, mas aprendi que é melhor cuspir os fatos e deixar as pessoas lidarem com eles como podiam.

— Então, Bobby, seu motor travou por causa da água.

— Isso é grave? — ele perguntou.

— Bom, é... bem grave. — Expliquei que não faria nada enquanto ele não autorizasse, porque iria custar mil dólares, pelo menos. O coitado quase chorou quando ligou de volta autorizando o conserto. Provavelmente passaria o resto da vida desviando até de poça d'água.

Diagnóstico exige concentração. Fazer o trabalho, nem tanto. Minha mente estava livre para ruminar tudo que tinha acontecido na noite passada, e era muita coisa para ser ponderada.

Pearl me recebeu na porta usando uma minissaia jeans de encher a boca de água e botas. Uma camiseta branca meio torcida em volta do corpo e amarrada nas costas praticamente acabou comigo. Vi aquele laço na parte de baixo das costas quando ela virou para se despedir da mãe — e durante a noite toda. Cada vez que minha mão tocava nele, eu tinha de varrer da cabeça a ideia de dar um puxão ali e desembrulhar a Pearl como um doce açucarado que ia derreter na minha boca.

Os amigos dela variavam entre toleráveis e bem legais. Durante o jantar, eles conversaram um pouco sobre assuntos científicos que

eu não consegui acompanhar, mas depois de alguns drinques começaram a contar histórias sobre deslizos no laboratório, pesquisas de campo e fofoca. Passamos por vários bares num raio de três quarteirões. O segundo era um karaokê que eu evitava a todo custo, porque não cantava e não queria ouvir outros pobres coitados que também não sabiam cantar, mas achavam que sim. Mas a festa não era minha, então sorri e concordei. Àquela altura todo mundo me tratava como se eu fizesse parte do grupo, exceto um babaca que estava a fim da Pearl, embora ela não percebesse. *Kyle* testou os limites da minha paciência a noite toda.

Quando ele agarrou a mão dela e a arrastou para o palco para cantar um dueto, a única coisa que me impediu de abrir o queixo do cara com um soco foi o fato de eu ser “o melhor amigo” e ter prometido cuidar dela, não espancar seus amigos. Mas ele não conseguiu cantar nada, e ela cantou as partes dele também, apesar da voz meio pastosa, e cantou olhando para mim, não para ele, como as pessoas faziam durante os duetos. A vontade de limpar o chão com a cara dele diminuiu um pouco, e eu não desviei os olhos do rosto de Pearl enquanto ela cantava para mim palavras que eu queria que fossem sérias.

Sua colega mais velha, Kaameh, olhava para nós dois, mas continuei sério e fingi não notar que ela estudava minha reação. Estava perto do insuportável, quando eu queria subir naquele palco, pegar Pearl no colo, levá-la embora dali pela porta do fundo e empurrá-la contra a parede lá fora. Queria desamarrar e desenrolar aquela camiseta branca até soltá-la, levantar a saia minúscula o suficiente para enfiar as mãos embaixo dela, e pedir para Pearl me enlaçar com as pernas, com botas e tudo. Queria beijar a boca de Pearl até que ela não conseguisse mais raciocinar. Até eu não poder mais pensar. O que não demoraria mais que dois segundos, com aquela boca embaixo da minha.

No terceiro bar, Pearl estava mais bêbada do que jamais a tinha visto. Eu não devia ter gostado, mas droga, eu gostava. Ela ria e se apoiava em mim e repetia:

— Oiiii, Boyce.

E me puxou para a pista para dançar, coisa que eu não gostava de fazer até estar lá com ela. Sob a luz de um globo, dançamos Lonestar e Green River Ordinance, e ela pirou com uma boy band cujo nome, felizmente, eu nem sabia, enquanto eu a segurava para mantê-la em pé.

No fim da noite, quando a levei para casa, ela se encolheu no banco do passageiro com um sorriso bobo no rosto e adormeceu. Eu a carreguei até a porta da casa, e o padrasto dela me deixou entrar, rindo ao ouvir os roncos de Pearl, e me mostrou como chegar ao quarto. Não demonstrei que já conhecia o caminho e que lembrava exatamente onde ficava o quarto.

— Pelo visto ela se divertiu bastante — o padrasto comentou.

— Com certeza. Talvez se arrependa um pouco amanhã, mas hoje ela se divertiu muito.

Pearl acordou quando a pus na cama. Tirei suas botas, deixando-as fora do caminho e puxei a lixeira para perto da cama. Queria ajudá-la a tirar a saia e a camiseta, que não eram nada confortáveis para dormir, mas sabia que não era uma atitude aconselhável, considerando que os pais dela estavam do outro lado do corredor me esperando para ir embora.

Então ela disse que eu era um amor, algo típico de gente bêbada. “Por isso que eu te amo”, acrescentou antes de dormir de novo, e tudo se embaralhou e congelou. O coração no meu peito, a respiração nos pulmões, os pensamentos na cabeça.

Saí atordoado, percorri o corredor e descii a escada cambaleando como se eu tivesse me encharcado de margaritas e todas as outras doses possíveis.

Antes que eu conseguisse alcançar a porta da frente, o dr. Frank veio da cozinha e pôs uma garrafa de água na minha mão.

— Achei que fosse querer se reidratar antes de dirigir. E sei que é tarde, mas queria fazer umas perguntas sobre a oficina, se tiver uns minutos.

Ainda atordoado, resmunguei:

— Hum, claro. — E o acompanhei até a cozinha. Passamos pela mesa e fomos sentar nas banquetas perto do balcão de granito como se fôssemos só dois caras conversando, não eu e o padrasto

de Pearl às quase três horas da manhã. Tirei a tampa da garrafa e bebi metade da água.

Por isso que eu te amo.

O dr. Frank uniu as mãos sobre o balcão, apontando os indicadores para mim enquanto falava.

— A Pearl contou que sua mãe herdou a oficina e que ela quer vendê-la. Isso é verdade?

Assenti uma vez, ainda tonto com a declaração e com Pearl. Ela tinha falado sério?

— Sim, senhor, ela só está esperando a transferência oficial.

— Já fizeram uma avaliação da empresa? Sabem quanto a oficina vale funcionando e quanto valeria se fosse encerrada e vendida com ferramentas e equipamentos?

Encerrada e vendida. Aquilo me trouxe de volta à realidade. Eu não ia ficar para ver isso acontecer, nem queria discutir a probabilidade.

— Entreguei os balancetes para o sr. Amos, o advogado dela, mas tenho uma boa ideia dos valores, porque cuidei da contabilidade nos últimos dois anos.

Ele coçou o queixo e disse:

— A probabilidade de sua mãe encontrar alguém que queira arrendar a oficina sem você no comando é baixa. É mais provável que ela desmonte e venda tudo, acho.

O que significava *encerrar*. Sim. Entendi.

— Acho que sim — respondi. Gostava do dr. Frank com base no que Pearl sentia por ele, mas não dava para aguentar muito tempo essa merda de esfregar sal na ferida.

— Então ela pode vender tudo do jeito que está: prédio, equipamentos e ferramentas, tudo para uma só pessoa. — Ele fez a afirmação como se colocasse as cartas na mesa e esperasse para ver como a jogada iria me fazer reagir.

— Pra *você*?

— Pode ser. Estou sempre procurando investimentos, especialmente aqui na ilha, em particular nas empresas locais. É bom para mim e para o meu consultório que este lugar preserve a imagem de cidadezinha tranquila. E você, como principal funcionário,

teria que participar da negociação e do acordo. Seria uma transação associada. Se você não topa, não me interessa.

— Está sugerindo... comprar a Oficina Wynn's e me contratar como seu funcionário?

— Estou plantando a ideia na sua cabeça. Provavelmente não temos muito tempo, mas temos alguns dias. Pense nisso. Se estiver interessado, eu mando meu contador entrar em contato com o advogado da sua mãe e dar uma olhada nos números. Existem algumas coisas que devem ser verificadas antes de qualquer negócio, sabe? Seja um acordo verbal ou com papel assinado.

Voltei para casa em estado de choque, tão despreparado para o próximo golpe da noite quanto havia estado para os dois primeiros.



Eu havia acabado de dormir quando ouvi uma voz furiosa, *masculina*, que parecia soar dentro do trailer. Peguei o bastão de madeira embaixo da minha cama, abri a porta do quarto e ouvi a voz da minha mãe igualmente alterada, depois o estalo de uma bofetada.

Sem pensar duas vezes, corri para o espaço entre os quartos e arrombei a porta do quarto dela, que estava trancada. Um homem que eu nunca tinha visto antes a segurava pelos ombros.

— Parado! — gritei, erguendo o bastão, então ele a soltou e se virou com as mãos levantadas como se eu fosse da polícia.

— Quer merda é essa, Ruthanne? — ele gritou com os olhos arregalados. — Que *porra* é essa?

A luz estava acesa no quarto, por isso vi nitidamente a marca de mão no rosto dela.

— Quem é você? — perguntei, segurando o bastão sobre o ombro, pronto para acertar a cabeça dele se preciso. Eu pesava pelo menos trinta quilos a mais que o cara. A menos que estivesse armado e fosse rápido, eu acabaria com ele antes que conseguisse contar até dez.

— Eu disse que morava com meu filho — minha mãe falou, o peito arfando. Depois ajeitou o penhoar que usava a maior parte do dia, todo dia, e amarrou o cinto com mais força.

— Pensei que fosse uma criança. — Ele apontou para mim. — Isso não é uma criança!

— Não brinca! — ela disparou, a mão na cintura. — Melhor não levantar mais a mão pra mim.

Ele ficou me olhando, depois passou uma das mãos pelo cabelo fino, grisalho. Tinha a impressão de que era uma década mais novo que minha mãe, mas isso não fazia dele grande coisa. O cara tinha o mesmo olhar chapado do Thompson quando ele foi mandado para Jester, era magro e flácido, sem nenhum tônus muscular.

— Por que ele mora aqui, Ruthanne? — ele choramingou. — Pensei que a casa fosse sua.

— Ele cuida da oficina, Riley.

— E daí? Você vai vender de qualquer jeito. Ele tem que ir embora. — O cara me encarou, eu encarei de volta.

Minha mãe olhou para mim.

— Temos um acordo. Ele me dá o dinheiro que a oficina rende toda semana, e eu deixo a *namoradinha* dele morar aqui por mais um mês.

Segurei o bastão com mais força, rangi os dentes e tentei respirar normalmente, enquanto corpo e mente me induziam a atacar tudo e todos com o bastão, sem pensar nas consequências.

— A Pearl foi embora — falei. *Graças a Deus*. — E eu posso ir amanhã. Posso ir daqui dez minutos. Nesse caso, você se responsabiliza pelos carros que não terminei de arrumar, paga as contas no fim do mês, cuida da contabilidade e da avaliação da

porra toda, porque não passo de uma merda de *empregado* sem nenhum compromisso com nada disso.

— Merda — Riley resmungou abaixando as mãos, mas deixando onde eu as conseguia ver. Não abaixei o bastão. — Quando vamos ter a droga do dinheiro, Ruthanne?

— Quando eu vender essa porcaria, exatamente como já te disse. — E abriu as mãos. — Devia ter ficado em Amarillo, em vez de largar seu emprego e...

— Não preciso de você me dizendo o que fazer, mulher! — Ele apontou um dedo e deu um passo na direção da minha mãe, mas parou quando eu também dei um passo, o bastão pronto para colocá-lo para dormir até a próxima semana. De olhos bem abertos, ele virou e apontou o dedo para mim. — *Porra*, Júnior, é melhor ficar longe de mim.

Que maravilha, minha mãe tinha escolhido outro vencedor.

Levantei uma sobancelha.

— Ou vai fazer o quê? Sou eu que estou com o bastão, babaca.

Eu *não precisava* daquela merda. Nada me impedia de voltar para o quarto, jogar tudo que eu tinha no TA e sair da cidade deixando uma nuvem de fumaça para trás. Há muitas vantagens em um futuro vazio, desligado do passado. Mas e se eu não quisesse me desligar do passado? Se eu fosse embora, a oportunidade que o dr. Frank havia acenado para mim desapareceria, e eu nunca saberia se Pearl tinha falado a verdade.

— Vou voltar para a cama. Preciso trabalhar amanhã, e começo daqui a cinco horas. Portanto, se estão planejando se matar, não façam barulho.

Na hora do almoço eu terminei o motor do carro do Bobby. Ainda não havia falado com Pearl, mas tinha certeza de que ela estava amaldiçoando a existência do álcool. Provavelmente nunca se lembraria do que me falou, mas eu nunca esqueceria.

PEARL

Com o cérebro balançando e o estômago ameaçando saltar para fora a cada movimento repentino, fiquei na cama até meio-dia, calculando as chances de Boyce ter interpretado minha declaração de bêbada como uma bobagem sem sentido. E se eu queria que ele chegasse a essa conclusão.

Depois de tirar a roupa da noite anterior, que não era mais tão legal com aquele cheiro de cigarro, cerveja e suor, vesti uma camiseta enorme, escovei os dentes para melhorar um pouco o gosto de tapete na boca e preendi o cabelo em um coque antes de descer a escada devagar, um passo lento de cada vez, agarrando o corrimão até meus pés tocarem o piso frio de mármore no andar de baixo. Minha mãe havia deixado um bilhete ao lado do cesto de muffins de blueberry ainda quentes. Ela e Thomas tinham ido para Corpus almoçar e resolver algumas coisas.

Tux ronronou, se enroscou em minhas pernas até eu lhe dar um blueberry bem gordo, que ele comeu. Minha mãe sempre dizia que ele era tão mimado que não sobreviveria na rua. Eu não tinha tanta certeza, porque o gato comia qualquer coisa. Em contrapartida, macarrão e queijo não nasciam em árvores.

Beliscando meu muffin e esperando o café ficar pronto, dei uma olhada nas fotos da noite anterior que meus colegas postaram no Instagram. Boyce estava em várias e, meu Deus, que coisa linda. Sempre achei que ele era gato, mas ultimamente meus olhos amavam tudo nele, cada coisinha, como se eu não o visse mais pelas mesmas lentes.

Kaameh postou uma foto de nós dois dançando: Boyce rindo para mim, uma das mãos na minha cintura, os dedos tocando o laço

que mantinha minha camiseta amarrada, e eu na ponta dos pés, sorrindo para ele, o cabelo caindo em ondas sobre minhas costas.

Houve um momento da noite em que ele me perguntou:

— E aí, o que acontece se eu puxar a ponta desse laço nas suas costas e te girar?

Adorando a sensação do hálito quente em minha orelha e o contato da barba por fazer roçando meu rosto, mordi o lábio para segurar a risada. Estava bêbada de álcool e de Boyce Wynn, uma combinação perigosa.

— Vai descobrir o que *não* estou usando embaixo desta camiseta.

Os olhos dele queimavam como fogo verde, e eu sabia que, se estivéssemos sozinhos, eu estaria girando como um pião.

— Hum-hum — ele disse.

Olhei para a foto, e uma corrente elétrica me atingiu em cheio, como se ele estivesse na minha cozinha, com as mãos em mim, me incentivando a derreter sob seu toque firme.

Obrigada por ter cuidado
de mim ontem à noite.
Sobrevivi. Quase inteira.

Não foi nada. Sentiu os efeitos hoje?

AH! Meu cérebro ficou
soluçando e perguntando

se a gente ia morrer.
Ainda bem que pedi folga
hoje. Teria passado o dia
com a cara no teclado.
Entre nos 21 com tudo.

Bom, não foi bem assim.
:-/

Estou engolindo várias piadinhas por pena
da sua incapacidade de responder...

Caramba, obrigada.

Arrependida?

Nem um pouco.

Que bom.

Nenhum arrependimento.

Não era mentira se eu pensasse na noite passada. Não era totalmente verdade se eu pensasse na duração e na amplitude do meu relacionamento com Boyce. Harriet Beecher Stowe escreveu: “As lágrimas mais amargas derramadas sobre um túmulo são aquelas choradas por palavras que não foram ditas e por coisas que não foram feitas”. Naquela noite na praia, anos atrás, quando vi uma garota esparramada no colo do Boyce, a única coisa que registrei foi o sentimento de traição. E, logo depois daquele golpe, eu me senti uma idiota. Nunca parei para pensar se devia ter ficado e me posicionado. Se devia ter cobrado que ele me tratasse como alguém além de um lance. Se eu significava algo mais.

Pearl Torres Frank sempre fazia o que era mais sensato, e aceitar as coisas como eram em vez de contrariar aquela conclusão tão previsível e expor meu coração ingênuo e a verdade nele parecia ser a coisa mais inteligente. Mas deixar as palavras não ditas — “eu queria ser a única” — também era uma atitude covarde. Meu único momento de arrependimento em vinte e um anos de vida.

24

BOYCE

Pela primeira vez em muito tempo, eu estava preocupado com algo que não podia dividir com Pearl. Depois do jantar de domingo na casa de Mateo, a esposa dele, Yvette, se trancou no banheiro para um banho de espuma com um livro com um cara quase nu na capa, um sujeito cujos músculos do peito e do abdome gritavam: “Construí tudo isso passando a maior parte do tempo na academia. Na verdade, não tenho tempo para cuidar de uma empresa de um bilhão de dólares e transar com alguém por mais de, talvez, quinze minutos”.

Havia notado Pearl enfiando aquele mesmo livro embaixo da pilha de folhas de fichário na ponta do sofá antes da noite da tempestade.

— Sua mulher lê essas coisas? — perguntei, pegando o livro do balcão.

Yvette o arrancou da minha mão e revirou os olhos.

— Mais tarde, derrotado — disse, e os filhos dela deram risada.

— Confia em mim, cara. Ela lê essas coisas, e isso é *bom pra mim* — disse Vega.

— Hum — respondi, arquivando a informação para mais tarde.

Vega e eu fomos sentar na varanda com meia dúzia de cervejas e um maço de Camels, enquanto os meninos brincavam no forte de dois andares que havíamos construído no quintal no verão passado, e eu lhe contava os detalhes da proposta de Thomas Frank.

— Nunca ouvi nada de ruim sobre o cara — ele disse. — Mas aquela oficina devia ser *sua*, Wynn. Está passando de *proprietário* a empregado.

Dei uma tragada enquanto via os meninos se revezando para descer de cabeça pelo escorregador.

— Não posso fazer nada quanto a isso, cara. Sim, é horrível, mas o sr. Amos diz que ela teria ficado com a metade de tudo quinze anos atrás, se tivessem se divorciado, porque a lei determina que seja assim, e talvez ele tivesse que vender a oficina nesse caso, para dar a parte dela. Não sei. O que tá feito, tá feito. Não vou piorar ainda mais as coisas, sabe?

— Entendi. — Ele parou para beber um gole de cerveja e gritar com Arturo por jogar pedras por cima da cerca para o quintal do

vizinho.

— E o trailer... teria que... *alugar* aquilo?

— Não sei. Nem faço ideia.

Um dos meninos passou correndo por nós, o outro atrás dele com uma pistola de água do tamanho do meu braço.

— *Ai, merda* — Vega resmungou um segundo antes de ser atingido no rosto por um jato de água e derrubar a lata de cerveja. Ele pulou da cadeira, arrancou a pistola da mão do filho e saiu correndo atrás dos dois, que gritavam como se estivessem sendo perseguidos pelo cara de *Jogos Mortais*.

Olhando para eles, lembrei quando ficamos sabendo que Yvette estava grávida. Eles discutiam o fato de Mateo, depois de estar formado no colégio, ter como principais atividades tocar bateria em uma banda que tinha pouca ambição e menos talento, fumar maconha e jogar *Gears of War* quando estava chapado. Então, um dia, ela anunciou que estava grávida, rompeu com ele e se mudou para San Antonio, indo morar com a irmã mais velha, porque os pais eram muito religiosos e morriam de medo de ela não conseguir lidar com tudo isso. Sentados no sofá da casa dos pais dela com o controle do jogo na mão, ficamos olhando para ela.

— Eles me obrigaram a contar, considere-se informado — ela falou com as mãos fechadas apoiadas na cintura. — Mas você é uma criança, e uma criança não pode criar outra criança. Chega, Mateo. — A voz dela tremeu. — Cansei. — Ela saiu chorando. Dois minutos mais tarde, Mateo recuperou a capacidade de ação e correu atrás de Yvette. Eles eram vizinhos, sempre haviam morado a duas casas de distância um do outro.

Na semana seguinte, Mateo desistiu da banda e arrumou um emprego, amadureceu como ninguém mais que eu conhecia. Quando descobriram que ela esperava gêmeos, perguntei por que ele não aproveitou a chance de escapar de tudo aquilo.

— Os bebês e a paternidade quase me mataram de medo, mas pensei em como ela devia estar com medo também, sabe? E ela estava envolvida com tudo aquilo. E eu só quis me envolver com ela também.

Eu agora me perguntava se alguma coisa podia acontecer com Pearl e me apavorar: esperar mais quinze anos, ou ver o nome dela com um “doutora” na frente dele e um “Ph.D.” depois, ou um bebê, ou a promessa de amá-la e respeitá-la, ou ela precisar de mim *para tudo*.

Nada. *Nada* me apavorava como a ideia de perdê-la. O que significava que eu tinha de fazer tudo que pudesse para que isso não acontecesse.

PEARL

Eu mal tive tempo para sentar na sala de aula na segunda-feira antes de Shanice, Milla e Chase me cercarem.

— Então, e o *Boyce*?— disse Shanice.

Nunca fui capaz de esconder as emoções quando era interrogada sobre alguma coisa que ainda não havia entendido, e Boyce era uma desastrosa confusão para mim. Senti o desejo se estampar em meu rosto antes que eu pudesse escondê-lo. Eu estava acostumada a vê-lo todos os dias, e, morando novamente em casa havia uma semana, só o tinha visto uma vez, o que aconteceu na companhia de oito colegas... e agora três deles estavam na minha

frente analisando minhas sobrancelhas erguidas (eu as abaixei), minhas mãos agitadas (que escondi embaixo da mesa) e minha voz aguda, inocente, mas não muito (jurei ficar em silêncio depois de esganiçar “o que tem ele?”).

Elas se entreolharam.

— Eu falei — Chase comentou. Se lembro bem, ela pegou um cara no karaokê e o arrastou com a gente para o outro bar. Shanice fez a mesma coisa. Minhas colegas se esforçavam muito para terminar o doutorado em um lugar onde muita gente ia passar as férias. — Ela tá a fim dele, *definitivamente*. Você falou o nome, e juro que as pupilas dela dilataram.

Pupilas! *Droga*. Comprimi os lábios e fiz uma cara indiferente.

— Ele vai embora da cidade logo.

— Mas ele disse que cuida da oficina da mãe — Shanice lembrou. — Eu não estava brincando quando falei do meu Pontiac. Aquela coisa não está gostando da umidade daqui. Engasga toda vez que eu ligo. Além do mais, você está aqui, e ele não parecia querer ir a lugar nenhum.

— A mãe dele vai vender a oficina. E ele... vai embora. — Quando saíram da minha boca, as palavras se tornaram reais. E me pressionaram até acabar com aquela farsa de “estou bem e inteira, e não é tão importante”. Não consegui amenizar a queda, e pela primeira vez eu nem queria evitá-la.

— Você vai ficar bem? — Milla perguntou com uma ruga entre as sobrancelhas.

— Não sei — respondi.

Não, pensei. Não vou.

25

BOYCE

Na quarta-feira, Sam avisou que precisava sair mais cedo porque tinha consulta com a terapeuta, o que ela jurava ser uma completa perda de tempo e energia.

— Meu pai nem escuta o que eu quero — ela reclamou, cruzando os braços e franzindo a testa como os filhos do Vega faziam quando viam alguma coisa verde no prato.

— Pelo menos ela receita alguma droga?

Mais careta do que sugeria a atitude durona, ela ficou de queixo caído e olhos arregalados. Quando ri da incredulidade em sua expressão, ela retomou a habitual cara de brava.

— Só uso drogas quando preciso delas — disse, e o comentário transbordou informações como estilhaços.

Eu pesquisei o que era espinha bífida na internet. Sam havia contado a Pearl sobre o diagnóstico dela em uma das interações tipo: “Olha só como eu troco uma vela”. Fiquei mais impressionado com a tenacidade de Sam diante daquilo do que deixei transparecer, principalmente porque, provavelmente, ela jogaria uma ferramenta na minha cabeça e diria que não precisava de *porcaria de piedade nenhuma*.

— *Você* usa drogas? — ela perguntou.

Peguei a bateria que ela havia acabado de tirar do carro.

— Usava quando tinha a sua idade. — Achei melhor não contar que não usava drogas apenas quando tinha a idade dela, ou que *agora* ainda fumava um baseado de vez em quando.

— Deve achar que sou careta por pensar que droga é medicamento, não uma coisa que a gente usa *pra se divertir*.

Devagar, menina!

— Não. — Dei de ombros enquanto abria a caixa da bateria nova. — Eu era um babaca quando tinha dezesseis anos. Dei risada porque você parece um hamster quando fica chocada. Você está certa sobre não se divertir com drogas.

Ela sorriu, sinal de que a analogia com o hamster era aceitável.

Pus a bateria nova no lugar.

— Tem alguns minutos antes do seu pai chegar. Prende essa coisa.

Depois de o sr. Adams levar a Sam embora, virei a placa de “Fechado”, tranquei a porta e fui tomar um banho, ignorando minha mãe e *Riley*, que havia decidido não cumprir minha regra de “não fumar lá dentro”, já que eu não era o dono da casa. Dizer essas bobagens o divertia muito, por isso parei de falar com ele e de ouvir o que ele dizia. Fazia cinco dias que eles dormiam na cama que comprei para a Pearl, ocupavam o quarto que pintei para a Pearl, e passavam o dia inteiro no sofá vendo televisão, bebendo minha cerveja e brigando entre eles.

Não via Pearl desde a noite de sexta-feira, ou manhã de sábado. Trocamos algumas mensagens e nos falamos duas vezes por telefone. No começo da semana ela me avisou que estava tudo bem depois de termos esquecido a camisinha.

— Ah, que bom. *Ufa* — falei. Mas pensei: *Droga*. Não falei nada, porque era evidente que ela *não* compartilhava dessa reação.

Sei que Pearl ficou confusa quando disse que não podia ir vê-la, mas culpei a chegada de Riley e a necessidade de começar a arrumar algumas coisas na oficina. Nenhuma das desculpas era mentira. Eu não ia permitir que ela chegasse perto daquele cretino, e precisava mesmo resolver algumas coisas sérias antes de vê-la outra vez.

— Não vai embora sem me ver, vai? — ela perguntou ontem à noite.

— De jeito nenhum.

Ouvi o suspiro do outro lado da linha e quase desmoronei. Queria conversar com ela sobre a oferta do padrasto, mas não podia. Não ia tocar no assunto enquanto não tivesse nada para dizer. Enquanto não removesse o obstáculo que havia entre nós. Até lá, minhas rodas girariam em falso, procurando terreno firme para se apoiar, e não arrastaria Pearl comigo para o atoleiro.

— Aonde vai? — Minha mãe perguntou quando passei pela sala.
— A oficina não devia estar aberta?

— Não vou abrir hoje.

Ela falou mais alguma coisa que ignorei, depois abriu a porta e gritou comigo enquanto eu ligava o TA e aumentava o volume do

som como se não a visse nem ouvisse. Ela não havia estado ali na minha adolescência. Agora ia ter uma ideia de como foi.



O dr. Frank fechou a porta do consultório e estendeu a mão para mim.

— Boyce, que bom te ver. Quer perguntar alguma coisa, ou já tem uma decisão? — Ele se sentou atrás da mesa, e eu me acomodei em uma das cadeiras do outro lado. As posições eram suficientemente familiares para minha cabeça se encher de observações. Mas aquilo não era a escola, e eu não estava encrencado. Ali eu era um empresário conversando com um possível investidor.

Sentei ereto como uma estaca, apertando a mão fechada contra a coxa para segurar a perna, que queria trepidar a um quilômetro por minuto.

— Sua proposta é muito justa, dr. Frank, e não tenho motivo para recusar. Mas... bom, tenho certeza que estou fazendo tudo errado... tenho uma contraproposta.

Ele assentiu e se inclinou para frente.

— Tudo bem.

— Comecei a trabalhar para o meu pai tem dez anos. Ele era um babaca, desculpe o termo, mas sabia muito sobre carros e passou todo o conhecimento dele pra mim. Se eu disser que sempre achei que a oficina seria minha, estarei mentindo. A verdade é que eu não tinha planos ou objetivos quando era criança. Eu só... fazia o que era mais fácil.

E o mais fácil foi sobreviver à perda da minha mãe e de Brent e desviar dos socos do meu pai, mas aos dezessete anos eu podia ter tomado um rumo. Podia ter seguido o exemplo do Maxfield e desaparecido. Mas preferi ficar, porque ficar não exigia nada de mim. Era muito fácil.

Cavei meu buraco, e chegou a hora de sair dele.

— Dois anos atrás, meu pai recebeu um diagnóstico de doença hepática. Como ele nunca parou de beber, um transplante estava fora de cogitação. A morte seria rápida e sofrida, e nós dois sabíamos disso. Quando eu soube, ou *achei* que a Oficina Wynn's seria minha, as coisas mudaram na minha cabeça. Como eu via o lugar, os clientes, meu trabalho, minha ligação com esta cidade, tudo mudou. Bom, é o seguinte: sei que posso fazer o trabalho. Posso cuidar da oficina para outra pessoa. — Engoli a saliva. — Mas o que eu quero é ser dono dela.

— Ah, é? — Ele levantou as sobrancelhas e apoiou as mãos sobre a mesa. O dr. Frank parecia ser um cara bem-humorado e franco. Ele tinha se formado em medicina em Baylor, em 1986, como anunciava o diploma na parede, o que significava que tinha mais ou menos a mesma idade do meu pai. Mas, enquanto meu pai era um filho da mãe que vivia com dificuldade e achava que cuidado pessoal era coisa de mocinha, Thomas Frank tinha um jeitão de George Clooney. Eu podia entender como suas conquistas sexuais haviam se tornado parte do folclore local antes mesmo de eu nascer.

Até que ele conheceu a mãe de Pearl.

— Tem duas maneiras de você ser dono da oficina: comprando à vista, ou financiando — ele disse. — Imagino que não tenha a quantia que sua mãe vai pedir. — Balancei a cabeça, como ele sabia que eu faria. — Então, a alternativa é fazer um financiamento. O que acha de ter que pagar por uma coisa que acreditava ser sua?

— Bom, depende das condições do financiamento. — Felizmente eu havia pesquisado essa merda na noite passada.

Ele sorriu.

— Minha hipótese inicial era de que a sua mãe venderia a oficina para mim por um preço justo, e eu te contrataria para cuidar dela. Se fizer um financiamento para comprar a empresa, vai

precisar pagar parcelas mensais e ainda ter dinheiro para manter a oficina e se sustentar. É pedir muito para um rapaz com a sua capacidade de trabalho, que poderia receber um salário fixo e não precisar correr nenhum risco.

Trabalhar para ele era a escolha mais fácil, e devia ser tentadora, mas não era.

— Sei que vou dar um tiro no pé dizendo isso para o cara que está me oferecendo um emprego, mas não sei se me dedicaria da mesma maneira a uma coisa que não é *minha*.

Ele me olhou com atenção.

— Muito bem. Espera só um momento. — Thomas abriu um programa no computador e digitou alguma coisa, depois virou o monitor para mim. — Meu contador fez uma avaliação da propriedade e da empresa ontem, considerando tanto os bens físicos quanto a projeção de rendimento. Aqui está o resultado, o valor mais baixo e o mais alto do financiamento, dependendo de quanto ela vai pedir pela oficina, e uma taxa média de juros de mercado.

Eu me preparei para ver quantias entre praticamente impossível e nenhuma esperança.

— Isso é... menos de mil por mês? É o valor da parcela *já* com os juros? É isso? Eu posso assumir essa dívida.

Ele assentiu.

— Você teria que pagar taxas e impostos à parte, mas deve ter uma boa ideia de quanto isso vai custar, já que cuida da contabilidade da oficina. Fico feliz por você poder arcar com o valor mais alto, mas vamos ver quanto ela se aproxima do menor valor.

— Você... está dizendo que me emprestaria esse dinheiro?

— Vou confessar uma coisa: também pesquisei seu histórico de crédito.

— Não tem muito para ser pesquisado — falei. — Nunca financiei um carro nem paguei aluguel. Tenho um cartão de crédito que não uso muito.

— O que vi é que você vive de acordo com o que ganha, coisa que a maioria das pessoas da sua idade não faz. Assumiu a responsabilidade de uma empresa e a fez crescer, em vez de tirar

dela tudo que podia ou abandoná-la. Vou me sentir orgulhoso por investir em você, sr. Wynn.

Minha garganta ficou apertada. Eu não conseguia engolir e não tinha certeza de que poderia responder. Assenti e estendi a mão para apertar a dele.

PEARL

Na quinta-feira à noite, quando eu estava trabalhando, percebi que não suportava mais. Não via Boyce fazia quase uma semana. Ele me pediu para não ir à casa dele, e eu sabia que ele estava ocupado administrando a oficina, supervisionando Sam e lidando com a mãe e o namorado dela. Mas meu coração só sabia que eu estava com saudade.

Encontrei uma desculpa quando lembrei que faltavam seis dias para o aniversário dele — exatamente duas semanas depois do meu. Ele repetiu o terceiro ano, e eu pulei o nono, o que nos colocou na mesma turma de quarenta e três formandos no ensino médio.

Algumas pessoas poderiam chamar de destino, mas eu não era uma delas. Nunca acreditei no conceito ilógico de destino, tirar nota máxima em uma prova por usar um chapéu da sorte ou marcar um

gol por causa de um milagre predeterminado. Desfechos positivos resultam de trabalho duro ou de acidentes favoráveis. Não existe relação entre usar um chapéu e tirar nota máxima. Isso é coincidência.

Como Boyce ter me visto na água segundos antes de eu me afogar. Ou nós dois termos caído na mesma turma de biologia no começo do ensino médio porque Mel e eu éramos do grupo de dança e tivemos que trocar de turma e fazer a matéria na sala de Boyce e Landon. Na vida, coisas ruins acontecem, coisas boas acontecem, e fazemos o que é possível para incentivarmos umas e impedirmos as outras. Boyce era uma das coisas boas na minha vida. Uma das melhores. E eu queria ser uma das melhores na vida dele, mesmo que um dia eu fosse só uma lembrança.

Decidi dar a Boyce um presente de aniversário que compensaria todos que ele não ganhou. Alguma coisa que ele teria adorado na infância, mas de que ainda gostaria agora que era um homem. Não precisei pensar muito para decidir o que seria. Torcedor eterno do time de beisebol de Houston, uma equipe tão abaixo da média que chegava a ser irritante, ele uma vez me contou que nunca tinha ido a um jogo da liga principal.

Estudei a agenda do Astros no velho computador da pousada.

Alguém vai fazer
aniversário... mas tenho
um problema com o
presente.

Ah, é?

Interferir no seu
domingo.

Mas meu aniversário é na quarta...

Sim, mas seu "presente"
não é na quarta.

Tudo bem...???

Você disse que ninguém
influencia seu domingo.

Não vale pra você.

Tem certeza?

Absoluta. E aí, que presente é esse?

Eu conto mais no seu aniversário. Se ainda estiver aqui e quiser me ver.

Vamos esclarecer uma coisa que eu já devia ter dito. Não vou embora. Estou ocupado demais agora, e sei que você também tá atolada com o curso e o trabalho na pousada, mas estou aqui. Não quero que venha por causa do cabeça de merda do namorado da minha mãe. SÓ por isso.

Saudades. 😞

Também. Sim, quero te ver na quarta. É só isso que quero no meu aniversário. Vamos sair.

Eu convidei primeiro, e é
seu aniversário. Eu pago.

Nem ferrando. Te pego às 19h.

Cara teimoso.

Sim. ;)

O bolo confeitado que a garçonete colocou na frente de Boyce era quase do tamanho de um prato de salada e tinha uma vela acesa no meio, pingando cera derretida.

— Vai cantar “Parabéns pra você” daquele jeito sexy que cantou a música do Lady Antebellum? — Ele se inclinou sobre a vela do outro lado da mesa, uma sobrancelha levantada, a boca erguida de um lado. Misericórdia, aquilo era a encarnação do mau caminho.

— Acho que já me aguentou cantando o suficiente na comemoração do *meu* aniversário. — Cruzei e descruzei as pernas embaixo da mesa, meio constrangida, meio aflita para soprar aquela vela e sentar no colo dele. Ou correr para uma praia escura e me jogar na água, porque, de repente, o calor na lanchonete era insuportável.

— Não, baby, você é bem afinada.

O jeito como cantei aquela música naquela noite... *para* ele, movendo o quadril e fazendo biquinho... Meu. Deus. Não era de estranhar que todos os meus colegas pensassem que a gente tinha alguma coisa.

— Fala a verdade, eu não canto nada.

Ele riu, e a pequena chama da vela dançou em seus olhos.

— Eu achei perfeito.

— Então você é surdo, graças a Deus. Vai, sopra essa vela e faz o pedido.

— Sim, senhora — ele respondeu debochado, apagando a chama com um sopro curto. Outro sorriso malicioso levantou os cantos de sua boca. — Meu pedido vai se realizar?

Boyce estava no modo sacanagem, e eu adorava. Apoiei um cotovelo na mesa, segurei o queixo com a mão e pisquei duas vezes.

— Depende do pedido.

A garçonete chegou com a conta, e Boyce pôs três notas de vinte na mão dela sem nem olhar.

— Pode ficar com o troco — disse, segurando minha mão e me puxando para a porta.

— Boyce... a conta era de trinta e quatro dólares.

— Valeu cada centavo — ele respondeu sem titubear. Depois empurrou a porta, e então vimos a cor púrpura do crepúsculo. A temperatura havia baixado de escaldante para sufocante, agora que não havia mais sol.

Tropecei em uma pedrinha no estacionamento de cascalho, porque, ultimamente, meu relacionamento com os chinelos estava meio abalado, e Boyce de imediato se virou para segurar. Passei os braços em torno do pescoço dele e olhei para o perfil tenso.

— Ficou bravo? Eu disse alguma coisa...?

— Não estou bravo. De jeito *nenhum*. — Ele me encarou, depois se virou para começar a andar por entre os carros estacionados. — Preciso te beijar. Preciso te tocar de todos os jeitos, e nenhum deles é aceitável para um lugar público. *E tem que ser agora*. — Ele se aproximou e eu derreti por dentro, minha respiração acelerou, cada parte do meu corpo começou a pulsar. — Quero transar com você,

gata — ele murmurou e me empurrou contra a porta do passageiro do TA , absorvendo minha exclamação chocada com a boca. As mãos seguraram meu rosto enquanto ele me beijava. Quando seus lábios se afastaram dos meus, nossa respiração era difícil, olhando nos olhos um do outro. — Acho que não teria sido uma boa ideia a gente continuar sentados no Lodge, na frente de uma dúzia de espectadores.

Balancei a cabeça.

— Não, ficar teria sido... desaconselhável.

Ele riu, abriu a porta do carro e me beijou de novo.

— Entra. Não precisa pôr o cinto de segurança.

Assenti e obedeci, e ele foi se sentar na frente do volante depois de dar mais uma olhada em volta, estudando o estacionamento. Não tinha ninguém perto, mas a área não estava deserta. O céu cada vez mais escuro fazia as lâmpadas da iluminação pública se acenderem, mas a luminosidade era fraca. *Ai, meu Deus, estou pensando em FAZER ISSO no CARRO?* Era perturbador, atípico, ilegal... e... uma delícia.

Boyce abriu as janelas parcialmente. Depois empurrou o banco para trás e me puxou para o colo dele. Enquanto me beijava, as mãos escorregavam para baixo da minha camiseta e abriam o sutiã. Ele puxou a camiseta para cima dos seios, afastou o sutiã e pegou um mamilo com a boca, sugando e gemendo.

Deixei a cabeça cair para trás, e tudo que eu ouvia eram meus gemidos baixos e o coração batendo mais depressa, mais forte. Pressionei o corpo contra a ereção dele instintivamente, apertando as coxas e me movendo devagar, e ele me apertou com mais força. A mão dele sobre a pele nua das minhas costas era tão quente que devia ter deixado uma mancha vermelha entre as omoplatas.

Boyce soltou meu mamilo, segurou o seio com uma das mãos e puxou minha boca para a dele com a outra. Os beijos eram famintos, e a temperatura na umidade elevada do confinamento do carro aumentou rapidamente. Os lábios dele desciam por meu pescoço, e ele sussurrou:

— Linda. Posso te fazer gozar pra mim desse jeito?

Espalhando beijos molhados e provocantes na base do meu pescoço, ele moveu o quadril, levantando a pélvis como se já estivesse dentro de mim.

Maldito shorts!

Ofegante, apertei ainda mais as coxas.

— Eu... não posso...

— Abrir as pernas sem me sentir aí dentro?

Assenti e mordi o lábio.

— Vira — ele disse, me levantando para então me colocar sentada em seu colo de frente para ele. Na última fila de vagas do estacionamento, o TA estava parado de frente para uma cerca de estacas e vegetação.

Apoiei a cabeça no ombro dele, sentindo falta daquela boca no meu pescoço, nos lábios, no seio... E senti vontade de perguntar se daquele jeito era melhor. Então ele abriu o botão e o zíper do meu shorts e enfiou a mão lá dentro.

— Ah, é isso — murmurou. — Certo. *Pronta?* Um? Ou dois?

Eu me retorcia e gemia, de olhos fechados para o ambiente à nossa volta e me entregando às palavras e aos dedos que me atordoavam.

Ele riu.

— Dois.

— *Meu... Deus...* — gemi.

Ele lambia e beijava meu pescoço bem na altura da pulsação, embaixo da orelha, a mão esquerda segurando meu seio direito, pressionando o mamilo, como se ligasse os pontos de um triângulo erógeno.

— Esta é minha garota. — A voz dele vibrava em mim, um baixo de fundo para as manobras orquestrais das mãos e da boca. O polegar circulava e pressionava enquanto os dedos penetravam mais fundo, me acariciando por dentro. — Quero ver você gozar, baby. Sonho com isso desde a última vez que estive dentro de você. Quero te beijar de novo, tocar esse corpinho gostoso, quente e apertado, me esperando entrar fundo e forte.

Estremeci e desabei, apertando uma das mãos contra a boca para impedir que as pessoas na lanchonete do outro lado do

estacionamento me ouvissem. E talvez as pessoas na praia.

26

BOYCE

Com uma das mãos cobrindo a boca e a outra agarrando meu braço como um alicate, Pearl era uma imagem de levar à loucura. Eu a deixava chocada, mas ela gostava disso porque confiava em mim, e, cada vez que eu a tocava, sentia essa entrega. Essa garota era toda intelectual por fora, mas tinha um fogo implacável por dentro. Eu sabia disso. Sabia havia muito tempo. Só tinha sido burro demais para entender o que significava: ela precisava de um cara como eu.

Eu não conseguia me cansar dela e, no fundo, sabia que nunca me cansaria. Queria levá-la para casa e fazer amor a noite inteira, mas antes precisava tirar minha mãe e o babaca ignorante do namorado dela do meu trailer.

Ouvi vozes perto do carro. Um grupo que acabara de comer e caminhava sem pressa para o local onde deixara o carro. Fechei o shorts de Pearl, abaixei sua camiseta e a virei no meu colo, como se estivéssemos apenas nos beijando. Um pouco atrevido, mas nada parecido com o que fazíamos até dois minutos atrás. Ela ainda tremia, a cabeça apoiada no meu ombro, o traseiro redondo pressionado contra meu pau aflito para começar a brincadeira (*desculpa, cara, hoje não vai rolar*), e os pés no banco do passageiro, as unhas pintadas de azul, como a parte mais profunda do golfo.

Quando ela registrou as vozes se aproximando, ficou tensa e olhou para trás pela janela aberta.

Eu a abracei com mais força e beijei sua testa.

— Relaxa. Somos só duas pessoas tendo uma conversa “bem amigável” no carro. Ninguém vai prestar atenção.

Ela relaxou, riu baixinho e encaixou a cabeça embaixo do meu queixo como se ouvisse as batidas do meu coração, que deviam ser ensurdecedoras naquele momento.

— Então, sobre o seu presente...

— Ahã.

— Vou precisar de você do sábado de manhã até o domingo à tarde.

— Tudo bem. — *O que seria isso?*

— Que bom. — Seus dedos deslizaram pelo antebraço que ela agarrara a menos de cinco minutos, como se quisessem me acalmar.

Como se a qualquer momento eu pudesse mudar de ideia e dizer não. — Passo pra te pegar lá pelas onze. Pode ir vestido como está agora, e leve roupas para o domingo e coisas que você pode querer usar para passar dois dias fora. Não precisa fazer mais nada.

Eu não tinha muita experiência com viagens, ainda que rápidas. Uma ou outra noite fora, na cama de alguém... sim. Para isso eu precisava de camisinhas, e podia vestir de novo a roupa que tirara de madrugada. Torcia para a garota ter enxaguante bucal no armário do banheiro, ou chiclete na bolsa, pelo menos. Mas, para passar a noite com Pearl, eu levaria roupas limpas, uma escova de dentes e camisinhas. Sim, camisinhas. *Por favor, Deus, me faça precisar de camisinhas!*

— Para onde a gente vai? — Nunca estive tão curioso em minha vida, e isso revelava muito, porque já nasci curioso.

Ela apoiou a cabeça em meu braço novamente, os olhos escuros brilhando na escuridão, os lábios encurvados num sorriso divertido.

— É *surpresa*, Boyce Wynn. — Um sopro de vento do golfo entrou no carro, afastando um longo cacho de seu rosto. O cabelo grudou na boca, e ela ergueu a mão para afastá-lo. Fui pego de surpresa pela força do amor que eu sentia por ela. Pearl deve ter visto a emoção cruzar meu rosto, porque as mãos começaram a se mover mais devagar e o sorriso desapareceu.

— O que foi?

Alisei com um dedo a ruga em sua testa.

— Também tenho uma surpresa, só isso. Conto no fim de semana.

— Não é justo.

Eu a beijei com toda a força do desejo que me consumia, a língua varrendo sua boca e acariciando a pequena e tímida língua dela, convidando-a para brincar. Ela tocou meu lábio superior, e eu puxei a ponta de sua língua e chupei devagar, com cuidado, antes de deixá-la voltar para dentro da boca. Quando recuei, ela olhou para mim ofegante e confusa.

— Eu nunca disse que jogava limpo, amorzinho — murmurei.



O dr. Frank me telefonou na sexta-feira para dizer que ele, seu contador, Barney Amos e minha mãe haviam se reunido e chegado a um acordo sobre o preço da propriedade e tudo que havia nela.

— Vamos nos encontrar na segunda à tarde para assinar os papéis e fazer o pagamento. Ela vai sair de lá com *Riley* assim que receber o cheque. — O que ele pensava sobre o namorado da minha mãe era claro pelo tom com que pronunciou o nome dele. Era como se deixasse um gosto podre na boca.

Eu conhecia a sensação.

— Eu me sentiria melhor se ela recebesse o dinheiro sem ele, mas acho que isso é problema dela.

— Sim. Reconheço que ele é uma figura, mas sua mãe decide com quem quer se relacionar... a menos que você tenha visto alguma agressão física.

Riley deve ter se sentido pequeno na reunião com um médico, um advogado e um contador... como se ele fosse a piada na roda. Só faltava o balcão do bar e uma fala engraçada. Quando homens como ele se sentiam pequenos, ficavam ainda mais cruéis. Ele deve ter se comportado como o valentão na frente deles, falando grosso com a minha mãe e dando ordens.

— Se eu tivesse visto, ele não teria participado da reunião, porque estaria no hospital. Se ele a agrediu, os dois esconderam bem, porque não percebi nada.

— É uma pena quando uma mulher aceita esse tipo de tratamento. Já atendi vários casos, mas nunca vou conseguir entender. — Ele suspirou e mudou de assunto. — Então, tem certeza de que quer comprar a Oficina Wynn's? Estou disposto a contratá-lo, se preferir não assumir o empréstimo. Agora é a hora de tomar a sua decisão.

— Não, senhor. Acho que toda dificuldade que enfrentei para ter aquela oficina foi uma coisa positiva, de alguma maneira. Em vez de me sentir esmagado pela responsabilidade da empresa, como se alguém jogasse uma tonelada de tijolos em cima de mim, eu não só escolhi ficar com ela, como vou precisar me esforçar para tê-la. E obrigado por me dar essa chance. Quero que a oficina seja minha. Com certeza.

— Tudo bem, então. Só preciso de cerca de duas semanas para deixar tudo documentado, e aí concluímos a operação de empréstimo.



Eu pedira a Pearl para mandar uma mensagem quando saísse de casa, porque ficaria esperando na porta e ela não teria que bater. Meia hora atrás, quando comecei a juntar as coisas que queria levar, percebi que não tinha uma bolsa. No fundo do armário, atrás de uma caixa de fotos que tirei do quarto do meu pai, encontrei a velha mochila do colégio. Sorte que quase não a usava naquela época, ou ela estaria em estado ainda pior do que agora. Eu era um homem — indo passar o fim de semana fora e nem sabia onde — *e enfiava minhas coisas em uma mochila*. Jesus.

Eu a pendurei no ombro e saí do quarto para encontrar minha mãe e Riley fumando no sofá.

— Volto amanhã — eu disse.

Ainda não era nem meio-dia, por isso eles não estavam suficientemente acordados para responder antes de eu sair.

Pearl parou na entrada de casa e destravou o porta-malas. Joguei a mochila ao lado da bolsa, que tinha um desenho de iniciais por toda a superfície do couro e devia ter custado mais que um jogo de pneus.

— Eu já te levei a algum lugar? — ela perguntou quando sentei no banco do passageiro e puxei os joelhos, que quase tocaram meu queixo. Pearl era uma imagem incrível, com o cabelo preso em um rabo de cavalo, os grandes óculos escuros e um vestido que deixava à mostra pernas e ombros bronzeados.

Pus os óculos aviador.

— Não.

— Bom, prepare-se. Temos três horas e meia de viagem pela frente... depois que sairmos da balsa, que atualmente tem uma linha de quarenta e cinco minutos, de acordo com o site.

Quatro horas e quinze minutos...

— Houston?

Ela suspirou.

— Uau... sim. Ganhou bônus pela rapidez. Eu sabia que você ia deduzir quando pegássemos a 59, mas caramba. Ainda nem passamos pelo primeiro farol.

— Bônus? E que vantagem eu tenho, exatamente? Posso me esforçar para ganhar mais alguns antes de chegarmos ao nosso destino.

Sentada ao volante, o corpo ereto, os lábios cheios e rosados bem fechados, ela me olhou de lado, por cima dos óculos escuros, e depois voltou a olhar para a avenida como se enfrentássemos o trânsito da hora do rush.

— Talvez você nem precise de pontos hoje à noite.

A resposta engraadinha que eu podia ter elaborado se desfez em chamadas.

Fazia anos que eu não ia além de Corpus quando saía da cidade. Os longos trechos de estrada com quilômetros e mais quilômetros de vegetação, plantações e gado pareciam cósmicos, como se não houvesse nada além daquilo, e sim mais do mesmo, para sempre. Então passávamos por uma cidadezinha que dava para sumir de vista em uma piscada, ou víamos um estábulo velho

afastado da pista, o telhado meio caído, a pintura descascando, e eu pensava: *Alguém guardava o gado lá dentro, e agora não tem mais ninguém. Mudaram? Morreram? Vivem em algum lugar por aí?*

Paramos para abastecer o carro e comer em Wharton.

— Não vai mesmo me contar o que a gente vai fazer em Houston?

Ela deu uma mordida no sanduíche de peru, e um pouco de molho barbecue escorreu por sua mão.

— *Hum-hum.* — Ela lambeu o molho da mão, a língua rosada pegando a gota antes que ela fosse longe demais. Fiquei olhando para minha salada de batata como se quisesse adivinhar a receita. *Droga.*

Dei uma mordida no sanduíche. Bebi um gole de chá gelado.

— Tem um jogo hoje à noite no Minute Maid Park — eu ri. — Os Piratas estão na cidade para uma série de quatro partidas.

Ela franziu a testa.

— Ah, Boyce!

Baixei o sanduíche.

— Tá falando sério? Vamos ver um *jogo de beisebo*? — Não consegui impedir que minha voz subisse muito no fim da frase.

A ruga desapareceu da testa de Pearl e as palavras soaram mansas.

— Sim. Era essa a surpresa.

Balancei a cabeça.

— Como a sra. Thompson falava quando um dos filhos a assustava levando bichos estranhos para dentro de casa... “Putaquepariu!”

Pearl riu.

— Nunca pensei que mães dissessem essas coisas.

— Ah, falam sim... Uma vez, quando o Randy levou um filhote de gambá para a cozinha, ela gritou isso. E quase teve um infarto.

— Ai... meu... *Deus...* — Pearl deu risada até perder o ar.

— É sério! Estou *surpreso...* e você também ganha bônus por isso. Não que vá precisar deles — pisquei —, mas vou mostrar minha gratidão de todas as formas que você quiser.

Ela engoliu o sanduíche.

— Só para lembrar... — E se inclinou para chegar mais perto, de modo que o casal na mesa ao lado não pudesse ouvi-la. — Está claro lá fora. Luz do dia. E o estacionamento é bem pequeno e está lotado.

— Acho que você vai precisar esperar, então.

— E você também — ela respondeu, adotando um ar inocente enquanto bebia o restante do chá pelo canudinho que agora eu invejava *muito*.

PEARL

Boyce era como uma criança no Natal. E, assim que pensei nisso, me dei conta de que odiava imaginar como haviam sido os dele.

Quando parei perto do manobrista no Magnolia, ele disse:

— Puta merda — e desceu do carro.

Entreguei as chaves do carro ao manobrista, e Boyce foi pegar nossa bagagem no porta-malas.

— Tudo bem, eu levo — ele disse ao porteiro de uniforme impecável que tentava levar a mochila e a valise até a recepção. Boyce ficou em silêncio enquanto eu cuidava do nosso registro e não

soltou uma palavra até eu abrir a porta do quarto. — Puta merda — repetiu, sem se mexer para entrar.

Eu entrei e me aproximei da janela, e ele me seguiu.

— O Thomas e minha mãe sempre se hospedam no Magnolia quando vêm para Houston. Estou usando os pontos que eles acumularam para pagar a diária. O prédio tem quase cem anos, e o Minute Maid Park fica... — abri as cortinas. — Bem ali.

Ele parou ao meu lado e olhou para fora.

— E eles deixaram? Seus pais deixaram você usar os pontos para passar o fim de semana *comigo*? — Ele ainda segurava as duas malas, como se pudesse sair correndo com elas.

Eu peguei a valise e a mochila das mãos dele e as deixei de lado.

— Eles não queriam que eu ficasse em um lugar barato no meio de Houston. — Segurei as mãos dele e me inclinei para apoiar o queixo em seu peito. Boyce olhou para mim.

— Então... viu a cama? — perguntei. — A que está bem atrás de mim?

Ele olhou por cima do meu ombro.

— É grande.

Mordi o lábio ao ouvir a afirmação direta e ver como os olhos dele passeavam pelo quarto elegante. Talvez Boyce nunca tivesse dormido em uma cama king size. Ou visto uma. Eu me lembrei da minha mãe no quarto em que ela passou a lua de mel em Nova York, intimidada.

Distração. Era disso que ele precisava.

— A gente tem uma hora até o jantar. Fiz reserva em uma churrascaria incrível perto daqui. Só não pode amassar a minha roupa.

Os braços dele enlaçaram minha cintura, levando minhas mãos para trás, e aquela sobrancelha vermelha e escura arqueou.

— E como pretende me impedir? Porque vou jogar você no meio daquela cama em poucos segundos e abrir seu apetite para o segundo round mais tarde.

Virei para esconder meu sorriso vaidoso e puxei o rabo de cavalo para o lado, e ele abriu o zíper nas minhas costas com uma

lentidão agonizante.

— Eu disse que temos só uma hora, não disse?

Ele puxou o zíper até o botão e me virou para abaixar o vestido pelos braços.

— Estamos aqui para servir, senhora.

— Acredito. — E beijei seu queixo coberto pela barba curta. — Eu digo o mesmo.



Durante o jantar, Boyce me contou o que Thomas estava fazendo por ele. Fiquei tão perplexa e grata e *feliz* que comecei a chorar.

O garçom se aproximou discretamente para ouvir a conversa, e Boyce se debruçou sobre a mesa.

— Por que tá chorando?

— Eu só... Você ia embora da cidade, e agora não vai, e... Não sei. Porque estou feliz!

Ele balançou a cabeça.

— Você chora porque está feliz?

Ri novamente e toquei a área embaixo dos olhos com o guardanapo.

— Sim.

— As mulheres entendem por que os homens ficam confusos com esse tipo de resposta, certo?

— É claro que não — falei. — Nós damos todas as dicas. Vocês só precisam ler todas elas.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Isso é uma armadilha.



Quando saí do banheiro, Boyce havia apagado quase todas as luzes. Uma continuava acesa. Ele estava sentado no meio da cama, de cueca e camiseta cinza, olhando para mim.

— Obrigado pela noite — disse. — Ninguém nunca fez nada parecido por mim.

Soltei meu cabelo arruinado pela umidade e preendi o elástico no pulso. Os olhos de Boyce incendiaram. Eu lamentava a natureza incontrolável do meu cabelo, mas ele gostava. E também gostava dos óculos que eu usava. Gostava de tirá-los, como se fosse mais uma peça de roupa que confiscava. Puxei um cacho e o enrolei no dedo, e ele apertou os lábios.

— Fico feliz por ter se divertido — falei. — Mas é uma pena que tenham perdido o jogo. Pelo menos foi só por um ponto.

Quando Boyce fazia uma careta, a ação sempre começava no lado esquerdo do rosto. Surgiam linhas no canto do olho esquerdo. O lado esquerdo da boca se erguia como se apontasse para alguma coisa. Uma covinha aparecia na bochecha esquerda. Ele abaixou o queixo, os olhos cravados em mim, e todo meu corpo ficou tenso com a necessidade de sentir o toque dele.

— Perder por um ponto é irritante, mas eles perdem muito. Nós, torcedores persistentes, estamos acostumados com isso. Assistir àquele jogo ao vivo e ali no estádio, estar lá com todos os outros torcedores, foi simplesmente incrível. Nem me importa quem ganhou.

— É mesmo?

— Não, mentira. Ganhar teria sido legal. Chocante, um milagre, mas legal. Mas todo o resto é verdade. — Ele inclinou a cabeça quando apoiei as duas mãos na cama e depois um joelho. — Está usando... minha camiseta?

Engatinhei pela cama vestida com a camiseta de mangas verdes que ele havia usado para embrulhar a concha anos atrás. Era grande, cobria até a metade das coxas, e as mangas, que eram três-quartos nele, chegavam quase nos meus pulsos, se eu não as enrolasse.

— Talveeeeeez.

Boyce estendeu a mão para mim, e eu a segurei.

— Quero falar uma coisa — avisei. — É sobre... — *A noite depois de...* Meu coração disparou, e as palavras enroscaram na garganta. Fazia quatro anos. Talvez eu não quisesse falar sobre isso.

— Que coisa? — ele perguntou, e me pôs sentada sobre seus joelhos, de frente para ele.

— Aquela noite na praia...

— Para. — Ele deslizou os dedos sobre os meus, desenhando uma linha em zigue-zague em cada um deles com a unha curta. — Sei o que acha que viu naquela noite. Não. O que você viu. — E segurou meu queixo, virando o rosto para olhar nos meus olhos. — Naquele dia não teve ninguém além de você. Naquele noite. Naquele verão. E em cada dia depois. Não aconteceu nada com aquela garota, nem teria acontecido. Não aconteceu nada depois que você foi embora. Eu estava chapado, todo mundo estava, mas eu esperava que você aparecesse. Estava torcendo por isso. Não conseguia enxergar mais ninguém. Queria telefonar, falar que não conseguia parar de pensar em você. Mas estava seguindo o conselho mais idiota que os caras dão uns aos outros: "Não telefona em seguida. Não mostra muito interesse". Achei que fumar maconha ajudaria a relaxar. Quando vi a expressão no seu rosto... — A cara dele mudou, ficou tensa, e a mão apertou meu queixo. — Não viu quando fui atrás de você?

Balancei a cabeça e senti o perdão me invadir, pronto para transbordar e nos encharcar.

— Não sei quanto tempo passei te procurando naquela noite. Tinha muita gente, e eu estava muito chapado. — Boyce passou a mão no rosto e suspirou. — Levei alguns dias para recuperar o bom senso e pensar "fodam-se as regras dos caras", porque elas nunca se aplicariam a você e o que representava para mim. Mas, quando

isso aconteceu, você já tinha saído da cidade para fazer o estágio. Quando voltou, foi como se aquela manhã nunca tivesse existido. E eu me convenci de que não era bom o bastante pra você, e nunca seria.

Meus olhos lacrimejavam.

— Boyce...

— Desculpa, eu te magoei naquela noite. Não prometo que nunca mais vou ser um idiota, porque provavelmente vou ser antes do fim dessa conversa, mas juro que nunca mais vou te magoar daquele jeito outra vez.

Ele passou um polegar sobre meus lábios e se inclinou para me beijar. Abri a boca para recebê-lo, livre do último medo que ainda sentia.

— Falei com o Maxfield sobre você, quando ele esteve aqui no mês passado. — Ele tirou meus óculos e os deixou sobre o criado-mudo.

— Ah, é?

— É, e ele me disse que, se eu te amo, não posso desistir.

Ah!

— E você? — sussurrei.

— Se eu te amo? Ah, sim. Quando te tirei do mar, você acordou e olhou para mim como se eu tivesse algum valor. Eu me apaixonei ali, naquele instante. Você é a única mulher que eu amei, Pearl. Pra mim, ou é você ou não vai ser mais ninguém.

— Mas vou embora daqui três semanas. E vou passar nove meses fora.

Ele passou as mãos por meus braços, levantando as mangas até os cotovelos.

— Uma viagem de quatro horas de carro, baby, não é nenhum absurdo. Eu vou lá te ver. Você vem aqui. E eu espero. Nove meses não são nada para quem planeja passar o resto da vida com você.

27

BOYCE

Graças ao aquecimento antes do jantar e à cama incrível, decidi que a segunda rodada não precisava ser rápida. Eu queria passear por cada curva suave. Queria sentir o gosto de Pearl, porque cada centímetro dela era delicioso. Queria deitá-la e invadir aquela boca doce e quente até ela pronunciar meu nome como se fosse uma prece.

— Vem cá, ladrazinha. — Eu a sentei no meu colo. O traseiro descoberto deslizou pelas minhas coxas e respondeu à minha pergunta sobre o que ela vestia embaixo da minha camiseta que eu não via fazia sete anos. — Cansei de conversar. — Tracei a curva externa da orelha com a língua. — Agora só vou falar para descrever com detalhes como quero transar com você. — Ela abriu a boca e deixou escapar um gemido.

— Espera — Pearl sussurrou. — Quero falar mais uma coisa.

Levei um tranco quando me afastei um pouco e vi lágrimas nos olhos dela, então parei apreensivo. Se fosse capaz de parar de respirar, teria parado.

Ela respirou fundo.

— Eu também te amo.

Processei as lágrimas em relação àquelas palavras, as que eu havia esperado por duas semanas para ouvir quando ela estivesse sóbria.

— Está chorando de *felicidade* outra vez?

Ela riu.

— Sim.

O alívio me invadiu e eu sorri.

— Viu? Estou *aprendendo*.

— Essa é uma vitória do Wynn? — ela brincou.

E riu quando ergui uma sobrancelha. Havia me esquecido da piada idiota que eu tinha inventado com meu nome no colégio.

— Você *não* disse isso. Primeiro, vamos falar da camiseta que você tá usando. Era a minha favorita, sabia? *Que vergonha*, mocinha. Devia te colocar sobre os joelhos e te dar umas palmadas.

Pearl arregalou os olhos, e eu fiquei sem saber qual reação era mais forte: o choque ou o desejo. Esperava que um pouco de cada.

— Se não estou enganada, Boyce Wynn, você me *deu* esta camiseta.

Olhei para ela da cabeça aos pés, para o corpo em meus braços, a cabeça apoiada em meu biceps. *Sorrindo.*

— Eu sei que deixei a camiseta na varanda da sua casa. — Mordi o lábio como se considerasse sua linha de raciocínio. — E ela fica melhor em você do que jamais ficou em mim, embora eu também ficasse bem gostoso nela, considerando o jeito como você me olhava por cima da bancada do laboratório.

Deslizei um dedo por seu rosto, passando pelo queixo e continuando pelo pescoço. Tracei a linha da clavícula, continuei pelo braço e fui até o dedo anelar da mão esquerda. “Para sempre” se abria diante de nós como nunca antes. Meu desejo por ela, a necessidade de tê-la, ultrapassava o momento e se afastava em direção ao futuro até onde eu conseguia enxergar.

Vi Arianna desmoronar e se fechar para a vida quando perdemos o Brent, e ela levou um tempo para sair daquele lugar escuro. Mergulhou no trabalho e fazia alguns anos que Buddy, com quase setenta anos, havia deixado para ela o estúdio de tatuagem. Arianna parecia satisfeita com a vida, mas uma vez ela me disse:

— Acho que nunca vou ter filhos, então trate de me dar sobrinhos para mimar.

Eu nem sabia como responder. Quando meu irmão morreu, ela só tinha vinte e cinco anos, mas nunca mais teve ninguém, e acho que entendo essa decisão.

Por mais que Dover e o colégio tivessem sido um pesadelo, Maxfield superou a crueldade daquela garota quando foi embora para a faculdade. E durante três anos ele nunca falou de ninguém quando voltava para casa. Eu sabia que ele tinha novos amigos, mas o cara era um solitário por natureza. Imaginei que ninguém nunca conseguiria romper essa barreira, até Jacqueline aparecer, a garota que conseguia fazê-lo sorrir como um cachorro com um osso simplesmente por pensar nela.

Mateo e Yvette eram história real — namorados do colégio que construíram uma vida em união. Eles estavam juntos desde que um jogo daqueles de girar a garrafa os transformou em uma dupla no

quarto ano. Acompanhei a história de perto, o suficiente para saber quanto haviam estado prestes a perder um ao outro. Vega era cheio de marra desde que aprendeu a andar, mas era um filho da mãe leal. Se tivesse feito alguma besteira com Yvette, ele nunca teria se perdoado.

Arianna tinha duas tatuagens acompanhando as linhas das omoplatas. Do lado direito: "A vida é frágil". Do lado esquerdo: "Amor é risco". Sei que as duas afirmações são verdadeiras, mas pensar em perder a garota que estava agora nos meus braços por causa da minha idiotice me assustava mais que todas as ameaças de como a vida podia tirá-la de mim ou de como ela podia me deixar.

— Ei. — Pearl traçava círculos lentos sobre o meu coração. — Aonde você foi?

Seu cabelo era uma cachoeira selvagem, passando por cima do meu braço e formando uma piscina sobre o edredom branco. Ela havia se rendido ao calor úmido do litoral, eu desconfiava, e à maneira como eu enroscava aqueles cachos em meus dedos sempre que tinha a chance. Os olhos dela brilhavam cravados nos meus, escuros como a noite. Fiquei olhando para ela, e ela para mim, sua mão pequena ainda massageando meu peito sobre o coração, como se ela me trouxesse de volta à vida. Talvez fosse isso.

— Nenhum lugar, amor. — Levantei a barra da camiseta e deixei o tecido roçar um mamilo endurecido. — Estou bem aqui. — E desenhei círculos lentos em volta daquele botão com a ponta do dedo. — Acho que posso te perdoar por ter ficado com a camiseta, com uma condição.

— Q... Qual? — ela arfou.

Eu deitei Pearl de costas e a beijei, levantando seus braços e segurando os pulsos acima da cabeça, puxando a camiseta para cima e para fora do caminho. Quando capturei um mamilo rosado com a boca e descii a mão bem lentamente, ela começou a murmurar pedidos tentadores, mansos. Beijei o meio de seu peito e enfiei a língua no umbigo enquanto descia, afastando as pernas e me ajoelhando entre elas. A respiração dela acelerou quando beijei sua barriga.

— E a gente estava onde...?

— A condição?

Tirei minha camiseta e o shorts, abri a embalagem de preservativo e o coloquei devagar, me deliciando com o jeito fascinado com que ela assistia a tudo.

— Esquece — respondi antes de me abaixar para beijá-la. — Não tem nenhuma condição.

As mãos dela roçaram meu quadril, os dedos pressionaram os músculos tensos, os polegares acariciavam as áreas sensíveis que ela havia descoberto dos dois lados do meu caminho da felicidade, pontos que eu não sabia que existiam, até ela encontrá-los.

— Eu quero você — Pearl cochichou entre beijos.

— Pega o que quiser de mim, então. Sempre foi tudo seu.

Sem dizer mais nada, ela segurou meu quadril e me puxou para dentro de seu corpo. Quando a penetrei, tive certeza de que poderíamos gerar energia suficiente para abastecer toda a cidade de Houston.



Na segunda-feira à tarde, minha mãe e Riley voltaram para o trailer depois da reunião e levaram as coisas deles para a carroceria da caminhonete de Riley. Não era muito. Eles venderam o carro dela para um comerciante por algumas centenas de dólares, porque haviam acabado de receber um cheque cujo valor estava na casa dos seis dígitos. Certos de que estavam ricos, iriam voltar para Amarillo para exibir a própria sorte.

A chance de acabarem com aquele dinheiro em um ano? Altíssima.

Riley se apoiou na caminhonete e esperou fumando enquanto minha mãe falava comigo na oficina. Sam já tinha ido embora quando eles voltaram, então éramos ela e eu.

— Você é bem-vinda para ficar, mãe. Ele não — falei. Fiz um esforço para descruzar os braços e enganchei os polegares nos bolsos da frente da calça jeans. A oferta era sincera, e eu não queria que minha aversão pelas escolhas dela desse a impressão do contrário.

— Obrigada, Boyce. Mas uma mulher precisa de um homem neste mundo. Eu preciso, pelo menos. Pena você ter conhecido o Riley nessas circunstâncias. Acho que teriam se dado bem, se fosse diferente. Ele é legal. Meio desconfiado de tudo e superprotetor, só isso.

— *Ãhã.* Nem respondi. Absolutamente nada me faria gostar daquele palhaço arrogante e traiçoeiro. Se ele queria proteger alguma coisa, era o próprio bem-estar, acima de tudo.

— Foi sorte ter encontrado um comprador para a oficina, sabe? — ela disse. — Você não vai perder o emprego.

Como se você tivesse procurado um investidor e tomado providências para resguardar os meus interesses. Em algum lugar na cabeça dela, talvez minha mãe até acreditasse nessa bobagem.

Eu não pretendia contar nada sobre a compra secundária que aconteceria em duas ou três semanas. A oferta que o dr. Frank me fez não era da conta dela.

Riley devia ter acabado de fumar o cigarro dele, porque buzinou.

— Vai logo, Ruthanne! — ele berrou pela janela. — Estamos perdendo tempo.

Ela me abraçou, e foi estranho. Como abraçar um desconhecido, porém mais triste. Sei que devia dizer que a amava, mas não conseguia, e não achava certo dizer essas palavras sem que elas fossem verdadeiras. Não sabia o que sentia por ela.

— Boa viagem de volta... ou para onde for.

— Pensamos em passar uns dias em Eagle's Pass antes de seguir para o norte.

Franzi a testa.

— No cassino?

— Não faz essa cara. Meu Deus, você adora julgar, exatamente como seu irmão. O Riley gosta de jogar de vez em quando. E daí? A gente merece se divertir um pouco.

Por que vocês trabalham duro?

Engoli a resposta.

Ela tocou meu rosto.

— Se cuida. Eu aviso quando chegarmos a algum lugar. Talvez possa ir me visitar.

— Tudo bem — respondi. Estudei o rosto dela tentando gravá-lo na memória, mas, cinco minutos depois de minha mãe ter ido embora, eu só me lembrava dela muito tempo atrás, quando eu era criança. Rindo, gritando e se encolhendo embaixo da mão do meu pai. Prometendo a meu irmão de quinze anos que ela mandaria notícias, depois indo embora.

Eu não ia ficar esperando para saber onde ela estava. Não dessa vez.

PEARL

Sempre organizei minha vida social em torno da vida acadêmica. Os amigos do colégio achavam que isso indicava uma dedicação desatenta à minha educação, mas na faculdade meu estilo peculiar não chamava tanta atenção. A maioria dos meus amigos era igual, ou eles entendiam meus motivos para ser daquele jeito quando o semestre terminava e eu fechava todas as matérias com nota máxima outra vez.

Mel perguntava:

— E as *festas*? A faculdade é cheia de festas!

Essa era uma das coisas que eu mais gostava na fraternidade: semestres inteiros de eventos planejados com antecedência. Programava notificações na agenda do celular para todos eles, e também para todos os prazos de entrega de projetos, trabalhos e provas. Se alguma coisa imprevista aparecia e eu conseguia encaixar, ótimo. Se fosse me atrapalhar, eu recusava o convite. Ninguém se importava.

— Mas e os *garotos*?

Por favor. Nunca na história dos garotos houve escassez daqueles que se dispunham a topiar qualquer coisa depois de uma mensagem tipo “E aí?”

— Legal, e os *relacionamentos*?

Nunca senti falta da companhia de nenhum dos meus namorados quando eles não estavam por perto, fosse Mitchell ou Geoffey, nem os dois ou três que não duraram tempo suficiente para se tornarem oficiais. Não esperava impaciente pela próxima mensagem, não antecipava a próxima carícia. E não entendia por que alguém se sentia desse jeito. Olhando de fora, esse tipo de relação parecia obsessiva. Como uma fixação que não era saudável. Queria mandar aquela gente *procurar um terapeuta, e depressa!*

Agora estava eu ali, totalmente apaixonada por um cara que conhecia *desde sempre*. Queria passar o tempo todo com ele. Quando não estávamos juntos, eu ficava pensando em quando estaríamos. *Sonhava acordada* com ele. Nunca havia sonhado acordada com ninguém. *Em toda a minha vida*. Disse a mim mesma que a preocupação era porque tudo aquilo era novo. Que aos poucos

essa intensidade iria diminuir, e eu seria capaz de passar algumas horas seguidas sem pensar nele.

E depois me perguntava se queria que isso acontecesse.

Só havia trabalhado durante a noite uma vez nos doze dias desde que Boyce e eu havíamos assumido nosso relacionamento. As primeiras duas vezes que saímos foi para jantar e ir ao cinema em Corpus, e depois voltei para casa para estudar. Sabia que ele queria causar boa impressão em minha mãe e em Thomas, por isso não me convidava para ir à casa dele quando voltávamos, nem em outras ocasiões. Mas, quando me levava para casa, ele me abraçava dentro do Trans-Am e me beijava até eu pensar em transar com ele ali mesmo, no banco traseiro do carro, na entrada da casa dos meus pais.

Então chegou a sexta-feira passada. Seis dias depois do nosso fim de semana em Houston. Eu não aguentava mais. Quando entrei no carro dele, eu disse:

— O que acha de hambúrguer e cerveja pra hoje?

Ele assentiu, e nós saímos.

— Legal. Já pensou em algum lugar?

Prendi o cinto de segurança e abri a bolsa como se procurasse alguma coisa, tentando parecer relaxada.

— O Whataburger, talvez? E a cerveja da sua geladeira? — Senti que ele olhava para mim, mas fingi não notar por medo da minha reação, medo de falar alguma coisa como: “Esquece a comida, vamos para a sua casa e para a sua cama”.

As mãos dele apertaram o volante como se ele conseguisse ler nas entrelinhas do meu discurso.

— Tudo bem.

Quando fomos para a casa dele, Boyce acendeu a luz da sala, deixou as chaves e os óculos escuros em cima da mesinha de centro, e eu fui até a cozinha, acendi a luz e peguei pratos no armário. Boyce pegou ketchup e cerveja na geladeira e se aproximou para deixar as garrafas em cima da mesa, sempre em silêncio. Poucos centímetros nos separavam. Senti o calor do corpo dele atrás de mim, como uma fornalha, e me arrepiei, querendo

virar e me jogar nos braços dele, mas muito confusa com os últimos seis dias de comportamento galante.

Não queria cavalheirismo de Boyce. Queria aquelas mãos exigentes e calejadas em mim. Queria o garoto que não conseguia passar por mim nos corredores do colégio sem me olhar como se quisesse me devorar. Que notava cada pedacinho de pele exposta que normalmente ficava escondida. Que adorava me fazer morder a parte interna da bochecha para não rir das suas piadinhas ultrajantes enquanto os professores se enfureciam e os colegas bem-comportados reviravam os olhos.

Quando senti as mãos segurando meus ombros, parei de respirar por um instante.

— Pearl? — O hálito quente acariciou minha orelha. Os dedos seguraram a alça da minha regata e acariciaram a pele lentamente.

Um tremor poderoso me sacudiu e eu me aproximei dele. As mãos de Boyce escorregaram por meus braços até alcançar as minhas em cima da mesa. O corpo dele colou ao meu, as botas se posicionaram ao lado das minhas sapatilhas, as pernas e os braços longos me aprisionavam contra a mesa.

Cercada por ele, apoiei a cabeça em seu peito e fechei os olhos, esperando que ele continuasse. Suas mãos soltaram as minhas e escorregaram para baixo da minha camiseta, mãos quentes sobre pele fria. Subiram passando sobre as costelas e os seios cobertos de renda. Respirando devagar, com a ponta do nariz acompanhando a linha de uma veia pulsante, ele desenhou com beijos uma trilha até a base do meu pescoço. Depois de um gemido baixo, ele soltou o ar lentamente, os lábios voltando pelo mesmo caminho, as mãos segurando meus seios com mais força.

— Perfeito — ele murmurou, pegando a ponta da minha orelha entre os lábios e sugando, afagando com a ponta da língua.

Felizmente minhas mãos estavam em cima da mesa, porque meus joelhos dobraram.

As mãos dele desceram até a minha cintura e abriram o shorts. Em dois segundos os dedos estavam dentro de mim.

— *Caramba. Tão molhada!*

As palavras roucas quase me fizeram explodir.

Pressionei o traseiro contra a ereção embaixo da calça jeans, combinando um apelo mudo e um convite. Queria senti-lo dentro de mim. *Assim, agora.*

Ele abaixou meu shorts e a calcinha pouco a pouco, apertando e acariciando a pele que eu nunca havia celebrado como nesse momento.

— Tão linda. Quero te amar bem devagar, mas...

O shorts caiu no chão, a calcinha foi atrás.

— *Meu Deus, Pearl.*

Quase aplaudi quando ouvi o barulho do zíper e senti sua pele na minha.

E então...

— Merda... Eu tenho que...

— Já peguei a receita — falei. — Pode... não precisa... — *Ai, por que era tão estranho falar uma coisa tão simples? Estou tomando pílula! Vai em frente!*

Mas eu havia esquecido. Aquele era o Boyce... ele não precisava de um gráfico.

Sem dizer nada, ele me ergueu na ponta dos pés, apoiou meus cotovelos na mesa e, com um braço, sustentou meu peito para me manter naquela posição, e me penetrou. O uivo de satisfação, o jeito como ele me segurava e preenchia e o fato de estar *em cima de mim na mesa da cozinha* se uniram para me empurrar para a beira do abismo. Na segunda penetração eu explodi.

— Minha garota — ele gemeu e me acompanhou.

Depois daquele momento, nosso comportamento era como o de um casal de dezesseis anos de idade que acabara de descobrir o sexo e estava sozinho em casa. Apressávamos compromissos para ter mais tempo na casa dele. Nenhuma superfície era proibida, nenhuma posição era difícil demais para experimentar, mesmo que acabássemos rindo como idiotas ou abandonássemos duas ou três tentativas como experimentos fracassados, terminando satisfatoriamente em posições mais conhecidas.

Na noite passada, nem chegamos a entrar no trailer. Paramos na entrada do terreno e começamos a nos beijar antes de soltar o cinto de segurança.

Os olhos de Boyce queimavam quando passei por cima do console e fui para o banco de trás. Ele me seguiu e, com algumas manobras, acabei sentada no colo dele, com a saia levantada, a camisa desabotoada, o sutiã de fecho frontal aberto, a mão dele embaixo da minha saia, a outra abrindo o zíper da calça e guiando meu quadril, a boca beijando e sugando até eu alcançar o orgasmo, explodir tão intensamente que até meus dedos ficaram entorpecidos.

Quando recuperou o fôlego, a cabeça apoiada no encosto do banco, Boyce riu.

— Por que fez isso? E, só para constar, *não* é uma reclamação. Eu me aninhei no peito dele.

— Nunca tinha feito no carro — confessei.

Ele levantou meu rosto e acariciou minha bochecha.

— Bom, amorzinho, acabou de ganhar o prêmio de melhor transa no banco de trás que já tive. — E me beijou. — Na verdade, não me lembro de ter feito isso antes.

— Ótimo — respondi com tom puritano, como se pigarreasse a palavra.

Ele riu e franziu a testa.

— Vamos entrar, e eu compenso você por ter sido um babaca sem noção. Hoje eu faço a sobremesa. — Ele fechou meu sutiã, abaixou minha saia e enfiou a calcinha no bolso da frente da calça jeans. — Comprei sorvete. E calda de chocolate. E chantilly. E cerejas. Espera só para ver o que planejei para as cerejas.

Meu cérebro preencheu as lacunas.

Ele riu, os dedos afagando minhas coxas ao lado das dele.

— Hum, isso mesmo. Eu disse que ia fazer a sobremesa? Não, vou fazer de você a sobremesa. E vou devorar cada pedacinho delicioso.

Voltei para casa tarde e estudei até de madrugada, sem me importar por estar perdendo horas de sono para ter mais tempo com ele. Tentar me concentrar nas aulas era difícil, mas possível. Apagar o eterno sorriso que Boyce havia colocado no meu rosto era impossível. Em poucos dias eu estaria saindo da cidade, e passaria

nove meses longe dela. Teria tempo suficiente para aprender a passar longas semanas sem ele.



Na tarde de quinta-feira alguém tocou a campainha. Eu esperava uma caixa de livros que havia encomendado no outono, e o correio sempre chegava à tarde, por isso nem olhei quem era antes de abrir a porta — uma atitude da qual me arrependi imediatamente.

— Mitchell?

— Mandei uma mensagem, você não respondeu. Telefonei, você não ouviu meus recados. O que significa que você me bloqueou. *Você me bloqueou!*

Eu já tinha visto Mitchell zangado, mas o que via agora era mais que raiva. Os olhos estavam vermelhos, arregalados como balões cheios demais. Ele ocupava todo o espaço da porta, as mãos apoiadas no batente.

Mitchell era sempre caprichoso, usava camisas bem passadas e mantinha o cabelo penteado. Mas a camisa azul tinha uma mancha no bolso e estava muito amarrotada, tanto que dava a impressão de que ele havia dormido com ela. O cabelo sujo caía sobre a testa.

Ele devia estar estudando, se dedicando à faculdade de medicina e fazendo novos amigos... não dirigindo por quinze horas para procurar uma ex-namorada que havia terminado tudo sete meses atrás. Não *havia motivo nenhum* para ele estar ali. Uma onda de medo me invadiu e, apesar do calor, precisei me esforçar para não cruzar os braços. Tentei não demonstrar covardia.

— Eu não queria te magoar. — Engoli e respirei fundo, tentando manter a calma. — Pedi para você não me procurar mais. Se tivesse me ouvido, nem teria percebido o bloqueio.

— E se eu precisasse de você? Se tivesse uma emergência e precisasse de você?

Balancei a cabeça.

— Não *precisa* de mim — respondi, tentando diminuir a agitação dele. — Você tem a sua família. Tem amigos...

— Não tenho *nada*, graças a você.

— Como... como assim? *Nós terminamos*. Eu disse que te desejava tudo de bom, e é verdade, mas não tenho que estar à sua disposição, não sou obrigada a te dar apoio emocional, e não te devo mais nenhuma explicação. — A irritação acabou com a vontade de pacificar aquela fúria sem sentido de Mitchell. — Acabou. Por favor, vai embora.

Tentei fechar a porta, e ele a segurou com o ombro, depois a empurrou e abriu. A porta bateu na parede, e eu pulei para trás para não ser atingida. Tux subiu a escada correndo e parou atrás de mim, e lamentei que o gato não soubesse chamar a polícia. Não tinha ninguém em casa.

Recuei até o hall, pensando nas opções que teria. Eram três. O primeiro impulso era passar por ele e gritar chamando os vizinhos, em vez de continuar recuando para dentro de casa, mas eu teria de passar *através* dele, praticamente. Mitchell não era grande, mas era um homem. *Nada feito*.

Podia correr para a cozinha e seguir para a garagem, mas teria de apertar o botão para abrir o portão da garagem. Mitchell era um corredor. Estava bem atrás de mim, e seria fácil reverter o mecanismo da porta. Nesse caso, eu ficaria presa.

Terceira opção: chegar até o painel na cozinha e apertar o botão de pânico, que acionaria a empresa de segurança.

Sem pensar duas vezes, corri para a cozinha. Derrubei uma banquetas da bancada e ouvi quando Mitchell tropeçou e resmungou um palavrão, no mesmo instante em que apertei o botão. Ele percebeu e agarrou meu braço quando o telefone tocou segundos depois. Provavelmente a empresa de segurança estava ligando para

perguntar qual era a emergência ou pedir a senha, caso houvesse apertado o botão por engano.

Só consegui derrubar o fone da base antes de Mitchell me agarrar, conseguindo me imobilizar com os braços junto do corpo. O telefone escorregou pela bancada, ainda tocando. Se ninguém atendesse, eles mandariam a polícia, bombeiros e uma ambulância, provavelmente. Pisei na parte interna do pé de Mitchell, e ele gemeu e me soltou por um instante, o suficiente para eu acertar uma cotovelada em seu estômago. Consegui me soltar e corri para a porta da frente.

Foi quando ouvi um tiro e a voz da minha mãe do lado de fora da cozinha.

— Pra trás, *pendejo*. — Ela apontava o rifle para o peito de Mitchell.

Voltei e corri para trás dela. Mitchell olhava para nós transtornado, com as mãos meio levantadas, mas não se movia.

Eu tinha oito ou nove anos quando minha mãe comprou a Remington 870. Uma noite, estávamos fazendo o jantar quando ouvimos alguém bater à porta. Ela olhou pela janela, não reconheceu o cara que vendia doces e gritou:

— Não, obrigada!

Furioso por ela não abrir, o cara ficou esmurrando a porta durante cinco minutos, gritando ofensas racistas. Nós passamos as duas semanas seguintes assustadas com o menor barulho, e eu passei a dormir na cama dela, amedrontada demais para ficar sozinha no meu quarto.

Foi quando ela fez uma coisa que havia jurado que nunca faria: comprou uma arma. E nós duas fizemos aulas de tiro. Até agora a arma nunca fora usada para nada além das aulas e do treino de tiro ao alvo.

— Sai da minha casa — minha mãe falou, e nada na voz dela negava a intenção de atirar.

O rosto de Mitchell era um anúncio de tempestade iminente. Ele saiu da cozinha, mas rosou as últimas palavras como se minha mãe não apontasse uma arma para o peito dele.

— Pensei que tivesse desistido de Vanderbilt e *me jogado fora* por causa da biologia marinha. Não para trepar com aquele lixo no trailer.

Ouvimos a sirene se aproximando, e ele correu para fora. Ouvimos quando o carro dele se afastou cantando pneus, e minha mãe foi trancar a porta e olhou pela janela. Ele tinha ido embora. *Ainda bem que não era eu segurando aquela arma, pensei, porque teria atirado nele.*

28

BOYCE

Quando eu cobrava dívidas atrasadas dos caras que compravam maconha de Rick Thompson no colégio, desenvolvi a capacidade de julgar quem seria um problema e quem pagaria depois de olhar para minha cara ou para a de Maxfield. Quando o ex-namorado da Pearl apareceu na oficina, não perdi tempo considerando probabilidades, motivos e causas. Mitchell Upstone seria um problema. Isso era óbvio.

Sam e eu estávamos no meio de sua primeira substituição de motor supervisionada, algo que ela esperava ansiosamente desde que chegou. Torci para ela não ter um ataque de birra com a repentina mudança de planos.

— Samantha, não tem mais nada pra você fazer hoje. Liga para o seu pai e vai pra casa. A gente se vê amanhã.

— O quê? — ela reagiu, e a cabeça de cabelos loiros e espetados virou, os olhos cinzentos prometendo confusão. Ela devia ter aprendido a me interpretar nas últimas semanas, porém tirou o celular do bolso do macacão e ligou para o pai, olhando feio para o visitante indesejado.

Quando o pai de Sam chegou, Upstone havia desistido de fingir interesse pelas ferramentas e pelos certificados nas paredes e dedicava toda a sua atenção a mim. Ele me olhava com frieza, sem nenhuma expressão. Não estreitava os olhos, não franzia a testa. Os olhos estavam mortos, gelados, e isso me preocupava, porque seu verdadeiro interesse não era eu, e nós dois sabíamos disso.

Acenei para Sam e para o sr. Adams quando eles partiram. Limpando graxa das mãos, fui direto ao ponto e falei com um tom de falsa calma.

— Tem alguma coisa para falar comigo, otário?

Ele inclinou a cabeça?

— Lembra de mim?

— Lembro. Você é o ex da Pearl. Portanto, estou aqui me perguntando que merda veio fazer aqui. — *Aqui na nossa cidade e aqui no meu local de trabalho.*

— Vim ver a Pearl, claro. E, até chegar aqui, não sabia que estava sendo um idiota, não percebi que você e ela estavam

trepando esse tempo todo. Agora eu sei. Entendi, e estou aqui para... te *incentivar* a desistir.

Dei um passo na direção dos quatro metros que me separavam dele, mas parei quando o vi levar a mão às costas e puxar um revólver que trazia preso ao cinto, embaixo da camisa amassada. Ele o mantinha abaixado, mas apontado para o meu peito, e já havia destravado e engatilhado a arma sem olhar para ela, o que significava que ele sabia o que estava fazendo. *Merda*.

— Pra que essa arma, Upstone? — Fechei as mãos junto do corpo.

Ele hesitou um segundo quando falei o nome dele.

— Só para te convencer a me ouvir, em vez de reagir à sua habitual maneira Neandertal. Quero conversar com você sobre a Pearl. O que é aceitável e o que não é mais, daqui para frente.

Odiei ouvir o nome dela saindo daquela boca.

— E já discutiu isso com ela?

Ele riu, e eu quis esmurrar a cara dele.

— Ela está refletindo sobre o assunto, no momento.

Tudo parou.

— Então você esteve com ela hoje.

— Eu vi a Pearl ontem, vi quando ela saiu daqui na noite passada... depois de vocês dois terem passado duas horas trepando naquela merda de trailer que você chama de casa. É pouco provável que tenham passado todo esse tempo discutindo filosofia.

Pensei na última vez que tive notícias dela. Há algumas horas, quando Pearl saía da aula. E ela iria trabalhar em três horas.

— Onde ela está?

O sorriso lento dele fez o monstro dentro de mim dobrar as barras da jaula em que eu o havia trancado.

— Ah, acho que está em casa.

— Entenda uma coisa, Upstone. Se machucar a Pearl, eu te mato.

Ele riu como se fosse muito simples entender o que estava acontecendo.

— Eu amo a Pearl. Nunca faria mal a ela. Ah... ela contou outra história? — Mais uma gargalhada. — Aquela garota gosta de ser o

centro das atenções.

Sei.

Um carro passou pela rua, e ele hesitou por um instante.

— Vamos entrar no trailer, Wynn. Você pode me levar para conhecer a sua *elegante* propriedade.

— Não. Se você tem alguma coisa para me falar, vai ter que falar aqui. — Nunca quis tanto apagar o sorriso da cara de alguém.

— Ah, acho que não. Vamos entrar agora, ou vou ter que passar para o plano B, e prefiro evitar essa decisão. E, se ainda tem alguma dúvida, sou um excelente atirador.

— Ah, e o plano é atirar em mim?

Ele apertou o maxilar. Estava ficando mais irritado a cada segundo.

— A arma está aqui só para nivelar as condições entre nós. Autodefesa, sabe? Mas só um idiota bunda-mole carregaria um revólver que não pretende usar para conversar com um caipira nervosinho. — Ele apontou o trailer com o cano da pistola. — Vamos conversar. Talvez a gente chegue a um acordo bom para nós dois.

Aquele saco de merda não queria nada além de me eliminar, mas não haveria final feliz com a Pearl se ele fosse acusado de *assassinato*. Por mais babaca que fosse, ele sabia disso. Ela corria perigo por causa dos delírios desse sociopata, e eu era a única coisa entre os dois.

Andei até o trailer e ele me seguiu de perto. Eu sentia o cano do revólver apontado para o meio das minhas costas.

PEARL

O xerife Walker estava tentando me impedir de chamar a polícia. Ele não ficou muito impressionado quando contei que meu ex-namorado havia aparecido e invadido minha casa e que só havia saído de lá depois de ser ameaçado com uma arma. E também não ficou impressionado por não termos o número da placa e o modelo do carro de Mitchell. Minha mãe viu o sedã azul na porta quando chegou, por isso eu sabia que ele não dirigia o Corola branco que tinha quando estávamos na faculdade.

Walker suspirou, um gesto típico de alguém que trabalha muito e ganha pouco.

— Olha só, essas coisas acontecem o tempo todo entre os jovens. Garotos com testosterona demais e garotas bonitas que gostam de um draminha... até que a coisa foge do controle.

Fechei as mãos sobre minhas pernas.

— Nós terminamos há meses, *e eu não gosto de drama*.

Ele levantou as sobrancelhas despenteadas e sorriu com ar experiente, como se dissesse: “É claro que não, mas está aqui”.

— Idiota — minha mãe resmungou, a postura idêntica à minha.

Meu celular apitou avisando que eu tinha uma mensagem. Era Sam. Digitei a senha para destravar a tela três vezes antes de acertar a sequência. Meus dedos pareciam próteses.

Um cara esquisito apareceu na oficina, e o Boyce me fez vir pra casa mais cedo. Ele

me chamou de Samantha, e ele nunca faz isso. Não pareciam amigos, e não reconheci o cara. Acho que ele precisava MUITO de um banho. Não deu para tirar foto, ele ia perceber. Mas fotografei o carro e a placa. Sam

Minhas mãos estavam tremendo.

— Tenho o número da placa do carro. É do Tennessee. Talvez seja alugado. Ele está no trabalho do meu namorado.

O xerife Walker revirou os olhos.

— Tudo bem, dá o número. — E anotou a informação, passando-a em seguida para uma patrulha na rua. Respondi para Sam agradecendo, depois mandei uma mensagem para Boyce:

Tá tudo bem?

Sam respondeu:

Ok.

Boyce não.

— *Meu Deus.* — O xerife levantou da cadeira estofada, o telefone ainda colado à orelha, e minha mãe e eu também levantamos. — Chama o Bobby em San Patricio. Acho que vamos precisar de reforço. Encontro vocês na Oficina Wynn's. — Quando olhou para nós, ele contorcia a boca em sinal de contrição. — Bom, mocinha, seu ex é procurado em Nashville. Agressão e espancamento, no mínimo, mas é possível que haja também uma tentativa de assassinato. Ele está armado e é perigoso. Teve sorte.

Eu não acreditava em sorte, mas, naquele momento, queria acreditar. Minha mãe se benzeu, o que nunca a vi fazer fora da igreja, e sentou-se novamente.

— Com licença, preciso de um gole de água — eu disse. Fui até a cozinha, peguei minhas chaves e saí pela porta dos fundos. A porta da garagem ainda estava aberta, o carro do xerife estava parado atrás do da minha mãe, não do meu.

Ninguém correu para fora quando dei ré no carro e manobrei ao chegar à rua.

Desculpa, mãe, pensei, desligando o rádio para poder pensar no que ia fazer. Se alguém podia convencer Mitchell a parar, esse alguém era eu. Se tivesse de mentir e dizer que o aceitava de volta, ou que iria embora com ele, eu mentiria.

Meu celular tocou. Minha mãe. Tirei o som da campainha, mas ele continuou vibrando durante um minuto. Estacionei na rua da oficina do Boyce, ao lado do sedã azul com placa do Tennessee. A porta da oficina estava aberta, e havia um carro com o capô aberto em um dos compartimentos de serviço. Respirei fundo e tentei ouvir o que acontecia dentro do trailer. Tiros, gritos.

Nada.

Estava na metade do quintal quando a porta da velha casa de madeira na propriedade ao lado se abriu.

— Não entra aí, mocinha! — a velha gritou encolhida na porta. Era a sra. Echols, a vizinha bisbilhoteira do Boyce. — Vem cá! — Ela acenava me chamando.

Hesitei, e ela acenou novamente, o braço girando como um moinho frenético. O que ela disse a seguir me fez parar.

— Ouvi um tiro! O xerife está a caminho, já liguei pra ele. Esse seu garoto não vai querer que você leve um tiro por fazer uma *bobagem*. Deixa a polícia levar os tiros. Esse é o *trabalho* deles... e têm armas para responder.

Nesse instante, o xerife e um investigador de polícia chegaram de lados opostos da rua e pararam as viaturas frente a frente. Eu esperava que eles atravessassem o quintal e arrombassem a porta, mas ficaram abaixados na rua atrás de uma das viaturas, decidindo como agir.

Antes que eu pudesse processar aquela falta de atitude, Randy parou o carro na entrada da casa dele, viu as viaturas e os policiais na rua, a sra. Echols na porta da casa dela e eu no meio do caminho, entre a porta dela e a de Boyce. Ele atravessou a rua com uma expressão preocupada.

— Que foi, Pearl?

Não percebi que estava chorando.

— Meu ex-namorado está lá dentro com o Boyce, e a sra. Echols ouviu um tiro. O Mitchell está armado e é procurado em Nashville por tentativa de assassinato.

A sra. Echols se espantou, e Randy resmungou um palavrão. Ele balançou a cabeça para os dois homens atrás das viaturas, que não pareciam ter a intenção de invadir o trailer tão cedo.

— Tudo bem, então. Foda-se. — E olhou para mim. — *Fica aqui. É sério.*

Ouvimos a sirene de uma ambulância se aproximando. Randy respirou fundo, balançou os braços como se sacudisse o excesso de nervosismo e começou a andar para a porta do trailer. O investigador viu quando ele estava quase entrando.

— Ei! — gritou, levantando até a cabeça aparecer acima da viatura.

Cinco segundos depois, Randy abriu a porta.

— Polícia! Os dois estão caídos!

Corri para lá com o xerife e o investigador, que empunhavam as armas e estavam logo atrás de mim.

— Pearl, querida, não vai querer... — Randy começou.

Passei por ele.

Nenhum dos dois parecia estar consciente. Meus olhos se ajustaram à penumbra no interior do trailer, e vi que Mitchell, que tinha uma arma a seu lado no chão, parecia ter sido atropelado por um caminhão. Havia uma poça de sangue em torno de Boyce. Randy e eu ajoelhamos ao lado dele.

— A camisa — falei, e Randy tirou a camiseta. Eu a amassei e pressionei contra o ferimento que ainda sangrava em um lado do corpo dele. — Segura... aperta com força.

Randy fez o que eu dizia, e eu procurei a pulsação. Era fraca, mas estava lá.

— *Graças a Deus*. Boyce? Tá me ouvindo?

— Ambulância a caminho — avisou o investigador, tirando fotos antes de guardar a arma.

— Suponho que esse seja o seu ex-namorado — o xerife falou apontando para Mitchell. Eu assenti. — Chama mais uma ambulância para o encenqueiro — ele ordenou ao investigador. — Vamos atender primeiro o dono da casa.

Os paramédicos entraram correndo segundos mais tarde, elogiaram Randy por conter a hemorragia e substituíram a camiseta encharcada de sangue por um curativo apropriado enquanto verificavam os sinais vitais. Boyce não recuperou a consciência nem quando foi posto na maca, mas acordou de repente do lado de fora enquanto a ambulância era preparada para recebê-lo.

— Pearl? — ele chamou com voz fraca, cheia de dor.

Eu me inclinei sobre ele e protegi seu rosto do sol, segurando sua mão gelada entre as minhas.

— Estou aqui. A polícia pegou o Mitchell. Eu sinto muito...

Ele afagou minha mão com um movimento fraco, a voz tão baixa que precisei chegar mais perto para ouvir.

— Tudo bem, baby. — E abriu de leve um lindo olho verde. — Anjo da guarda, lembra?

Um soluço ameaçou escapar, e eu o engoli depressa.

— Sim. Meu anjo da guarda. O homem que adoro. Por favor, não me deixa, Boyce.

— Amor, se e quando eu te deixar, não vai ser porque escolhi. Eu te amo por toda a eternidade. — Ele piscou meio tonto, mas continuou falando: — Acha que é uma boa hora para eu dizer que quero me casar com você um dia? Quero ter filhos e uma casa e te amar todas as noites. Se eu sobreviver e a bala não destruir nada essencial para realizar esse sonho, é claro.

Engoli a risada.

— Boyce, seu idiota. Suas “partes de macho” estão inteiras.

Ele fechou os olhos e suspirou cansado, e a mão que segurava a minha enfraqueceu.

— Graças a Deus.

No hospital, Randy me identificou como a noiva de Boyce e sorriu quando eu levantei as sobrancelhas.

— Parente mais próximo — ele murmurou.

Ah.

Pigarreei e sorri.

— Sim, sou a noiva do sr. Wynn.

Os funcionários do hospital me deram a carteira e as botas de Boyce. As roupas eram evidências no processo que seria aberto contra Mitchell. Preenchi a papelada enquanto esperava as notícias do médico do pronto-socorro, que apareceu quando Thomas e minha mãe chegaram e me cercaram na sala de espera.

— Ele chegou estável do ponto de vista hemodinâmico — explicou o médico que o recebeu, e senti que Thomas relaxava ao meu lado. — Os ferimentos foram tangenciais. A bala passou direto, mas decidimos não fazer laparotomia. Vamos mantê-lo aqui para observação por vinte e quatro horas, pelo menos, e, se ele se mantiver estável e a cirurgia não for realmente necessária, recebe alta amanhã. Ele vai precisar de cuidados em casa, é claro, mas o prognóstico é excelente. — E afagou meu ombro sorrindo. — É sempre mais fácil quando eles são jovens e saudáveis.

— Posso vê-lo? — perguntei.

— Daqui a pouco. A enfermeira vem te buscar.

— Obrigado, doutor — Thomas falou. Seu sorriso desapareceu quando ele olhou para mim. — Você quase nos matou de susto, Pearl! Ficou maluca? Foi para a casa do Boyce antes do xerife! E se você tivesse levado um tiro? — Ele me abraçou. — Droga, menininha...

Thomas puxou minha mão para o abraço, e ficamos ali naquele aglomerado emocionado no meio da sala de espera.

— Desculpa — murmurei com o rosto em seu peito.

Ele suspirou.

— Para, eu sei que não está arrependida.

Nós rimos, e ele me abraçou com mais força. Thomas me conhecia bem.



Texas e Tennessee disputavam para ver quem seria o primeiro a processar Mitchell por tentativa de assassinato. No Texas a acusação era de primeiro grau, no Tennessee, de segundo. Lá ele quase havia estrangulado uma colega até a morte em um acesso de fúria um dia antes de aparecer na porta de casa. Os detalhes ainda estavam sendo esclarecidos, mas o que se sabia era que eles haviam saído juntos uma ou duas vezes, e ele ficou furioso quando a garota avisou que não estava mais interessada. Mitchell foi ao apartamento dela levando uma arma. Eles discutiram, e ele esganou a moça até ela desmaiar. Uma colega de apartamento da garota, também estudante de medicina, ficou escondida no armário até Mitchell fugir do local. Depois ligou para a polícia e prestou os primeiros socorros até os paramédicos chegarem, salvando a vida da amiga.

Mitchell veio direto para o Texas. Veio me procurar. Eu nem sabia que ele tinha uma arma. Não sabia que ele estava armado quando chegou à minha casa, quando minha mãe o enfrentou. Cheguei a me sentir mal quando pensei em quanto a situação podia ter sido pior.

Fiquei sentada ao lado de Boyce, com a cama hospitalar inclinada num ângulo que o mantinha quase sentado, enquanto ele contava ao xerife o que havia acontecido do momento em que Mitchell chegou à oficina até o último instante que ele lembrava. Boyce puxou a camisola do hospital, e, considerando como ela estava esticada sobre o peito e deixava à mostra os braços definidos, deduzi que era uma camisa comprida aberta nas costas.

— Eu sabia que a única chance que eu tinha era reagir assim que entrássemos no trailer. Quando tem sol do lado de fora, a gente fica meio cego por um minuto ou dois ao entrar. Logo que ele fechou a porta, virei e pulei em cima do cara. Ouvei o tiro, mas juro que não senti nada. Agarrei o pulso e o cotovelo e estourei o braço dele na minha perna.

— Estourou mesmo. Você quebrou o ulna do sujeito! — O xerife riu.

— Hum. Bom, depois arrebentei ele inteiro, bati até começar a ficar tonto, e foi aí que senti dor, percebi o buraco da bala e vi o sangue. Bati mais uma vez no cara, depois desmaiei.

— Perdeu muito sangue, rapaz, mas o outro não vai a lugar nenhum depois da surra que deu nele. A impressão é de que o sujeito rolou por uma longa escada de concreto e caiu de cara.

A julgar pelo sorriso largo e pelo estalo do tapa no joelho, deduzi que o xerife teria dado um bom dinheiro para assistir à briga.

O relato me deu dor no estômago. O jeito como Boyce estava caído no chão, pálido e imóvel no meio de uma poça de sangue... Não conseguia pensar nisso sem ficar com os olhos cheios de lágrimas — e não conseguia parar de pensar nisso. Se Sam não tivesse mandado aquela mensagem pelo celular, se Randy não tivesse entrado no trailer, Boyce podia ter perdido sangue até morrer. Não estaria deitado naquela cama segurando minha mão fria.

Como se soubesse em que eu estava pensando, Boyce afagou minha mão e me trouxe de volta para o presente.

— Tenho muita coisa pra viver, não vou deixar uma bala me fazer parar. — E sorriu fraco para o xerife, as pálpebras pesadas. — Estou me sentindo cansado. Era só isso, xerife?

— Sim, isso é tudo, por enquanto. — Ele levantou. — A justiça vai cuidar do valentão agora. A promotoria vai pedir o depoimento de vocês depois. Entraremos em contato.

Assim que o xerife saiu do quarto, eu perguntei:

— Quer que eu saia pra você dormir um pouco?

— Claro que não. — Boyce sorriu malicioso. — Quero você aqui na cama para eu poder pegar meu prêmio.

— Não quero te machucar...

— Então chega mais perto com essa boca linda. Este corpo recusou uma bala, baby. — E mostrou o corpo em questão abrindo os braços. — A única coisa que tá me matando agora é não poder te tocar. Boyce Fodão Wynn tem que honrar o nome do meio, e isso é impossível sem você.

— Você e seu o “nome do meio” viveram muito bem sem mim por um tempo.

Ele puxou minha mão e piscou.

— Não, baby. Eu só sobrevivi. Estava guardando o melhor pra você.

Eu ri e me deitei com cuidado ao lado dele, apesar de suas declarações sobre ser à prova de balas.

— Guardou?

Boyce me puxou mais para perto, me segurou contra o ombro, levantou meu queixo e abriu os dedos para sustentar minha cabeça, enquanto o polegar acariciava meu rosto.

— Não existiu ninguém antes de você, e ninguém durante o tempo em que tentei ignorar o que pensei que a gente nunca poderia ter. Sofri cada vez que te vi, amor.

— Desculpa — sussurrei, deslizando os dedos pelo rosto dele e olhando dentro daqueles olhos lindos que nunca mentiram para mim. — Você nunca mais vai sofrer.

Senti seu hálito em meus lábios.

— Essa boca é minha?

— É. — Eu sorri, e ele me beijou suavemente.

— E esses olhos escuros... posso mergulhar e me afogar neles... também são meus?

Assenti, fechando os olhos quando seus lábios tocaram neles. Meus dedos deslizaram pelo seu pescoço.

Ele me beijou de novo, passou a língua sobre minha boca enquanto sua mão calejada deslizava por meu braço até segurar a minha.

— E essa mão que pode me levar pra qualquer lugar? — Ele entrelaçou os dedos nos meus e levou minha mão à boca para beijá-la.

— Sim.

A mão esquerda passou por cima do meu quadril e parou na cintura.

— E esse corpo? — ele sussurrou, levando nossas mãos unidas para o meio do meu peito. — Vai derreter nas minhas mãos? Se eu jurar te idolatrar da cabeça aos pés e cada coisinha gostosa entre um e outro? — Eu assenti, e ele soltou minha mão sobre a minha barriga e levou a dele para cobrir meu coração. — E o coração, acima de tudo? Também é meu?

— Todo seu — respondi. — Sempre seu.

Ver a reação de Boyce ao ouvir minha resposta foi como ver o sol em torno de sua cabeça naquele dia em que morri, mas não morri. O menino ajoelhado ao meu lado, segurando minha mão, me dizendo para acordar... A vida dele não era perfeita, mas o estrago ainda não havia sido feito. Ainda não havia a decepção, a falta de compreensão, a negligência, a agressão física. Ele ainda não havia sofrido a perda que teria de enfrentar.

Naquele dia ele não precisava de salvação. Eu precisava. Ele me salvou, e seu amor por mim foi, de alguma forma, a salvação para ele. Não me orgulhava disso. Sentia alívio e gratidão por finalmente poder sentir a pulsação daquele coração que batia com o meu. Não era só meu coração e o dele, mas o de todo mundo que conhecíamos e todos que ainda iríamos conhecer. Éramos todos

parte dessa vida interligada. Existíamos para isso e por causa disso, e, algumas vezes, apesar disso.

A vida era parte sobrevivência, parte satisfação, e encontrávamos essas duas coisas um no outro. Fosse milagre, destino ou coincidência, eu simplesmente aceitava. E agarrava tudo isso com as duas mãos.

Epílogo

Nove meses depois

BOYCE

— Sei que agora é o momento em que devo dizer: “Se não estiver a fim, podemos entrar no carro e dar o fora daqui”. Desculpa, Wynn. Ela é a melhor coisa que você vai ter, e nós dois sabemos disso. — Maxfield riu, olhando pela janela do segundo andar os convidados que chegavam, enquanto eu andava de um lado para o outro dentro do quarto. — Quando a coisa é boa demais, você não foge, cara. Você agradece pela sorte e a agarra com força.

— Obrigado pela injeção de confiança, babaca — resmunguei, me aproximando dele para espiar pela janela e ver o céu azul e sem nuvens. Pearl não poderia ter encomendado um dia com mais cara de cartão-postal. O dr. Frank e a esposa haviam alugado a pousada inteira para acomodar os convidados que viriam de fora, o pátio para a cerimônia, e a sala de jantar para a recepção.

Maxfield riu e me segurou pelos ombros.

— Você não precisa de mais confiança, Wynn. Já tem *aquela garota*. Tudo que consigo pensar é que isso deve ser incrível em aspectos que prefiro *não* imaginar.

Ray Maxfield bateu na porta e enfiou a cabeça pela fresta.

— Prontos?

Maxfield ergueu um dedo. O pai dele assentiu e fechou a porta.

— Falando sério, cara. Não devia ser eu aqui do seu lado hoje.

Franzi a testa numa reação confusa, mas em seguida entendi.

Brent.

— Como nem conheci o cara, falei com algumas pessoas sobre o Brent. Thompson e a mãe dele, o velho Hendrickson e, é claro, a Arianna. Ele se tornou um herói de guerra quando morreu, mas, antes e acima de tudo, sempre foi um irmão protetor. E um homem

bom. E ele criou um homem bom. — Ele bateu no meu ombro. — E teria um puta orgulho de você.

Merda.

— Maxfield, não me faz desabar agora, pelo amor de Deus. — Minha voz tremia.

— Estou terminando. Só mais uma coisa. — Ele olhou nos meus olhos. — Não tive irmão. Você é o mais próximo que tenho disso, e não consigo pensar em nada que pudesse ser melhor. É uma honra ficar do seu lado hoje. — Ele me abraçou, e eu o abracei de volta porque precisava disso. — Não esquece o que eu falei, cara. Segura com força.

Maxfield bateu nas minhas costas em um abraço, e eu bati nas dele. Nós nos separamos e nos ajeitamos. Dividido entre a vontade de dar um soco na cara dele e de abraçá-lo de novo, respirei fundo.

— Pena que a Dover vai estar na sua frente durante a cerimônia.

Ele deu de ombros.

— Hoje é o dia da Pearl, e eu superei essa merda *faz muito tempo*. Minha única preocupação é ela se meter a engraçadinha com a Jacqueline, porque ela vai acabar com a cara no chão e comendo terra.

— Cara, o que eu não daria pra ver essa cena! Mas... hoje não. — Melody Dover quase aceitou meu noivado com a Pearl. Eu sabia que ela achava que não ia durar, mas aqui estávamos nós. Ela ainda me atacava sempre que tinha uma oportunidade, e duas noites atrás me pegou de jeito para uma daquelas conversas “se fizer minha amiga sofrer, corto suas bolas”, mas eu a respeitei por isso.

— Vou pedir pra Jacqueline segurar a porrada até *depois* da recepção.

— Combinado. Trouxe o anel?

Ele tirou uma caixinha do bolso.

— Aqui. O Randy se superou.

No outono passado, eu procurei o Thompson e expliquei o que queria. Um rubi para o aniversário dela, em julho. Alguns diamantes pequenos. Um desenho com todas as pedras inteiramente incrustadas, para ela poder calçar as luvas no laboratório e fazer seu

trabalho ou suas pesquisas sem o anel enroscar em nada. As ideias que ele teve foram legais, mas nenhum desenho chegou perto do produto final.

Quando Pearl voltou à cidade nas férias de inverno, eu a levei à minha casa na véspera de Natal.

— Tenho mais um presente para você — falei e a deixei em pé no meio da sala escura, só com as luzes da árvore de Natal no canto. — Fica aí.

A árvore era a primeira que aquele trailer recebia desde que eu tinha sete anos. Instalei luzinhas brancas nos galhos e decidi que estava pronta, o que foi um erro, de acordo com Sam.

— Que preguiçoso! Cadê os enfeites? — ela perguntou. — Fica uma coisa boba só com as luzes.

— Não tenho nenhum enfeite. Não tinha uma árvore de Natal desde que era criança — confessei.

No dia seguinte ela apareceu com quatro caixas de enfeites brilhantes que comprou no Walmart.

— Feliz Natal, presente meu e do meu pai. É meio pobre te dar enfeites de Natal de presente *de Natal*, mas não tive escolha.

Quando peguei uma cadeira da cozinha para Pearl se sentar na sala, na frente da árvore, a expressão dela era um misto de preocupação, riso e total confusão.

— Boyce? A gente combinou um limite para presentes. Você me fez jurar que ia respeitar o limite. O quê...?

Ajoelhei na frente dela, e Pearl ficou quieta.

Segurei sua mão direita, certo de que nós dois estávamos tremendo. Esperava que não fosse só eu.

— Era uma vez um garoto que, mesmo sem merecer tal honra, tirou do mar uma menina que se afogava, uma aspirante a sereia. Ele a deitou na areia, pensando que seu coração se partiria se ela não acordasse. No momento em que a menina abriu os olhos grandes e escuros e olhou para ele, o garoto deixou de ser dono do próprio coração. Depois daquele momento, o objetivo da vida dele nunca foi procurar a sua outra metade, porque ele sabia onde ela estava. Sua missão era esperar que a menina soubesse que ele

havia deixado o coração na mão dela naquele dia na praia, e torcer para um dia ela trazê-lo de volta.

Pearl cobriu a boca com a outra mão, que também tremia. Seus olhos cheios de lágrimas refletiam as luzes da árvore como punhados de estrelas em um céu escuro e limpo.

Peguei do bolso da frente a caixinha de madeira que Thompson havia transformado em estojo e levantei a tampa.

— Pearl Torres Frank, quero te amar e te respeitar enquanto nós dois vivermos. Você vai deixar, meu amor?

Ela assentiu e começou a chorar.

Esperei mais cinco meses até ela voltar para casa. Cinco meses durante os quais dei fim ao trailer e construí uma casinha com a ajuda de Vega, Thompson e alguns clientes que trocavam o serviço por reparos e manutenção em seus carros. Cinco meses para pensar duas vezes e duvidar do que nunca duvidei. Mas Maxfield não precisava se preocupar com isso. Eu sabia o que queria, e estava bem perto de parar embaixo de um arco de flores e declarar essa intenção diante de metade da cidade.

Se Pearl acreditava ou não em sorte, não fazia diferença. Eu acreditava nela por nós dois.

PEARL

Naquela manhã, acordei no meu quarto pela última vez. Ia morar a dez minutos dali, e ia me mudar por um motivo que me deixava muito feliz. Minha mãe trouxe café para me acordar, mas eu estava acordada havia uma hora, pelo menos. Fiquei deitada, pensando. Quando ela abriu a porta, sentei na cama e pus os óculos.

— Bom dia, mãe.

Ela sentou na beirada da cama, e notei o cabelo úmido do banho matinal. Ela e Thomas gostavam de acordar cedo e ver o sol nascer da varanda do quarto deles, com Tux no colo de um dos dois. Eram apaixonados, mas também se tornaram melhores amigos. Boyce e eu éramos melhores amigos que se apaixonaram. Nosso caminho foi mais complicado que o deles, mas também chegamos ao destino, apesar de tudo.

— Nenhuma dúvida, *mija*?

Peguei a xícara da mão dela e sorri.

— Nenhuma.

Ela segurou meu rosto e beijou meu nariz.

— Que bom.



Mel e eu olhamos pela janela. O pátio estava lotado de flores e gente. Vi o sr. e a sra. Thompson ao lado da sra. Echols, que havia começado a levar biscoitos e caçarolas para Boyce depois daquele tiro e nunca mais parou. A namorada de Lucas, Jacqueline, estava sentada ao lado dos Heller — Carlie, Cindy e Charles. Eles haviam me dado um lar perfeito nos últimos nove meses. Ao lado deles estavam Ray e Arianna Maxfield, que chocaram a cidade inteira em

outubro, quando se casaram em Houston sem que ninguém soubesse nem que eles estavam saindo ou namorando. O impulso ficou mais claro perto do Natal, quando a barriga de Arianna começou a aparecer. A irmãzinha de Lucas nasceria no próximo mês.

Sam chegava na cadeira de rodas com o pai. Para agradecer pela maneira como ela colaborou na oficina durante sua recuperação, Boyce ajudou o sr. Adams a encontrar uma caminhonete usada que foi adaptada para ser o presente dela no aniversário de dezessete anos. A menina que amava carros finalmente era dona de um. Ela havia dirigido até ali e levado o pai. Brit e eu a vimos levar cinco minutos para parar exatamente entre as linhas da vaga no estacionamento.

— Motorista nova — riu Brit. — Espera duas semanas. Ela vai enfiar aquela coisa na vaga em cinco segundos, e as faixas que se danem.

Sam também me orientou para jogar o buquê na direção dela.

— Não posso correr atrás dele — explicou. — Vou acabar passando por cima do pé de alguém.

Prometi que ia me esforçar.

Mel me pediu para jogar o buquê o mais longe possível dela.

— *Não* quero ouvir sermão da minha mãe — ela explicou. — Se aquela coisa vier na minha direção, juro que meto a mão e jogo longe como se fosse uma bola de vôlei.

O sr. e a sra. Dover estavam sentados atrás dos lugares reservados para meus pais, que os toleravam como Boyce tolerava a filha deles, com ressalvas frequentes.

A qualquer minuto, Lucas e Boyce ocupariam seus lugares. Randy ou Mateo conduziriam minha mão à frente do espaço, e a marcha nupcial começaria a tocar. Os pequenos Vega jogariam pétalas de flores na frente do cortejo nupcial. Não vi Yvette, mas ela me prometeu que os faria andar pelo corredor, e o pai estaria esperando por eles do outro lado.

Shanice e Brit desceram para verificar se estava tudo pronto.

— Percebe como é bizarro ter a *Brittney Loper* no cortejo do seu casamento? — Mel perguntou. — Mesmo que ela tenha plantado a

semente do “vocês vão se casar” na cabeça dos dois, aquela vaca maluca.

Eu sorri.

— É verdade, isso é estranho. Mas ela é um das pessoas mais amáveis que já conheci. E chorou e exclamou como se tivesse ganhado um concurso de miss quando mostrei o anel que o Randy desenhou. — Usei o anel de noivado durante quase cinco meses. Minha mão parecia vazia sem ele.

— Seu gato tem bom gosto para joias. *Que choque!*

— Ah, para, confessa que aprendeu a gostar dele.

Ela suspirou com o corpo todo.

— Um pouco. Mas foi depois que ele parou de me chamar de Dover. — Fechei a boca e comprimi os lábios, e ela revirou os olhos. — Na minha *cara*, pelo menos.

Shanice e Brit voltaram ao quarto.

— Quase pronto! — disse Brit, juntando-se a nós na frente da janela. — Olha lá, o Boyce e o Landon, ou Lucas, sei lá que nome ele usa agora. Uau. Gostosos como dois jalapeños.

Mel revirou os olhos, e Shanice tentou não rir, mas não conseguiu.

— Espera aí! Você não podia ver o noivo! — Brit falou, segurando meus ombros e me empurrando para trás, para longe da janela.

— Tem certeza que essa regra vale para o *noivo*? — perguntou Mel.

— Hum... Talvez tenha razão, mas é melhor não arriscar. Além do mais, ele pode olhar para cima e ver a noiva! Nenhum risco de azar para o casal, não enquanto eu estiver vigilante! — E soltou algumas mechas do meu cabelo do coque que Mel havia demorado horas para fazer.

— O quê... *o que você tá fazendo?* — Mel reagiu.

Brit me virou para o espelho no canto do quarto. Um cacho caía do lado esquerdo do meu rosto, e outro menor descia pelas costas.

— Os homens gostam de garotas meio despenteadas. É tipo um fio solto em um suéter. Ninguém resiste à vontade de puxar.

— Ela vai *se casar*, não *dançar quadrilha!*

Brit não se abalava.

— Quando uma noiva caminha em direção ao noivo, ela não quer que ele se sinta condenado à perfeição eterna. Homem nenhum sobrevive a isso. Se for esperta — ela piscou para mim —, ela vai querer que o cara veja aquela mecha solta e pense em quanto vai ser gostoso soltar o resto mais tarde.

— A Pearl está linda, Melody — Shanice comentou enquanto afagava minha mão. — Fez um ótimo trabalho com o cabelo e a maquiagem. O toque da Britney deu um ar sexy à elegância.

Alguém bateu na porta.

— Entra! — Brit respondeu.

Thomas espiou pela fresta e sorriu. Passei as mãos pelo vestido bordado enquanto Mel ajeitava o véu.

— Pearl, você está linda — ele disse, atravessando o quarto e segurando minhas mãos. — Pronta, menininha?

— Ahh... — minhas damas exclamaram em uníssono, provavelmente a única opinião comum para as três naquele dia.

Assenti, repentinamente nervosa. O centro das atenções não era meu lugar preferido.

— Vai acabar depressa — Thomas prometeu. — Aguenta firme.

Fiz uma careta, e ele sorriu. Thomas havia falado a mesma coisa antes de eu recitar meu discurso como oradora da turma cinco anos atrás.

A cerimônia foi rápida. Boyce e eu fizemos os votos, trocamos alianças, nos beijamos na frente de todo mundo... e tudo que eu lembrava no fim eram os olhos verdes fixos nos meus em cada etapa, a cada palavra que eu dizia. Depois que Thomas pôs minha mão na de Boyce, ele não a soltou mais. Antes que eu percebesse, fomos declarados Boyce e Pearl Wynn, e ele se inclinou para mim.

— Essa é uma vitória do Wynn — cochichou, e nós rimos.

BOYCE

Carreguei minha esposa para dentro da nossa casa. Ela ainda não conhecia o andar de cima. Era um bom espaço da área da casa, tinha uma varanda grande o bastante para acomodar duas cadeiras, com acesso por uma porta balcão. Dava para ver o golfo distante, uma fatia de água sob um céu que variava do cinza-claro ao azul radiante, dependendo do clima. Não era a vista da baía que os pais dela tinham em casa, mas Pearl tinha jurado que não precisava disso.

O andar de baixo era uma garagem com duas vagas, não mais um lugar com as janelas encostadas na oficina. Os quartos do segundo andar eram mais claros nos dias nublados que o trailer jamais havia sido no verão, e nosso quarto tinha uma cama como a do hotel em Houston. Eu mal podia esperar para cumprir meus deveres de marido naquela cama, mas antes queria mostrar o andar de cima para ela.

Em vez de colocá-la no chão quando entramos, segui em frente para a escada espiral e a coloquei sobre um ombro, porque os degraus eram muito estreitos. Provavelmente não precisava ter mantido a mão no traseiro dela, mas ah... Também não tinha motivo para fazer diferente.

— Boyce! — Ela riu, segurando a parte de trás da minha camisa.

Não havia porta, a escada terminava no meio de um quarto azul com janelas nos quatro lados. Eu havia instalado uma grande bancada em L em um canto, o que ficava de frente para o golfo, e um sofá no canto oposto. Sobre as janelas e portas da varanda havia uma prateleira. Nela havia conchas que colhi nos últimos meses, algumas centenas delas e de todos os tamanhos. Nenhuma

era tão grande quanto a primeira, que agora estava sobre a nova mesa de Pearl.

Eu a pus no chão e a vi andar pela sala, espiar pelas janelas, passar os dedos pela superfície da mesa de madeira de segunda mão, pela cadeira estofada, o diploma dela na parede, o espaço para o próximo que em breve chegaria. Pearl tocou a concha colada, aquela que ganhou quando era uma linda menina de catorze anos que tinha virado meu mundo de pernas para o ar com um beijo.

Depois de dar a segunda volta no quarto, ela se aproximou, pôs as mãos em meu peito e disse:

— Este quarto é...?

— Seu. Você ainda tem mais três ou quatro anos de curso, e, apesar de querer você e seus óculos sexys em cima da mesa da cozinha sempre que estiver disposta, precisa de um espaço só seu.

Lágrimas brotaram de seus olhos, e o lábio dela tremeu.

— Choro de alegria? — perguntei, enrolando o cacho solto em meu dedo.

O riso soou como um soluço e provocou mais lágrimas, e ela assentiu com um sorriso lindo.

— Estou muito feliz. E você?

Eu a abracei.

— Sou o filho da mãe mais feliz de todo o estado. — Uma alça fina escorregou de seu ombro, e o cacho solto saiu de trás da orelha. Na posição em que estávamos, não dava para esconder o que me faria mais feliz.

Ela ergueu uma sobrancelha e me encarou séria.

— Acho que o sofá atrás de você precisa de uma inauguração. — E se levantou na ponta dos pés para beijar meu queixo.

Eu a tirei do chão e, sem interromper o beijo, recuei até o sofá.

— Com o vestido de noiva? — perguntei.

Ela me empurrou para o sofá, levantou a saia e montou em mim. Com os olhos brilhando, mordeu o lábio num sorriso malicioso que às vezes aparecia.

— Não pretendo suar de novo, sabe?

Balancei a cabeça sem saber por onde começar, pelos milhões de botõezinhos nas costas, ou pelos grampos no cabelo. Ela

levantou os braços e começou a tirar os grampos, que ia jogando no chão. *Pelos botões, então.*

— Amor — falei, passando os botões do tamanho dos dentes de um bebê pelas casas igualmente miúdas. — Sei que não acredita em sorte, mas nunca vai me convencer de que ela não existe. Porque tenho a prova de que sou um tremendo *sortudo*.

Agradecimentos

Aos leitores que me deram a oportunidade de contar histórias, que escolheram passar um tempo com meus personagens e suas histórias, minha sincera gratidão. Eu não poderia fazer o que faço sem vocês. Vocês alegram meu coração e minha alma todos os dias com seu apoio e amor.

Eu nunca diria que um autor não é capaz de escrever partindo de um vazio, mas sou grata por não precisar tentar. Muito obrigada a

todas as pessoas que ajudaram a me tornar uma escritora melhor: minha parceira crítica, Tracey Garvis Graves; meus leitores beta, Colleen Hoover, Robin Deeslie e Hannah Webber; e minha nova editora, Anne Victory, e sua equipe de revisores.

Agradeço ao meu marido, Paul, pelo milagre de trinta anos de amor ao seu lado. Você inspira cada história no meu coração e cada momento de paixão em minha imaginação. Sua voz aparece em cada protagonista masculino que já criei. Boyce ganhou um livro por causa de sua confiança nele e por você ter desejado conhecer sua história antes de todo mundo ter tido a chance de querer.

Minha especial gratidão a Cammie Hyatt da UTMSI, que é tão apaixonada por biologia marinha quanto eu por escrever. Ela colaborou muito com o trabalho de pesquisadores que estudam os efeitos de tudo, da pesca predatória em habitats protegidos a desastres como derramamentos de óleo e os esforços de limpeza a eles associados. Obrigada, Cammie, pela visita ao campus e ao laboratório e por dedicar seu valioso tempo a me acompanhar e trocar comigo os e-mails que ajudaram uma escritora de ficção a entender sua personagem interessada em ciência!

Mais uma vez, obrigada à minha incrível equipe na Dystel & Goderich. Sinto o apoio ao que faço de todos os que já tive o prazer de conhecer aí. Um obrigada especial à minha agente, Jane Dystel, e à minha agente de direitos no exterior, Lauren Abramo, que são incansáveis em seus esforços. Vocês são versões da Mulher Maravilha.

Uma de minhas citações contemporâneas favoritas é do autor Stephen Chbosky: "Aceitamos o amor que acreditamos merecer" (*As vantagens de ser invisível*). Querido, se você está aceitando um amor que é menos do que merece: desista disso agora! Não espere pelo alinhamento das circunstâncias. Não espere até sentir menos medo, se sentir menos fraco, menos perfeito. Tenha medo. Seja fraco. Seja imperfeito. Respeite-se como você é e exija o mesmo nível de estima daquele a quem escolheu dar seu coração, porque você merece isso agora. Não tenha medo de ficar sozinho, porque você vai descobrir como é forte e vai se apaixonar por si mesmo

outra vez. Crie um espaço sagrado que vai poder ser preenchido pelo amor que realmente merece e por nada menos do que isso.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de
Imprensa S.A.

Capa

Rosto

Créditos

Dedicatória

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Colofão](#)

Table of Contents

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

Colofão